

MD Magno



# De Mistério Magno

A Nova Psicanálise

Seminário 1988

2ª edição

**NOVAMENTE**

editora

O direito de impressão é pessoal e intransferível.

VERSÃO  
E-BOOK



MD Magno

# De Mystērio Magno

A Nova Psicanálise

Seminário 1988

2ª edição



**NOVamente**  
editora

VERSÃO  

---

E-BOOK

**NOVAMENTE**  
editora  
é uma editora da  
**UNIVERSIDADE DE DEUS**

*Presidente*  
Rosane Araujo

*Diretor*  
Aristides Alonso

Copyright 2005© MD Magno

*Preparação do texto*  
Patrícia Netto A. Coelho  
Potiguara Mendes da Silveira Jr.  
Nelma Medeiros

*Editoração Eletrônica e Produção Gráfica*  
NovaMente Editora

*Editado por*  
Rosane Araujo  
Aristides Alonso

**...etc.**  
Estudos Transitivos do Contemporâneo

M176d

Magno, M. D. (Machado Dias), 1938-

De mystério Magno : a nova psicanálise : seminário 1988 / M. D. Magno ;  
preparação do texto: Patrícia Netto A. Coelho, Potiguara Mendes da Silveira Jr.,  
Nelma Medeiros. – Rio de Janeiro : Novamente, 2009.

430 p. ; 16 X 23 cm.

ISBN – 978-85-87727-43-5

1. Psicanálise – Discursos, ensaios, conferências. I. Coelho, Patrícia Netto A. II.  
Silveira Júnior, Potiguara Mendes da. III. Medeiros, Nelma. IV. Título.

CDD- 150.195

Direitos de edição reservados à:

**UNIVERSIDADE DE DEUS**  
Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá  
22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
Telefax: (55 21) 2445-3177  
www.novamente.org.br

VERSÃO  
E-BOOK

## **DEDICATÓRIA**

Para memória do meu Kaiser

“Agora estou bem certo de que não fui eu quem  
teve um chão. Foi ele que teve uma pessoa”.

Clarice Lispector

## **AGRADECIMENTO**

A Rosane A. de Araujo  
com seus gestos de amparo.



# Sumário

## 1. Até

Grande Mistério é como se repete a dissimetria no seio do Haver – Estatuto da psicanálise é ético porque ôntico – Referência de desejo é Não-Haver – Exemplaridade do Terceiro Lugar no mito de Antígona – Recusa da tese da *coincidentia oppositorum* mediante raciocínio topológico – Exame das principais proposições do Seminário *A Ética*, de Lacan – Ascendência moral do analista.

15

## 2. *Le tic de la psychanalyse*

Repetição pulsional é esteio da ética da psicanálise – Reflexão sobre livre-arbítrio e sobredeterminação – Tese da indiferenciação como alternativa à questão do livre-arbítrio e da sobredeterminação – Proposição de Hiperdeterminação – Estatuto do Falo – Leitura do mito de Antígona a partir dos quatro sexos (Masculino, Feminino, Falanjo, Morte).

31

## 3. *Le tic de la psychanalyse d'eux*

Razão angélica de Antígona – Discussão sobre mérito e culpa – Dissolução do Sujeito – Ascese da hiperdeterminação como análise.

57

#### 4. O estalo do espelho

Júbilo do Estádio do Espelho é reconhecimento da máquina catóptrica – Aproximações entre estudos em matemática e neurofisiologia e a estrutura catóptrica do Revirão – Indagação sobre função da constituição biológica da espécie humana no funcionamento catóptrico – Tese da emergência do Revirão por complexificação cerebral – Efeito de neutralização emerge para além da riqueza de funcionalidade sýgnica.

73

#### 5. O epitáfio do espelho

Indiferença sexual no Estádio do Espelho – Relação das categorias patológicas com a morte – Falo é indiferenciação – Psicanálise e Zen: modos alternativos de busca da indiferenciação – Precisão do conceito de *equi-vocação* e sua relação com a indiferenciação – Neutralidade do analista é saber fazer neutralização.

99

#### 6. Ver um sim fiando o vôo

Revigoração de possibilidade de *clínica* em psicanálise – Dominância de posição perversista no aparelho social – Fracasso e reestruturação da psicanálise – Questionamento do *discurso da psicanálise* a partir do exame crítico dos *quatro discursos* de Lacan – Questões sobre relação entre melancolia e posição perversista no aparelho social.

117

#### 7. *Ludus angelorum*

Leitura da nota preliminar do poema *Mensagem*, de Fernando Pessoa – Competência lúdica da psicanálise: nem *illudere* (ilusão no jogo), nem *eludere* (ilusão do jogo) – Mensagem freudiana: *reludere* (tornar a pôr em jogo).

141

#### 8. O século de Freud

Lema freudiano para o próximo século: *wo Es war, soll Ich werden* – “\$ujeito enquanto tal é pura possibilidade de \$entido” – Prática freudiana diante da convulsão dos saberes –



Lugar plerômico da psicanálise – “Psicanálise é arte de fazer futuro”.

151

## **9. O de seu: entre as sereias e o mastro**

Lugar Terceiro de Ulisses na escrita de Homero e Joyce – Postulação de emergência necessária do Revirão (Falanjo) no Campo do Sentido – Consideração das teorias antrópicas – Princípio angélico posturado a partir da Pulsão – Experiências pictóricas de Rothko e Reinhardt como exemplares de Revirão.

161

## **10. 22 SET | Haver e seu um mano**

Retomada da emergência do Falanjo no Campo do Sentido – Construtura do Falanjo no Campo do Sentido: polêmica entre Imaginário e Simbólico – Relação entre ternário (Simbólico) e binário (Imaginário) exemplarizada na psicossomática e no teatro – Crítica à concepção lacaniana de Simbólico como metáfora – Mal-estar do Falanjo na artificialidade do Haver – Questões sobre a ordem sintomática.

179

## **11. 13 OUT | Plerossoma**

Constituições sintomáticas no Haver e no falante: autossoma, etossoma e halossoma ou heterossoma – Proposição de terceiro lugar em ciência, epistemologia, filosofia e arte – Campo da criação da psicossomática a partir do terceiro lugar.

197

## **12. Os anais de Saturno**

Mitologia grega da temporalidade – Exame do conceito de reversibilidade na Física – Proposição do Não-Haver como atrator universal – Decantação ou temporalização da função catóptrica nos processos inconscientes – *Clinâmen* é resultante da vontade de catoptria do Haver – Determinação externa do Não-Haver nos processos dissipativos – “A temporalidade do Inconsciente é a temporalidade do Revirão”.

207

### 13. Hagente

Apresentação dos estudos de Humberto Maturana – Proposição de ordens de acoplamento estrutural no Haver – Sujeito está na diferença externa entre Haver e Não-Haver.

227

## ANEXOS

### LUGAR DO ANALISTA & FANTASIA

Referência do Analista é indiferenciação – Reconsideração da fantasia a partir do Esquema Delta.

241

## SEMINÁRIO CLÍNICOS

### 1. Navegar é impreciso - 1

Projeto de *Paideia* na Clínica Geral – Suspensão radical do discurso do analista – Referência sintomática nos quatro discursos de Lacan – Inscrição dos quatro discursos de Lacan no Esquema Delta – Fim de análise tem como horizonte abstração permanente – Operação do analista se faz desde a *imitatio Dei* – Pedagogia freudiana: educação *do, no e pelo* Inconsciente – Poder do analista.

257

### 2. Navegar é impreciso - 2

Crítica à posição demissionária do *Freud Anti-Pédagogue*, de Cathérine Millot – Recusa do infantilismo presente na cultura – Distinção entre recalque (*Verdrängung*) e juízo forclusivo (*Urteilsverwerfung*) como visada da Clínica Geral – Questionamento da posição reducionista no tratamento dos discursos – Analista opera por via de Revirão – Distinção entre impossibilidade e impotência na psicanálise.

277

### **3. Impasse, passe, alforria - 1**

Colocação do problema da Formação do Analista – Esclarecimento sobre a proposta de Formação do Analista do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro – Questões sobre a autorização do Analista – Hierarquia borromeana e supervisão na proposta de Formação do Analista do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

295

### **4. Impasse, passe, alforria - 2: Vídeo-club borromeu**

Retomada da questão da hierarquia borromeana – Cruzamento borromeano transforma submissão em sujeição – Atenção flutuante como capacidade de receber transferência e suposição de saber – Analista é lugar de resistência – “Função da psicanálise é destruir o aparelho profissional do analista” – Esquema borromeano do controle.

317

### **5. Impasse, passe, alforria - 3: Aceitação, garantia, alforria**

Descrição dos lugares de formação: analista praticante (AP), da garantia (AMC) e da alforria (AA) – Exigência de funcionamento borromeano da instituição psicanalítica – Desejo do analista é *desejo analista* – Escola psicanalítica como entendimento do movimento do desejo e sua transmissão – Reconsideração do estatuto do Sujeito, do Outro e da castração.

335

### **6. Ego ideal, ideal de ego, superego**

Razões para reconsideração da questão do Ego – Ego como constituição de três construtos: Ego Ideal, Ideal de Ego e Superego – Ego é historicizado em todas as suas instâncias – Dinâmica entre as instâncias do Ego – Duplo vetor do Superego: hiperdeterminação e configuração – Prática analítica é consideração da dinâmica das instâncias do Ego, e não seu apagamento.

351

### **7. O \$ujeito da incerteza - 1**

Só há um Sentido: desejo de Não-Haver – Causação do Haver pelo Não-Haver – Inscrição do Sujeito no Revirão: entre alelos e como halo – Afirmação da função fálica (Falanjo), negação da função fálica (masculino) e negação da negação da função fálica (Feminino) a partir do ponto-bífido – Hierarquia entre Sujeito da Denúncia e Sujeito da enunciação e do enunciado no Revirão – Intervenção analítica situa-se no nível da denúncia – Hiperdeterminação é condição de sentido novo.

369

### **8. O \$ujeito da incerteza - 2**

Distinção entre Sujeito da Denúncia e Sujeito lacaniano – Sujeito enquanto tal comparece entre *a* e *Ã* – Função da análise é propiciar reviramento – Definição de Inconsciente a partir do Revirão – Questões sobre perversão e psicose – Esclarecimento sobre o termo *Denúncia* – Mística como exasperação do desejo de Não-Haver.

385

### **9. Clínica, *clinâmen*, declinação**

Entendimento do *clinâmen* segundo desejo de Não-Haver – Nível fundamental e reduzido dos elementos significantes da estrutura do falante – Sentido da análise é hiperdeterminação (*evento* x sobredeterminação histórica) – Dois níveis de declinação do projeto clínico: declinação modal e plerômica.

407

### **ENSINO DE MD MAGNO**

423

Por que há o Haver e não, antes, o Não-Haver?

Eis aí uma pergunta que só pode ser mesquinha quando a ela não se dá o safanão de um basta definitivo.

Os maníaco-depressivos (Heidegger) sempre gostam de posá-la como aquela que nos indicaria *O Grande Mistério* a ser desencantado.

Ora, ora... Há o Haver porque haver é o possível, já que o Não-Haver não há, como está mesmo na cara. É simples assim? Sim, é assim, simples. Sejam os então *pragmáticos*, dentro do POSSÍVEL. Pragmáticos e simplistas.

Lacan já nos demonstrou que o *possível* não é outra coisa senão o UNIVERSAL. O universal, acrescento, que se deve. Quem deve? Ele, o universal – que se fica devendo comparecer e que comparecerá inexoravelmente, bastando-lhe, para isso seu tempo infinito e seu desejo indestrutível.

Só que o NADA, sendo ele possível, ele virá, também ele, inexoravelmente – quer o chamemos de morte (no vulgar) ou de absoluta entropia, ele não passa de neutralização total das diferenças. E, assim, tornado já banal, consecutível, compatível com demanda bem fundada, não é de ser acreditado como a causa REAL do tal desejo indestrutível.

O Nada? Ora, nós não somos tão bestas (tal qual os animais, para ser claro) a ponto de aceitarmos, nós outros tão imortais, como NOSSA CAUSA, a banalidade desse Nada que ainda mora para aquém do parolém do Princípio do

Prazer que nos governa. *Nada Além do Princípio do Prazer*, é da pura verdade – mas deceptiva. Pois o que nos comove é o impossível, que mora do Outro Lado, que Não-Há, e cuja via dá na mesma.

Essa Causa, nem por Real *deve* ser nenhum fato. É de direito – e acaba sendo fato mesmo, cá de dentro (pois que não há, para o Haver, *lá fora*), no REVIRÃO que nosso Haver tem que aceitar por falta de Outro Lado.

Bem como nós, esse Haver, refaz o ÉDIPO, JOcundo, e CASTO como os de sua LAIA, entre Laio e Jocasta escrevendo o seu renome falangélico. Comer Jocasta, é pouco: é só querer a morte, o Nada. Matar o Laio, é pouco: é só querer sobreviver, tendo sentido. Depois de matar Laio, de comer Jocasta e de fazê-la parir os seus próprios

rebentos, só na Colona penal ele. achará seu peso e seu medido: a CAUSA que lhe pesa, desmedida, sobre as ombras. Graças, Adeus!

– é o caso de dizermos. E “antes não houvesse!”. Daí que *O Grande Mistério*, o nosso de

hojendia, não é a Morte (que não há senão como mera perda e banal perecimento, aliás reconhecidos mas inatingíveis), tampouco haver o Haver e não haver o Não-Haver (que já termina onde começa), porém,

sim, *como* o Nada se comove de espontâneo e quebra a própria simetria, quando acossado do desejo dessa ACOISA, que Não-Há para seu gáudio.

Para posarmos esse COMO, *ainda* indescreível, falemos do périplo do Haver em busca do Graal imarcescível.

Reviremo-nos, por tanto, por enquanto...





# 1 Até

Início do Seminário com a  
audição de *Viagem ao Fundo do Ego*,  
com Egotrip.

...o Seminário deste ano, intitulado *De Mystério Magno*, quer dizer, em latim: *Sobre o Grande Mistério*... e dedico o Seminário inteiro ao sapateiro boêmio... vocês certamente sabem de quem se trata: Jacob Boheme, que dividiu sua vida entre o último quartel do século XVI e o primeiro do século XVII, 1575 a 1624, morrendo aos 49 anos, antes ainda de completar o meio século que este ano de 88 me concede... foi um grande sapateiro, de profissão... tão grande que pôde exceler em manejar a sua sodela no artifício de criar para o pé do meu Anjo a pré-cursão do seu calçado... com a prova desse calçado, meu Falanjo já não tem os pés inchados, como aqueles do famigerado Édipo, apesar de seu longo périplo, pois que o sapateiro boêmio, também chamado de “philosophus teutonicus” (aquele que foi, segundo Hegel em suas *Conferências sobre História da Filosofia*, o primeiro filósofo alemão), não fez por menos do que preparar, antigamente, com precisos sapatos o caminhar do meu Falanjo... embora emprestasse ao meu Falanjo o epíteto equivocado, equivocante, de *männlich Jungfrau*, ou seja: o “mancebo-dama hominal”, que no pensamento de Boêmio nada tem a ver, entretanto, com hermafrodita ou andrógino... não comparecendo, esse *männlich Jungfrau*, senão como

alegoria aparentemente impossível do Terceiro, o qual, segundo ele como Adão ou Cristo, me pareceu caução bastante do tripé do meu Falanjo tão aviltado até então no pensamento meramente bípede de tantos crédulos da anatomia como razão...

...*De Mistério Magno* é o título que tomei, para este meu Seminário, de um capítulo do livro de Boêmio intitulado *Magnum Mysterium: O Grande Mistério*...

\* \* \*

...para falar d'O Grande Mistério é preciso primeiro situar, dizer que há o Haver e não há o Não-Haver – ou como Lacan diz que lhe parece besta dizer que “o ser há e o não-ser não há”, ou que “o ser é o não-ser não é” – realmente é besta... há o Haver e o Não-Haver não há, será este o Grande Mistério?... a Heidegger assim lhe parece... na *Introdução à Metafísica*, ele pergunta por que há o ente, e não, antes, o nada?... e situa como sendo esta a grande questão da filosofia – que a Lacan parece besta...

...parece-me que não é bem este o Grande Mistério, e sim que o Haver, no seu afã de simetria, não pode não se propor a hipersimetria absoluta de um Não-Haver para seu gozo, para seu gáudio... Não-Haver onde Acoisa, das *Ding* freudiana, que não há, se aloja: é lá que mora Acoisa... é esse tal afã de simetria do Haver que põe para ele um *Até*, no sentido grego, intransponível, da impossível simetria que o Haver esperaria do Não-Haver... inaugurando assim, a cada passo do seu ciclo, a radical dissimetria originária: é a única dissimetria que se pode garantir... as outras são meros efeitos desta... dissimetria originária... originária do quê?... de todas as dissimetrias, isto é, das modulações das diferenças... das diferenças que têm emergência no seio do Haver...

...estou propondo que o que é radical dissimetria originária entre o Haver e seu simétrico absoluto, que não há (a intenção, de direito, é de simetria, intenção que se encontra *de fato* com uma radical dissimetria), não paradoxalmente mas de fato, põe a diferença, e portanto os diferentes... o



*differendum* comparece como efeito, dentro do Haver, da radical dissimetria com que ele se depara no Não-Haver... pois o Haver é fechado por fora, não há nada fora dele porque não há o Não-Haver, mas é aberto por dentro, aberto a qualquer diferença que nele tenha eventualidade de comparecer...

...*ex nihilo* (a tese de criação segundo Lacan, a partir de nada) é que se produz eventualmente uma diferença, mas por instância da dissimetria original... assim, o Grande Mistério não é nem mesmo essa proliferação da diferença no seio da hipersimetria do Haver, pois que, para isto, ainda há lógica, por mais paradoxalmente que ela de *fato* se funde... o que nos empresta, na verdade, alguma razão para o que parece a alguns físicos de hoje como o Grande Mistério do Haver, que eles enunciam com o nome de “quebra espontânea de simetria”: pelo menos para um setor da física contemporânea... espontânea, porque pertence à estrutura, a essa radical estrutura de razão externa que tem eco internamente... estou propondo que, essa quebra, não são senão chiliques internos do Haver, em função de sua Castração, de ter dado de cara com o impossível... são chiliques de Deus...

...mas o Grande Mistério parece estar melhor situado, pelo menos agora para mim, não em haver essa quebra espontânea de simetria, que tem na verdade causação lógica já que o Não-Haver não há, mas sim no *como* se dá essa quebra... *como* o Haver – devendo necessariamente, depois da contingência, renovada a cada ciclo de seu encontro com o Real e seu retorno, por Revirão, a seu campo fechado, e devendo necessariamente contentar-se, sempre provisoriamente, segundo seu desejo, com sua havência em solidão absoluta – repete no seu seio, por insistência desejante, a dissimetria radical que lhe valeu como o Até da sua Castração?...

...é esse Até que, também ele, se repete em cada diferente: já que a dissimetria se funda, já que a diferença aparece, cabe aos diferentes um eco de limitação, de modalização... assim, também ele está circunscrito, pela condenação de sua conformação, a um Até que é seu limite... sendo que o chamado FALANTE tem um Até da mesma ordem que o do Haver... se sua estrutura corporal – se quiserem – tem um Até bem pequenino, um Atezinho,

por outro lado, no que ele reinstaura o Terceiro no seio do Haver, resta estruturalmente compatível com o *Até* do Haver, seu Atesão...

...daí que, no vira-vira desse Revirão, o estatuto do Haver, por obrigação sintomática, como o estatuto do Inconsciente, bem como o estatuto da psicanálise tal como distinto por Lacan, é inapelavelmente ÉTICO... embora vocês possam notar que, de um tempo para cá, estou tentando subsumir o estatuto ético inapelável da psicanálise por um estatuto ÔNTICO suposto num aparelho (discernível eventualmente pela física) dentro do campo do Haver... assim, o estatuto é ético porque ôntico, e ôntico porque ético... tomando ética aí no sentido da Repetição inarredável, a qual se resume como *singularidade* para o Haver – singularidade radical, já que não há outro Haver, não há Outro do Outro – e como *particularidade* para cada gnomo, para cada ente dentro do Haver, para cada entidade... mas lembrando que, se o estatuto do falante é da mesma ordem que o estatuto do Haver, a particularidade da sua história estará necessariamente referida à singularidade de Deus: o ético aí da possibilidade de um certo caráter, como põe Lacan...

...o ético do “aonde iss’tava, tenho que retornar”... *wo Es war soll Ich werden...* e onde é que iss’tava?... na Pulsão de Morte, segundo Freud, a qual, no Esquema Delta, foi traduzida como Desejo de Não-Haver – *Mé Funai* –, o qual, Libido extrema, está condenado ao mesmo efeito aparentemente paradoxal do Haver: ser ele próprio, este desejo, nada mais do que Pulsão de Vida, já que a Morte não há... então, o que *parece* paradoxo, não é senão efeito de *Até*: porque há o limite do Não-Haver, é a repetição da simetria que põe a *simetria radical* que dissimetrista tudo... assim como o Desejo de Não-Haver, como Libido extremada, faz com que a Pulsão de Morte tenha que se reduzir inapelavelmente à Pulsão de Vida, porque a Morte não há... o que não faz da Pulsão de Vida nenhuma referência, na medida em que, justo por ser Pulsão de Vida, é em extrema exigência de simetria que ela só pode propor a simetria extrema como dissimetria e, portanto, como Pulsão de Morte... a Pulsão de Vida é efeito condenatório de a Pulsão de Morte não encontrar seu destino... entretanto, a referência à

Pulsão de Vida só leva à tolice, porque ela só será de Vida, só será devida, se de Morte...

...não há como se afastar dessa ética radical da psicanálise: aí está seu *Até*... aliás, seu *Até* lá dele, de Deus, se quiserem... e, portanto, nosso *Até*, o qual, nem por não haver o Não-Haver, deixa de ser nosso horizonte *obrigatório*, se é que pelo nosso estatuto-ético – devemos zelar e responder...

...o referente do *wo Es war*, pois estou dizendo que o *wo Es war* freudiano tem um referente que é o Não-Haver, a partir do qual vigora a Lei do Céu... qual é a Lei do Céu? é a Lei do Haver; qual é a Lei do Haver? Lacan disse que é a Lei do Desejo –, mas o Desejo se faz ato *num* desejo, porque, se meu *Até* é igual ao *Até do* Outro, nem por isso meu porte é igual ao seu... no que não posso partir para o enunciado do verdadeiramente Universal, tenho que universalizar meu enunciado particular num desejo que *não pode ser traído*, se não em absoluta derrição...

...para haver um desejo dessa ordem, ele não pode ser uma demanda, ou um capricho qualquer... pois que ele se afirma só-depois da derrelição, *Hilflosigkeit*, *helplessness*... porque fora indiferente, e só por isso, nessa *Hilflosigkeit*, ele pode passar ao estatuto da *Gelassenheit*, do abandono (termo que não tomo de Freud, e sim de Silesius, um pouco tomado também emprestado por Heidegger... Angelus Silesius é uma espécie de vizinho do meu sapateiro boêmio)... *Gelassenheit* que pode ser na afirmação de um desejo pós-derrelição e que não diz outra coisa senão, segundo a ética dos estóicos emprestada pelos cristãos: “Seja feita a Vossa vontade”... porém no condicional: “mas segundo o *meu* desejo no Campo do Sentido”...

\* \* \*

...aí é que “é hora de ter coragem para enfrentar frente a frente eu comigo”... “eu”, sujeito, “comigo”, que não é ego, é um lugar particular dentro do qual *devo* assumir um sentido (só de pirraça, propiciado pelo contexto, é claro, e que não pode ser um capricho), o qual sentido possa avalizar a Lei do Céu...

...ter como referente esse Outro do Outro, que não há, e para Ele e para nós, Lacan situou dentro do escopo ético da psicanálise como sendo triunfo do “*être pour la mort*”... disse-o em francês porque não quero que isso seja “para a morte”... “*être pour*” ou “*être contre*”, diz-se, em francês, ser a favor ou ser contra, ou ser pela morte ou não ser por ela... proponho, então, traduzir como: “triunfo do ser *pela* morte”, e não “*para* a morte”, porque a morte não há...

...o que é o “triunfo do ser-pela-morte”?... é quando se pode reconhecer que o Desejo não é senão desejo de Não-Haver... e como “não tem tu, vai tu mesmo”... e a redução, a decantação d’O Desejo em *um* desejo só instala um ser-pela-morte na referência a esse Não-haver que está por trás do desejo enunciado... e é preciso que esse desejo enunciado caiba num contexto que se apresente como lúdimo representante do Desejo do Outro... lúdimo representante que só se vai provar “pela”, e não por conjunturas conteudistas, de significação, mas pela insistência desejante dos enunciados desse desejo mesmo diante da “Morte” (entre aspas)...diante de uma Castração brandida como real...

...outro “paradoxo”: aceitar a Castração é não aceitá-la *de modo algum*... o neurótico também não aceita a Castração, mas não “de modo algum”... não aceitá-la *de modo algum* é só aceitá-la no regime do Haver porque não há o Não-Haver... é não permitir conteudizá-la por nenhum discurso nem por ninguém... o que não é só bater o pé diante do analista ou da mamãe...

...os fascistas espanhóis gritavam: “Abaixo a liberdade e viva a morte”... pensou-se e criticou-se esse slogan... Miguel de Unamuno o apresentou como um paradoxo capaz de infantilizar os próprios seus... mas, na verdade, se há “viva a morte”, o que há é “viva a liberdade”... a liberdade é de morrer, não há outra – justamente não se conseguindo... o que há de fascista no slogan não é o “viva a morte”, e sim o “abaixo a liberdade”... “viva a morte” é o slogan do Desejo – só que ele vai quebrar a cara porque a morte não há, não pode se dizer... donde o desespero edipiano do *Mé Funai*, “antes não houvesse” (que alguns irreverentes traduzem por “mé fudi”) e que Antígona – aquela que é exemplar para Lacan do escopo ético que a psicanálise apresenta ao mundo – vai retomar como arrogância desejante diante do desejo menor, demandista, de Creonte...

Até

\* \* \*

...há, então, umas coisitas aí para pensarmos a respeito da maravilhosa ANTÍGONA... ela chega àquele LUGAR que solicitei para O ANALISTA... não o Analista-Membro-do-Colégio (AMC), isto é pouco... e sim O Analista, para quem solicitei, dentro do Estatuto ÉTICO do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, o lugar de *autônomos*... até agora só passou Antígona... *autônomos*: na referência ao Não-Haver, em absoluta derrelição, a autonomia soberana... não há passe senão como *passamento* radical...

...seria interessante pensarmos, dentro da tri-sexualidade possível, no Pleroma, como se coloca esse ato ético de Antígona... todos conhecem a estória: Eteocles e Polínicio, filhos de Édipo e irmãos de Antígona, um a favor e outro contra o Estado... mortos os dois, Creonte manda não fazer as exéquias daquele que era contra o Estado, Polínicio: demanda de Creonte na ética do Estado, referência nos bens... Antígona se rebela, reclama a Lei do Céu e vai enterrar Polínicio *de qualquer maneira*... com o que ela é condenada a ser enterrada viva... sabendo disso, ela enfrenta a lei de Creonte... o que dá garantias a Antígona para fazer isto com tanta certeza?... só porque é seu desejo?... ou porque ele está esteado num Desejo maior?... é um capricho de Antígona?...

...enquanto Polínicio vivera, toda punição era possível... uma vez morto, a que Lei ele pertence?... não é à Lei do Morto?... a morte de Polínicio o reconduz, diante de Antígona, necessariamente, ao seio *neutro* dos seus irmãos... Lacan toca nisso como Lei de Repetição no seio da “parana” da família de Édipo... mas, um pouco mais grave que isto, é a re-inclusão definitiva de Polínicio morto – morto para nós, não para ele – no seio dos irmãos falantes, Falanjos... e no que ele passa definitivamente ao Terceiro Lugar – todas as diatribes prós e contras ficando no mundo –, ele se reencontra com a Lei do Céu, com o Desejo como Lei da Diferença: de respeito à Diferença, quando ela é radical e absoluta, quando é *passada*, quando passa, quando passou...

... é nessa mesmíssima referência a esse terceiro lugar que Antígona pode arcar com o lugar de *autônomos*... em que sexo ela pode arcar com esse

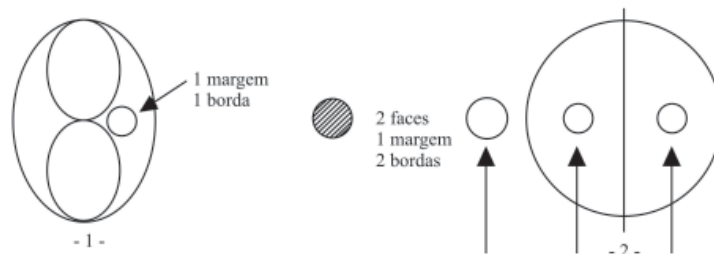
lugar?... qual a sua referência?... é claro que sua audácia ética se instala no Feminino, tanto é que Sófocles não foi tolo: o personagem onde isto se apresenta – e de onde Lacan retira este escopo ético – é Antígona, a antiga, a mais antiga, o Feminino... por que mais antiga?... porque é no Feminino que mais a gente se aproxima da verdade do Desejo do Haver, dessa nossa loucura de partir para o Não-Haver... aí está a audácia ética de Antígona... mas em que sexo pode ela fazer referência a essa neutralidade que atinge Polinício na Morte, que ela atinge com a sua morte em vida para fazer essa insistência ética?... não no Feminino, que só pensa na morte... para enfrentar a lei de Creonte, na equi-vocação dos opostos, da lei da terra diante da Lei do Céu, Antígona só pode falar como ANJO radical, fora das comuns oposições... o que absolutamente nada tem a ver com nenhum andrógino, nenhum hermafrodita, porque estas coisas não existem: são apenas alegorias do que não se conseguiu até então dizer...

...é no Feminino de Antígona que se exaspera a função fálica, no sentido da morte enquanto limite, *Até*, da sua aproximação do Não-Haver... mas é no ANGÉLICO que o Terceiro é referido na sua indiferenciação da escolha segundo as leis da terra... é no Terceiro Sexo que o Terceiro pode ser referido em sua indiferença diante das oposições do mundo dualista... o Masculino fica fora, é outra coisa: sua ética é a ética do Mike Tyson, embora digam as más línguas que seja uma bichona... a ética do Masculino é: vai é na porrada!”... é puro movimento perverso de função-fálica no gozo-fálico, no que se trata de marcar o tempo, e de dividir o campo em dois: vencedor e vencido... de preferência desde o lugar do vencedor, mediante porrada... a prova disso é que ontem, se vocês viram a luta de boxe, de cinco minutos de duração, luta fálica, entrevistado ao final, uma das coisas que Mike Tyson fez questão de frisar, com sua lingüinha entre os dentes, foi: “I don’t believe in book technology”... esse negócio de Angélico não é com ele – é só porrada mesmo...

\* \* \*

...voltando a essa referência terceira, que ora indico como a referência mediante a qual Antígona pode suspender a oposição... antes, façamos um pequeno intervalo topológico para lembrete de que o Terceiro nada tem a ver com a *coincidentia oppositorum* de Jung... se não, daqui a pouco, passo a ser o Jung do Lacan... não fica bem...

...na decadência das estirpes topológicas, se pudermos dizer assim, de passo para passo, se, aparentemente, a estrutura aqui e ali não muda, entretanto as referências estão incluídas e é preciso ter atenção para elas... se ao considerar o plano projetivo como sendo a superfície absoluta, no que ele tem uma só face sem nenhuma marca, nenhuma borda, portanto absoluta indiferenciação no regime, digamos, do nada, se eu tascar dentro do plano projetivo um pequeno círculo, vou criar ali uma *margem* e essa margem, como fronteira, distinguindo a partir dela duas margens novas...se destaco esta circunferência, resta uma margem como borda de furo sobre o plano projetivo, e outra margem na rodinha que tirei de lá...



...observem que a margem única que fica sobre o plano projetivo só tem uma borda... a que fica no círculo é uma só, mas tem duas bordas... o que sobrou lá no plano projetivo que tinha uma só face?... sobrou uma banda de Moebius, cujo estatuto não é o mesmo do plano projetivo, o qual, se tem uma só face, não tem margem nenhuma ou borda de qualquer espécie... uma vez tascado o círculo de lá de dentro, mediante recorte, sobra lá uma banda de Moebius que tem uma só face, mas tem uma só margem com uma só borda... e, do lado de cá, este

circulozinho que tem duas faces e uma só margem com duas bordas... se pensarmos em termos da diferença de faces de inscrição, de referência, teremos, então 2 para o círculo e 1 para a banda... teremos como faces de inscrição 1, 2, 3,... três faces de inscrição mediante recorte...tomemos isto como uma espécie de paradigma topológico para pensarmos a referência terceira...

...estamos habituados, por repetição cultural, a pensar no valor opositivo das duas faces do que há para alguém do falante... mesmo em termos de língua... só nos espantamos quando a língua se revira e propõe o poético... se não, ficamos na nostalgia da valência binária das oposições... estamos acostumados a refletir essa lógica binária das duas faces do círculo tascado do plano projetivo, mas esquecemos que o que quer que aqui aconteça está referido, no campo geral do plano projetivo do Haver, a essas duas faces opositivas *mais* a terceira que restou lá...

...no que encaro qualquer oposição de dentro da lei da terra, como diz Lacan, lei do chão, encaro-a bipolarmente... mas no que faço referência à posição terceira, sexuada – temos o hábito de pensar que só as outras duas fazem sexo... por que não aquele lado de lá?... desta posição tenho, necessariamente, como falante não animal que sou, uma relação *suspensiva* com as oposições... portanto, de *transiência* possível entre tais oposições...

...estou dizendo, com este pequeno interlúdio topológico, que o que garante Antígona na sua referência à Lei do Céu para sua instalação na lei da terra, para se estar com a lei da terra, é, embora sua posição feminina de relação pretensamente direta com a morte assegure do valor fundamental da função-fálica no Haver, ela só poder tomar partido da enunciação disso na referência ao Terceiro indiferente... e de modo algum em *coincidentia oppositorum*... um Terceiro lugar que indiferencia sobre a diferença... indiferença no sentido banal do tanto faz...

...é daí que ela não vai fazer oposição, segundo a Lei do Céu, entre Eteocles e Polínicio: segundo aquela Lei de lá, aquela *Lady* lá, Eteocles e Polínicio são falantes indiferentes à lei sexuada de Creonte... então, há que cumprir a cerimônia fúnebre: há...



Até

\* \* \*

...nem por menos do que isto fez SÓCRATES – se vocês se lembram da apologia platônica de sua morte: “Que vocês me ofereçam o exílio em troca de uma afirmação radical de Desejo relacionado ao Divino, é apenas me instalar na duplicidade de sentido que vocês propõem dentro da lei estrita da terra, lei de Estado. Entretanto, eu sou Sócrates, e compro com meus bens, em *toda a sua totalidade*, o meu desejo!”... aí há um grande enigma...

...por que alguns pagam o preço e outros não?... Lacan apresenta, em seu Seminário da *Ética* – que me parece uma espécie de *eixo* de sua obra –, nada menos do que o Herói Trágico no lugar mais alto da ascense do falante... esse herói trágico faz com que Lacan termine por enunciar quatro proposições radicais, no último capítulo da *Ética*:

...1º) “a única coisa de que se pode ser culpado é ter cedido sobre seu desejo”...

...2º) a definição do herói é “aquele que pode impunemente ser traído”...

...3º) “isto – poder ser impunemente traído – não está à altura de todo mundo, e é esta a diferença entre o homem comum e o herói, *mais misteriosa*, portanto, do que a gente pensa”... interessado no *como* da criação da dissimetria entre o Ser e o Haver, estou extremamente ocupado com o grande mistério que é essa dissimetriazinha no campo do falante, entre homem comum e herói...

...4º) “não há outro *bem* senão aquele que pode servir para se pagar com ele o preço do acesso ao desejo” – como eu dissera há pouco de Sócrates: pagou com todos os seus bens – que só servem para isto – o preço de seu acesso ao desejo...

...mas o que quer dizer essa sequência de quatro enunciados fechando o Seminário da *Ética*?... estarão eles em fila indiana de araque, ou decorre um do outro?... só se pode ser culpado de abrir mão do seu desejo... ou seja, só não é culpado quem não abre mão do seu desejo... será consequência disto a definição do herói?... parece-me que sim... embora se tenha feito a frase no

negativo – a única coisa de que se pode ser culpado é de abrir mão do seu desejo –, e que vem depois como definição do herói, isso indica para mim que só não é culpado quem não abre mão do seu desejo... ou seja, frase segunda: o herói como o único que pode ser impunemente traído... como pode ele *ser* traído, ou *se* trair, a não ser na gerência absurda e radical desses bens com que ele poderia pagar pelo seu desejo (4º termo)?...

...mas o que é essa traição?... Lacan explica, p. 370, claramente de que traição se trata:

...“O que chamo CEDER SOBRE SEU DESEJO se acompanha sempre, no destino do sujeito – vocês observarão isto em cada caso, notem sua dimensão – de alguma TRAIÇÃO. Ou o sujeito trai sua via, trai a si mesmo, e isto é sensível para ele próprio. Ou, mais simplesmente, ele tolera que alguém, com quem ele se devotou mais ou menos a alguma coisa, tenha traído sua expectativa, não tenha feito, com vistas a ela, o que comportava o pacto – o pacto, qualquer que ele seja, fasto ou nefasto, precário, a curto prazo, mesmo de revolta, mesmo de fuga, pouco importa”...

...então, cede sobre seu desejo quem não é herói, e, portanto, se trai ou *permite* que o traiam... o que é permitir que o traiam?... alguém pode me trair, não posso fazer nada... mas posso *sancionar* a traição do outro e expurgá-lo da minha vida, do meu desejo... portanto, eu não permiti: ele me traiu à minha revelia... é o herói que é impunemente traído... o que quer dizer “impunemente”?... é esse “impunemente” que pesa: “Algo entra em jogo em torno da TRAIÇÃO quando a gente a tolera, quando, levado pela idéia do bem – quero dizer, do bem daquele que traiu nesse momento – a gente cede a ponto de abater suas próprias pretensões e de dizer para si: – Muito bem, já que é assim, renunciemos a nossa perspectiva, nem um nem outro, mas não eu sem dúvida, não valem mais, voltemos à via ordinária. Aí vocês podem estar certos de que se encontra a estrutura que se chama CEDER SOBRE SEU DESEJO. Ultrapassado esse limite no qual amarrei para vocês ao mesmo tempo o desprezo do outro e de si mesmo, não há mais retorno. Pode até se tratar de reparar, mas não de desfazer”...

Até

...o que é ser impunemente traído?... se colocarmos o “impunemente” do lado do traído, ele não tem nenhuma possibilidade de ser punido porque *ele não traiu*... no caso primeiro, de quando o sujeito *se* trai, ele é passível de punição pela sua culpa, não é preciso mais que isto: ele é culpado... no caso de ser traído pelo outro, o que faz com que ele, traído, não seja punível senão sua referência à fidelidade ao seu desejo e, portanto, a não aceitação, a não tolerância para com o traidor?... e no caso do traidor, por que ele é impunemente traidor?... porque ele, na sua traição, no que se defronta com o tal herói, não fede nem cheira... pouco se dá à vertente do heroísmo do herói que o traidor o seja, porque não toca o herói nem de perto, nem de leve... portanto, não é preciso haver nenhuma punição para essa traição: o traidor não abalou absolutamente nada com sua traição... ele só será punido pela traição que ele fez ao seu próprio engajamento num desejo...

\* \* \*

....fico interessado em saber desse MISTÉRIO, para o qual Lacan chama atenção, que funda – apesar da generalizada democracia, se não diferocracia, de todos terem acesso à não traição do desejo e só alguns, na diferença, não fazerem essa traição, com o que circunda na Ética da psicanálise, pelo menos só-depois do processo – um julgamento que é da ordem da ARISTOCRACIA... estar aberto a todos não significa que todos possam chegar lá, ou o queiram... não sei por que, este é o mistério... porque, se estão falando, estariam na obrigação disso... se falantes estão nessa obrigação, quanto mais os falantes metidos a besta, ou seja, ANALISTAS (engraçado isso de quando alguém se mete a algo melhor que uma besta, a gente diz que esse alguém é metido a besta)...

...daí vem a questão: PARA QUE SERVE A PSICANÁLISE?... seu estatuto é ético, portanto, no encaminhamento que Lacan faz no Seminário da *Ética*, seu *fim* – melhor do que falar em final, termo – também é ético... muito antes ainda de equacionar isso das maneiras que equacionou anteriormente,

nesse Seminário, p. 347 e 351, Lacan toca nesse fim de análise... por exemplo: “Ter levado a seu termo uma análise não é outra coisa senão ter re-encontrado esse limite em que se põe toda a problemática do desejo”... que limite?: *Até* não faço por menos... adiante: “... a função do desejo deve restar numa relação fundamental com a morte. Ponho a questão – a terminação da análise, a verdadeira, isto é, aquela que prepara a tornar-se analista, não deve ela em seu término afrontar aquele que a atravessa com a realidade da condição humana?”... qual será a realidade da condição humana?... continua ele: “Ao fim da análise didática, o sujeito deve atingir e conhecer o campo e o nível da experiência do absoluto desamoramento, nível no qual a angústia já é, ela própria, uma proteção (...) A angústia já se desenrola, deixando perfilar-se um perigo, ao passo que não há perigo no nível da experiência última da *Hilflosigkeit*”... ou seja, a derrelição...

...o que vem depois dessa queda da angústia, se retornarmos do mesmo modo, senão um pouco mais de angústia?... mas se o retorno é feito na referência ao Não-Haver inatingível que se decantou diante da derrelição, o que vem como referencial é a insistência do desejo e a possibilidade de se referenciar ao Terceiro termo e, portanto, à equivocação de tudo e à reafirmação de uma diferença que *pode* se pôr sobre qualquer hipótese... e esse retorno pode ser sem angústia porque passou pela indiferença e pela derrelição... por isso a aparente – e quero crer que verdadeira –, no texto, *serenidade (Gelassenheit)* de Sócrates diante de seus juizes...

...ah, quem dera que houvesse análise assim!!!... porque o tal do Analista – O Analista –, ele é assim... resta saber se os alistados o são... há uma diferença... sujeito-suposto-saber, suposto por quem?... por *quem* quer *que o aborde no lugar do analista*... suposto saber o quê?... a verdade do analisando?... sabe-se que isto é tolice, do analisando em pensar isto... ou será que há algo que o analista *deve* saber?... se não sabe, ele está devendo... o que o analista deve saber para aquém e para além da suposição do analisando?... *wo Es war*... onde iss’tava, onde isso estava, desde sempre... espera-se que ele tenha a experiência, que lhe tenham ensinado, de saber aonde iss’tava... e

Até

isso há que se traduzir, e se traduz... efetivamente comparece no que quero chamar, atenção!, por mais estranho que lhes pareça, de ASCENDÊNCIA MORAL do analista...

...ascendência moral sobre o analisando... já que ele faz essa suposição é porque ele não sabe... condição *sine qua non* da CLÍNICA: ascendência moral no sentido da Ética da psicanálise, que aí está se lixando para a moral do Estado... ou seja, sujeição radical à Lei do Céu...

...mas também ascendência moral do analista sobre a *Polis*... condição *sine qua non* da CLÍNICA GERAL... ou seja, aquela retomada que, nesse mesmo Seminário, Lacan aponta: a psicanálise não está aí para curar *doidivanas*... só, pelo menos... e sim para entrar no mundo e se defrontar com ele... e, digo eu, numa ascendência moral... coisa que os ditos, os alistados, em vez dos analistas, evitam a altos preços éticos, mas com altos ganhos de bens... evitam – ao custo da imposição do desejo – ser estranhos (*unheimlich*)... evitam ser estranhos e usam muito bem as instituições para isto...

...então, estou falando da *culpa do alistado* – para não falar da culpa do analista porque este não a tem... estou falando da traição do alistado quando abre mão de ser Terceiro...

21/MAR



## 2

# Le Tic De La Psychanalyse

Início do Seminário com a  
audição de *The Impossible Dream*,  
com José Carreras.

*Wo Es war, soll Ich werden*  
Aonde iss'tava, devo tornar  
Onde El'estava, devo chegar

Trata-se de retomar a questão da ética da psicanálise, antes ainda de desenvolver alguns aspectos principais deste Seminário.

*L'Éthique de la Psychanalyse*, segundo Lacan. Qual é o tique da psicanálise? Uma vez que, quer me parecer, esta questão da ética da psicanálise é o eixo de todo o processo analítico, e também o eixo da teoria.

Acontece que, no desenvolvimento da reflexão para este semestre, e me reportando ao Seminário da *Ética*, de Lacan, fiquei, de repente, precisando *me* dar conta de alguma coisa que aparentemente se apresentava como contraditória. Não que eu esteja suspeitando de contradição no seio do Seminário da *Ética*, mas sim que a aparência de contradição me exigiu uma certa crise. Até utilizei um pequeno grupo que me visitou, em minha casa, por motivos outros, como cobaias, para fazer o advogado do diabo e conseguir sair do problema.

\* \* \*

Como apresentei da vez anterior, de novo, Lacan chega à conclusão, na sua Ética, de que a única coisa de que pode um sujeito ser culpado é ele abrir mão do seu desejo. E fiquei me perguntando: ele quem? Ele quem abre mão do seu desejo, ou não abre mão do seu desejo? Que instância é essa que toma *tal* decisão? Como posso culpar ou desculpar alguém?

*Wo Es war, soll Ich werden*, é o que Lacan cita do texto de Freud como sendo a definição mesma da ossatura dessa ética. Aonde estava – já que não temos o neutro, o *it* do inglês, o *Es* do alemão, o *Id* do latim –, aonde Iss'estava, tenho que chegar, tenho que tornar. Há outra maneira de dizer um *ele* neutro qualquer, uma terceira pessoa, um ele ou ela, tanto faz: aonde El'estava, tenho que chegar, El quem?

Quero supor que esse Terceiro indicado seja o Ele do Grande Outro, esse sujeitão que supus à própria natureza, ao próprio Haver. Lacan chega mesmo a sugerir, no mesmo Seminário, que há uma espécie de suposição de sujeito à natureza, como se coloca esse sujeito da psicanálise. Esse Anjo, esse Anjo Supremo – que estava ou está aonde eu devo ir, aonde eu devo *estar* também, talvez aonde eu estava, ou sempre estive –, aonde é que El'estava? No movimento desejante, da libido, no movimento do Haver, no périplo do A-Delta.

Esse Anjo não é sem suposição em algumas tradições. A tradição judaica, por exemplo, diz que há os anjos, que são mensageiros entre Deus e os homens. Mas essa mesma tradição chama o próprio Deus de Anjo, *Maláki*, o qual, com seu desejo, esse ser angélico, suposto ao Haver, está, segundo o postulado do meu Pleroma, no mesmo lugar estrutural aonde estou, aonde devo retornar. Aonde deve E1 retornar? De onde E1 retorna? El torna e retorna como eu torno e retorno, porque não há passagem, não há passe para nenhum Outro lado, para o Não-Haver que não há.

El torna e retorna nesse lugar de equivocação que chamei de Real. No Esquema Delta o situei como o Real do furo, Real do encontro faltoso



com o Não-Haver. Esse Real que Lacan diz centrar a ética, esta ética, est'ética da psicanálise, o que não deixa de fazer não só uma ética, uma *Éthique*, como um *tique* que a psicanálise nos apresentou desde que Freud nos inventou *Mais Além do Princípio do Prazer*. Necessariamente, se algo dissimetria radicalmente a estrutura do Haver, a repetição se põe, como insuperável. Mais além do Princípio do Prazer não há nada a não ser o tique da psicanálise.

*L'Éthique de la psychanalyse*, a ética da psicanálise, não consegue estear-se para além do seu tique, para além de seu conceito fundamental, segundo Lacan, da Repetição: *Wiederholungszwang*. Na verdade, Repetição Compulsória. Assim como centro da estrutura de certas neuroses – por exemplo, a neurose chamada de destino, destacada por Freud – não se deixa de exhibir algo que me parece estruturalmente compatível com essa Repetição do Haver o que Freud chamava de *Schicksalszwang*, ou Destino Compulsório: uma espécie de fado, *fatum*, inarredável. É claro que a *Zwang* do neurótico, *Zwangsneurose*, não consegue dar conta desse destino maior; então, fixa-se naquilo que eu quis chamar de *obrigação de sentido*. É, portanto, um sentido compulsório que o tal neurótico de destino apresenta. Só que, por trás, e sustentando a possibilidade de comparecer essa Neurose de Destino, não deixa de haver algo estrutural que não é senão *Schicksalszwang*. Destino compulsório da Repetição compulsória em direção a um Não-Haver que não há e retorna para um mesmo lugar. De onde? Do movimento desejante, da circularidade da libido, e, portanto, circunstancial e historicamente, Destino pulsional e Repetição pulsional.

Quer dizer, queira-se ou não, há por detrás de *l'éthique de la psychanalyse*, *le tic de la psychanalyse* – usando a língua de Lacan, alterei o título do seu Seminário. Por trás dessa Ética, há um tique compulsório do Haver fundamentando essas possibilidades (digamos que) patológicas, se não patéticas.

\* \* \*

A questão que me propôs a retomada desse tique é a de saber: quando se abre ou não se abre mão do seu desejo, quem o faz? Quem deve ser responsável, quem responde por isso? Não podemos esquecer que Freud começou de colocar um determinismo radical para o Inconsciente, como é o caso na *Interpretação de Sonhos*, cap. V, C, onde diz que “tudo é inequivocamente determinado e nada é deixado à decisão arbitrária”. A crença na possibilidade de desvendar os sonhos exigia que ele supusesse determinação radical, absoluta e inequívoca. Então, quando Lacan chega à conclusão de que só se é culpável ou não em função de se abrir ou não mão do seu desejo, temos que retornar – e esta foi a minha crise: tentar dar conta, para mim pelo menos (acho que Lacan, para ele, já deu) – e questionar o que está sendo colocado aí, pois parece absolutamente incongruente dizer que culpado é o que abre mão e herói é o que não abre mão do seu desejo. Se tudo é determinado – no sentido freudiano, de sobredeterminação –, quem é culpado? A que instância devo endereçar essa de culpa, ou essa de heroísmo? Não esquecer que, antes ainda de dizer que se é culpado de se abrir mão do seu desejo, Lacan havia dito que o desejo do homem é o desejo do Outro – de onde tirei esse tique: retorno ao desejo do Outro, como mero movimento incessante de retorno sobre si mesmo, da libido.

Estamos, aí, diante de uma questão gravíssima que tem percorrido todos os pensamentos: decidir entre *livre arbítrio e determinação*. Isto faz questão no pensamento científico, filosófico, religioso, embora parece que o livre arbítrio enquanto causa, assim nomeado, só se apresentou na filosofia dita cristã: Santo Agostinho tem um trabalho longo a respeito, há toda a obra de São Tomás, Lutero, etc. Mas o que seria, o livre arbítrio, e quem seria responsável por ele? O livre arbítrio seria uma possibilidade absoluta de se escolher entre isto e aquilo. Mas quem escolhe? Baseado no quê? Esta noção de *liberum arbitrium* aparece na filosofia cristã definida como uma faculdade do homem. No sentido jurídico, seria uma *facultas agendi*, uma faculdade do agente. Esta faculdade seria, segundo a filosofia cristã, escolher entre o bem e o mal. Do ponto de vista de sua situação diante do bem e do mal, para a filosofia

cristã, o sujeito seria livre para exercer a sua faculdade de arbítrio nessa escolha. Baseado no quê? Quem é sujeito? O que é isto? Quem escolhe? Do ponto de vista do cristianismo, é claro que ficaria uma certa esculhambação se deixássemos o sujeito solto, à vontade no tal do seu livre arbítrio, na sua faculdade de escolher entre o bem e o mal. Alguns filósofos achariam que certamente ele iria escolher o mal, a não ser um Jean-Jacques Rousseau...

A filosofia cristã saiu-se dessa bastante bem ao colocar como faculdade, esse livre arbítrio, de escolher entre o bem e o mal, mas não decidiu dos atos dos homens a partir desse livre arbítrio, e sim do conceito de liberdade, *libertas*, que *depende* da *facultas* do livre arbítrio. E é bastante preciso, no pensamento cristão, que a *libertas*, ou seja, a liberdade, é *escolher o bem*. E estamos todos salvos, desde que sejamos livres. Livres do quê? Da faculdade de escolher entre o bem e o mal? Vê-se aí uma jogada determinante, do ponto de vista moral, etc. É claro que essa liberdade de escolher o bem – e certamente o bem definido pela filosofia cristã, pela Igreja no caso – ficaria na dependência da *graça* divina. Se esta não interviesse, o sujeito certamente poderia usar sua faculdade e escolher o mal.

Do ponto de vista do que podemos pensar como psicanálise, a graça divina é uma graça: ela existe, de graça, existe porque há, mas está se lixando para o bem e para o mal, está muito além de mal e bem. Portanto, a questão do livre arbítrio fica em situação muito difícil porque, ainda que supuséssemos que a *libertas* fosse função da faculdade de arbítrio, e não função da determinação do bem não se sabe por quem, resta perguntar quem é, ou o que é essa instância que está nessa liberdade de escolher. Não cabe, depois da ciência moderna, do advento da psicanálise, etc., não se ter uma instância ou um maquinismo definido que demonstre o funcionamento desse livre arbítrio.

Em contrapartida à noção de livre arbítrio, teríamos o determinismo absoluto, radical, como, por exemplo, o determinismo que se supõe nisso que quero chamar de *gnomos*, nos seres que não os falantes ou que não Deus. É uma espécie de saída cibernética, ainda que assim fosse, uma determinação qualquer, um maquinismo que, por mais complexo que fosse, explicasse uma

determinação radical – em função, naturalmente, de uma quantidade enorme de determinantes –, mesmo que tomássemos aí o conceito de sobredeterminação de Freud, que não cabe ser determinação rigorosamente absoluta. Então, do ponto de vista de nós outros falantes, ou mesmo da instância divina, ou bem somos uma entidade, que não se sabe dizer o que é, nós como sujeitos, capaz de escolher à vontade dentro do livre arbítrio entre isto e aquilo, ou somos radicalmente determinados, quer dizer, sobredeterminados...

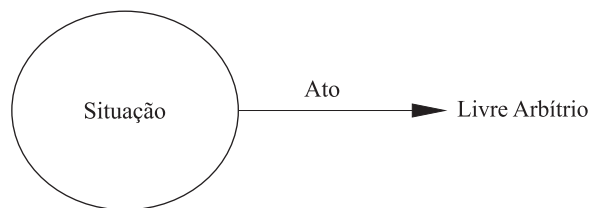
Aliás, se o *ato*, como coloca Lacan, é distinto do que o Inconsciente possa lhe oferecer como apoio, como sustentáculo, então ele vem do céu. Neste ponto é que está a minha questão. Se cai do céu como um livre arbítrio radical, toda a determinação é isso. Lacan sabiamente colocou: instante de ver, tempo para compreender, momento de concluir; três passos lógicos que conduziriam a isso, e não se adentrou mais e nem parece ter feito nenhuma correlação com a sobredeterminação inconsciente. Mas, se estou tentando fazer com que o A-Delta, esse Esquema fundamental, fale por si-mesmo, quer dizer, que dê conta disso tudo, tenho que dar conta da proposta, que venho fazendo há muito tempo, de que o que comparece de *verbo* na região do falante é da mesma estrutura do que comparece de Haver como *Verbo*. No princípio era o verbo, etc. Estou, então, partindo dessa conjectura, e isto certamente é sobredeterminado. Ainda que a psicanálise não tenha se envolvido nesse tipo de coisa, é tempo de se pensar a sobredeterminação em muitos níveis e poder isolar com certa clareza e certo cuidado o que é da ordem estrita do psicanalítico ou, se não, invadir com o psicanalítico o campo das ciências, etc. Isto porque, certamente, na medida em que faz parte do meu Inconsciente uma série de constelações provenientes de campos que não posso designar com facilidade, se amplio a noção de Inconsciente para além do que terá entrado como *Bejahungen* significantes dentro da língua, motivações das mais diversas ordens, terei aí coisas da ordem da genética, da ecossistêmica, etc., se quiser tomar tudo como significativo, tenha ou não entrado para o sujeito, esteado numa língua, ou que pelo menos tenha entrado como alguma afetação do Inconsciente maior, do Inconsciente da alteridade. A pergunta fica de pé para eu poder

explicar de alguma maneira, para mim pelo menos”: esteado no quê estará este aparente arbítrio do sujeito no momento mesmo de instalação do significante nele? Que mecanismo faz isto? Se não tiver um mecanismo disto, terei dado uma justificativa, ainda que lógica, de instante de ver, tempo para compreender, momento de concluir, sem estudar o mecanismo.

Por isso, estou retomando estas questões.

\* \* \*

Se tenho uma situação, a qual exige um ato em que vou referendar o livre arbítrio, com o que é que posso, do disponível no pensamento contemporâneo, justificar esse livre arbítrio?



Caso 1

Até segunda ordem, ele fica sem esteio, a não ser em alguma teoria do acaso, de um aleatório qualquer, ainda que os matemáticos decidam alguma série especial para demonstrar a aleatoriedade desse ato, uma vez que isto entrou no campo do simbólico e o matemático fez uma série, ainda que dita aleatória ou produtora de aleatório, do ponto de vista de uma crítica muito radical e muito abstraída, a coisa fica ainda toda determinada pela capacidade de escrita dessa formulação de aleatoriedade: pelo simples fato de ser escritível está demonstrando uma grande determinação. Então, o lance de dados do Mallarmé põe na jogada uma indecidibilidade entre o aleatório e o determinado. É indecidível.

Se o lance de dados não abole o acaso que ele incluía, me parece indecível.

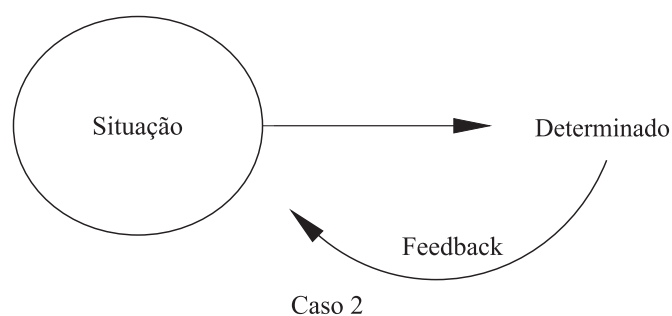
Fico, então, diante da noção de livre arbítrio sem nenhum esteio, nenhuma formulação que me dê como resultado esse ato. Assim, há que “baixar” do céu um acaso sem sujeito, sem determinação... Mas, aqui na minha maquininha, as coisas não podem funcionar bem assim porque estou no partido freudiano: *é tudo determinado!* Mas como?...

• Pergunta – *Lacan se refere ao herói trágico. O estatuto da determinação no elenco dos heróis trágicos não é o mesmo. A determinação em Édipo tebano é uma, em Prometeu é outra, e em Antígona é outra. O Édipo tebano é um sujeito que está sob todo o rigor da determinação: o Destino, a Moira, vai obrigá-lo a pagar pelas agruras de seu pai. Se, depois, Édipo se desculpabiliza em Colona e deixa a culpa em Tebas, é outro problema. Já o nosso homem que é ensinado no poder da ciência, Prometeu, é o modelo da imbecilidade, ele tem um defeito de fábrica, não percebeu a diferença entre o herói trágico e o homem: tem o ato de mestria ao roubar o fogo dos deuses, mas quer tornar os homens iguais aos heróis trágicos – coisa que do ponto de vista da ética é impossível, e é por isso que ele é punido. Então, a determinação dele é do valor. A do Édipo é da culpabilidade. A determinação de Antígona – e que está próxima dessa tentativa que você está fazendo – é de mostrar que o livre arbítrio, em última análise, é o reconhecimento da determinação da Lei Divina.*

De qualquer maneira, antes ainda de diferenciar determinações, resta determinar que, se estou no partido da determinação, preciso pensá-la genericamente. Que ela vá se distinguir aqui e ali, tudo bem!, mas onde ela aparece menos definida é nessa última que é a determinação pela Lei Divina. Que diabo de Lei é esta? Como isto tem que funcionar? Se não tivermos um aparelho de funcionamento, passaremos o resto da vida dizendo que cai do céu. Aliás, Lacan dizia que isso cai do céu, mas é metáfora. E na medida em que é posta uma metáfora posso tentar saber do quê, posso tentar outra metáfora mais abrangente, ou coisa dessa ordem.

Continuando, então, o processo, teríamos outra abordagem da situação em que o ato não estaria dependendo do livre arbítrio, estaria absolutamente determinado. E estamos aí diante de certo modo de se ler a Moira, o conceito de Destino, como algo não só determinado como predeterminado e sem recurso possível.

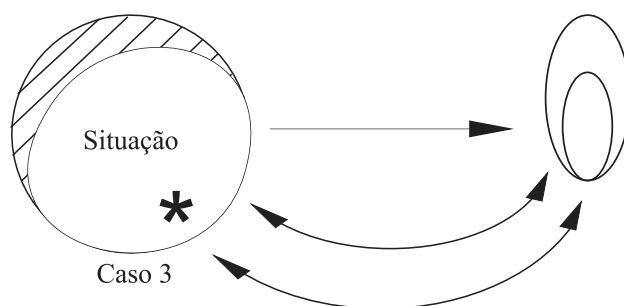
Mas quando Lacan destaca em Antígona uma ética compatível com a ética da psicanálise, esta determinação de um destino do filme já feito – “já vi este filme”, por exemplo... Quando estou vendo um filme, ele ainda não está determinado para mim. Nele há eventualmente surpresa para mim, mas já estava lá o enredo do filme, com toda sua determinação pronta. Eu é que não tomei conhecimento dela. Fica difícil mudar o filme, a não ser fazendo alguma coisa, interferindo tecnicamente na fita. Neste sentido é que entendo a maior parte do aparecimento da Moira no pensamento grego: determinação prévia e inapelável. É o oposto radical de um livre arbítrio, que se desinteressa por toda e qualquer determinação, e que escolhe não se sabe baseado no quê. O que me interessa é saber qual compromisso possa existir entre isso que Freud disse que está tudo determinado no nível do Inconsciente – o Inconsciente é isto que espalhei para dentro do Haver – e a possibilidade de um ato. Então, vamos terminar nessas questões postas diante de Antígona.



Será que existe uma *terceira posição*, que seja pelo menos intermediária, ou que faça alguma espécie de compromisso entre o livre arbítrio absoluto e a sobredeterminação absoluta? Quer me parecer que esta é a posição da psicanálise. Então, como pensar a viabilidade de uma ÉTICA? Ou bem essa ética funciona, ou bem a psicanálise fica sem eixo, já que Lacan declarou que o estatuto da psicanálise é ético, *e* na sua prática *e* na sua teoria. E se não for possível estear esta ética num mecanismo qualquer, isto vai passar a uma situação muito tensa.

Fico, então, procurando – com a ajuda de vocês, certamente – uma posição em que, dada uma situação qualquer, existe uma sobredeterminação rigorosa de diversos níveis, *e* na natureza *e* no artifício do falante, ao mesmo tempo em que, em algum lugar, e de algum modo, seja possível um modo qualquer de intervenção que, sem perder os aspectos de determinação, funciona como produtor de significante novo. *A única coisa que existe para se sair da determinação é: pintar significante novo.*

Quero, portanto, propor o seguinte esquema, baseado no meu Revirão. O que quer que haja identicamente, em qualquer lugar do falante ou em natureza – tomemos conta do falante, pois que está mais perto de nós –, instalado como sobredeterminação, leva necessariamente o sujeito a determinada “escolha”, entre aspas. Não há como fugir de uma determinação: estou determinado, ainda que na ignorância da minha determinação.





O fato de me supor perdido, ou livre demais, não é senão minha ignorância da minha determinação. Na medida em que aumenta ou se perde, cada vez mais, a inocência do desconhecimento da minha determinação, perco tanto em liberdade quanto em confusão. Minha determinação me empurra contra um beco sem saída, eventualmente, e as saídas oferecidas pela própria determinação são tão numerosas, que, mesmo com a situação aparentemente causadora de angústia, posso encontrar, no campo das sobredeterminações, uma saída qualquer para me desvencilhar de uma questão, de um problema. Quero com isto dizer que freqüentemente nos esquecemos de que talvez 95%, ou talvez mais, de nosso cotidiano não é nada brilhante, e sim bastante estúpido. Ou seja, dentro de nossa sobredeterminação, temos a impressão de estar fazendo escolhas, dando passos importantes, inventando coisas, etc., quando estamos é sobredeterminados e encontrando, dentro dessa sobredeterminação, saídas que aliviam homeostaticamente, boçalmente, animalmente, as nossas tensões.

Só nos defrontamos com a sobredeterminação quando premidos mesmo. É, por exemplo, o caso da verdadeira criação poética, em qualquer campo: na poesia, na física, na matemática, na escrita, no sexo, em qualquer lugar se pode ser poeta... É na medida em que sou, por alguma pressão externa/interna, imprensado pela minha sobredeterminação e nela não encontro saída, que há que inventar alguma coisa, há que achar saída. Neste momento, e só neste momento, é que tenho talvez uma questão ética. Nos outros momentos, resolvo *l'éthique avec le tic*. Não só com o tique do Haver, como com o tique da minha sintomática cotidiana: é fácil, é só ter um tique qualquer que esteja adequado, que resolvo.

Quero, então, supor que, empurrado contra um beco sem saída, no regime da sua determinação, um falante, que corresponde estruturalmente ao Haver, a esse Anjo supremo, ele tem recurso. Que recurso tem ele para “escapar”, entre aspas, da sobredeterminação? Re-sobredeterminando para além do fechamento contemporâneo da sua determinação. A única saída, se houver, é trazer um significante novo, ou seja, escapar da sobredeterminação

trazendo de volta para dentro do campo da determinação um determinante novo que, de novo, o sobredetermina.

Mas ainda há algo sujo no que estou dizendo: ele tem condição de escapar. Ele, quem? Com que arbítrio? É preciso entender alguma maquininha que, sem nenhum arbítrio, cria uma certa *libertas* re-determinante. Estou, então, propondo este esquema de funcionamento da máquina da liberdade (é muita petulância, não é?). De dentro da massa, por maior que seja, mais ignorada que seja, da sua determinação, um sujeito coagido, acuado por essa massa, dentro de uma situação também ela sobredeterminada de exigência, não tem outra saída senão *angelizar-se*: referir-se, para além da binariedade das sobredeterminações a ele disponíveis, a um lugar terceiro, que é aquele que tentei simploriamente descrever com topologia, da vez anterior: esse terceiro ponto, essa terceira superfície, unária, que Lacan chamou de Sujeito. É anulando, neutralizando a diferença – que não é nenhuma *coincidentia oppositorum* – na referência à máquina ternária que o falante porta, que Deus porta e que o animal não porta, que, quando coagido demais, ele não tem outra saída senão referir-se a essa in-di-fe-ren-ça, *Verleugnung*. Ou seja: renegar o jogo dual da determinação de modo a que possa, de dentro dessa indiferença, tomar algum dos determinantes que lhe são atuais e, com a mesma máquina de indiferenciação, que é máquina de reviramento, que só indiferencia por reviramento, trazer um alelo que não estava sendo dito no campo da sobredeterminação para dentro da determinação. E mudar toda a estrutura da significação com a introjeção desse significante novo que ele trouxe, na sua referência ao neutro, por avessamento de algo lá dado, determinado. É o que a natureza, lá na dica de Darwin, faz com o nome de mutação da espécie.

Qualquer alelo é disponível. Ele pode não estar, aqui e agora, dentro da situação. Toda e qualquer sobredeterminação está inscrita em algum sistema de ordem opositiva. O *terceiro* não tem marca da determinação. Trata-se, então, de uma re-combinatória pela introdução, no campo da sobredeterminação, de um determinante que lá não estava, e que o sujeito não inventou. Ele apenas fez o expediente de, pressionado justamente para o lugar do tal determinante –

que era, vamos dizer assim, ex-cêntrico à sua questão –, ir à sua posição terceira e retomar com o avessamento dele – com o que cria outra vez duas possibilidades de significação. Está aí o ato dito de criação.

Mas está ainda sujo o meu raciocínio: o sujeito vai à terceira posição, como? Se tudo é determinado e ele vai à terceira posição, continua com o seu livre arbítrio. Não suporto esse tal de livre arbítrio, porque não tem apoio em lugar nenhum. Quero alguma coisa dentro da sua determinação que o determine a escapar da determinação. É a única maneira de sair do livre arbítrio ou, pelo menos, criar a idéia de uma possibilidade de *libertas* dentro da determinação. Aliás, na minha crise de pensamento recente, quase que inculpei Lacan de trazer o livre arbítrio de volta, mas não há isto nele não. Não há livre arbítrio em Lacan.

Retomando, então, para não ter que recorrer a um sujeito arbitrário, a um tal Deus, a um livre arbítrio, ou coisa dessa ordem, é preciso que, dentro da sobredeterminação, ou seja, da massa compacta e conflitiva – porque há conflito entre os determinantes em função desta ou daquela situação –, haja lá uma determinação que empuxa a escapar da determinação. E isto não é necessariamente paradoxal. O sujeito está numa situação *x* qualquer, isto se problematiza por acossamento, e, porque acossado, ele vai procurar: no *caso 1*, é um livre arbítrio que não sei explicar; no *caso 2*, a determinação é um verdadeiro *feedback* da situação, pois quando tenho uma sobreterminação radical e sem saída, é um verdadeiro servomecanismo; no *caso 3*, ele precisa, de dentro da situação, acossado por ela, partir da sobredeterminação à qual ela própria indica pelo menos um determinante, ou se não um enxame de determinantes – que são, pela própria determinação, o lugar onde se faz o epicentro da questão –, fazer recurso a um Revirão e trazer deste Revirão nada mais, nada menos do que o avessamento disso, que é essa máquina que leva e bate lá. Se levou lá, ela traz o avessamento disso, e muda inteiramente a configuração da determinação, como determinante novo.

Mas se não tiver, dentro mesmo da determinação anterior, determinação para que ele se determine aí ou lá, estarei no livre arbítrio. Então, estou aqui

procurando pelo determinante que determina que ele escape da determinação. Se não, não há falante e não há máquina explicitada. Há, haverá esse determinante? Sim! Não é o livre arbítrio, e sim o arbítrio preso, “teje preso”, justamente não é livre esse arbítrio... Ele, como absolutamente determinante, *funda* a liberdade. Ou seja: *a liberdade, é a liberdade de estar radicalmente preso* – e ponham isto na cabeça. Como dizia Edmond Jabès, grande poeta: “*tu penses que c’est l’oiseau qui est libre, tu te trompes, c’est la fleur*”, pensas que é o pássaro que é livre, tu te enganas, é a flor.

O que, de dentro da determinação de um falante, o determina a ser livre? Uma liberdade em que ele não passa de ser determinado a recorrer ao avessamento do Revirão divino, que nele está instalado, e trazer um significante novo, da mesma maneira que uma espécie entra em mutação por alguma pressão. Espécie esta que não vai fazer esta opção, ou seja, ela não está determinada a isto. É o Campo do Sentido, o campo inteiro, que está determinado, que tem esse determinante.

\* \* \*

*Wo Es war, soll Ich werden*, aonde Iss’tava devo tornar, onde El’estava devo chegar – onde estava El? El estava no movimento, no périplo dos gozos, no périplo da libido, no qual, por impossibilidade de passar a um Não-Haver, que simplesmente não há, ele cai na Real. Ou seja, não há outra saída senão passar pelo lugar absolutamente equivocante, neutralizante e revirante disso que quero chamar de Real, como inscrição, no campo do Haver, do impossível de ali se inscrever o Não-Haver. Notem que mudei um pouco a definição: não é o Real que é impossível de se inscrever, é o Real como inscrição, no campo do Haver, inscrição de Revirão, do que é impossível de ali se inscrever. Então, “onde estava, Isso retorna”, retorna pelo Revirão. Ora, já cansei de dizer, aqui, que a inscrição desse Real no campo do Haver não é senão inscrição, nesse campo, da Causa do desejo do Haver, a qual só se inscreve de direito, mas não de fato, porque ela não há.

Seguindo, portanto, a ordem do Esquema Delta, no caso do falante, no campo da sua determinação, do seu Inconsciente, algo se inscreve – e se inscreve mesmo em termos de significante lacaniano, de metáfora – que é da ordem do representante, do determinante, dentro do Inconsciente, como dentro do Haver, de uma determinação superior a qualquer outra determinação, que quero agora chamar de HIPERDETERMINAÇÃO.

O que hiperdetermina o Haver, em seu movimento de estados e de modalizações, senão sua Causa, tão exterior a ele que nem há, e que lá se inscreve de alguma maneira, nesse Real do Revirão, e que, certamente, no Campo do Sentido, porque apareceu o falante, deve, no falante, se re-inscrever de algum modo? O que, em *R*, se inscreve como automatismo de Repetição, lá no caso do falante, além de ele fazer parte desse grande *autômato*, deve ter re-inscrito como significante nas suas cadeias o representante disto. Se dentro desse sistema de determinação, além de toda a constelação de determinantes que determina esse falante, que o empurra para determinar a situação de fato e de direito, existe pelo menos um determinante que difere dos outros, porque é representante não das determinações comuns, mas de uma hiperdeterminação, esse determinante tem mais força de ir para *Ã*. Mas que determinante será este que se inscreveria para todo falante, com ou sem vigência numa subordem de inscrição significante, como nomeação dele, e que seria um determinante hiperdeterminado? É isso que Lacan chama de falo, baseado no que Freud assim chamou.

Hoje, estou tentando redefinir o FALO: o do verbo falar, presente do indicativo, na primeira pessoa, e o que não é outra coisa senão o famigerado caralho. É preciso retomar esse jargão do povão, pois eles falam muito mais significativamente do que a gente pensa. Caralho não é pênis – já expliquei mais de quinhentas vezes –, o caralho é o caralho. É o chamado falo em Freud, e isto que Lacan quis chamar de significante do desejo, ou significante que, por sua presença de significante, determina ou faz funcionar os efeitos de significado de todos os significantes que o sejam. Tudo isto é compreensível. Apenas,

estou me esforçando, mediante um esquema, de me perguntar como é isto, que jogo isto faz e como isto se instala.

Quero conceber, a partir daqui e de agora, que o falo inscrito na ordem Inconsciente de qualquer sujeito não é senão um determinante – chamem de um significante de Lacan, se quiserem – da ordem metafórica, hiperdeterminado, porque ele é, para mim, o significante do desejo do Haver, enquanto obrigação de seu Tique de retorno à impossibilidade de sair da lei desejante. Está aí a tal Lei que vocês estavam procurando. É impossível tirar férias do desejo. Quem tirar férias, o apresenta imediatamente como sintoma pior: é o chamado neurótico. É melhor assumir...

*Die Bedeutung des Phallus*, Lacan escreveu um texto com este título, o qual, próximo mês, dia 9 de maio, faz aniversário, 30 anos. Retomem-no, nos *Écrits*, para ver que, sem quase nenhuma concessão ao não-abstrato, Lacan situa muito bem, sem encontrar ainda uma máquina de arrumação para ele, em sua funcionalidade, esse significante fálico. No entanto, estou dizendo, meus queridos, que Freud está de novo de volta, como sempre esteve, com o seu tique, dele, ou seja, o da psicanálise, que não é senão: *A Significação do falo*. É o tique da psicanálise: o retorno do falo. Em suma, com perdão da palavra, não se sai da “casa do caralho”... Aliás, o tal de S(~~A~~) não é senão, por efeito da instância fálica, o sujeito se dar conta, por Revirão, de que é sempre possível um novo significante. Ou seja, de que há falta de significante no campo do Outro. Na consciência teórica lacaniana é escrito S(~~A~~) como significante de que há falta possível por instância fálica. Um sujeito pode ir *vers un significant nouveau*, e S(~~A~~) e esta possibilidade de avessamento, mais nada...

Tenho a impressão, afora qualquer crítica mais apurada do que a que tenho colocado hoje, de que – se faço a suposição de que há determinante hiperdeterminado no seio do determinante da sua determinação – acabou qualquer possibilidade de se pensar o livre arbítrio. Está salva a sobredeterminação freudiana – e porque isso é determinante –, ao mesmo tempo que a resultante não é nem de livre arbítrio, nem de determinação absoluta, restando dentro do próprio maquinismo. Isto tudo está salvo pela conjectura do

Não-Haver, que é Causa sem haver, e que está inscrito lá como série perene de simetrização.

Quer me parecer, então, que o recurso a este Esquema Delta me livra tanto do livre arbítrio quanto da sobredeterminação absoluta, e me dá um mecanismo que vai ter consequências *trágicas*, pois estamos aí diante da ironia absoluta do haver. A mesma ironia que, dentro mesmo da retórica, é um ápice de avessamento, a posturação de um avessamento radical aqui e agora, *unheimlich*, duplo sentido das palavras primitivas. É a ironia por que passa Édipo, por que passa Tirésias, cuja cegueira é que era luminosa, vidente. É, pois, a ironia do próprio Haver, que é, de dentro de uma radical sobredeterminação, tanto do Haver quanto do sujeito falante, que ele se re-sobredetermina a partir de um ato de liberdade que está inscrito nele como determinação. Resta saber por que. Fica o mistério de que não é sempre que ele lá chega, de que não são todos, a toda hora...

\* \* \*

Partindo disso, temos que retomar aquelas frases de Lacan. “Não abrir mão do seu desejo”, é o que qualifica o não-culpado. Em “o desejo do homem é o desejo do Outro”, está qualificado o desejo do falante como desejo do Haver, tudo bem. Mas o que é “não abrir mão do *seu* desejo?”.

Não abrir mão do desejo, fica claro, pois, se isto é uma instância hiperdeterminante, do desejo não se abre mão nunca, dá-se um jeitinho nele. Ou seja, inventa-se um sintoma neurótico, um sonho... Se pensarmos a radicalidade de Freud na *Traumdeutung*, para ele poder definir que todo sonho é realização de desejo, temos que ir por aí: nunca se abre mão do desejo. Lacan foi muito vivo ao colocar que não se abre mão do *seu* desejo. Qual é a diferença? Não se abre mão do desejo simplesmente porque todo desejo *sempre* se realiza. Freud *dixit*, e é verdade.

O que é realizar um desejo? O tolo pensa que é meter a mão na coisa, é conseguir pegar *das Ding*, conseguir alcançar o Não-Haver. Mas o termo é

sábio: *realizar* o desejo, que é por fazer passá-lo que se vai cair na Real, ou seja, passar o Revirão do Furo. A realização do desejo não pode ser senão sua indiferenciação e seu retorno quando de sua topada com o Real. Aí o sujeito faz diabruras: inventa significante novo, inventa sintoma neurótico, inventa medo, coragem, qualquer coisa, realizando o seu desejo. Não é por outro motivo que o neurótico custa tanto a abrir mão da sua neurose, porque é uma bela realização de desejo. O desejo dele está realizado na neurose – só que o aporrinha: no campo da sobredeterminação há conflito entre esse modo de realização e um pedido de sobredeterminação em função dos acossamentos que ele sofre por causa da sua sintomática. Mas que está realizado, está! O que falta é realizar mais, mais vezes. E realizar muitas vezes de maneira que se torne compatível com o determinante hiperdeterminado que o determina a esse ato criativo. E realizar sem sentimento de culpa – porque da culpa, ninguém escapa. A diferença entre o não-neurótico e o neurótico é que o neurótico tem sentimento de culpa e o não-neurótico é culpado, mas não *tem* sentimento de culpa: “Sei que sou culpado: devo, não nego, pago quando não puder!”

Na verdade, é isto a tal *dívida simbólica*. O neurótico não paga jamais a sua dívida simbólica porque tem sentimento de culpa, e não se mexe. Se o sujeito é realmente culpado, de fato, começa a pagar a dívida, que não tem fim, é pior que a do BNH... Pagar a dívida eterna. Não pensem que o obsessivo o é porque fica eternamente pagando dívida, ele fica é eternamente não a pagando. Freud, Lacan, alguns pensadores, artistas, etc., vivem pagando. A caixinha do Outro diz que ele está sempre devendo, e ele diz: “devo, não nego, pagarei quando não puder... não pagar, é claro!” Por isso que ele não vai sempre lá em cima. Ele só paga quando ele não pode não pagar, se não, ele não vai, dá o calote... e fica neurótico por isso.

Estamos precisando, então, falar um pouco desse tal *falo*.

A propósito, estamos no Ano do Dragão. O dragão não é senão alegoria do falo na tradição oriental. Temos que nos lembrar que Freud colocou o surgimento desse falo – que, para ele, não era significante, ainda – no seio, no núcleo mesmo da questão da diferença sexual, a qual é à revelia e



independentemente da diferença anatômica dos sexos. Ou seja, como aquele elemento terceiro, que é o referente mesmo da sexualidade do falante, antes ainda que qualquer apego se faça à binariedade da sobredeterminação anatômica. Este é que é o tal dragão. Por que o pessoal implica com o pobrezinho do dragão? São Jorge vai lá, mata ele, etc. Porque, na tradição das culturas, ele não deixa arrumar muito bem a estrutura binária e fica lá, prendendo a moça dentro da caverna... Aliás, Aluisio Menezes, que hoje não está presente, fez sua tese de mestrado sobre São Jorge... Se houver tempo durante meu Seminário, gostaria de tecer alguns comentários sobre alguns personagens importantes da literatura: *Drácula*, o dragãozinho, *Moby Dick*, a piroquinha (*dick*) e outros dessa ordem, os quais representam não o desejo, mas o determinante hiperdeterminado do movimento do desejo.

O falo aparece, então, como significante do desejo, enquanto centrado no Real da indiferença, sexual, cuja ética, portanto. Ética do falante centrada no Real determinado pelo falo, como inscrição, enquanto representante da renegação originária, da neutralização das oposições binárias por instância de um terceiro. Terceiro este sem nenhum caráter, macunaímico, angélico, falangélico.

A tese da realização necessária do desejo, a tese de que é na referência ao terceiro que posso fazer reviramento e neutralização, é a mesma que sustenta toda e qualquer possibilidade de *sublimação*, que está na dependência dessa mesma referência ao terceiro neutralizante, enquanto representante... terceiro sexo é o nome, sexo-falo: a função-fálica vai se modalizar numa lógica, dentro da sobredeterminação cotidiana, e em função do posicionamento do sujeito com referência a esse falo, o que pouco tem de anatômico. Não digo que nada tem porque a sobredeterminação imaginária conta um pouco.

Na verdade, o que Lacan nos apresenta como ascese do sujeito, como ética do *wo Es war*, não é senão a ascese fálica do sujeito. Se quisermos nos reportar à *Ética* de Aristóteles, não há outra felicidade senão a *falicidade*. Aliás, é preciso parar de fazer combate à instância fálica, pois a única felicidade que existe é a falicidade, e isto nada tem a ver com trepação.

Quando, às vezes, se critica a falicidade, é no sentido dessa exibição encarnada demais no projeto fálico, ou melhor, no projeto pirocal. Fálico é macho, é fêmea, tudo é fálico: não sei por que a piroquinha das mulheres tem que ser desvalorizada, só porque a dos homens é muito grande. É tudo colega diante da instância fálica, é tudo igual. Não é aí que varia... Trata-se, sim, da falicidade, que é o que Lacan nos trouxe como “não abrir mão do seu desejo”. Não, quem? Não largar o significante do seu desejo, não abrir mão do seu sintoma, empolgar o falo: ato masturbatório por excelência – que Freud destacou com muita clareza no que chamou de ato apotrópico, que foi distinguir em Baubo, na cabeça de Medusa: a transformação imediata do pentelho, da cabeleira, em falo. Empolgar e brandir apotropeicamente o seu porrete é o ato desejante de instância fálica por excelência – o seu cacete... Talvez vocês saibam que “porra” em português arcaico não quer dizer esperma como se usa hoje em dia, e sim “porrete”, porra é o cacete – donde veio o termo “porrada”. No nordeste se diz que o sujeito é “porreta”, isto é, quando ele é afirmativamente, eticamente, fálico. Por isso que Antígona é porreta, a ética é porreta. Freud é porreta, Lacan é porreta...

\* \* \*

Então, de dentro de que instância, de que postura sexual se pode brandir o porrete, brandir o falo? Ou seja, eticamente não abrir mão do seu porrete? Se tomarmos isto, por exemplo, no nível de Antígona, qual é o sexo da Antígona heróica?

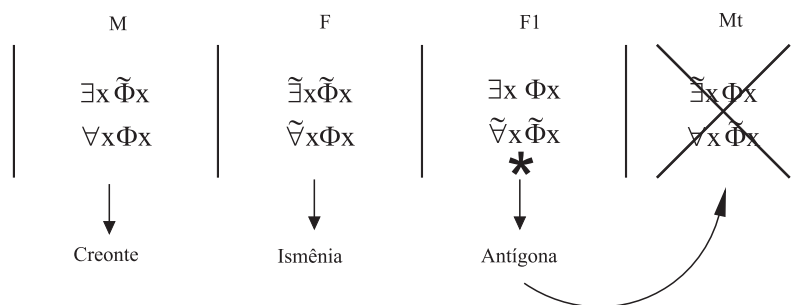
Outra questão: de dentro da sobredeterminação, quem é culpado do quê? Culpado de abrir mão do seu desejo. Se é sobredeterminado, como vou designar e definir essa culpa? Também, se é herói, como vou designar e definir esse heroísmo? Na medida em que ponho um sujeito abstrato capaz de livre arbítrio, por que nós outros pensamos nesses termos de culpa, de heroísmo, de derrelição, de *Areté*, de excelência aristocrática, transmissível, se tudo isso está determinado?

Prefiro agora ficar com a primeira questão: qual é o sexo de Antígona no movimento de brandir o falo? Masculino, feminino ou Falanjo?

Todos sabemos as fórmulas quânticas da sexuação, de Lacan – às quais acrescentei mais duas, sendo que o quarto sexo (da morte) deve ser riscado. Não que ele não se diga por nós, mas ele de fato não comparece. Então, tenho necessariamente três sexos. Se acabei de dizer que o sexo onde se indicia o falante a ser modalizado por outra sobredeterminação é o falo, tenho que retornar sobre esta fórmula do Falanjo para me perguntar como isto funciona em caso de determinação apotropéica.

O que faz Antígona senão, diante de Creonte, brandir o cacete do seu desejo? É claro que ela vai brandir o seu falo até a última consequência, para além da simples luta de prestígio do mestre. Não só ela finge que está em luta de morte por prestígio, mas passa do puro prestígio e aceita a morte. Portanto, enquanto Falanjo, ela escapa para o quarto sexo, onde o silêncio cala a boca de qualquer um.

Mas é de dentro dessa posição de simplesmente dizer que “há função-fálica” que ela vai dizer que “a função-fálica pode até ser negada, mas não inteiramente e nem para todos”. Aceitam-se várias regras da lei da Terra – são aceitáveis em termos de castração, até de abrir certa mão da função – fálica em exercício aqui e agora para o cotidiano da nossa sobrevivência –, mas, em caso de *até* – até aqui, até o limite, quando entra a Lei divina –, esta função – fálica se demonstra podendo sim ser negada, mas não – toda: há um resíduo de função-fálica que não pode ser eliminado.



É a partir dessa postura, portanto, que ela toma a palavra do representante de sua sexualidade fálica de falante, e aceita até mesmo passar para sexo que não há, em morrendo, para não abrir mão, sobredeterminada que estava pelo determinante hiperdeterminado, a se livrar dessa sua sexualidade primordial.

No feminino, não se faz isto. No masculino, muito menos, que é onde fica a casa de Creonte... Todo macho é burro. Lacan já demonstrou que a imbecilidade é apanágio do masculino... Creonte é burro porque, no que está determinado universalmente por uma exceção que não entra no seu campo – se entrasse rasgava o cinturão do campo –, supõe que todo e qualquer falante cabe na sua legislação universalizada. A demonstração que Antígona quer fazer para ele não é mera rebeldiazinha diante de uma coisa banal. É um *até* inarredável. Creonte não brincou com qualquer coisa. Ele quis dizer para ela que, mesmo depois de falecido, um falante, Políncio, irmão dela – aliás, embora Lacan apele para o *adelphós*, etc., a meu ver, não é porque é irmão no sentido da consangüinidade, e sim no sentido de falante, de portador da mesma ordem de reviramento que ele. E ela diz que é um abuso tratar masculinamente, estatalmente, um sujeito que já escapou da sobredeterminação e que, portanto, enquanto falante, enquanto remissível ao falo, só é agora pensável no nível da sua hiperdeterminação desejante, porque o fora, sujeito. Ela está, então, defendendo a sua posição e a de todos os adelfos, de todos os falantes : “Você está extrapolando o direito de modalizar o seu sexo, seu imbecil, e vou provar isto, nem que seja com a minha morte, e vou ganhar bem por isso!” – há este detalhe, ainda. No que ela faz isto, ela reduz Creonte à imbecilidade do masculino.

São outros fatos que vão tornar trágica a posição de Creonte e jogá-lo, de novo, também ele, no lugar do Falanjo como herói trágico, tipo Carlitos, meio ridículo. São fatos que escapam à determinação dele, mas que estão na determinação do social e hiperdeterminados pelo ato mesmo de Antígona. E ele próprio, então, vai cair saltando de *M* para *Fl*, ainda que irrisoriamente.

- P – *Creonte pensa o tempo todo que Antígona faz exceção à lei...*  
...o tempo todo ele lida com ela corno se ela fosse mera rebelde...

- P – *Mas não rebelde no sentidos político que o irmão dela era, como se ela quisesse uma exceção para ele. E o que ela está querendo é que o irmão dela não seja justamente uma exceção.*

Você tem razão. Ela quer que ele seja tratado como adelfos: “Tem que enterrar, tem que ter as pompas fúnebres. Se ele estivesse vivo, podia até ser condenado à morte, tudo bem!, mas morreu, há que respeitar e fazer a tumba do falante, fazer o cinturão do seu falo, para botá-lo lá dentro”. Por isso ela não admitiu, pois seria perder, dentro do Estado, toda a razão divina, toda a razão da Lei fundamental do desejante. Neste momento aí é que comparece a *significação íntima do trágico* – tenham dito o que quiseram Nietzsche, Freud, Lacan... –, a qual não é senão dizer que, para além das oposições vigentes no campo da sobredeterminação, há eternamente, indefectivelmente, o recurso à indeterminação radical do falante, à neutralização radical das oposições. E quem disto não se lembra é um imbecil, como Creonte.

Não vejo nada de feminino nem em Antígona, nem em Creonte. Certa vez, há alguns anos, escrevi um livrinho em que havia um conto que terminava fazendo alusão a uma personagem dessa tragédia, à qual não damos a menor bola, que é Ismênia, a irmãzinha de Antígona, a moçoila, que parece não feder nem cheirar, durante todo o texto. É a idiota, que Lacan denunciou ser a mulher, assim como o imbecil é o homem... Então, é preciso retomar essas coisas dentro da formulação quântica, pois, na medida em que se ousa dizer, na exasperação da função fálica, que não há nenhum Real que diga *não* a essa exasperação de querer mesmo passar para um outro lado, o não-todo que se funda é afirmativo. Pensando bem, um não-todo afirmativo da função-fálica me faz deixar numa situação um pouco difícil esse feminino que se encarrega de ir exasperadamente para o Não-Haver. Ele fica realmente – como Lacan mostrou no caso do feminino – cindido entre querer passar a Não-Haver na insistência de uma função-fálica, esquecendo que tem que retornar e manter perene – *tem* que, não tem saída –, mas insistindo nessa exasperação do ponto de vista de sua posição particular aqui e agora. Ou

seja, é a Virgem Maria subindo ao céu em carne e osso (como fizeram com Jesus Cristinho) ao feminizá-lo no fim da história.

Passar para o Céu radical – não o da Igreja, que é um céu maroto –, no sentido da radicalidade do Mais-Além freudiano, à paz definitiva, é extinguir-se aqui e agora. Ora, desejar, de dentro de uma particularidade, passar ao céu, só pode ser essa estrutura marota de querer passar ao céu *presente* a essa passagem – que é o que se fez no mito de ascensão em corpo e alma da Virgem Maria: ela vai inteirinha ao Não-Haver e continua lá pessoalmente, é o maior barato... Esta é, a meu ver, a posição mais clara do feminino: nessa transa que tem com a morte – não com a morte enquanto série, que é a transa de Antígona –, a morte enquanto prazer absoluto no meu estatuto de aqui e agora. É esta idiotia que Lacan percebeu não no fato de haver feminino, mas no fato da particularização de cada sujeito dentro do feminino, na medida em que A mulher não existe. Se existisse, existiria como Antígona, passava ao sexo do Não-Haver: A mulher é a Morte, é o sexo da morte, o sexo de Antígona depois da morte. Mas fingir que se passa para o lado da morte entrando em outra vida, inteirinha, é o tal do feminino, é a transa do místico. O místico não é tão idiota: sua transa no feminino é de *tomar* o lugar do Haver, não na sua particularidade, mas na sua singularidade absoluta e querer, enquanto Haver, sofrer essa passagem ao Não-Haver. O místico, e está escrito nos seus papéis, se identifica com Deus. Antes de querer passar ao Não-Haver, ele quer se esvaziar no seio do Outro. Ou seja, ele quer passar como singular, e não como particular, como é o caso do feminino banal de todo dia.

A pobrezinha da Ismênia é aquela doçura idiota. Antígona lhe diz: “Vou morrer por isso, assim, assim!” E ela vai e pergunta: “Você quer que eu vá contigo?” Antígona como que lhe diz: “Sai daí, você é uma mulherzinha” – e vai sozinha. E Ismênia some, desaparece da narrativa. Ela fica olhando assim no meio do palco e, de repente, some, não fede, nem cheira. Não dá para ela passar pelo trágico inteirinha: ela cai fora do esquema. É a filha mulher de Édipo...

*Le tic de la psychanalyse*

\* \* \*

Eu teria ainda coisas a falar sobre a presença heróica ou não de Antígona, a questão da culpa ou não-culpa...

Espero que vocês reflitam sobre tudo isto para me trazerem questões adequadas. Repensem para ver se funciona essa maquininha...

Término com a audição de  
*Sonho Impossível*, com Maria  
Bethânia.

07/ABR





### 3

## Le Tic De La Psychanalyse D'Eux

Antes de continuar o que comecei da vez anterior e não pude terminar, quero avisar que, partir do mês de maio, começarei a pôr em pleno exercício os direitos e deveres que me foram designados pelos últimos Estatutos do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, antes ainda que o crioulo doido, aproveitando o ano mulato de 88, consiga posturar-se na “mestria” desta instituição. Assim, aviso hoje que vou conduzir pessoalmente os Seminários da *Analítica*, e cada uma das Comissões (de Controle, de Garantia e de Alforria). Estarei aqui, então, todas as quintas-feiras: uma para o meu Seminário e outra para o Seminário da Analítica. A presença no Seminário da Analítica é solicitada a todos os Membros do Colégio e indispensável aos AMC (Analista Membro do Colégio) e aos AP (Analista Praticante).

\* \* \*

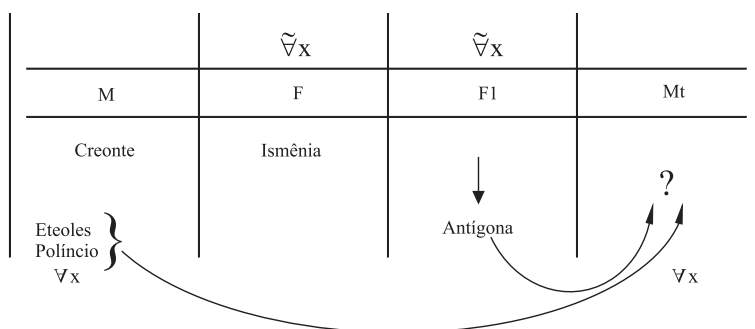
Na última parte do Seminário anterior, apontei duas questões ligadas à *sobredeterminação* dos falantes mesmo em seus atos. A primeira, quanto à posição sexual de Antígona. A segunda, sobre o problema da culpa, e conseqüentemente o problema do mérito nesse ato. Abordei um pouco a primeira parte e gostaria de retomá-la ainda por algum tempo antes de passar à segunda.

Eu lhes disse, que preferia colocar Creonte na posição masculina, Antígona na do Falanjo, e Ismênia na feminina. Disse ainda que Antígona, por seu ato, para garanti-lo, passaria da posição de Falanjo à da Morte. Ou seja, a posição desde onde Antígona toma a decisão que tomou diante de Creonte, de afirmação da sua falicidade, é uma posição terceira, e não feminina. E que, também, no que garante isto com sua morte, morte que ela própria vai consumir por ato volitivo, ela tenta brandir o quarto sexo para Creonte. Há, também, as figuras de Eteocles e Polínicio, os irmãos de Antígona, mortos em batalha, um a favor e outro contra as transas do titio. É de se supor que estes dois habitassem, antes das suas mortes, o masculino, que é onde se encontra esse universal inteiramente binário: regime de oposições. Um regime rígido de oposição conflituosa regido por um universal de castração me parece ser da ordem do protesto masculino, que é essa rivalidade inteiramente homossexual. Mas, uma vez mortos, perecidos eles passam à condição única de falantes. E é contra a distinção que Creonte quer estabelecer entre os merecedores e os não-merecedores de exéquias que Antígona se levanta, na medida em que a morte – ou seja, a suposta passagem deles ao quarto sexo – determina um universal superior ao universal do masculino.

Vamos ter, então, neste esquema, Eteocles e Polínicio *caindo* na Morte. Eles não *passam* para lá como Antígona. Pode-se, aliás, perguntar se há algum heroísmo na luta de prestígio que travaram. Observem que no Masculino e na Morte temos o regime do para-todo,  $\forall x$ , e no Feminino e no Falanjo, o regime do não-todo,  $\tilde{\forall} x$ . Quer me parecer que fica interessante escrever estas novas fórmulas na medida em que há esta distinção, sendo que o não-todo de um é completamente diferente do do outro, e o universal do masculino tem uma externalidade fundadora, chamada Nome do Pai, e o da morte não tem externalidade a ele mesmo senão o próprio Haver, uma vez que ele não há: todo  $x$  é não-função fálica e isto é riscado, mas lá supostamente se inscreve quem passou por algum momento simbólico que o designa como falecido. Este momento simbólico não é senão o chamado sepultamento, o passamento: o ritual do sepultamento que Antígona exigia contra o outro universal dos viventes.

### *Le tic de la psychanalyse d'eux*

Ela não pode exigir isto de dentro do masculino nem do feminino, e sim do Falanjo, do lugar onde se diz que há função fálica, a qual pode ser negada mas nunca inteiramente.



Esta negação sobre a função-fálica é uma negação algo paradoxal porque a afirmatividade da existência da função-fálica é a afirmação de uma função que designa desejo de morte, que não há.

Então, também a passagem para o quarto sexo fica numa posição inteiramente paradoxal porque não há a morte, e justo por isso, para ser inserida, ela precisa de um ritual qualquer. É necessário um ritual, sepultamento, sessão solene de declaração de defunção, porque não se acredita que haja a morte, mas há um perecimento reconhecível. Não é por menos que Salvador Dalí, antes ainda de passar pelo ritual, acaba de mandar produzir o seu túmulo, onde se escreve a seguinte frase: “Dali está morto, mas não todo”. Exatamente o que acontece com Antígona: está morta, mas não toda. Este não-todo ela tira não do lugar de morto, mas do Falanjo, do terceiro lugar. Tira tanto sua decisão de morrer, brandindo o Outro universal para o tal universal do Masculino, reduzindo o masculino universal de Creonte ao universal da morte, que não há, assim como tomando a decisão disto.

A posição de Antígona é diferente da relação farsante do feminino com a morte. O feminino está dizendo que “não existe nenhum que diga não à função fálica”. O para não-todo que sobrevém depende estritamente da

farsa que está nesta frase, porque é denegação. Não é possível dizer “não existe nenhum” sem ter de algum modo reconhecido que existe esse algum. Ou seja, nega-se uma existência que já se sacou. Então, quando, de dentro do gozo-do-Outro, o feminino faz o projeto de passar diretamente ao Não-Haver, há uma farsa porque, no fundo, reconhece muito proximamente a existência do ponto de reviramento, do ponto de onde se diz *não* a esta função, mas insiste em negar esse reconhecimento. Ou seja, esta frase não é possível sem estar negando sobre algo afirmativo. No que a lógica do feminino está negando isto, ela pode fingir que está no auge do impulso para a passagem ao Não-Haver, mas há no seu percurso algum reconhecimento denegado do ponto de Revirão.

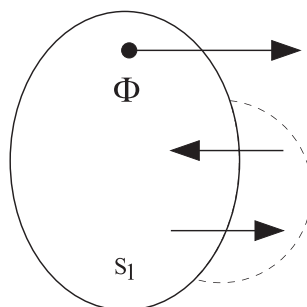
Isto, no lugar do Falanjo, é exasperado: dizer “existe função fálica, pode até ser negada, mas não por inteiro” é muito mais grave do que dizer “não existe nenhum”. Esse lugar, então, é muito mais próximo do reconhecimento da transa com a morte, da vontade de morrer. Aí a coisa é mais dramática, porque não há denegação. Antígona dá um salto dessa afirmação a um brandimento de um universal superior e inatingível, mas que assusta assim mesmo porque existe a ameaça de perecimento. E isto não é mera luta de prestígio, aparente luta de morte, não. Ela até se dá a própria morte, o próprio perecimento. É votar diretamente no universal impossível como fundador de universo. E, mais, votar no impossível – e não numa instância externa – como fundador da *singularidade* do Haver – ao passo que, no caso do feminino, é uma questão de *particularidade*. Visto, então, do ponto de vista dessa passagem, tomar a decisão no angélico, e comprovar esta decisão com a morte, é passar da vocação do Sentido dentro do campo à vocação do singular. É preciso ir buscar onde está o não-todo da morte de Antígona na sua razão angélica. Qual é a razão angélica de Antígona que diz que ela está morta, mas não-toda? Para quem? Para nós outros.

\* \* \*

Aí, tenho que passar à segunda questão que levantei da vez anterior: da *culpa* – e, conseqüentemente, do *mérito*.

Arrisquei, seguindo as pegadas de Freud, numa sobredeterminação irreduzível, inarredável, e disse mesmo que não devemos confundir nossa ignorância da determinação com alguma aleatoriedade que existisse eventualmente no campo do Haver. Isto fica muito radical. Para situar os movimentos, por exemplo, no sentido de um novo significante, ou um ato instaurador dentro do campo do falante, fui obrigado a pensar que um certo determinante, no campo da sobredeterminação, hiperdeterminado. Ou seja, alguma coisa se marca, está escrita, inscrita, no campo do falante, que é – ao contrário de outros, gnomos conhecidos – rememoração de Não-Haver, rememoração do desejo enquanto empuxo no sentido Não-Haver. E isto estaria inscrito de algum modo no campo do falante.

Vamos, então, por exemplo, instalar um falante com aquilo tudo que já sabemos: o tal de  $S_1$ ;  $\Phi$ , um significante que empuxa para fora, que é determinante hiperdeterminado dentro do campo; e vamos também escrever, como vocês gostam, o tal  $S(\text{A})$ . Quer dizer, na medida em que esse empuxo funciona, aparece o lugar inaugural, inaugurado a cada seu momento, por onde entra o significante, lugar onde fica o buraco, que, na verdade, é o buraco do falo, conjunto vazio radical.  $S(\text{A})$  é uma espécie de pisca-pisca da olhota do Outro, um esfínter.



Fica, então, a questão de se o que quer que aconteça para o falante – e sou mais radical: o que quer que aconteça no campo do Haver – é sobredeterminado, e não devo esconder minha ignorância com aposta em nenhuma aleatoriedade, como, então, vou dar conta do problema da culpa? Não no sentimento de culpa, porque qualquer neurótico tem sentimento de culpa sem culpa nenhuma, mesmo que não a tenha, mas da culpa mesmo, que Lacan imputa ao que abre mão do seu desejo. Como vou dar conta do problema do mérito para aqueles que não abram mão do seu desejo, e que, eventualmente, Lacan aponta como heróis?

Quem abre mão? Quem não abre mão? É muito fácil dizer que é o tal Sujeito, representado entre dois significantes. Mas se esta representação aí é de determinações, onde botar um mérito, onde botar uma culpa? A quem emprestar culpa? É uma questão que precisamos resolver de algum modo. Ou bem acredito no livre arbítrio do sujeito, pelo menos no nível de algum aleatório, de alguma chance, de *coup de dés* – ao que Freud simplesmente diz não: ele é renitente na determinação, na questão de que tudo é previamente determinado –, e nem por isso o só-depois deixa de funcionar. Minha ignorância da determinação me faz escandir a significação – não o Sentido – em fragmentos de significação que apreendo num deslizamento de série, de certo começo a um certo fim. Isto porque, gnomicamente instalado no seio do Haver, preciso escandir e dar uma significação. Se não, estou ferrado. Mas todo mundo sabe qual é a significação: é absolutamente nada. O sentido é absolutamente neutro. E um resto que é muito trabalho e confusão... Mas, enfim, como tentar explicar que, apesar da radical sobredeterminação, há culpa ou há mérito? Ou seja, por que a gente aplaude pessoas, levanta estátuas para muitos homens, ou, se não abomina certas figuras? Por que, se o pobrezinho não tinha culpa nenhuma, se estava ali fazendo o que lhe era determinado pela conjuntura determinante da sua existência? Dá para pensarmos isto? Suponho que sim, desde que se desloque definitivamente tanto a culpa quanto o mérito de uma independência suposta para o sujeito. Na verdade, esta suposta independência do sujeito não são senão carícias egóicas que as pessoas fazem a si mesmas. Se pensarmos

radicalmente, há méritos, há culpas, de quem? Em suma, estamos aí na IRONIA absoluta, que é a estrutura mesma do Revirão. Por exemplo, por que se poderia endereçar para certos sujeitos um valor para a sua mestria? A excelência de um determinado falante – que os gregos chamavam *Areté* – empresta algum valor especial àquela pessoa? A virtude de um sujeito, a quem atribuí-la?

Antígona é herói? Sim! Pela definição de Lacan, ela não abriu mão do seu desejo. Mas “Antígona” não é mais do que o *nome* de um evento heróico, e aquela senhora, aquela moça que vos fala, não tem mérito, nem culpa de coisa nenhuma. Estou dizendo isto porque nos esquecemos completamente de que Lacan insistia em dizer que “eu não falo, sou falado” – também ele acreditava na sobredeterminação. Se sou falado, qual é o mérito daquela pessoa chamada Antígona? Nenhum! Os egos de vocês estão feridos? Tragam esparadrapo, vamos fazer curativos... Sei que é muito chato dizer esse tipo de coisa, mas é assim. A gente *se* atribui – *se*, pessoalmente, reflexivo – mérito ou culpa na razão de uma certa ignorância, se não mesmo de uma certa imbecilidade... Antígona afirma o tal do seu, lá dela, desejo, que é um desejo absolutamente do Outro, como se sabe: desejo de que um falante tem que passar pelo ritual para ser considerado um falecente falante. Ela luta por isto, disse eu, de maneira sobredeterminada. Portanto, qualquer “escolha” que se ponha aí tem que ter as aspas do esquecimento da determinação. Estou falando aqui de radical sobredeterminação do que quer que aconteça. Radical determinação, e sobre o fato da confluência, síndrome, que é uma determinação.

Já expliquei, lá no meu *Pleroma*, que o Simbólico não é característica do falante. Tudo é simbólico. É Haver, maneiras de Haver. Quando falei em retorno *de* Freud, não estava brincando. Freud acreditava piamente em determinações outras que não da falação universal. Ele tinha a decência de falar em predisposições genéticas, ou de qualquer ordem física, etc., pois acontece que a massa de ignorância da sobredeterminação é enorme, e não é toda sobredeterminação, que não é estritamente de fala, que encontra lugar dentro da fala. Então, seja o que for, ainda que textualmente, ainda que sobredeterminada pela escrita de Sófocles, Antígona tinha que fazer o que fez.

Nem que seja no só-depois do final da peça, ela está determinada. Antígona só não vai fazer isto para quem nunca leu Sófocles – e aí eu estaria procurando uma sobredeterminação muito grave, da escrita. Mas estou é falando de toda massa de determinantes, que estão determinando alguma coisa de que o sujeito não se dá conta, com  $n$  confluências no tempo – há também o problema do tempo –, das quais não sei dar conta.

Minha questão hoje não é discutir a sobredeterminação, e sim, partindo do fato de que há sobredeterminação, se é que há, o que aqui determina a culpa ou o mérito? Minha questão é pegar, pela ética de Lacan, o tal sujeito que não abre mão de seu desejo, que é um herói, e o que abre mão do seu desejo, que é culpado, e perguntar: quem, como, se tudo está determinado? Acontece que dessa sobredeterminação, como disse, faz parte um determinante hiperdeterminado, que empuxa o sujeito – temos que tratar deste determinante depois – no movimento da neutralização de pelo menos um determinante. É um determinante hiperdeterminado porque é determinado pelo Não-Haver, pelo empuxo da própria libido. Ele é, no sentido lacaniano, o *significante de haver o movimento do Haver para o Não-Haver*. Então, ele faz esse empuxo. Mas se acredito na sobredeterminação, o que quer que aconteça, posso colocar na conta de que estava sobredeterminado. Por que, então, devo botar culpa ou mérito sobre uma pessoa?

Antígona não abriu mão do seu desejo, a troco de quê? Poderíamos dizer que para este “não abrir mão do seu desejo” ser um ato real radical, de verdade, seria preciso que fosse inteiramente gratuito. Em forma de gozo e gratuito. Mas o gozo que está aí escrito é gozo-do-Sentido, o qual não é gratuito, pois pretende fazer sentido. Poderíamos dizer, por exemplo, que Antígona faz isso a troco de glória. Se acompanharmos os acontecimentos da peça de Sófocles, veremos que Antígona tem um corpo, que é seu corpo, e que há condições de ela reconhecer nas falas do povo que a glória já lhe está designada, bastando, para isto, que ela cometesse o ato. A glória já está lá preparada para lhe ser servida. Ela está garantida porque percorre no seio do povo o seu projeto de glória e o reconhecimento da glória, se houver o ato, como garantia



de que seu ato não será em vão. Estou, então, querendo baratear todas as nossas fixações e fascinações espúrias dessa ordem. Na verdade, queiramos ou não, poderíamos tratar aí de uma prostituição universal, no sentido de que cada ato é feito na sobredeterminação e recebe uma paga, sempre recebe uma paga, não há nada de gratuito. Antígona estava sabendo que lhe bastava pagar esse alto preço para entrar na glória, por exemplo, de ser personagem de Sófocles e de estarmos até hoje que nem uns tolos conversando a respeito de Antígona. É a glória – glória que ela leu nos olhos e ouviu na fala do povo.

Não se trata aí de sobredeterminação no sentido da sobredeterminação prévia, que comparei, da vez anterior, ao filme já feito: já está feito, só que não o vi ainda. Há uma diferença. Podemos pensar em termos de sobredeterminação não aleatória, porque existe o tempo. E existe lá no começo da história do movimento do Haver essa coisa, que coloquei como talvez a única misteriosa, que é a quebra espontânea da simetria dos físicos. Então, há diferenças instalando, em associações extremamente longas, movimentos futuros de diferenciação por vias de explosão, que não estão predeterminadas de antemão, mas em que, a cada momento, há determinação. É o lugar onde se pode botar a tiquê de Lacan. Mesmo esta movimentação, tem-se que entendê-la como sobredeterminada. Mesmo a tiquê, tem-se que entender que há uma leitura para trás. É o conceito freudiano do só-depois: uma vez acontecido, se houvesse acesso a todas as determinações, veríamos que aquela tiquê foi determinada. Então, está-se no empuxo de uma quebra inicial de simetria, e vai-se nesse empuxo toda a vida. Isto tira a petulância de muita gente... Agora, o interessante da nossa vida é que ela é plena de ignorância; então, o filme fica parecendo sempre novo. Estou fazendo a apologia da nossa ignorância – mas não se tem que ficar ignorante: quanto mais se quiser ignorar a ignorância, será uma tolice porque seu avesso é maior do que ela mesma. Este é o brinquedo.

Continuo, então, perguntando: qual é a culpa, qual é o mérito, se tudo está sobredeterminado? É nada mais, nada menos, do que esse sujeito estar sobredeterminado, mas vigorando na possibilidade de recorrência ao determinante hiperdeterminado para neutralizar algum significante e retornar.

E isto não é um ato dele, pois também está determinado. É determinado pela conjuntura: acontecerá ou não. Ele está no seio de outros falantes com a mesma questão, aqui e ali determinados de outro modo naquele mesmo instante. Daí, toda ordem conflitiva das determinações, ela própria sendo determinante de outros acontecimentos, de somatórios. Acontece que o sujeito é instado, até pela presença de um outro, a recorrer a essa hiperdeterminação. Ele é instado, por exemplo, pela presença de um mestre, que não tem mérito nenhum em sê-lo: ele é mestre porque é mestre. Lacan como que dizia: “Vocês ficam com inveja de mim, bobagem!, porque isto *me* aconteceu, não posso fazer nada”. Ele poderia ter caído em outra: ser, por exemplo, marginal, etc. Este aí é o Lacan que sobrou do Outro determinado...

Entretanto, nesses empuxos para a hiperdeterminação, às vezes instados pela condição determinante mesmo, o conflito com outras regiões de determinação – sempre é assim: é a tal pressão do Outro –, qualquer sujeito acaba tendo possibilidade de vir a reconhecer que aonde se dê um ato, pode-se inscrever ali, como nome desse ato, a marcação da sede de um evento extremamente peculiar, que não é senão o *martírio*, o *testemunho* de um acontecimento no campo do Haver. O sujeito não empresta nada. Por exemplo, Antígona é o nome de um evento de martírio, de testemunho de que no campo do Haver é possível – porque é o campo do possível –, por sobredeterminação, acontecer um ato dessa natureza. Então, *não teve ninguém para abrir mão, nem deixar de abrir mão do desejo*, simplesmente porque aquele indivíduo, naquele momento histórico, na ignorância da sua determinação, tornou-se nomeadamente a sede desse evento. A gente aplaude ou abomina o evento por vias do seu suporte. É o festejo da fantasia. Quer dizer, na medida em que há análise, quero supor que se pode fazer a farsa do teatro dos acontecimentos, porém, cada vez mais, o sujeito precisa se dar conta de que o que ali se *co-memora* é um evento do Outro, e de que mesmo quando se põe o dito *culpado*, é lamentável, porque estou, através dele, indiciando uma inferioridade *minha*. Que força move as pessoas a aplaudirem veementemente um grande acontecimento artístico, por exemplo, senão o reconhecimento de que EU faz

essas coisas? Vê-se que *gente* – quer dizer, Isso que nós somos –, aqui e ali, faz. E ele é testemunho martirizado de que isto é possível.

O mártir é sempre um e não outro porque, certamente, um outro é exemplar de outra coisa. A gente é que não está notando que está cercado, a todo momento, de heroísmos e covardias. São as nossas relações com os momentos pregnantes de significação que nos deixam utilizar *juridicamente* certas pregnâncias para fazer juízos aqui e ali. A propósito, não se vá banalizar o processo, pois a sobredeterminação não é banalizante. Não preciso ficar angustiado pelo fato de ser sobredeterminado. Isto seria esquecer de que se é ignorante. Não sabemos de nossa sobredeterminação. Então, somos *dupes*. Se não sei, se ignoro a minha sobredeterminação, sou *pato* da determinação do Haver. No entanto, como falei da vez anterior, há uma verdadeira ascese (que Lacan disse ser do sujeito) que é uma ascese do falo. O falo, tratado com o devido respeito, ele sobe. Tratá-lo com o devido respeito é que, se há determinante hiperdeterminado, ou seja, se há estrutura no Haver que *impõe* um movimento desejante num sentido impossível, isto está lá funcionando como regime *necessário* de ascese fálica. Estou dizendo, então, que importa absolutamente a função de ignorância e, portanto, para não deixar alguns de vocês angustiadíssimos, não se pode de modo algum dizer que a aposta subjetiva, a pressa, etc., não sejam válidas. Eu aposto na ignorância da determinação.

Repetindo, a sobredeterminação está lá, radical e absoluta, porém temporalizada. Introduzi um elemento, que chamei de hiperdeterminado, porque faz parte da determinação um determinante que é, se vocês quiserem, na parte da representação, *Repräsentanz*, representante da determinação radical do movimento do Haver, que está na fantasia do Haver: Haver desejo de Não-Haver. Isto é empuxo suficiente para todos os ignorantes se movimentarem no sentido da ascese fálica. No que eles são empuxados pela sobredeterminação, instados pelos acontecimentos, dentro da sua ignorância, todos apostam – e *têm* que apostar – na excelência, mesmo que seja a excelência no crime – que não é pior nem melhor que a excelência da virtude... Uma aposta é absolutamente consciente, na ignorância do Inconsciente. Ela tem ecos sobre

o Inconsciente, que vão, eventualmente, mesmo funcionar como determinantes dentro da sua determinação. Estou exatamente querendo mostrar uma máquina de funcionamento para tirar a *paixão* por aquela imagem própria. A lógica intrínseca do processo me parece clara. Há um encontro que é misterioso – e que não serei eu a dar conta disto, e sim, talvez, os físicos –, porque há eventualmente quebra espontânea de simetria. Este é o meu ponto cego.

Vejam, pois, a que radicalidade de neutralização haveria de chegar uma cabeça psicanalítica – que, certamente, não são as nossas que são muito porcarias para comparar com isto. A que nível de neutralização deveria chegar uma mentalidade psicanalítica, de uma *verdadeira* – não aquela dos estóicos – *ataraxia*, que não é paralisação de espécie alguma – aliás, retificando, os estóicos também não pensavam bem assim –, e que é esta suspensão, *epoché*, no nível da indiferença. É claro que, depois, há que retornar ao cotidiano das diferenciações. Quer me parecer, então, que passar pelo discurso analítico é poder rir disso tudo.

Temo que a psicanálise – e tratarei disto melhor na sessão da Analítica –, em sendo medieval como é, esteja outra vez indo para o brejo, por diversas razões que exporei depois. E, além do mais, que venha servindo ultimamente de pedestal para essas coisas que pelo menos um Freud, um Lacan, tentaram de todo modo dissolver, pedestal de fascínio que vem do fato grave de desconexão entre o que acontece e o que se articula com falações. Ou seja – vamos ser simplórios –, da desconexão entre o que acontece e o que se articula delirantemente com falações. Isto não faz senão permitir que o fascínio fique solto para um lado e o delírio para outro. Há uma coisa chamada lacanismo que já é um perigo para a psicanálise. É preciso conseguir sobreviver ao tal “lacaniano”, que junta matemas, algoritmos e falações, sem exigir que nada tenha isto a ver com nenhum acontecimento.

Assim como há coisas graves, na própria história da psicanálise. Por exemplo, o fato lembrado por Lacan – e não deixado de ser lembrado por Freud – de que ou bem a psicanálise se re-diz por inteiro a cada passo, ou ela não é nada. Fazer borbulha no interno, não vai dar em lugar nenhum. A cada

momento é preciso que, em algum lugar, apareça alguém que tenha condições determinadas para re-fazer o percurso. A única coisa, então, que se faz de esquisito é apostar. De repente, quem está apostando aqui, sou eu. Esta é a pretensão que minha ignorância me permite. Estou fazendo isto num empuxo radicalmente determinado. Não quero confundir minha ignorância com meu saber. Só isto! Quer dizer, na eventualidade do teatro do aqui e agora, que tem começo, meio e fim, as coisas além de fazerem sentido, assumem certa significação sobre a qual colo determinados selos de heroísmo, de culpabilidade, etc. Mas não pode ser compatível com o percurso feito pelo pensamento psicanalítico o não-reconhecimento, a não-possibilidade de espanto diante dessas combinações, porque sabemos muito bem que é sem mérito e sem culpa. A nomeação de méritos e culpas é nomeação puramente testemunhal. E, para ser testemunha, como diz o nome, mártir, acaba que o cara paga por isso. Alguém paga por isso. Aliás, eu já disse que não esqueço da prostituição universal, pois há um preço. E preciso limpar a “área de coisas como por exemplo, o amor gratuito, o sentimento bem-intencionado... Não é nada disso. Eu quero o meu! A economia sempre zera no final. Este é o único valor, a única significação possível da palavra *Gelassenheit*. É o velho *Maktub*.

Ha duas coisas que fazem pressão: a ignorância e a hiperdeterminação. A hiperdeterminação determina no campo da determinação um determinante hiperdeterminado. Portanto, ele tem certa pregnância no campo da determinação. Mas, a propósito, qual seria a diferença pensada, se isto é verdadeiro, entre a prévia determinação, a prévia sobredeterminação, e o acontecido? Por que freud introduziu o chamado só-depois? O movimento é feito pela hiperdeterminação, mas no regime da ignorância, contando-se daqui, começo, até ali, final, temos uma utilização do só-depois no entendimento deste setor. Na verdade, então, se tenho uma determinação, uma sobredeterminação radical em nível supremo, a única diferença entre a predeterminação e o que se efetivou no acontecimento é a ignorância, mais nada. O único espaço de mobilidade é este, mais nenhum.

A psicanálise só serve para, no campo da nossa ignorância, tentar-se arcar com ela, com essa ignorância. Arcar reconhecendo-a como a motivadora mesmo da minha chance de aposta, porque sou hiperdeterminado no regime de fazer a aposta. Se vocês não raciocinarem deste modo, poderemos chegar à conclusão de que o neurótico, em análise, não anda para frente só porque lhe falta uma coisa. De repente, ele não anda para frente porque está extremamente determinado em outro valor que não no que você está apontando. É uma guerra, *pólemos*, de valores.

Aliás, não há outra subjetividade senão a ocorrência aqui e agora de uma certa determinação, a qual é determinada no regime do ternário. Só isto! Para além da destruição do ego, que Lacan prometeu, estou tentando a dissolução do sujeito – ao mesmo tempo que demonstrando que ele tem mais substancialidade do que se pensava. Lá naquele campo da minha ignorância, até posso repetir com Lacan que isso se representa de *significante* para *significante*, mas estou pedindo mais. E não estou sem padrinhos porque tanto Freud exige uma sobredeterminação muito mais radical quanto isto parece transparecer em Lacan quando ele diz: “eu não falo, sou falado” e “o desejo é de Outro”. E esta coisa está se perdendo. A meu ver, tinha que ser cada vez mais radicalizado no regime de reconhecimento de um campo de Haver extremamente singular e determinado. Isto não tira minhas emoções, minhas comoções, minha estupidez, minha ignorância. Se não, é o aparelho religioso tomando sobre a psicanálise de novo. Esta é a chamada *Hilflosigkeit*, derrelição, antes da *Gelassenheit*, do abandono. Esta derrelição é a do ignorante, que fica na angústia desse buraco enorme da sua ignorância, e votando em alguma coisa que venha a sanar isto. Por exemplo, um sujeito volitivo, querente, desejante por si, esteado no quê? No próprio sujeito lacaniano, é coisa que se representa de *significante* para *significante*, então, ele tem que ser determinado pelas cadeias. Quem é esse cara, esse substantivo; que diz: “Agora quero isto, agora quero aquilo?” Lacan já nos disse que é o Outro na sua plenitude sobredeterminante, por exemplo. Não estou inventando nada: só estou forçando a desertificação disso.

O campo de sobredeterminação é extremamente grande, extremamente amplo. Outro motivo de se cultivar os grandes nomes, além do martírio e da designação de um nome para um evento, é porque – sem mérito nenhum daquele feito, daquele grande ato –, acontecido na espontaneidade da sobredeterminação, faz ele mesmo a determinação do campo e, portanto, é por isso que a gente procura mestre, analista, etc. Porque se torna exemplar não de nenhum sujeito maravilhoso, mas de exemplo, de evento, o qual passa a ser, na história desse outrozinho, determinante, ainda que ele lá estivesse determinado a ser aquilo. Então, há uma ascese por imposição da estrutura. Busca-se um mestre, mesmo que seja para o crime.

Pela via da *Ética da Psicanálise*, quem é culpado? É aquele que abre mão do seu desejo. Estou dizendo que não há ninguém neste lugar. Só há um sujeito que, na ignorância e na limitação de um campo, designo como sendo o lugar desse evento. Então, o que é importante aí é que isso fica extremamente abstraído, em primeiro lugar, e, em segundo, que quando distribuo a culpa sou culpado dessa distribuição, e quando distribuo o aplauso, sou aplaudido pela mesma causa. É reflexivo. Neste regime é que é possível começar a pensar aquilo que chamei de amor excelso. É muito mais radical que o do Cristianismo, porque este tem um pai onipotente que zela por sua ética. Aqui, não temos. O Haver é assim, ponto! E muito mais radical.

A hiperdeterminação é um empuxo no sentido estrutural. Isto empuxa porque é assim. E, no roldão dessa determinação, há uma ascese constante, necessária, até a aproximação de uma morte que não virá. São nossos atos figurativos que nos deixam absolutamente atoleimados diante disso. Mas isso não impede que, na vida cotidiana, tenhamos movimentos, façamos cobranças, tenhamos rixas, culpa, porque essas coisas são regionalizadas. E só há possibilidade de abrandamento nessa regionalização sintomática, na medida do reconhecimento disto. Aí é que, por exemplo, as neuroses, os racismos, podem eventualmente se dissolver cada vez mais.

A propósito, meus caros, a paranóia não é psicose paranóica. Ela é o próprio movimento do Inconsciente na regionalização da ignorância. É, aliás,

um método excelente. Salvador Dalí viveu disso, ricamente... Lacan também viveu de paranóia... É o método do analista, afinal de contas. Como máquina, então, na medida em que ela vai se rarefazendo – continuando paranóia – isto é a única via de acesso a um abrandamento da patologia. Esta patologia certamente será superada pelo desaparecimento ali no ato. Não tem nada para pegar...

\* \* \*

Há, portanto, que se começar a pensar nesta abstração e nesta coisa desértica. Sem isto, não há vigor analítico.

A dificuldade para mim é naquilo que resta saber, que resta conjecturar: como abordar o Revirão enquanto inscrito na estrutura do falante. Ou há uma inscrição prévia do Revirão para cada falante no Haver e seu funcionamento é automático, apesar da eventual inércia de resistência, de defesa; ou há uma inscrição progressiva e parciária regionalizada sobre uma disponibilidade prévia, apesar também de inércia geral. Parecem a mesma coisa, mas são inteiramente diversas. Ou bem o Revirão funciona automaticamente porque lá está, ou bem há uma disponibilidade para isto, que vai instalando progressivamente e de maneira ascética esse Revirão. Esta questão não está recortada para mim.

28/ABR



## 4

# O Estalo Do Espelho

*Estalo*, no sentido do “estalo do Padre Vieira”. Ao mesmo tempo que é também uma *Spaltung*: um estalo produzido pela presença do espelho no texto famoso de Lacan *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu*, tal como esta se revela na experiência psicanalítica.

\* \* \*

Certa vez distribuí um texto chamado “A Reflexão”, que está publicado, p. 20 s., em *Ordem e Progresso*, cuja intenção era reconsiderar o *Estádio do Espelho*, procurando um outro lugar de centramento do processo especular. Vocês se lembram que Lacan situa, a partir de uma pesquisa de Henri Wallon, esse momento experimental e lógico como momento de instalação de uma matriz simbólica, talvez mesmo matriz do simbólico, na referência a uma imagem especular no que ali acontece como reconhecimento de posição de eu, como se fosse o lugar da matriz do que virá a ser o metafórico. Se é matriz do simbólico, certamente que é do processo metafórico enquanto, dizia eu nesse texto, uma verdadeira passagem do analógico ao metafórico.

Onde Lacan mais especialmente trata desse Estádio do Espelho é no texto *O Estádio do Espelho...* e, também, em *A Agressividade em Psicanálise*, onde desenvolve a questão da movimentação paranóide em função dessa alteridade que aí se cria. Gostaria de chamar atenção para o fato de que Lacan,

de passagem, como não querendo muita coisa com isso, destaca dois acontecimentos importantes ali nessa forma que se apresenta em alteridade para a criança. Primeiro, que essa forma lhe aparece num delírio de estatura que a coagula com referência a essa imagem do outro lado do espelho. E, segundo, sobre uma simetria que a inverte. Passa-se, me parece, muito rapidamente por cima dessa questão. Mais freqüentemente as pessoas se referem com veemência a essa coagulação, à estatura da imagem especular, e se esquecem da reversão, que é a outra vertente dessa composição.

A partir daí, chamei atenção no texto d'*A Reflexão* para que o importante, a meu ver, na medida mesmo em que a certeza do sujeito, quando Lacan trata de *cogito* cartesiano é colocada sobre o lugar da enunciação, é que o grande momento, mais do que o assentamento sobre a imagem especular coagulante do famigerado corpo despedaçado, que me parece da ordem perceptiva, o que talvez seja motivo de júbilo para a espécie é o fato de haver reconhecimento do processo reflexivo no nível geométrico, digamos assim, catóptrico, enquanto reconhecimento desse fenômeno como homológico ao que nela está inscrito, por razões de espécie, como catoptria interna. Ou seja, sem a menor consciência, porque isto não é necessário, o grande júbilo do Estádio do Espelho é esse *estalo* de sacar, para além da coagulação do corpo despedaçado, para além do assentamento daquela imagem do lado de cá, que aí está vazio, o fato da coincidência, da tiquê, do encontro da catoptria reconhecida visualmente no espelho com a catoptria interna da espécie. Ou seja, de que *eu* sou tão reflexivo quanto o espelho o é, coisa que certamente não comparece em outras espécies, por mais evoluídas que sejam.

O jogo que Lacan mostra, e Wallon também, entre a imagem e o lugar do observador, situando do lado de cá uma determinada figuração que não era reconhecível a não ser por essa visão do lado de lá, este jogo só tem término na medida em que é preciso que, do lado de cá, para essa espécie, haja uma máquina compatível com essa reflexão do espelho e, portanto, compatível com essa repetição. Por que cachorro, chimpanzé, etc., não fazem esse tipo de construção? Isto tem a ver com a catoptria essencial, que me parece bem mais

radical, bem mais ampla, do ponto de vista da estrutura do falante, estrutura cerebral, se quiserem, como Lacan chega a sugerir. É esse espelho interior que a fisiologia e a anatomia procuram. Quer me parecer que esse encontro com a razão catóptrica, situando a imagem do lado de cá, é fascinante e ao mesmo tempo pacificante. Há júbilo, na medida em que há encontro da catoptria reconhecida no espelho com a catoptria interior. Encontro que só é possível porque essa catoptria está disponível do lado de cá. Como não há catoptria, por exemplo, na estrutura perceptiva, ou coisa que o valha, do chimpanzé, por isso mesmo ele não reconhece tal colocação de imagem. Não está na sua espécie essa razão catóptrica. No humano, ao contrário, é bem possível, se há máquina catóptrica aqui e ali, que isso funcione e chegue a situar um eu sobre tal imagem. Isto porque a catoptria funciona dos dois lados, se não, não situaria.

Acho engraçado que nem Wallon nem Lacan tenham proposto isto. Elisabeth Roudinesco no segundo volume de sua *Histoire de la Psychanalyse en France*, p. 84-86, mostra de onde Lacan tirou isso ao resumir a comparação que Wallon fazia, em 1931 – portanto, mais ou menos contemporâneo da tese de Lacan sobre a *Psicose Paranóica* –, das reações dos animais com as das crianças na questão do espelho. Esse resumo de Elisabeth Roudinesco indica o Estádio do Espelho não como um momento cronológico, mas como uma série de ocorrências na criança, desde o berço, e que vão coalescendo para ela essa imagem até chegar o momento, para além de mero sorriso de reconhecimento, de uma compreensão total do fenômeno catóptrico, entre o que está do lado de cá e o que está do lado de lá.

O tal corpo despedaçado é perfeitamente compreensível na medida em que, se uma imagem não é reconhecida ainda como sendo o local figural por especularidade de algo que se passa do lado de cá, se existe essa função em exercício, talqualmente existe no chimpanzé, por exemplo, a própria observação do corpo supostamente próprio só pode ser despedaçado, porque não existe nenhuma possibilidade de um indivíduo biológico ver a compleição da sua própria imagem, a não ser por via especular. De um ponto de vista estritamente psicológico, da percepção, coisa dessa ordem, o corpo despedaçado

se refere estritamente a essa apreensão parciária do corpo por quem não vê a imagem por inteiro. Entendimento parciário que não deve interessar de modo algum a um outro animal não-falante na medida em que é provável, pelo que se tem pesquisado até agora, que ele, etologicamente, está disposto a aceitar isso como dado e a ser regulado pela relação ecossistêmica sem ter que situar-se reflexivamente enquanto posição de eu constante, uma vez que seu eu, dele, animal, seu ego, não resvala. Ele *é* aquilo, não precisa ter nem noção de si mesmo, nem consciência de si nem nada, porque *é* aquilo que funciona enquanto aquilo.

Ora, tenho testemunhos para provar que essa razão de reviramento, essa razão catóptrica, faz não só com que essa máquina que nos instala na fala nos conduza necessariamente a esse deslizamento constante, como também é a partir dessa própria máquina que reconhecemos essa imagem própria por via da mesma ordem que a instala: a ordem catóptrica.

\* \* \*

Mas estou chovendo no molhado: todo mundo está careca de saber isso.

Para mais do que a instalação de eu nesse lugar visualmente transcrito de lá para cá como figuração, o núcleo que me interessa no Estádio do Espelho – e que, a meu ver, não foi apontado com a veemência necessária – é justamente o encontro de uma catoptria com outra, e o grande júbilo é esse reconhecimento da máquina reflexiva: reconhecimento de si-mesmo no ato reflexivo que há, propiciado pela reflexibilidade do próprio espelho. Isto assim colocado abstrai um pouco e tem interesses no sentido do que possamos encaixar sobre a estrutura do Revirão, do Esquema Delta, e também de aproximar achados mais recentes da fisiologia do sistema nervoso central, da sua anatomia, dos seus modos de funcionamento, etc., que podem nos propiciar fixar uma visão, dentro de algum tempo, de como funcionaria essa catoptria. Estou tentando fazer uma conjectura, que será achada ou não mediante o que

### *O estalo do espelho*

esses pesquisadores me apresentam, no sentido de ampliar a noção de significante, de linguagem, etc., e chegar a uma distinção mais abstrata do que se faz, por exemplo, na CLÍNICA.

Esse estalo, esse saque, da catoptria deve ter a ver – se a máquina da linguagem, conforme propus em vários Seminários, depende dessa função catóptrica – com o processo de instalação da linguagem enquanto tal. Instalação que possa ser também da ordem do Sujeito enquanto tal. Não quer me parecer que seja necessária nenhuma posição subjetiva, no sentido humano, para se ter acesso a certo utilitarismo sýgnico, como no caso dos animais, que certamente têm esboços, começos, arremedos, pelo menos, de função sýgnica, embora não de função significante.

Como, então, poderíamos conjecturar, nesses moldes do estalo do espelho, a emergência, o começo mesmo da linguagem para um ser humano, linguagem do falante? Uma coisa que caiu de moda com o estruturalismo, o qual procura ver como funciona a estrutura sem se interessar por essa gênese do processo. Acho que estamos, outra vez, no pós-estruturalismo, de retorno a certo interesse por essas questões da emergência. Mesmo porque sem essa questão da emergência não podemos pensar de modo algum na produção artificiosa desse mecanismo. A prova simples de estrutura talvez não seja mais suficiente para desenhar o artifício.

Existe um autor chamado René Thom, criador de uma teoria paramatemática, chamada teoria das catástrofes, que tem tido hoje uma aplicação ampla nos mais diversos setores da tecnologia, das ciências, etc. Grosseiramente dizendo, a teoria das catástrofes é uma abordagem matematizante dos processos vitais sociais, lingüísticos, físicos, de engenharia, etc., no sentido de descrever vários fenômenos matematicamente e encontrar os pontos de clivagem ou de inflexão das curvas matemáticas que desenhavam esses momentos de ruptura ou de inflexão topológica que ele chama de pontos catastróficos. Como uma coisa passa por isso ou aquilo, como determinado fenômeno chega a seu vértice de funcionalidade e decai em outra coisa, ou salta para outra variável? Coisas dessa ordem... Tenho aqui o texto de uma

entrevista dele, que me parece ter sido feita na Itália, e publicada em francês com o título de *Paraboles et Catastrophes*, pela Flammarion, em 1980. Há uma edição portuguesa, também... Mas o interessante é que, p. 153s., ele se aventura numa imaginação do processo de aquisição de linguagem e faz uma sugestão bastante interessante de que o processo de origem da linguagem é o que permite que se possa desengatar, barrar, o poder de fascinação das formas externas, graças à construção de conceitos. Em outro lugar, chega a dizer que o fato de certas catástrofes não chegarem a ser nomeadas provoca uma grande fascinação sobre o psiquismo. Esta frase dá impressão de algo freudiano, ou lacaniano: o fato de algo não ser simbolizado se torna sintomaticamente muito pesado, muito prenhe, muito fascinante.

Mas o que será barrar a fascinação de um momento catastrófico – chamemos de momento extremamente prenhe – pela construção de um conceito? A coisa pode parecer tola, ele chega a afirmar que acredita que a noção de significante, que define como uma forma portadora de sentido, já existe entre os animais. Eu acho que o que existe é o signo. Diz ele, p. 155: “Dir-se-ia, portanto, que a prenhe biológica” – uma formação etológica lá no animal – “tende a contaminar por contigüidade espaço-temporal as formas ‘salientes’, que, por sua vez, poderão induzir por continuidade formas indutoras secundárias”. Ele está falando de maneira bem abstrata. “Deve-se ver, portanto, a prenhe biológica como fluido erosivo, que se insinua no campo fenomenal das formas vívidas (as formas salientes) segundo dois processos claros: *contágio por continuidade*, *contágio por similaridade*” – aí se situa Jakobson e sua lingüística. “Mas colocarei” – continua ele, p. 156 – “como hipótese geral que todo sistema cultural de inteligibilidade é construído à maneira de uma prenhe animal, por uma sucessão de contágios por continuidade e contágios por similaridade”. Mais abaixo: “...a bioquímica pode muito bem codificar uma prenhe devida como uma pulsão em relação a formas-fonte”. Pulsão aqui, para ele, é no sentido de impulso. Em suma, vemos a constituição da linguagem humana como resultado da explosão das grandes prenhe biológicas sobre uma continuidade de formas induzidas pela aprendizagem social. Essas formas

induzidas são as formas fônicas das palavras emitidas e compreendidas. Essa hipótese montada assim meio em cima da perna, de René Thom, encontra esteio na pesquisa a respeito da estrutura cerebral – suponho que sim.

Eu gostaria, agora, de retomar o que já comecei a falar numa intervenção em nosso último Mutirão de Psicanálise\*. Vocês certamente conhecem Jean-Pierre Changeux, que participou em 1979 de uma entrevista com o pessoal lacaniano da revista *Ornicar?*, e que, a partir dessa entrevista, escreveu um livro intitulado *L'Homme Neuronal*. Recomendo que o leiam, é da editora Fayard, publicado em 1983. Como especialista do sistema nervoso central, ele faz uma grande distinção do que há na atualidade a respeito dessas estruturas. Há, também, o famoso texto escrito por Karl Popper e John C. Eccles, este especialista em sistema nervoso central, *The Self and its Brain*, da Springer International, Londres, 1981. Existe em português um livro chamado *O Cérebro Consciente*, editora Alfa-Ômega, SP, de um inglês chamado Steven Rose. Sua edição original é de 1973, e foi publicado aqui em 1984.

Jean-Pierre Changeux apresenta a construção dos seus “objetos mentais” no capítulo 5 que tem este título. Depois de mostrar uma constituição extremamente refinada em “teias de aranha” dessa estrutura neurônica do córtex cerebral, com uma frequência extremamente alta desses neurônios, da ordem de  $10^8$ , se não me engano, por centímetro, ele apresenta essa estrutura cerebral, essa estrutura cortical, como sendo ela própria capaz de repetir esquemas da ordem do percebido: o sensorio passando ao perceptivo por meio de esquemas que são acompanhados freqüentemente sobre a estrutura do córtex como se, por exemplo, a visão de um determinado objeto e sua rotação no espaço tivessem condições de ser acompanhadas – ele não diz isso, mas é a imagem que faço de sua explicação. É como aquelas figurinhas que se tem hoje nas capas de livro, nos chaveiros, que se mexem porque têm pontos sequenciais de fotografia, permitindo que com certa angulação se veja ou não a imagem. Então, ele diz que o mesmo objeto percebido pode ser memorizado diversas vezes em seqüências diferentes

---

\*. Ver Anexo: *Lugar do Analista & Fantasia*, adiante.

muito próximas, com sua figuração esquematizada sobre a superfície cortical, e que isto se passaria como razão espacial acoplada sobre a estrutura cerebral. Mas o mais importante disso tudo é a noção de engramas e de verdadeiros gráficos, de mosaicos constitutivos, esquemáticos, dos fatos perceptivos, dos fatos de memória, que resultam, em última instância – aí é que nos interessa – em verdadeiro processo de esquematização do percebido pela estrutura cerebral.

Então, acoplando essas coisas – o Estádio do Espelho de Lacan, as pesquisas de Wallon, a sugestão de René Thom sobre a formação da linguagem, os estudos que revelam essa construção engramática de Changeux –, vamos tentar situar uma possibilidade de Revirão e de entrada nessa estrutura da linguagem.

Aliás, uma coisa que está perfeitamente reconhecida pela fisiologia cerebral de hoje é que, às vezes, intensidade pode ser complexidade. Quando lancei a idéia de Revirão, sugeri que isto se devesse talvez a uma extrema complexificação da estrutura biológica, cerebral, especialmente no falante. Não podemos esquecer que, além de uma complexidade extremada, por comparatividade com o cérebro do chimpanzé, o do falante é de um vulto, de um escopo extremamente maior, se não de estrutura diversa. O que significa uma complexificação em alto grau porque não só a quantidade de neurônios disponíveis por  $\text{cm}^2$  é astronômica, como dentro do corpo caloso todas as fiações, as conexões possíveis, fazem a multiplicação desse 10 elevado a qualquer coisa por 10 elevado a qualquer outra coisa... Quer dizer, a quantidade de memorizações que a gente faz, de movimento cerebral, e que pratica durante uma vida não deve consumir nem um décimo das possibilidades dessa máquina extremamente complexa. Portanto, não é de se assustar que isso tenha registro demarcado sobre a estrutura material do cérebro e com suas múltiplas conexões. Precisamos entrar nessa hora porque me interessa, do ponto de vista da contemporaneidade pensante, e também porque o nosso próximo congresso d'A Causa Freudiana do Brasil, em São Paulo, aproxima essas áreas, que têm freqüentemente notícias novas, recentes: da psiquiatria, da psicologia. E devemos aproximar isso para podermos dar conta.



## *O estalo do espelho*

\* \* \*

Parto da hipótese de que, no Estádio do Espelho, há reconhecimento da imagem própria, a qual é trazida para cá, colocada sobre e referida ao corpo próprio, e só aí, em função disto, vai haver esse sujeito. E que há centralmente esse encontro de duas máquinas catóptricas, sendo que, a meu ver, a catoptria do espelho é mais simplória do que a catoptria cerebral, mais simplória também do que a catoptria do Haver. A catoptria especular é uma catoptria que põe uma reversão muito simples, na mesma posição quase, apenas um avessinho ligeiro. Mas há avessos muito mais complicados. Há, por exemplo, o avesso de claro para escuro, de matéria para anti-matéria, de positivo para negativo. Em termos materiais, mais generalizados, a máquina cerebral me parece compatível com uma catoptria, um avessamento, muito radical.

Por outro lado, somos, por herança determinada, animais próximos aos símios. Devemos, suponho, ter determinações muito fortes mesmo no campo etológico. É possível que Freud não tenha encontrado, por exemplo, negatividade, temporalidade cronológica, marcação sexual, no Inconsciente onde essa catoptria já funciona e, portanto, onde há deslizamento perene. No entanto, quero acreditar que não é de se deixar de levar em conta uma série de dados que devem ser inatos à espécie, talvez uma série bastante grande.

Voltando ao Estádio do Espelho, sabemos do jogo de reconhecimento do outro, o qual, estando lá, propicia que a criança veja duas imagens por completo. É mais fácil assim reconhecer que esta imagem corresponde àquela, esta de cá, que é despedaçada, e que nunca fora reconhecida na sua integridade figural. Então, quando Lacan diz, repetindo Rimbaud, “*je est un autre*”, da imagem que está do outro lado do espelho, é justamente porque, por via direta, não há como apreendê-la, só há por via reflexiva. Mas como será que essa imagem é trazida de lá para cá para que se possa constituir sua figuração? Quero supor que, do ponto de vista de constituição perceptiva de imagem, é aquela lá do espelho que figuro como eu-ideal para minha história. Lacan chega mesmo a sugerir que é sobre a pregnância, sobre a fascinação dessa imagem

que se faz uma espécie de constante da eu-dade de cada um. Quer dizer, o sujeito é mais constante na referência a esse momento do Estádio do Espelho em que esse esquema simbólico, essa matriz, de reconhecimento da imagem, trazido da imagem para cá, se torna uma constante figural.

Acredito que isto possa funcionar assim do ponto de vista da minha configuração, da idéia que faço de um eu idealizado, de um eu-ideal, mas ainda insisto que, talvez, a constância de posição subjetiva se dê na repetição dessa instância catóptrica para eu-mesmo. No que essa catoptria continua funcionando como tal, ela é a repetição que me dá a noção de eu ser um sujeito constante. E que aquela figuração me dá idéia de eu ser alguém, e não um sujeito constante: “Vou fazer uma certa figuração, uma certa imagem para mim!” Mas, no que diz respeito à posição de um sujeito extremamente abstraído, embora constante, o que interessa é, talvez, essa máquina catóptrica funcionando e reconhecidamente fazendo repetições no seu funcionamento e, porque reflexiva, capaz de refletir-se a si mesma. De onde, talvez, venha a possibilidade da chamada consciência-de-si dos filósofos, que não deve ser senão a capacidade reflexiva da reflexão sobre si mesma: a catoptria sobre a catoptria - mas estou falando muito genericamente...

Por outro lado, temos esse momento de instalação dessa eu-dade imaginária, de funcionamento de uma matriz simbólica sobre a qual vão se montar esses esquemas. Como será, se a coisa passa de imaginário a simbólico, no sentido lacaniano? Lacan se sai muito bem desta questão. A criança passa por tudo isso, tem essa matriz e sobre a qual é instalado o que vem da ordem do Outro, da ordem social, como língua, como fala, como significante que vai sendo ali deposto. Mas, em algum momento, isto teve que começar a aparecer na história da humanidade, digamos assim, mesmo na história individual de cada um. Como isto teria emergência possível? Quer me parecer que o reconhecimento da imagem – e já tratei disso no texto sobre *A Reflexão* – é fácil do ponto de vista da imagem de qualquer objeto, qualquer figura, inclusive figura humana que, diante do espelho, se reconhece como essa imagem, se reflete, ainda que avessamente do outro lado e tem possibilidade de comparação,

de pontuação biunívoca entre esses dois objetos, essas duas imagens. É, então, reconhecimento de que há catoptria aí.

Mas como será que há catoptria do lado de cá? É claro que posso fazer analogia na medida em que o outro me trata como semelhante, ou que a reflexão ambiental do espelho parece refletir tudo o que se coloca diante dele. Então, há um momento em que a criança começa a fazer movimentos e a tentar controlar se o movimento que acontece do outro lado do espelho corresponderia a movimentos pelos quais está passando. Isto já é catoptria suficiente para situar aquela imagem como correspondendo ao que acontece do lado de cá. Até aí, tudo bem, estamos com Henri Wallon e Jacques Lacan... Mas, repito, como isto passa a ser matriz simbólica? Quer me parecer que essa fascinação também trata, como diz René Thom, das formas salientes que interessam à espécie. Assim como ao pombo de Lorenz interessa a visão de um outro da sua espécie para o desenvolvimento gonádico (aquilo é uma máquina, funciona por si mesma) quero supor que nós também tenhamos uma série enorme de dados binários. Não vamos confundir a prematuração e a aparente incompetência generalizada do bebê com falta de dados inatos. Há dados inatos na ordem corporal e, talvez, podemos imaginar uma série de dados inatos na ordem etológica mesmo antes de o bebê se interessar pela imagem da espécie, etc., mas que vem com certo desenvolvimento retardatário em função dessa prematuração, em função da falta de mielinização dos cabos de transmissão, etc., e a coisa fica meio parada. Mas, na medida em que isso vai amadurecendo, quero supor que há para cada indivíduo da espécie, e que deve ter havido para a espécie inteira na sua história, antes ainda de se acumular, do lado de cá, um arquivo de artifícios muito grande, uma pletora. Suponho até que, se a máquina é tão complexa, essa pletora de dados inatos seja mesmo superior à de um símio.

Mas, então, por que isso não aparece funcionando? Acho que aparece, sim. Tanto aparece que se o sujeito largar da sua espécie, de modo ocasional, acaba funcionando. É o caso dos meninos-lobo, desses raros exemplares que foram observados e que entram num jogo de assimilação de

comportamento da espécie dentro da qual possam ter sobrevivido. Sem certo embasamento de formações inatas, ele não teria *pega* nem mesmo para fazer o processo de (não diria imitação, porque é coisa mais complicada, mas) adequação de dados inatos de sua espécie a dados inatos etológicos de outra espécie. Sem um certo embasamento que lá esteja, já que não foi por via significativa no sentido de língua, etc., de os comportamentos entrarem, ele situa um embasamento qualquer de disponibilidade funcional em nível genético, ou seja, de dados inatos.

\* \* \*

O que acontece, então, nesta nossa espécie e que não acontece com as outras, de maneira que o sujeito tenha substituído essas pregnâncias imaginárias, compatíveis com os dados inatos da sua formação etológica, pela artificialidade da língua, do significativo transposto – de maneira radicalmente arbitrária, menos específica – para uma outra massa de coordenação no campo do sígnico? Não esquecer que, para além da antropologia estrutural, cultural, os antropólogos físicos têm razão em reconhecer que há, na nossa espécie, uma singularidade completamente diferente das outras. Há aparelhos anatômicos ligados – como a fisiologia e a anatomia cerebrais, hoje, demonstram – em sistemas de fiação extremamente complexos em áreas específicas, da mão, da fonação, da boca, etc., que não se encontram desse modo em outras espécies. Há uma riqueza de possibilidades *técnicas* da anatomia, e não só uma conformação anatômica de articular movimentos de tal e tal ordem. Há uma fiação profusa que ocupa áreas extremamente grandes comparativamente com outras áreas mais restritas. Quer dizer, a computação dessas áreas é extremamente delicada, de uma delicadeza compatível com a delicadeza das possibilidades técnicas da mão, da fala, etc. Não se pode deixar, então, de levar em conta que, afinal, há uma máquina competente para isso. E, também, não se pode deixar de levar em conta que esses engramas, esses gráficos mosaicais, devem ser extremamente mais ricos nessa espécie, e com uma

combinatória de fiação extremamente mais complicada do que num cérebro menos privilegiado.

A criança, diante do espelho, certamente por via perceptiva, pode traduzir em termos *discretos*, é o caso de se dizer porque os anatomistas cerebrais demonstram que há uma verdadeira explosão – do ponto de vista topográfico, lógico-topográfico mesmo – de determinada percepção. Não é como na máquina fotográfica na qual a imagem se transpõe por via de lente na sua homotetia figural para dentro da película do filme, e sim que aquilo é discretamente inscrito. Hoje, mais do que no tempo de Freud, ou mesmo o de Lacan, dá para entender perfeitamente o que é uma impressão visual, uma impressão sonora, por via digital, que pode fracionar a imagem ou o som absolutamente e, no entanto, a fiação recompô-las imediatamente. Não é difícil para nós, porque encontramos analogias bem simples na tecnologia contemporânea. Mas a criança, então, vê lá essa imagem, e esta se compõe – certamente, de modo discreto, digital – para a sua ordem cerebral. Como é que, na ordem cerebral (vamos parar com essa história de ordem cerebral), seja lá onde for, na ordem de inscrição, nas *Bejahungen* perceptivas, isso lá se inscreve? Deve inscrever-se, evidentemente, de modo *transcritor*. Não se escreve como imagem ou como som diretos, etc., mas determinadas marcas, traços, como dizia Freud, mnêmicos, traços perceptivos, que são nada mais nada menos que operatividade espontânea do aparelho nervoso de traduzir coisas que, na verdade, são meras estimulações externas ao órgão: intensidades de luz, de vibração sonora, etc. Estimulações que, para nós aparecem no nível do imaginário como imagens extremamente delicadas, precisas, mas que são certamente traduzidas em esquemas discretos de inscrição.

Se, por exemplo, acompanharmos o movimento inscridor na pré-história – antes ainda que as coisas tivessem se refinado ao ponto da fotografia contemporânea ou mesmo da pintura renascentista, com a descoberta da perspectiva exata e da coloração de pigmentos tratados em óleo, etc. –, do Renascimento para trás, veremos que há um processo de esquematização crescente. Não que a esquematização seja crescente, e sim, como quer me

parecer, que é extremamente esquemático de começo, que é esquemática a representação visual e que ela vai se enriquecendo pela sobredeterminação de esquemas cada vez mais delicados. Houve uma época em que havia guerra de artistas e críticos modernos com os acadêmicos, etc., e se fazia a suposição de que não havia, por exemplo, nenhuma falta de competência por parte do homem da pré-história em ter, eventualmente, feito a Mona Lisa, que era outra forma de representação, etc. Quero, ao contrário, supor que, assim como acontece na observação de crianças lidando com as artes plásticas – coisa que já pratiquei bastante, e sobre a qual há muita coisa publicada –, começa-se por esquematizações extremamente simplistas. Até uma criança muito pequena, antes ainda de desenhar qualquer figura, qualquer coisa, esquematiza simplesmente movimentos para lá, para cá, de lá para cá, de cá para lá –, que chamamos de garatujas. Se acompanharmos os movimentos do garatujar das crianças, veremos que são, na verdade, esquemas de movimentos. Essas coisas vão se coalescendo e tomando pregnância nesse desenho infantil como o foi no homem da pré-história. Aliás, existe uma longa pesquisa de André Leroi-Gourhan, antropólogo francês que era diretor do Museu do Homem, onde estão justamente as pinturas rupestres colecionadas e divididas. Mas, tanto do ponto de vista do grafismo infantil, como do pré-histórico, começa-se pelo esquema, pela esquematização. E é pelo enriquecimento de esquemas sobre esquemas que se vai chegar, por exemplo, à pintura hiper-realista, à concepção da fotografia como granulação, podendo registrar detalhes cada vez menores. Mas se, por exemplo, pedimos a alguém para desenhar um homem o sujeito faz aquele bonequinho, acaba num esquema.

É preciso, pois, que se coloque cada vez mais neurônios em função para subdividir o percebido em pequenas sinalizações até chegar a detalhes muito pequenos, e isto vai estar na ordem de representação *total* da espécie: representação da escrita, do desenho, do verbal, da arquitetônica, etc. Começa-se por pequenos esquemas imitativos para se chegar, depois, ao refinamento de se imaginar até o *Golem*, de se reconstruir a espécie por via artificial. E, também, à produção de coisas que não são oferecidas pela natureza – ao

avião, já que não se pode viajar dentro do pássaro, etc. – com processos cada vez mais refinados e complexificados de representação.

Então, vamos retomar essa criancinha, ou a infância da humanidade, no seu Estádio do Espelho e pensar que, além do reconhecimento nítido da catoptria, a passagem daquela imagem que está do lado de lá para o lado de cá depende de um fascínio, o qual deve estar inscrito inatamente para a espécie, como vemos inscrito nos animais inferiores – por que, então, não estaria em nós, que somos bem mais precisos? O fascínio pela figuração da espécie, o reconhecimento espacial da projeção da imagem do outro, mas, também, mediante o encontro dessa razão catóptrica do espelho com a razão catóptrica da minha estrutura cerebral, por exemplo, a função quiasmática, imediata, que está tão bem articulada no texto de Merleau-Ponty sobre *O Visível e o Invisível*, que Lacan cita. Essa “reversão em dedo de luva” que vai fazer com que a catoptria, no que funciona, crie essa razão quiasmática. Então, o que é trazido de lá para cá? Acompanhando essa escrita de Wallon, a sequência do que a criança faz diante do espelho, vê-se que ela vai esquematizando sempre. São funções perceptivas, mas que, na ordem da inscrição cerebral, se dão por esquemas. É mediante esquemas de movimento, pequenos esquemas de figurações, que isso vai sendo composto. De repente, há o reconhecimento de que o que está do lado de cá só pode ser aquilo que está do lado de lá. Mas aquilo o quê? Que nível de imagem é construído do outro lado do espelho?

Nós somos adultos acostumados a ter um refinamento perceptivo cada vez mais acentuado – pela cultura, pelos artifícios sobrepostos da arte e das ciências, etc. –, de maneira a termos uma distinção cada vez mais detalhada das figuras e dos corpos. A funcionalidade tão complexa que se vê, por exemplo, em todo o movimento da pata estudada por Lorenz, que vai fazer aquela coisa toda que antigamente se pensava que era um belo instinto materno, ou de reprodução, que vai sentar em cima dos ovos e chocar, é só por causa de duas ou três pintinhas que lá estão sobre a superfície. Quer dizer, o esquema é extremamente pequeno. No entanto, fico me perguntando se o que essa criança de Wallon traz para cá não é a correspondência entre

o esquema da figura percebida, talqualmente isso se esquematiza por traços na construção perceptiva, em comparação com outros esquemas de movimentos de figuração de outros objetos, etc. Então, talvez, essa descoberta a respeito da estrutura cerebral nos dê a indicação de que antes ainda de complexificar com extrema riqueza a nossa percepção na sobreposição, porque é esta que a gente traz, os estudiosos do córtex cerebral nos mostram que são camadas e camadas de elementos de consumo esquemático que vão enriquecendo a figura, talqualmente, por exemplo, uma série de fotolitos na reprodução de uma figura, na arte da imprensa. Se vou sobrepondo fotolitos de diversas cores, com diversos detalhes, terei uma imagem extremamente rica de determinado objeto. Ao passo que, na medida em que a técnica seja menos complexa, terei uma imagem, uma fotografia, mais ou menos esquemática de determinado objeto. O processo sendo cumulativo.

Parece, então, que funciona do mesmo modo a sobreposição de traços e traços na ordem cerebral. Basta conversarmos com um artista plástico de vigor para ficarmos atônitos quando ele disser, por exemplo, estar reconhecendo uma gama longa de amarelos em determinado quadro, ou de outra cor, e nós não nos damos conta. Isto existe mesmo para nós adultos. Conheço o chamado Eduardo Sued, um grande pintor brasileiro, que bota dez amarelos iguais para nós e diz que são todos diferentes. Ele chega a ficar irritado por sermos tão boçais que não percebemos que são dez amarelos. É o mesmo amarelo que ele pintou. O mesmo para mim. Ele, os pintou diferentes. Que sobreposição, que riqueza esquemática não há, também, na questão do auditivo? Tome-se um músico refinado, capaz de perfeitamente distinguir detalhes impressionantes da regência de uma orquestra sinfônica, que passam completamente despercebidos de outrem. Isto só pode ser por acumulação, complexificação, de uma observação, pelo enriquecimento de esquemas, esquematização cada vez mais refinada, por uma peneira cada vez mais refinada, do perceptivo.

\* \* \*

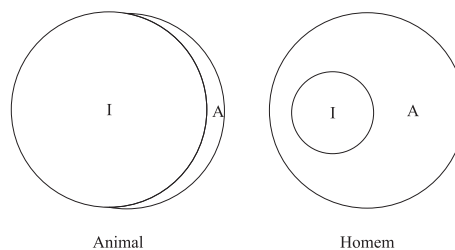


Podemos, então, conjecturar, pelo menos até prova definitiva, que o que essa criança do Estádio do Espelho faz não é outra coisa senão aplicar de maneira catóptrica, ou seja, em quiasmos, o que é esquemático do lado de lá para ela, com os esquemas que monta em colcha de retalhos do lado de cá. E, mais ainda, que a razão de inscrição é estritamente esquemática na sua marca corporal, na sua ordem cerebral.

Se pensarmos que o que é da ordem do perceptivo só se estabelece, só se inscreve, esquematicamente na sua região de inscrição – o córtex cerebral, certamente – apesar de todos os dados inatos, podemos perfeitamente imaginar que não fica muito difícil fazer a suposição de que a transposição de um esquema perceptivo... Aliás, Jean-Pierre Changeux diz mesmo que o conceito emerge a partir da imagem. Quando fala dos tais objetos mentais, ele diz que estes se dão dentro dessa inscrição cerebral como esquemas, como engramas cerebrais, e que há uma verdadeira podagem até mesmo desses gráficos, uma esquematização cada vez maior, perda de nitidez, etc. E que o que a gente pensa que é o conceito não é senão essa construção perceptiva enfraquecida, quer dizer, é o percepto enfraquecido na sua riqueza. É o ocultamento da passagem de imagens muito concretas para a abstração dos conceitos. Do ponto de vista da estrutura cerebral, então, Changeux mostra que as coisas já são escritas de maneira discreta, esquemática. Além do mais, esses esquemas perdem nitidez como se a estrutura cerebral tivesse a competência de ainda fazer uma limpeza de elementos que não interessam muito para se guardar determinados esquemas essenciais. Esse esquema podado, enfraquecido, essencializado, é o que serve como fundamento do que se pode chamar de *conceito*.

Se tomarmos, por exemplo, em termos saussurianos, o significante como imagem acústica e um certo conceito, por que não imaginar que em termos de cerebralização sejam pequenos esquemas de direção? Além de ter essa esquematização enfraquecida das imagens, continua Changeux, há também para a espécie humana essa riqueza imensa da área associativa

do cérebro, da parte do corpo caloso, com todas as estruturas de ação que fazem ao mesmo tempo, imediatamente, uma explosão dessa esquemática e a insere comparativamente com outros esquemas da mesma ordem, semelhantes. Aquilo é, então, explodido e com determinado esquema conceitual pode-se ir buscar espalhados, em diversas áreas neurônicas, pequenos fragmentos de esquema que se montam para este esquema aqui de tal modo, para aquele ali de tal outro modo.



Não vejo necessidade de aceitar, mesmo que seja provisoriamente, uma visão desse tipo. O que nos interessa é que talvez aí tenhamos a idéia de que, dada a possibilidade do berro (*“la paix du soir”*, que Lacan coloca como queda do significante real, e que nos faz emitir o berro. Lacan foi inteligente ao colocar uma pega, na origem do significante, no berro. Gritos, outras espécies também têm, mas, dado nosso aparelho fonador, podem ter uma diversificação enorme de timbre, de vogais, etc.), o espanto, a situação concreta faz emitir isto ou aquilo, e que a associatividade entre movimentos do aparelho fonador e esquemas mentais, no sentido do *conceito* de Changeux, podem perfeitamente dar a idéia de ser fácil, do ponto de vista meramente cerebral, a substituição, ou a associação pelo menos, de um esquema perceptivo empobrecido com um esquema auditivo associado a um determinado momento de berro, de fonação.

Não é difícil pensar isto porque é uma transposição, uma associação, de uma máquina que funciona assim, que é a máquina cerebral, entre um

determinado esquema perceptivo e um determinado esquema também ele perceptível, etc., mas associado. Não vejo menor dificuldade em supor que as línguas, adamicamente, mas não necessariamente como uma língua só, tenham emergido durante milênios pela sucessiva decantação desses pequenos engramas – internos e externos – numa associação computada e inscrita por ordem cerebral. Ou seja, é nada mais nada menos do que a acumulação constante, extremamente rica, extremamente complexa, e porque a máquina assim o é, de esquemas sígnicos, da ordem do signo – e não da ordem do significante.

Quero supor que somos muito pretensiosos quando fazemos a idéia de que não temos uma massa enorme de dados inatos ou de que estamos sempre transando na ordem do significante, da subjetividade, quando passamos a maior parte da nossa vida, talvez, apresentando transposições de esquemas inatos, e também sobrevivendo, no cotidiano, de complexidades enormes de signos. Talvez devêssemos botar o pé no freio antes de delirar demais na ordem do significante, do poético, do Revirão, etc., e pensar que um computador careta, binário, desses que existem por aí, se for extremamente rico em apresentar toneladas de soluções e de articulações, o faz por via estritamente sígnica e binária. Talvez esteja chegando o momento em que tenhamos que reconhecer a grande massa de macaquice que existe em nosso cotidiano. Só que somos macacos ricos, mais complexos, e que a acumulação cultural, a acumulação do artifício, estando aí disponível cada vez mais, por acumulação externa, as gerações a vão pegando com mais rapidez. Está tudo disponível aí e há mesmo o esforço de transmissão pedagógica. A própria convivência é extremamente diferente: conviver com uma rua do século XX é diferente de conviver com uma tribo de índios. Não estou querendo parar aí, e sim fazer uma limpeza de maneira que a gente não fique delirando em supor que a diferença específica da espécie esteja nessa acumulação, porque isso aí é apenasmente quantitativo.

Quero chegar no fato de que se o chimpanzé é extremamente rico nas suas possibilidades associativas, etc., é porque ele tem um cérebro que o

caracteriza com essa máquina inata e com esquemas inatos. Temos a mania de dizer, e muitos autores o dizem, que a diferença entre o homem e os outros animais, por mais ricos que sejam, é que nestes a parte inata e muito grande e a adquirida muito pequena. No homem seria o contrário: a parte inata muito pequena e a adquirida muito grande. Mas isto só pode ser pensado em termos absolutos, e não em termos relativos. Eventualmente, pode-se raciocinar que a parte inata da espécie humana é extremamente maior do que a do chimpanzé, só que a possibilidade de associações de uma cerebração extremamente complexa torna a parte adquirida tão maior que a parte chamada de simbólico, a massa sígnica nas suas associações possíveis, é tão grande que acaba minimizando a parte inata, por maior que ela seja; mesmo subvertendo, re-inscrevendo de maneira esquemática na ordem sígnica o que fora inato.

Isto não é impensável se deixado nas mãos dos fisiologistas para ver se conseguem perceber essas diferenças. Basta que haja uma massa inata, retardatária, mas que pode até vir a funcionar, mas que o tempo de retardo é suficiente para que, antes ainda que o inato comece a funcionar, a cultura, que é boçal, neurótica e tem todas as estruturas do inato também, recomponha como massa sígnica sobre o que é inato o que é inato mesmo: recompõe esquemas artificiosos que não só subvertem como repetem toda a parte inata, etc. Fica difícil estabelecer essa diferença, a não ser que o estudo das estruturas da cerebralidade da infância, da adolescência, etc., venha demonstrar coisa diferente. Mas não devemos deixar de pensar essa hipótese.

Posso supor uma massa inata muito grande, um processo não adquirido, mas de funcionalidade perceptiva, sígnica, etc., nessa transposição de engramas de uma massa extremamente maior e traduzindo para ela todos os aparelhos que aparentemente eram inatos, e que eram mesmo, e que talvez nós funcionemos em coisas bem complexas, ricas, simplesmente na ordem sígnica. Isto porque a máquina é rica, nada mais.

\* \* \*

Onde vai o tal de sujeito? Onde é que o Revirão pinta? A partir de onde não somos meros macacos, mesmo tão ricos na sua funcionalidade sógnica? Tenho que pensar em cada um sujeito falante porque o que teria sido significativo há um tempo atrás, uma vez comido pela cultura, passou a ser signo, que pode ser transmitido pedagogicamente. Tenho, então, um tesouro muito grande, de línguas, de filosofias, de não sei o quê, que dizem que estou pensando, quando estou simplesmente usando a minha massa associativa, sógnica, e parecendo um grande pensador. Mas é apenas complexidade e demonstração de riqueza informacional, compatível com a imensa possibilidade de aplicação da ordem cerebral... Apenas macacos de luxo... Se há alguma diferença, onde está ela? Se há subjetividade mesmo, onde está?

Quero supor, voltando ao Estádio do Espelho, que está nessa instalação catóptrica: a possibilidade de um reviramento, de passar por um ponto neutro, desde onde os avessos tornam indiferente o que está na ordem do signo. Quando Lacan diz, e os etólogos e sociólogos do cérebro repetem, que podemos encontrar esboço de função sógnica em animais inferiores, não é, portanto, de se estranhar.

Como vocês devem lembrar, coloquei o surgimento do meu Revirão, hipoteticamente, na conta da complexidade estrutural. Tentarei, agora, fazer a ficção, e o apólogo, do Revirão. Dada uma extrema complexidade sógnica do ser, dada uma máquina engramática extremamente complexa em sua estrutura anatômica de base, 10 elevado a não sei quanto, e, subsidiariamente, na sua estrutura de fiação, ou seja, de combinatória, isso faz um número astronômico que certamente começa, a partir da espécie dita humana, a possibilitar – é isto que espero que algum estudioso do cérebro venha nos demonstrar – por vias quantitativas – e aí temos a velha tese de Marx da transformação da quantidade em qualidade, que nunca consegui entender o que queria dizer no marxismo, mas nesse caso aí deve ter talvez alguma função... Quer dizer, a complexidade é tão grande que, acompanhada uma série, levada muito longe no seu encaminhamento de associações, ela acaba dando em seu oposto. A complexificação é tal que uma grande massa de ordem sógnica carregada para

um determinado ponto, levando-se sua série muito longe, a tendência é ela se encontrar esquematicamente com outra série, que inclui os elementos da série de cá. Portanto, a complexificação é tão grande que a espécie humana *tem* condições de, levando muito longe uma massa sígnica, revertê-la pelo avesso. Ou seja, em algum momento, produzir-se por esse encaminhamento o *efeito de neutralização*, de ponto neutro. Aliás, não tem custado muito na história da arte poética que um determinado movimento significante, de escrita, faça, por via metafórica, de substituição de esquema, uma determinada função significante transformar-se, no campo da significação do sentido, no seu oposto: aí, então, temos um texto poético.

Estou dizendo, então, que a ordem do pensamento não é senão a ordem sígnica na sua massa de riqueza levada suficientemente longe para neutralizar-se e virar-se ao contrário, e com base na ordem perceptiva e engramática. Estou sendo materialista, porco chauvinista, que nem Freud: ele exigia a materialidade da função. A estrutura é tão complexa que qualquer massa em movimento associa uma série de engramas e os esquemas iniciais são tão mínimos que a associação passa continuamente do direito para o avesso. Ou seja, *dada a complexidade da estrutura cerebral, o espaço unilátero da banda de Moebius se constitui topologicamente*. Isto, aliás, é uma percepção quotidiana, em nossa civilização, da riqueza sígnica – que pode ser a de uma criança, num determinado momento – porque a massa perceptiva é muito grande. Estou, então, afirmando que isso não revira espontaneamente. Se aparece aqui e ali revirado – no sonho, no ato falho, etc., estou falando em ordem inconsciente, não se tem que ter consciência disso –, a coisa só revira num processo de seguimento de uma determinada série até os limites da sua passagem, por via unilátera, via moebiusiana, para o seu avesso sígnico, o qual, portanto, tem sua face branca e sua face preta. Supondo-se isto na complexidade da estrutura, a radicalidade resta ali dentro, a esquematização passa por continuidade, o que estabelece o que é da ordem do Revirão.

A criança do Estádio do Espelho, o júbilo que ela sofre, que apresenta ali, é exatamente uma espécie de gozo na ordem cerebral, na sua ordem interna,

### *O estalo do espelho*

de ter realizado a ordem catóptrica, quiasmática, que o espelho também apresenta na sua estrutura. Quer dizer, há aí compatibilidade com o avessamento da imagem, o qual só é reconhecido porque reverte também internamente, e de maneira mais complexa do que a que o espelho pode apresentar. É um momento traumático por excelência, mas ao mesmo tempo é momento pacificante. O júbilo vem dessa pacificação em que a queda do fascínio é enorme, pois que o fascínio revira justamente por excesso de fascínio. O fascínio é tão grande, mas a máquina tem possibilidade de associações e de estrutura – isto dura meses para acontecer – que o processo vai se complexificando a ponto de a reversão de lá para cá ser concebida nos mesmos termos da catoptria do espelho: uma reversão que se opera no cerebral.

Aí é o nascimento, o momento de emergência do *terceiro*. Só posso falar do terceiro quando ele emerge para além da riqueza sógnica. Freud dizia que pouco lhe importava que o sujeito continuasse aceitando sua demonstração de uma denegação no nível do raciocínio, no nível sógnico, porque algo a mais era preciso. E ele nunca conseguiu explicar o que era esse algo a mais. É que essa série seja desembaraçada de empecilhos, de defesas, etc., de maneira que o sujeito caia mesmo numa *indiferença*. Tanto faz ser ou não ser a mãe, porque a ordem sógnica vira para o outro lado.

\* \* \*

Tudo isto traz questões muito sérias. O específico da prática analítica seria da ordem do empuxo de cada sujeito nas suas associações, inteligentes e ricas, até o limite disso mesmo que está escrito em Lacan como em Freud: a *Hilflosigkeit*. Não a *Hilflosigkeit* absoluta da sua história, mas pequenas derrelições, pequenas indiferenças compatíveis com a indiferença originária, aquela antes ainda que o signo da diferença se instale, mas indiferença por ignorância, que a criança apresenta diante da diferença sexual. É indiferença por ignorância, por não perceptividade, por não instalação. Quando se instala, instala-se como diferença. E pode restar o sintoma grave de se obrigar à ordem sógnica.

Estou dizendo que a psicanálise é uma *ascese*, e mais, que se a PEDAGOGIA o fosse, ela tomaria emprestado da psicanálise esse reconhecimento e se alistaria no sentido de empurrar também as ordens sógnicas. Mas a pedagogia que temos não o é, não é um *paidos agein*, é simplesmente transmissão de estoque sógnico. Mas se verdadeira, o ato psicanalítico é perfeitamente compatível com a pedagogia, como aquela que conduz à *Areté*, do pensamento grego. Vai até o fim, a ponto de situar o terceiro: tornar-se indiferente diante da ordem sógnica de maneira tal que se possa livremente retornar a ela e arrumar seu mundo, outra vez signicamente, mas não por fascinação, e sim por opção. Ninguém é de ferro... Preciso disso, daquilo, tenho sintomas “brabos”, que se destacam aqui e ali... Mas se pode dar conta deles de maneira estritamente sublimatória, na própria realização da *vontade* do sintoma. Sublimação não é perder o objeto. É a mesma coisa, a mesma merda com mosca diferente. Pode-se manter o objeto, e também sua estrutura sintomática, quando ele interessa. Ninguém é de ferro, mas se sublima na própria prática, indiferenciando por um lado e retornando por outro.

Não sei, por exemplo, o *quantum* de inato, como construtura, faz parte de um sintoma básico, traduzido evidentemente na ordem sógnica. O tal  $S_1$ , sintoma de que ninguém se livra sem deixar de ser si-mesmo. Não sei o *quantum* de nada... Freud não era bobo e dizia que há aí uma porção de coisas da ordem da predisposição constitucional. Mas como estou pensando o sistema catóptrico em geral, coloco a transposição do pai, da pregnancy imagética, da fascinação, para a redução. Aí é que a energia, como Freud coloca, se faz. Isto está mais ou menos na superfície do espelho. Não posso eu traduzir o assassinio do pai pelo assassinio da fascinação? Pela redução da fascinação? O júbilo, então, seria o reconhecimento do Estalo do Espelho. Porém, mais do que do conceito produzido, reconhecimento do processo reflexivo de sua produção. É aí que eventualmente estou escrevendo – como acaba de me dizer aqui Aluisio Menezes – o Nome do Pai na superfície do espelho. Isto porque o pai assassínável, aquele que me fascina, na medida em



### *O estalo do espelho*

que é reduzido e conceituado, passa a ser função catóptrica. Portanto, função legalmente desejante.

Vocês vêem, então, quanta coisa temos a recuperar. Não esquecer da história do movimento psicanalítico para a gente não se perder e não deixar as coisas irem para o Brejal dos Guajás... Freud teve que fazer (qualquer um que esteja em processo de criação, sobretudo de dentro da posição de mestria, tem que fazer) essas discriminações para não bagunçar o coreto da seqüência da sua produção. Mas, aí, vou começar a dizer certas coisas absurdas como, por exemplo, que não há motivo nenhum para não se conceber que o conceito de *arquétipo*, de Jung, não é de se jogar fora. É de se jogar fora, sim, o que Jung fez com ele. O conceito, as experiências e os achados, por exemplo, de Adler no que diz respeito à função de inferioridade e superioridade, não são de se jogar fora de modo algum, se a seqüência do reviramento é uma seqüência de ascese. E isto vai se tornar compatível com o que eu trouxe da vez anterior sobre determinação, ética e hiperdeterminação. Não é de se jogar fora toda a experiência de Melanie Klein no que diz respeito ao que é de se tratar com muito cuidado no pré-edipiano, embora, talvez, sua teorização seja fraca. Coisas dessa ordem devem ser repensadas, porque, de repente, cabem no meu Esquema. Só que parece que as pessoas que tiveram a idéia, tiveram uma boa idéia mas trataram muito mal da idéia que tiveram.

Bom, foi uma primeira introdução a este delírio.

12/MAI



## 5

### O Epitáfio Do Espelho

Parece que naquela transa com o espelho também comparece o que se vem colocar como Morte para o sujeito falante. No evento da reflexão é que jaz o sujeito para aquém e para além de nascimento e morte do macacão que o suporta. Talvez, ao contrário do que a gente pense, esse reflexo na reflexão é o aqui jaz do eterno para aquém e para além de mera existência. Ser-pela-morte não resolve a questão da permanência do sujeito para antes e para depois da sua conjectura de permanência. A morte, que não há, parece que suspende o falante nesse processo de reflexão sobre essa superfície de reviramento que faz com que, antes e depois, se subtroque a estase da imagem, mais ou menos fixada e ficcionada naquele famigerado Estádio do Espelho, e tente se embater com a *ék-stasis*, o êxtase, da reflexão que se impõe como questionamento da mera existência.

\* \* \*

O Estádio do espelho, Lacan o considerou como formador da função de eu. Ele se referiu à frase de Rimbaud “*je est un autre*” para distinguir o processo de alienação na imagem especular. Mas, para além desse *eu é um outro*, embutido na objetificação presenteada pela imagem, resta saber onde fica o *Eu sou eu-mesmo*. O mesmo eu que Lacan adscreverá à enunciação como garantidora da permanência. Quer me parecer que há um *eu mesmo*,

que não é solipsista, mim mesmo, e sim *eu* função reflexiva, *eu* catoptria, que se garante ali nesse aparelho (*self*) reflexivo. Se isto for verdadeiro, o que se obtém no processo reflexivo, para além de qualquer força mais ou menos etologicamente circunscrita do macaco, como presença diante do espelho, não pode ser outra coisa senão o atingimento reflexivo de uma INDIFERENÇA perante as diferenças emergentes no campo do Haver, inclusive diferenças na imagem.

O que venho trazendo desde a vez anterior é no sentido de procurar como que, mesmo por um conjunto extremamente rico, complexo, de organizações sýgnicas, resultando até em gramáticas mais ou menos instaladas no processamento mental, ou coisa que o valha, como, e em que momento, se daria o processo de reviramento disso, de maneira que, em algum ponto, em algum lugar, uma indiferenciação se fizesse comparecer. Indiferenciação esta que seria, segundo o que coloquei sessões atrás, requisitada sempre de dentro do processo geral de determinação, no que ela funciona como uma espécie de determinante do nosso campo hiperdeterminado pela falta radical. Indiferença radical que não é senão o que comparece de Real no seio do Haver como marca do Não-Haver, como inscrição do impossível.

Temos aí a questão freudiana da diferença sexual, ou melhor, se formos rigorosos com seu texto, da *indiferença* sexual da criança. Freud nos apresenta uma seqüência de raciocínios que vai conduzir à postura produzida nos jogos lógicos das teorias sexuais infantis – a postura da criança diante da verificação da *diferença sexual anatômica* – numa referência à ausência de marca de diferença sexual para a espécie. É aquela velha história que todos conhecem de que a criança verificaria a diferença e faria uma série de argumentos: um tem, o outro não, o que aconteceu?, já que um tem o outro devia ter, se não tem é porque lhe tiraram; se lhe tiraram, podem tirar também o meu... Freud arma o contexto da teoria da castração sobre isto e chega à conclusão de que a referência é estritamente fálica. E Lacan vai retomar em nível de escrita, escrita algébrica, como um significante, significante do desejo, o falo como puro significante, deslocado da relação presença/ausência do pênis. Ou melhor,

inscrevendo esse *fort-da* como presença/ausência do pênis e remetendo, portanto, os jogos da diferença sexual à única referência ao falo.

Se isto acontece para além da cabeça de Freud, ou seja, na cabeça de qualquer um, é de se supor das duas uma: ou que há uma fórmula de inscrição no nível genético e, portanto, etologicamente essa diferença não funciona de saída como funcionaria em animais; ou o processo reflexivo, que vem muito depois da reflexão especular no Estádio do Espelho – talvez ali já funcione –, se delonga de tal maneira que chegue – e não que parta dali – a uma indiferenciação. Ou seja, na medida em que dois opostos, mediante séries contínuas, desenvolvendo-se essas séries de tal maneira que os opostos se neutralizem em algum lugar no processamento, aí está um processo de reviramento, um ponto de neutralidade, de indiferença, que prejudica radicalmente as diferenças posturadas pelos corpos. Das duas uma: ou lá não está, ou, em estando, isso é prejudicado por um processo de Revirão.

De qualquer modo, essa relação ao falo, como instância terceira, em sua neutralidade, põe um terceiro lugar e ali perde as características das duas anteriores. É terceiro, e não, de modo algum, a conjunção ou o intermediário dessas oposições. Há absolutamente uma perplexidade diante de uma emergência que lá não estava. Essa relação ao falo, essa referência do falante ao falo, o põe arcaicamente e, diria também, futurivelmente: para trás e para frente, para aquém e para além, da diferença sexual anatômica, paraquém e paralém de mal e bem. Ou seja, na indiferença, sexual. Indiferença esta que, em se trabalhando as séries em que se podem embutir elementos opostos, alelos opostos do mesmo halo, como digo, uma vez que essa série se prolifere, necessariamente vai-se cair num ponto de indistinção: um ponto de indiferença. Essa indiferença ficaria como terceiro incluso no processo, como uma espécie de reitora da administração das diferenças. Isto, se há emergência de sujeito a cada opção reflexiva.

A estase da diferença sexual, antes do *ékstasis*, na remissão aos corpos, quer me parecer algo da ordem de uma remissão controlada e reiterada a determinadas chicanas do interesse da reprodução dos corpos. Freud, como

sabem, então, conseguiu equacionar isso, em primeira instância, numa certa referência fálica, indiferente. Depois é que começam os interesses da chamada cultura, dos processos reprodutivos, de organização social, etc., fazendo remissões ao corpo e represando o sujeito – que, eventualmente, já teria passado por uma breve (ainda que o fosse) experiência de indiferenciação – em formações de imagens, ou melhor, em marcações sintomáticas, anteriores a essa indiferenciação. É o caso, por exemplo, da demanda entre o pênis e o bebê, com que Freud tenta equacionar o porquê da estupidez, no sentido da paralisia, dos sujeitos, nos jogos, nas chicanas interpessoais: “ele fica com o pênis, eu consigo um bebê”. Isto me parece da ordem da negociata social, se não mesmo dentro da guerrilha entre os sexos animais que portamos.

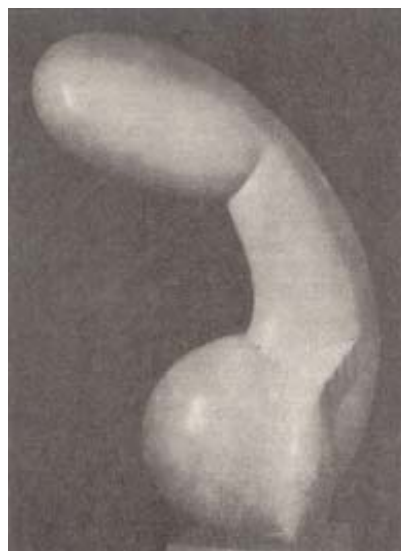
Lacan se esteia, para inventar essa álgebra do falo, numa coisa de que as pessoas freqüentemente não se dão conta – ele mesmo o diz *en passant* –, num artigo bem velho de um chamado Otto Fenichel, intitulado *Die Symbolische Gleichung Mädchen = Phallus*, “A Equação Simbólica Mulher = Falo”. Fenichel desenvolve esse pressentimento algébrico de Freud e o situa num elemento único como processo distribuidor do determinante sexual. Ele reestuda esses acontecimentos na infância dos analisandos, de modo a escrever aquela equação. Lacan a reaproveita para dizer que o homem *tem* um falo e a mulher *é* o falo. Para mim, aliás, essa chicana da descoberta de quem tem, quem não tem, o que se faz intersubjetivamente com isso, é estritamente política. Então, Lacan se esteia nisso de que a coisa fica mais ou menos paralisada, de ser portador do pênis, portanto, traduzido por ele, de ser o proprietário do falo, *tê-lo*; e *ser* alguma coisa que se apresenta falicamente, embora não tenha uma região falicamente desenhada, que é o corpo das fêmeas. Esta equação de Fenichel, mulher = falo, é coisa que, do ponto de vista da sintomática dos humanos, se repete desde a pré-história. Há as chamadas Vênus esteatopégicas, que são aqueles caralhos gordos que aparecem na arte rupestre. Há a queda do pênis de Urano, na mitologia grega, transformando-se em Vênus. Na arte contemporânea, espalhada por aí, vemos, por exemplo, a *Senhorita Pogany* e a *Princesa X*, de Brancusi, que é um

claro equacionador disso: estátuas de uma mulher, ou seja, uma piroca. Isto tudo, quer me parecer, é decadência da neutralização lógica sobre os fenômenos plásticos e sobre a reprodutividade dos corpos, etc.

Mas o que fazer mesmo assim com a equação de Fenichel? Com ela, por exemplo, representada não tão claramente como o é na mitologia grega, que tem o tal de Urano que é macho, corta-se-lhe o pênis e este vira corpo de mulher? Não esquecendo que, também, para lá ficou um corpo sem pênis – e corpo sem pênis é corpo de mulher, não é outra coisa. Prefiro tomar a escultura de Brancusi que é coisa mais requintada, onde não se pode ver de forma alguma nenhuma reprodução de andrógino, nenhuma *coincidentia oppositorum*, e sim um aparelho, apesar de plasticamente construído, visualmente reconhecível, numa equivocação radical entre forma e fundo, ou coisa parecida, entre um pênis e um corpo fêmeo. O que fica valendo aí não são os dois elementos criadores da equivocação, mas essa instância, esse lugar terceiro de indiferença visual, plástica, tátil, que suporta a estrutura dos dois entre uma coisa e outra. O que se está pegando quando se pega a escultura de Brancusi?



*Srta. Pogany, 1931*



*Princesa X, 1918*

\* \* \*

O que acontece aí é a *ék-stasis* da diferença. Ela salta fora como indiferença radical apresentada como falo. Ou seja, uma coisa de que a gente se esquece – pois falamos sempre em significante –, mas que está no texto de Lacan, de que o falo é sig-ni-fi-ca-do de todo e qualquer desejo. Então, o que se repete aí, a meu ver, nesse processo de seriação que vai tão longe que indiferencia as coisas, é o mesmo que acontece na posição de construção de uma eu-dade no Estádio do Espelho. Eu-dade nitidamente fálica, como *lugar* onde se pode sobrepor, se há esse sujeito, esse tal de significante, se não significado do próprio desejo.

Então, para além do *je est un autre* alienante de Rimbaud, prefiro repetir com um poeta nosso, que aliás fez um livro intitulado *Eu*, chamado Augusto dos Anjos, que me parece definir muito bem esse lugar. Vocês vêem que tudo foi preparado para mim, que sou um homem de sorte...

Sou uma Sombra! Venho de outras eras,  
Do cosmopolitismo das moneras...  
Polipo de recônditas reentrâncias,  
Larva de caos telúrico, procedo  
Da escuridão do cósmico segredo,  
Da substância de todas as substâncias!

Ao mesmo tempo que chamo esse momento aí de inscrição do aqui jaz, de Epitáfio do Espelho, o que é paradoxal: é epitáfio de nenhuma morte, uma morte impossível. “*Aqui jaz*”, *escreva-se sobre o espelho*. Mas ali se escreve de algum modo o que seria para o sujeito falante não nenhuma morte que ele possa atingir, porque o mero perecimento é sempre de alguém. Não posso estar presente nem mesmo ao meu perecimento, quanto mais à minha morte. Faz-se o luto de uma perda, não de uma morte... Mas ali, talvez, se inscreva, no impossível de abordar a morte, o nome da morte, desejada porém



impossível. Este ser-pela-morte é compatível com o desejo, com o movimento desejante do Haver. Se o Esquema Delta – que, na verdade não é meu, é, como sabem, de Freud, ele só não o desenhou porque não teve oportunidade: *Mais Além do Princípio do Prazer* é isto – está valendo, o que se inscreve aí, naquele momento, não é senão, de dentro desse ponto radicalmente neutro, o Real como inscrição de Não-Haver. O que faz uma certa diferença de dizer que o real é que é impossível de se escrever. O Real como inscrição do Não-Haver, nesse ponto de indiferença, é o lugar desde onde se tem a experiência da impossibilidade de morrer. Ou seja, então, é o nome da morte que ali se inscreve.

O famigerado Nome do Pai não será um apelido metafórico do nome da morte? É coisa de se pensar. Quero até supor, pelo que escuto – supor “de ouvido”, vocês sabem que posso tocar de ouvido, e não “por música” –, que talvez desse para pensar uma espécie de categorização, pelo menos, da *patologia* em cima da relação que um sujeito apresenta para com o que ele supõe ser a morte: o como ele inscreve esse nome da morte, ou não o inscreve. O que é a morte para um sujeito? Como ele se dá com ela? Eu partiria do princípio, para ser coerente, de que, se ele está numa boa, ou seja, se não está precisando de esteios, de construções de sobrevivência, ou seja, de neurose, psicose e morfose, então, se não está precisando desses construtos de salvaguarda, ele vai se dar conta de que a morte não há, de que é um hábito em que se está culturalmente situado. E, diante da morte, em seguida, vai ter que fazer a *Gelassenheit* disso: “Dane-se! Quanto a isso, não sei o que é!”. Mas acho que o comum é se inventar um aparelho de sobrevivência desses que chamamos patológicos.

Qual a relação da *neurose* com a morte? Como a neurose vence a morte? A morte que a neurose supõe – justamente é neurose por isso – que há, com a qual vai se encontrar, eu diria que é uma espécie de subjetivação da morte. Ao invés de o sujeito ficar na indiferença, e como o neurótico freqüentemente não fica, de se reportar ao impossível de morrer, mesmo que seja extremamente desejado, ele se promete um encontro, naturalmente que

fatal, com essa morte. Trata-se, então, das maneiras como ele vai trabalhar esse encontro. Por exemplo, protelando a própria morte na morte de um outro, como faz a *hística*, com muita frequência. Ou se prometendo passar por essa experiência e sair mais do que ileso, sair promovido a alma do outro mundo, como é o caso do *obsessivo* com as suas religiões: ele fica até livre daquilo que pode ser lesado – lesável é o seu macacão. Ele passa, com toda a distinção, para o outro lado, vira alma do outro mundo e sobrevive numa ótima ou numa *bad*, conforme a religião. Parece-me, então, que a estrutura com que a neurose se defronta com a morte é evidentemente esse drama. Ou evitação de aproximação da morte: “Não quero saber disso, não suporto a idéia de morrer!”, como se fosse morrer, ele pensa que vai. Ou procrastina, inventa outra vida, se vira por aí.

Poderíamos utilizar o termo de Lacan e dizer que a *psicose* é uma verdadeira forclusão da morte. Dizer que a morte não há, não é forclusivo, não há forclusão aí. É um reconhecimento da impossibilidade de chegar *in praesentia* a Não-Haver, topar com o Não-Haver cara a cara, o que, aliás, deve ser um barato... Na forclusão da morte quer me parecer que ela fica como se existindo, havendo, sim, mas estaria, atingível, para fora de qualquer situação de Haver. Ou seja, é alguma coisa parecida mesmo com o movimento desejanste do Haver: supõe uma morte só que é impossível chegar lá. Poderíamos chamar de forclusão da morte o lidar do psicótico com ela: “Tem sim, está lá, não é nem impossível, mas é fora, noutro lugar”. Isto é uma hipótese minha, de ouvido.

O mais interessante para mim, e que me parece bastante escutável, é a relação com a morte do *morfótico*, especialmente do chamado *perverso*. Compativelmente com o que eu dissera sobre o Nome do Pai, o perverso – tomemos o perverso que é mais claro, uma vez que o fóbico escamoteia isso, no que se apresenta composto – me parece ser aquele sujeito que situa a morte, a morte própria bem como a dos outros, sobretudo a própria, como algo líquido e certo: “A morte é certa, só não sei para quem”. Isto me parece perverso. Se a morte é certa, certificada, ela é um fim absoluto. Quer dizer,

diferentemente do nosso caro Salvador Dalí, o sujeito morre *todo*. Dalí demonstrou não ser um perverso ao mandar escrever sobre sua sepultura: “Dalí está morto, mas não todo”. E isto não é da ordem do feminino, e sim de que um certo senhor Salvador Dalí, dizem que pereceu, mas continua por aí, nos fragmentos, nos sonhos, nas obras, e até na anatomia. Um quadro de Dalí, a meu ver, faz parte do corpo dele. Como já disse, a obra de Freud é anatomia freudiana, do próprio. Então, esse não-morrer é o que talvez o morfótico não possa conceber. Ou seja, é aquele que repete a imbecilidade que Lacan denuncia no pai Karamazov: “Se Deus não existe, então vale tudo!”. Quando é o contrário, as coisas só se possibilitam se Deus existe. O perverso faria justamente o raciocínio: “Se tenho que morrer, dane-se o resto, porque não sou o Ernesto!”. Ele coloca o fato de que objetifica a morte na permanência vital da sua corporeidade de maneira que perde todos os compromissos para antes de seu nascimento e para depois de sua morte. O perverso é aquele – que todos de vez em quando frequentamos – que diz: “Não pedi para nascer!”. Como não pediu? Pois se está vivo, pediu para sobreviver, pediu para nascer. Se não, dê um tiro na cabeça já! Ou seja, é objetificação sobre a neutralidade que ficou.

\* \* \*

Será por aí que podemos ter o famigerado Nome do Pai, que circunscreve o que possa existir de havência para o sujeito falante para alguém e para além da sua existência vital, se podemos dizer assim, biológica?

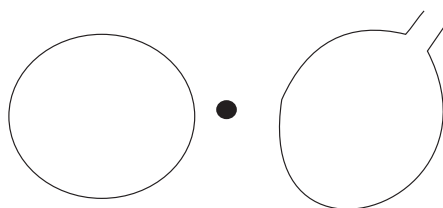
- Pergunta - *Se consideramos o estatuto do significado, como há pouco você lembrou, sabendo que dentro do discurso de Lacan a dominância desta nomeação “Nome do Pai” traz uma evocação masculina num dado momento, ele vai equivocar e dizer que o pai é mulher. Ele coloca isso numa série onde falta justamente o significado que talvez seja esse ponto que você queira recuperar. O que dentro da nomeação do Nome do Pai,*

*seja como um significante masculino, seja como feminino, fica faltando o significado desse nome. Para onde remete ele propriamente a função disso? Se você nomeia discursivamente, ele operou como operou Brancusi...*

Operou como operou a Igreja, também... Não estou dedurando ninguém. Não é nenhuma crítica ao meu mestre. Simplesmente estou dizendo que há uma crueldade maior em Freud, no que ele situa o tal do *Mais-Além*, pulsão de morte, pulsão de uma morte que não há como encontro, e que a função-fálica esteada sobre o falo é fundamental. No que Freud neutraliza a significação sobre essa instância fálica, e depois tem que colocar o *Mais-Além*, onde jogou ele a função dessa falicidade? Só pode ter jogado para além do Haver, e como impossível. É em cima disto que monto o Esquema Delta. Quer dizer, mais além do princípio do prazer – ou seja, nada além do princípio do prazer – o que vigora é esse empuxo que não tenho como possível, e esteado sobre essa neutralidade fálica, em função da qual o que há é um desejo. É um movimento nitidamente paradoxal porque é todo um movimento de desejo que deseja simplesmente não desejar. E é perfeitamente compatível com a neutralidade, embora destrutiva, dessa posição fálica.

Lacan só tinha dois sexos, e eu quero fazê-lo em quatro. Ele ficou, nos seus maternas, jogando com essas coisas. No mesmo momento em que retoma o Nome do Pai da tradição judaico-cristã – que vai acabar na Igreja Católica, etc. –, retoma essa instância como simbolização. No pensamento judaico essa instância é bem figurativa. Não estou dizendo que não e possa ler a *Tora* de uma maneira abstrata, mas assim mesmo, no cotidiano do judaísmo, essa questão é bem figurativa do masculino. Lacan aproveita a abstração algébrica com que trabalha para indicar que em última instância, o pai, cai no feminino. Confesso que não sei por quê. Deve ser porque para esse tal externo, que funda a totalidade, não há nenhum em nível externo. Acho meio vago isso, porque o tal do excessivo fica meio nos limbos, não se tem como defini-lo. Quando se abre o cinturão do para-todo, não se está dizendo que o Nome do Pai, que estava externo, entra. De modo algum! O que está escrito na borda é que não há, não existe nenhum que diga não. E isto não me põe nem dentro nem fora, isso

sobra. Como poderia a chamada função paterna, que é a que diz não, dizer ela mesma que não há nenhum que diga não, se ela o disse para alguns? É simplesmente cuspidor fora. Quer dizer, as mulheres religiosas acreditam no Deus dos homens, no homem como Deus. Não estou falando das místicas. Estas sabem que vão pelo cano direto, direto, e não gozam nunca...



O que é diferente de reconhecer a função-fálica esteada apenas numa neutralização da diferença. O falo como indiferente, inscrito como significante do desejo, cujo significado é ele mesmo. Por isso Lacan dizer que o falo é ímpar, que não tem avesso. Portanto, é compatível com a superfície do espelho, com a superfície do sujeito, com a função catóptrica e com a função neutra: inteiramente neutralizado, neutralizante, ao mesmo tempo distribuidor de diferenças. Compatíveis com ele, é que as diferenças são acusadas de diferença. E estar em função do falo não é senão desejar, para além da neutralidade, a não havência. Se está certo o meu esteio fundado na posição freudiana, o que o movimento pulsional, no sentido mais amplo possível, produz é um encaminhamento para um Não-Haver radical. Então, a chamada função-fálica, que é função desejante esteada na neutralidade do falo, é de não desejar outra coisa senão não-desejar.

O grande sábio desse raciocínio, tirante os estóicos, foi o budismo. Se nos tirarmos de suas leituras piegas, vemos que ele tem pelo menos uma vertente intelectual, o Zen, que parece deixar muito claro que se trata do atingimento – aliás, impossível, mas presente pelo menos nas passagens pelo *satori* – de breves travessias, mediante exercícios espirituais, por esse ponto de indiferença

radical que não é senão o terceiro lugar, compatível com a faticidade do ser falante. É claro que o pensamento geral do budismo pretendeu que se pudesse estacionar nesse terceiro lugar, mas, para isto, é preciso uma vida de contemplação: ficar sentado embaixo daquela árvore sem se mexer – porque, se mexer, tem que começar a fazer a distribuição da diferença, não tem saída. Psicanálise não é nenhum budismo, nem mesmo nenhum Zen, mas Lacan chega a dizer no *Seminário I*, na parte introdutória, que considera que a experiência da psicanálise é bem mais radical. Isto porque o mestre Zen, por exemplo, dá um pontapé, faz qualquer coisa, para equivocar seu discípulo, mas a sede da iniciativa dessa qualquer coisa parece estar na posição do mestre. A psicanálise é mais radical na medida em que, como Lacan o diz, faz a mesma coisa, mas referida ao processo do analisando. Quer dizer, a sede, a origem do golpe, é no analisando e não no mestre. O que Lacan denuncia de certa forma é que o ato zen-budista estaria ainda pojado de mestria, de discurso do mestre, ao passo que ele quer mais radicalidade no ato de equivocação do analista. Ou seja, na medida em que paga com a sua pessoa, ele cai fora e lança mão do que vem do analisando para equivocar ali, e não a partir de alguma sabedoria do mestre. Isto faz uma grande diferença. Aliás, se o mestre Zen age daquele modo, só pode fazê-lo na suposição de que há uma lógica do Inconsciente – que ele não nomeia assim, mas que esteia o seu ato. Quero supor que, na experiência que teve de que o processo de equivocação não é senão, mediante às vezes uma longa série de ações, chegar-se a uma indiferença, ele precisa contar com isso.

Estou querendo, então, ver isto como um testemunho do que quero demonstrar. A diferença que Lacan estabelece entre psicanálise e zen-budismo é didaticamente lúcida na medida em que, num, o ato tem sede na sabedoria do mestre. Já que ele passou por essa experiência, faz qualquer coisa, a partir do seu estilo, para acabar significando a indiferença... A diferença entre os dois continua sendo entre a origem de onde está – ou no mestre, no caso do Zen, ou no analisando, no caso da análise – a sede, o lugar da intervenção. Se caminarmos longamente, veremos que, em última instância, os dois procuram

esse lugar indiferente. A metodologia é que é diferente. O que Lacan destaca, e me parece bem destacado, é que Freud se deu conta – porque tomou esporro de histérica, só se deu conta porque foi interpretado – de que, ao invés de intervir a partir do seu próprio saber, deve intervir a partir do saber do analisando. Esta é a diferença metodológica. É uma besteira, afinal de contas, a invenção da psicanálise pela histérica. Freud, na verdade, foi muito vivo: viu que a tinham inventado e a faturou. Quando percebeu que a histérica burramente tinha inventado a psicanálise, ele disse: “Opa, era isso que eu estava procurando!” *Gênio é aquele que escuta bem, pois quem inventa é sempre o Outro.* Por isso, garanto a vocês que aquele Esquema não é meu – mas detenho a patente porque fui eu que por escrito a registrei.

\* \* \*

Meu problema, hoje, é que parecem repetitivos, na história da chamada humanidade, certos momentos, certos pontos de reflexão em que se reconhece, por uma via ou por outra, isso a que Lacan, em última instância, reduziu o Ato Analítico: o momento da *equivocação*. Não nos esqueçamos de que ele chegou a comentar a escrita poética chinesa como esse truque e a enfatizar a leitura dessa escrita mesmo como equivocação por *entonação* vocal. As pessoas se esquecem e tudo isso passou à ordem do “significante” lacaniano.

É preciso cuidado, pois hoje se usa esta palavra com engano, erro. Trata-se de invocar por igual as oposições, equi-vocar: dizer duas coisas ao mesmo tempo. Ou seja, aquilo que Freud sonhava com sendo o duplo sentido das palavras primitivas. Esta equi-vocação é criar um lugar de não-senso radical, como Lacan queria chamá-lo. E não me parece, de modo algum, que se possa botar esse *non-sens* lacaniano na conta da perda, por tropeço, do sentido. Muito pelo contrário, é o lugar onde se encontra a radicalidade do sentido que não estava inscrita nas oposições, embora com sentido, como aquele da dualidade em que vivemos.

Aliás, marcação desse lugar de indiferença, em última instância, tem que ser genético, tem que estar em algum lugar aí dentro do cara. Como já disse, ou bem esse reviramento se apronta desde o começo, ou bem é uma possibilidade (até inscrita geneticamente, mas) que tem que ser executada. Quero supor que – e foi de onde parti –, dado o que hoje se estuda a respeito, a partir de construções em série, que essa complexidade extremamente grande inclui a possibilidade de, levada muito longe uma série, ela passar continuamente para o avesso. Não quero supor que um sujeito faça isso com muita espontaneidade, a não ser premido por certas situações. Por exemplo, o modo como se apresenta o drama horrórico da criança diante do espelho, diante do *fort-da*, diante da diferença sexual. Quer dizer, premido, o sujeito, levando muito longe, acaba revirando. Ou seja, passa a assumir a experiência da reflexão, que é, a meu ver, a do Estádio do Espelho: o momento em que a criança transforma o dentro em fora, e o fora em dentro. Isto é, usa do processo reflexivo: no que ela vai tentando articular aquilo, a coisa revira. Não posso, pois, supor que não esteja geneticamente inscrito aí, porque, com meu cachorro, posso me esforçar, mas ele não faz Revirão... Mas tratemos bem a palavra *indiferença*, pois o cachorro fica desinteressado, e não indiferente. Ele deu uma resposta certa: está com fome, comeu, acabou. Se não ficasse satisfeito, comia de novo. Tem gente que, de dentro dos aparelhos simbólicos da sua sintomática, equivoca, porque, num certo momento, foi preciso, para se dar conta da sua eu-dade. Então, acaba de comer, come de novo. Conheço uma pessoa que, para justificar que vai comer de novo, dizia para ela mesma na infância: “Quem comeu agora foi Mariazinha, agora fui eu, agora é fulana”. É genial, pois há um aparelho metafórico no processo.

O Esquema Delta coloca uma indiferença que não é o simples produto da neutralização das oposições. É o impossível absoluto, no que é colocado como promessa do Haver assim mesmo – mas é impossível. Aí é uma indiferença radical, mas inatingível. Ela ecoa dentro do sistema porque é mais indiferente do que a mera neutralidade. E só ecoa como esse lugar de Real porque aquilo não comparece, revira sobre si mesmo – não pode conseguir



mais do que a indiferença da neutralidade, que chamei de *Chi*, por exemplo – e em nosso aparelho falante, cerebral, seja lá o que for, comparece como poder de neutralizar as diferenças. É só isso que comparece e há essa indiferença radical que rege, como causa, a indiferença interna, que pode se dar ou não. Ou seja, o que acontece é que o que se nos ocorre como possibilidade de indiferenciação no seio do Campo do Sentido é justamente o que ocorre como neutralização entrópica no seio de A-Deus. É uma indiferença radical. Não se sabe no que aquilo vai dar. E isto é que deixa os físicos boquiabertos, pois a tal de energia neutra é uma potência extrema, e o que vai dar como resultado, no que ela está neutra, não se sabe.

Outro dia, eu estava pensando numa maneira didática de demonstrar isso. Pensei em cores, porque palavras, frases, sons, é mais difícil. Dependendo da acuidade perceptiva, ou seja, do trato simbólico do sujeito com as cores, ele terá maior ou menor juízo a respeito das diferenças colorísticas. Até já citei o pintor Eduardo Sued, que tem dez amarelos, que para mim são um só, porque ele vê melhor do que eu... Mas o que quero é uma parcimoniosa competência de abordagem de cores. Tomemos um sujeito que evidentemente distingue o claro do escuro – se não não via –, preto e branco, as cores primárias e que não lhe fazem muita diferença as gradações, as cores secundárias, etc.: o universo da diferença para ele é de uma nitidez extrema porque ou bem é vermelho ou é amarelo ou é azul. Acrescente-se aí uma possibilidade de mistura, onde apareçam as secundárias, tipo laranja, verde e violeta, o disco de Newton mais ou menos completo. Já começa a ficar muito mais rico o processo diferenciante, porém é a nitidez da diferença que se perde. Agora, tomemos um sujeito que faz gradações cada vez maiores, vai aumentando a série das cores, talqualmente a encontramos em catálogos de fábricas de tintas, aquelas gradações imensas, em que se olha e se é até capaz de reconhecer amarelos diversos, por exemplo. Então, se tomarmos apenas em regime das cores, apenas de gradação em gradação, a continuidade perceptiva – considerando percepção como processo de sustentação aliado a esquemas de diferenciação –, chega um momento em que se vai passar por todo um processo em que se vai pegar

cores ditas opostas e passar de uma para outra, sem se dar conta. Então, em alguma região, a equivocação se deu em nível perceptivo de maneira que, distraidamente, passou-se por uma banda de Moebius colorística. É este lugar aí que digo que não é, de modo algum, interseção dos dois primeiros, não é uma conjunção, e sim um lugar de indiferença em relação aos opostos iniciais. Imaginemos, agora, a rede sináptica extremamente complicada dos cabos de articulação dessa loucura que instala o cérebro na nossa cabeça, com a riqueza que isto tem, e a possibilidade – é uma *possibilidade* – de o sujeito, embora estagnado numa percepção aqui e agora, começar a fazer associações cada vez maiores, e chegar onde? Num beco sem saída? Não! Ele vai revirar ao contrário: vai partir do branco e chegar ao preto. Vai ter que repetir com Guimarães Rosa que não há nada mais parecido com um ovo do que um espeto.

Já no caso do animal, não há indiferença alguma. Muito pelo contrário, tudo é nitidamente diferenciado para ele, justamente porque aquilo não desliza. Está diferenciado, concentrado, objetificado sobre determinada *forma*. Ele não quer saber para além disso. Quando falo indiferença é: não há possibilidade de estabelecimento de diferença naquele lugar ali. E não por limiares perceptivos, e sim porque a série vai, vai... e passa continuamente. Em que lugar exato termina o dia e começa a noite? Lacan recorta isto com o significante *la paix du soir*, que, de repente, você escolhe e diz: “Agora é noite!” mas se ficarmos atentos ao céu e tentarmos pegar onde termina o dia e começa a noite, passaremos continuamente, se não jogarmos aí o *la paix du soir*. É o tal do recorte significante que Lacan usa no sentido de pegar um alelo qualquer e jogar ali para ir marcando. Se não, só comparece ali um halo.

\* \* \*

Para terminar, hoje, e endereçar nossos próximos encontros, repito que há possibilidades lá no *infans*, há uma competência chomskiana, digamos, uma competência cerebral, a máquina está lá. Será usada ou não. Ela só comparece na medida em que o sujeito é pressionado, aí a coisa faz série. É do

que necessito para fazer uma teoria da clínica. Quer me parecer que há uma espécie de mito, de mitologia psicanalítica de que os sujeitos falantes são sujeitos o tempo todo e, por isso, fazem sonho, têm ato falho... Não é não! É a riqueza, a complexidade sîgnica que é capaz de fazer sonho, ato falho, etc. As pessoas dormem freqüentemente nessa riqueza sîgnica, evitam até, freqüentemente, levar a série tão longe e voltar pelo lado oposto.

Isto é compatível com a pregnância que falei da chicana da diferença sexual: ficam estasiados – e não ek-stasiados – nessas diferenças, para não seguir longe. E isto é nada mais, nada menos – e hoje em dia é evidente – que a sustentação do extremado racismo, que Lacan prometeu que viria do futuro, e já está chegando com todas as tropas.

Aliás, quero também supor que o que Freud descobriu com a tal neutralidade do analista, é que ela não é senão (não a suposição de um saber, mas) *um saber* do analista, saber fazer a neutralização a cada coisa que possa escutar, competência de levar séries bem longe, e não, ficar parado na dele, no momento atual.

26/MAI



## 6

### Ver Um Sim Fiando o Vôo

Início do Seminário com a  
audição de *Fata Morgana*, com  
*Dissident*.

Na Múmia  
a posição é absolutamente  
exata  
FERNANDO PESSOA

Na série de dos Seminários do semestre, vou fazer um parêntese tempestivo, dado que há ocorrências que o reclamam. A Fata Morgana, da musiquinha que escutamos, vem a calhar. Ela é aquela que tentou tapear o rei produzindo um bastardo, e iniciando com isto a decadência. Não é à toa que o verbo morgar quer dizer dormir. Não é à toa que o morganático é o casamento com mulher de qualidade inferior, a qual é uma mulher morganática, na língua portuguesa.

\* \* \*

O título do Seminário de hoje é, na verdade, o enunciado do pedido que faço. Ou seja, ele acaba sendo o meu postulado ético. Ético de comportamento

mesmo. Convite para uma aventura pulsional. Mas como a sublimação é, também ela, de esteio pulsional, isto se torna convite para uma aventura sublimatória. *Ver um sim fiando o vôo* é, de certo modo, afiançar a possibilidade de uma experiência nova. Com todo o tempo que se tem de elaboração e de prática, é preciso manter a reflexão e o questionamento antes ainda que isto faça uma viscosidade geral, e desta uma cola, capaz de mumificar a experiência com que tentamos conviver. Há deslizos, equivocidades, equivocações – por isso botei como epígrafe a citação de Fernando Pessoa.

Os esforços de Lacan já foram capazes de tornar bem grandes os seus achados. O que não obriga a que se deixe de considerar estes achados na tentativa mesmo de re-invocar as equivocações daquele que, mediante esforço hercúleo, se quiserem, conseguiu mexer na teoria psicanalítica, a partir da sua prática, de maneira a escrever alguma coisa de maior precisão, quem sabe... No entanto, há questões em aberto: e porque, embora a elaboração lacaniana seja extremamente rigorosa e rica, não decide definitivamente sobre a psicanálise, como ele mesmo concebia, e também porque o Inconsciente, como se sabe, não dorme – quem dorme é o falante que a ele se assujeita. Tanto não dorme, que faz sonhos, essas coisas todas, e no que não dorme, é incansável, porque sempre em algum lugar ele está se produzindo. Ele costuma fagocitar rapidamente – e, nos dias de hoje, cada vez mais rápido – o que se lhe apresenta como tentativa de exposição dele mesmo. Toda vez que tento fazer o retrato do que lá ocorre, ele come o retrato e, portanto, muda de figura. A gente se esquece de que o Inconsciente devora tudo o que aparece e, portanto, se reconfigura. As tentativas de desenho, desígnio, do seu modo de operação, etc., são rapidamente devoradas e começam a fazer parte dele mesmo, ou o transfiguram. Nos dias de hoje, vê-se que o Inconsciente já comeu quase tudo que se preparou para distingui-lo e para distinguir-se em relação a ele.

Lacan fez questão de afirmar que a psicanálise é a pergunta: “O que é a psicanálise?” Isto não é uma *boutade*, é simplesmente porque se o Inconsciente tudo devora, a psicanálise só tem condições de existir como esta questão: “O que sou eu, psicanálise?” Esta devoração que o Inconsciente faz

é tão virulenta que não só começa a embaraçar os trajetos de sua conquista pelo discurso sapiente... Afinal de contas, a teoria psicanalítica é um discurso sapiente a respeito do que seria a psicanálise. A teoria psicanalítica não é o discurso da psicanálise, e nem por isso deixa de ter a eficácia enquanto sapiência a respeito do que seja o Inconsciente ou a psicanálise. Tem eficácia sim, uma vez que o próprio Inconsciente a come, a devora. E esta deglutição é tão rápida e tão violenta que os analistas vivem correndo atrás de uma possibilidade de *clínica*: no que o Inconsciente devora isso, aquele que lá fala já deu a volta nos aparelhos recém-inventados pelo analista para fazer funcionar a máquina do desvelamento. Foi por se esquecer disto que os herdeiros de Freud ficaram naquela baboseira durante tanto tempo deixando de produzir qualquer coisa que tivesse efeito eventualmente analítico para, simplesmente, cair em nova iniciação. Já me pergunto se os iniciados no lacanismo já não estão na mesma. Está aí a condição atual, até do social, no mundo inteiro, não especialmente no Brasil, a mostrar como o Inconsciente devora os discursos da moda. Porque há moda discursiva, não tenham a menor dúvida: tivemos períodos de modalidade histórica, de modalidade obsessiva no social... tivemos muita coisa assim.

Quero recomendar-lhes um livro que me mandaram ler – e obedeci, e que ainda não terminei, aliás – de um chamado Christopher Lash, intitulado *A Cultura do Narcisismo*. É aquele negócio, um americano falando psicanalês de linha dita freudiana, mas que não é sem inteligência, para conseguir descrever, em nível de América do Norte, essa coisa esquisita que está se tornando a sociedade contemporânea, onde se vê claramente como o Inconsciente comeu tudo que se lhe foi apresentado como expediente de lidar com ele, e devorou inclusive as modas discursivas que imperaram aqui e ali.

Todos sabemos que não se fazem mais históricas como antigamente. É uma nostalgia. Quando se encontra umazinha, fica-se tão feliz, porque dá a impressão de que estamos participando historicamente da psicanálise. Histórica de Charcot, por exemplo, nunca mais se viu, dá uma pena... É impossível tentar explicar para alguém que existe isso, porque não comparece nos consultórios. Obsessivo, então, anda completamente desmoralizado: é uma obsessão tão

vagabunda, que não vale nem a pena tomar conta dela. Esse moço, chamado Lash, até descreve muito bem essa coisa toda em nível de consultório e do que o analista trata, de histeria, obsessão... Isto não comparece, não existe mais. Uma fobia decente é uma coisa muito rara. Há umas fobiazinhas vagabundas, sempre – segundo o meu Esquema Delta – escondendo mais claramente uma perversãozinha meio safada... E ele pretende dar conta disso – e aí é que está a minha objeção – esteado no conceito de *narcisismo secundário*. Ele livra a cara do narcisismo primário, mesmo porque parece que pouca gente concebe alguma noção clara do que seja narcisismo primário. É difícil os autores tratarem dele com alguma clareza. (Quero até acreditar que sem o meu Esquema Delta não fica muito claro para ninguém o que seja o narcisismo primário). Então, ele vai de narcisismo secundário mesmo, mediante as identificações que os sujeitos produzem, sobretudo de nível imaginário, e faz um grande quadro diagnóstico da situação dessa cultura, como a cultura do narcisismo. É muito bem descrita nesse livro, essa tal cultura. Só que, a meu ver, não é cultura do narcisismo coisa nenhuma. O nome daquilo é *perversidade social*.

\* \* \*

Estamos vivendo uma época em que a moda discursiva é esteada pela perversidade social. Comecei a tratar disto num Seminário antigo chamado *O Pato Lógico* e, depois, retomei no Seminário *A Música*, justamente num capítulo que chamei de “Máquina-Ímã”, onde tentava fazer a distinção, que me pareceu escutável, entre a perversão, essa coisa mal nomeada assim... Como sabem, já fiz referência várias vezes ao livro *Lecture des Perversions*, de Georges Lanteri-Laura, onde ele mostra com muita clareza a passagem do termo “perversão” da ordem jurídica para a ordem médica, e a herança freudiana situada por aí. Mas não devia ser chamada assim. Na verdade, essa coisa chamada de perversão – que Lacan fez referir-se à chamada por ele *père version*: uma certa situação de objeto, ainda que fetichizado para cada um dos sujeitos, e uma diversidade social em torno disso, uma verdadeira poliversão, o



sagrado direito de cada sujeito à sua perversãozinha particular, graças a Deus!, que ninguém é de ferro... E é preciso, então, situar quando isso se torna estrutura assinável no regime do patológico.

Fiz, então, a tentativa, que até agora me parece ainda boa, de, situando o falo como média e extrema razão entre o objeto e o Nome do Pai, mostrar como esse Nome do Pai se coalesce no momento da nossa indicação perversa, de cada um, e como é radicalmente subtrocado, numa verdadeira troca formular, pelo próprio Nome do Pai, como objeto. Ou seja, no que o Nome do Pai, articulando um feitiço, garante até um objeto, ainda que fetichizado, quis me parecer que, na estrutura perversa, que chamo de “perversa propriamente dita” ou “perversista”, o que acontece é que o sujeito se garante absolutamente na medida em que é – não o Nome do Pai garantidor, sintomatizado e localizado, de um certo objeto ainda que fetichizado – este objeto que passa a ser, ele, o que substitui o Nome do Pai. Não é aí forclusão, e sim o que chamei de *Vertauschung*, para tentar imitar a língua do avô, na medida em que há uma troca, um desvio do olhar, alguma coisa dessa ordem, que é a idéia de garantir o feitiço com o Nome do Pai. O que faz *som* que o feitiço seja o articulador da ocasião – de qualquer modo que ela se ofereça – da relação desse sujeito com seu desejo.

Quer me parecer, pois, que precisamos tomar cuidado até mesmo das próprias iniciativas no campo social, na medida em que estamos vivendo uma época – que o moço aqui, Lasch, está dizendo que é narcisista, o que me parece tolo – perversista. Não se trata necessariamente de *sujeitos* perversistas, estruturados como perversistas, mas da *dominância de uma posição perversista no aparelho social*. Assim como já tivemos, repito, dominância de posição histórica, em que os sujeitos, quaisquer que fossem suas estruturas particulares, acabavam embarcando, eram convencidos a faturar em cima do discurso disponível nas trocas sociais... Mas o que me parece é que o momento presente é absolutamente perversista. O que dá uma certa satisfação aos neuróticos, que sempre invejaram os perversos. Como, certamente, os neuróticos são em maioria, eles acham o maior barato. Por isso é que, talvez,

não se apresentem mais histéricas ou obsessivos com a clareza com que se apresentavam. Isto porque há esses escapes perversantes ou malversantes de perversidade, mediante os quais a coisa fica completamente *flou*. Quando este autor, Lash, diz que um analista hoje não recebe mais sujeitos com sintomas de conversão, ou de neurose obsessiva, que isto é uma coisa breve, rápida, acaba logo, e o que se recebe são pessoas com caracteres desestruturados, caráter desestruturado, esta é a maneira de ele dizer que recebe *neuróticos embarcados na perversidade social*. Os escapes estão disponíveis, por isso não se fazem mais neuróticos como antigamente. Acho que os psicanalistas já estão na nostalgia dos neuróticos: “Era tão bom no tempo em que havia bons neuróticos!” O que Freud tivera mostrado como perversão polimorfa, a brincanagem nossa de cada dia, talvez tivesse que ser traduzida em termos de uma nova reflexão sobre a postura da psicanálise, num processo de direção discursiva que dê conta dessa passagem. Isto para situar mais ou menos em que termos há que jogar hoje em dia.

Aprendeu-se muito bem. Se fizermos um congresso hoje, os analistas vão lá falar sobre histeria, etc., pois já se sabe o suficiente e não há muito o que renovar na prática sobre isto. O que se tem é que ver como isto está pintando aí, como o Inconsciente comeu a histeria, a obsessão, etc., e está nos apresentando modelos completamente novos, até mesmo desses antigos funcionamentos.

\* \* \*

Mas eu vinha falando do esforço de Lacan em construir aparelhos bastante seguros. Esforços coroados de êxito num momento, mas, no entanto, novamente exigentes de reflexão. Vemos oscilações serem regradas em seu discurso pelo rigor da possibilidade, da disponibilidade, do momento – o que prova que ele não estava se entregando por inteiro à deliração psicótica.

Já coloquei aqui diversas vezes que é preciso manter em questão, por exemplo, o caso da própria *psicose*. Lacan traz o conceito de *forclusão*, de

ótima pertinência, mas que oscila, pelo menos até a metade do seu Seminário sobre *As Psicoses*, entre a não entrada de um certo significante e a destruição deste significante. Naturalmente, não encontrando meios de explicitar teoricamente a destruição desse significante, como ela se daria – e até mesmo para fazer certo *pendant* teórico em telação a movimentos que hoje estão completamente fora de moda, mas que existiam com muito vigor, como a anti-psiquiatria, Bateson, Laing, etc. –, ele partiu para um rigor de nível teórico, baseado em Freud, falando da possibilidade da falta de *Bejahung*, da falta de entrada de um certo significante num momento de crise essencial na constituição da estrutura de um sujeito.

Sabemos perfeitamente – e, se não soubermos, estaremos comendo mosca – que a prática é o fracasso da teoria. Fracasso que, certamente, deve conduzir à sua reestruturação. Não é à toa que é bom guardar a resposta de Charcot a Freud ainda jovem estudando em Paris: “*La théorie c’est bon, mais ça n’empêche d’exister*” – a teoria é muito boa, mas não impede de existir. Chamo atenção para esse tipo de coisa que não só a prática recorrente requestiona, como também a própria deglutição que o Inconsciente faz põe outra vez em questão, mesmo em nível de cultura.

Tomemos outras equívocações ou, pelo menos, mais uma do tipo dessa da psicose entre o desbasteamento do significante e sua não entrada. Essas coisinhas nos fazem pensar de novo a respeito de certos pontos cruciais para a psicanálise, essencialmente para a sua prática – disto que chamamos de *clínica*, e que, só por ser clínica, não tem que ser tão mezinha. Pode mesmo ser *geral*, como já coloquei. Não há nada na psicanálise que não seja clínico. Acho que é preciso ter visão muito curta para supor que a clínica resta fechada no gabinete, sobretudo se está deitada no intervalo entre o divã e a poltrona. Considero mesmo que seja uma espécie de covardia intelectual e profissional quando, toda vez que se recusa a pensar mais profundamente, algum grupo de analistas diz que “o que interessa é a clínica”, como se houvesse outra coisa que interessasse... Mas, continuando, através dessas sutilezas, temos que questionar – e porque o fracasso é evidente na história – coisas como “fim de

análise”, “passe”, “discurso da psicanálise”, etc. Ou seja: continuar perguntando o que é a psicanálise. Se não, vai-se ficar nessa coisa de “o que é o analítico?” – e isto vira *defesa* do sujeito contra a possibilidade de encontrar até o que venha a ser o tal do analítico. O Inconsciente o enraba enquanto ele está avestruzmente com a cabeça enterrada na areia da teoria produzida, é a política do “avestroutro”, de Lacan.

Quem deu uma lida mais ou menos na obra de Lacan percebe a quantidade de oscilações pelas quais ele passou para definir o que fosse *fim de análise*. Há certo momento em que o fim da análise é compatível com o discurso por ele descrito: é destacamento de  $S_1$ . Há outro momento em que se trata de destacar o objeto: quando o cara destaca o objeto, terminou a análise. Era preciso, na emulação do impasse freudiano da falta de fim de análise, estabelecer um fim, já que o matêmico assim o precipitava... Muito depois, ao gosto recente de Jacques-Alain Miller, o fim de análise virou a travessia da fantasia – coisa que ninguém sabe muito bem o que seja: a gente pega a fantasia, dá uma atravessada nela, passa por aquele burquinho... Agora, dizer o que é isto e, dentro de uma análise, mostrar o que é essa travessia – que, aliás, até acontece –, isto ninguém fez... No resumo desses mateminhas baratos do lacanismo – barato quer dizer os mais simples, os mais pobres, as estruturas elementares do psicanalítico –, temos, então, os famigerados  $S_1$ ,  $S_2$ , o mais famigerado objeto  $a$ , e o pobrezinho do Sujeito. Os fins de análise já passaram pelo  $S_1$ , pelo  $a$ , e pegaram de tangência o \$ na constituição da fantasia. Sobrou, então, o  $S_2$ , que não manda picas no fim de análise. Deserdaram justo quem? O representante do Outro no inconsciente. Justo ele! Mas não poderia ser dito, também, que se trata do entendimento de  $S_2$ ? Poderia, ficava bonito, era mais uma...

Mas o pior é que ainda se inventa uma possibilidade de *passe*, a ser cheirado como uma fragrância, de través, por uma certa equipe, que daria o tom *nasal*... Quando, hoje, vejo aquele troço - porque sou pato mesmo, graças a Deus, quem não é pato erra, o velho já disse: acreditei pra burro até ficar perplexo, ignorante, e quando me vi bem ignorante tive que começar a pensar

tudo de novo... Afinal de contas, quando se estuda a respeito do tal do passe, vê-se que vira um troço recalcado como o nasal do Freud: é um cheiro. Chama-se uma equipe para farejar, dar uma cheiradinha no passante e ver se ele tem cheiro de analista. Digo isto porque não consigo distinguir – apesar de toda retórica de certos analistas franceses muito sofisticados, com tendência artística bastante louvável, muito bonita – mais do que um certo *odor* de santidade, que, aliás, é do mesmo nível, na falta de definição, do que se fez com as santidades que morriam em odor, mas que apresentavam um cadáver cheiroso, anos depois de enterrado. Talvez precisássemos ir à sepultura dos analistas, desenterrá-los e ver se estão com bom cheiro. Isto porque o odor de santidade, descrito por seus garantidores, foi provado no cadáver que deveria estar não só putrefato como apenas esqueleto há muito tempo.. Então, algo da ordem do real tem que pintar porque, no simbólico, tá ruço. Parece-me, pois, que muito disso tudo foi feito sem se dar conta de que, na verdade, o passe se resumia, em última instância, a um rigor institucional: contou-se com a prata da casa na suposição, na crença, na confiança de que aqueles catas teriam capacidade nasal superior...

\* \* \*

E o tal do *discurso da psicanálise*? Toda vez que precisam se defender, dizem uma besteira destas: “Isto não está no discurso da psicanálise”. Ou seja, continua-se no segundo grande *round* da história da psicanálise – tirando-se aqueles roundezinhos intermediários em que só havia bagrinhos, e não o Mike Tyson, houve o round de Freud, depois o de Lacan – a fazer o que se fez com o pobrezinho do Freud. O uso, a apropriação indébita do psicanalês para se fazer guerra intersubjetiva – como por exemplo, para dizer que o outro é histérico, obsessivo, etc., e por isso é que ele faz aquilo – passou para o lado do round lacaniano já há tempo. Diz-se que tal sujeito “não é analista” com uma simplicidade tal, esquecendo-se de que se está usando facas de dois gumes que recortam quem diz e de quem é dito... É preciso continuar refletindo

sobre essas coisas – certamente não vamos achar grande coisa ainda, mas, pelo menos, manter a questão de pé é um pouco mais honesto...

Ora, continuando, Lacan tinha uma paixão, talvez mesmo correspondente a algum real, pelo número quatro. Deve ser uma paixão de todos nós, porque, certamente, só não somos quadrúpedes por uma questão de acidente, então, quem sabe?, esse quatro aí seja estrutural... Ele insistiu em apresentar quatro conceitos, quatro discursos, quatro fórmulas acopladas duas a duas na sexuação... Quero supor, então, que é ou uma paixão pessoal, ou distribuível por todos nós, ou mesmo uma limitação de rigor que ele se impôs em função de uma matemática disponível: para não delirar muito, toma-se certo raciocínio aceito num certo campo e se prende a ele. Com todas as letras, ele apresenta a garantia matemática da rotação nos quatro discursos como sendo o famoso grupo quadrado: toma-se um quadrado, divide-se em quatro quadrados, pinta-se cada um de uma cor e verifica-se que a possibilidade de combinatória dessas cores é, girando o quadrado uma vez para um depois para outro lado, de que se apresentem quatro possibilidades. Em sendo cor e que cada quadradinho tenha direito e avesso da mesma cor, a combinatória do outro lado vai reproduzir a combinatória da frente. Portanto, é um brinquedo matemático da maior importância porque é um teorema que diz que se temos um grupo quadrado, teremos quatro combinatórias e não mais do que quatro. É uma ferramenta de limitação importante porque, se a mente conseguiu produzi-la, ela pode servir para algum regime de cerceamento da extensiva deliração. Mas que tipo de gosto, ou que tipo de oportunidade, de disponibilidade momentânea, fez com que esse grupo quadrado viesse situar para Lacan uma ferramenta disponível? Acho mesmo que ele era mais cientista do que nós na medida em que era consciente de estar pegando um determinando ferramental e aplicando, e se limitando dentro por esse ferramental, sem levar – como reconheci que ele não levava – nenhuma crença nisso. É uma ferramenta mediante a qual, aqui e agora, produz-se uma teórica dentro do possível. Mas acho que esses tempos já eram. Hoje, acredita-se piamente no grupo quadrado, ajoelha-se diante dos quatro discursos, reza-se toda a baboseira que isso produziu

como se fosse um *Gloria* e não houvesse mais nada a pensar. Ou seja, está exatificada a posição da múmia.

Tenho, como já disse, sérias questões com esse negócio que se chama *discurso da psicanálise*, que está virando arma, necessariamente de dois gumes, de tentar meter nas costas do adversário de questão pessoal no aqui e agora. Mas que diabo é isso, discurso da psicanálise? E me dou o direito de questioná-lo na medida em que – assim como pressenti no Seminário d’*As Psicoses* aquela questão de falta de inscrição ou destruição de pontos de basta, pois Lacan oscila entre as duas, embora tome partido no final –, no famoso texto dos quatro discursos, tirado da fala de Lacan, de seu Seminário *L’Envers de la Psychanalyse*, a psicanálise pelo avesso, ou o avesso da psicanálise, pressinto ali também o mesmo tipo de equivocação (recortada por uma imposição assim mesmo desse limite do grupo quadrado) que está em apresentar os discursos como quatro, situá-los de maneira relativamente clara no seu manejo e na sua eficácia algébrica, e, no entanto, dizer em seguida que na passagem de um discurso para outro vige o discurso psicanalítico. Aí fico em palpos-de-aranha, pois: por que cargas d’água escreve-se um discurso da psicanálise e, depois, é preciso dizer que na passagem do discurso para outro também vigora o discurso analítico? Nada no grupo quadrado me indica que a passagem seja desta ordem, a não ser o dedo que fez a rotação no quadradinho: uma invasão do real por uma dedada é muito pouco.

Lacan começa o seu Seminário – que lhe foi de valia e lhe rendeu prestígio, porque estava maio de 68 na rua e era ocasião para alguma mestria se apresentar como capaz de gerir um pouco a baderna, e ele apresenta suas formulinhas dos discursos: ocasião excelente, viva a ocasião!, nada tenho contra – pelo *discurso do mestre*, de onde ele tinha a história para assentar o rabo da sua estruturação. E não faz outra coisa senão ir perguntar à *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, pela relação dialética do Senhor com o Escravo. E monta esse aparelho, chamado discurso do mestre, como explicativo da noção de dialética da mestria com a escravidão, lembrando que isto não se aplica ao mestre antigo, que era de outra cepa, e sim à noção

de mestre, já decadente que há do tempo de Hegel para cá. Isto está bem situado, e penso que a maioria de vocês já conhece alguma coisa sobre os famigerados quatro discursos.

No maquinismo de funcionamento dos discursos, o que se escreve são, para Lacan, lugares discursivos, relação entre lugares, e a modificação discursiva, em função dos elementos fundamentais da ordem discursiva do falante, se colocando neste ou naquele lugar sempre numa linha direta, o que faz com que a ordem do grupo quadrado se mantenha. Qualquer saída da fila faz uma certa quizumba na ordem discursiva. Então Lacan escreve à esquerda, em cima da barra, o lugar do *agente* desse discurso; abaixo, o lugar da *verdade*, a verdade certamente desse discurso; à direita, em cima, escreve o lugar do *outro* sobre o qual o agente está operando; e, embaixo, no resultado do giro dessa máquina, escreve o que vai se *produzir* na relação do agente para com o seu outro, do agente, sustentado pela sua verdade, fazendo com que o outro, instado por essa relação, venha produzir o seu produto.

Agente	outro
Verdade	Produção

Fica muito claro ler Hegel assim, no que diz respeito às relações entre Senhor e Escravo. No lugar do agente, Lacan coloca o Significante-Mestre: um tal significante que, sendo o significante do mestre, vem posturar o mestre no lugar do agente a partir do seu significante, e não do seu significado.

S <sub>1</sub>	S <sub>2</sub>
\$	a

Significante aí funcionando enquanto tal, portanto, é uma espécie de corregedor do sentido, do sentido em estado puro – aliás, vocês podem estudar o livro de Deleuze, chamado *Logique du Sens*, que entenderão claramente o que se pode chamar aí de sentido. Este ponto mediano, entre duas séries de oposições,



que reparte os sentidos, é o sentido puro, mas não tem nenhuma espécie de significação, é o divisor de águas dos sentidos. É, pois, o sentido puro e o endereçador do sentido para cá e do sentido para lá. Então, o corregedor dos sentidos na ordem discursiva, no caso do discurso do mestre, é o significante-mestre, na medida em que Lacan pretende alcançar o significante em seu estado estrutural independentemente dos efeitos de significação que possa ter. Ou seja, separado radicalmente de qualquer aparência sîgnica que possa tomar. Portanto, para cada mestre, esse  $S_1$  seria o ponto neutro de onde emerge toda e qualquer possibilidade de sentido das séries que ele impõe ao mundo e, embora seja um significante em particular, e não esse ponto absolutamente neutro, ele, enquanto significante deserdado e defasado de qualquer significação, passa a ser o ponto morto, o ponto neutro, das séries de sentido e do acrescentamento de sentido que virão a partir do seu uso como significante. Há, pois, uma co-regência, uma corregedoria, desse significante no discurso do mestre como agente ali situado, garantido entretanto na verdade fundamental de um ser falante – e, portanto, com sua *Spaltung* de sujeito – dividido já ele próprio entre aquele  $S_1$  da sua regência discursiva e o  $S_2$  do saber, ou melhor, dos portadores dos saberes que, no caso, são os escravos sobre os quais ele age na exigência de obter um resultado, um produto, que possa capturar no seu desejo de mais-valia. Não esquecer, também, que Lacan vai adscrever o discurso do mestre ao conceito de mais valia de Marx: o roubo, pelo mestre, da mais-valia do trabalho do escravo, daquele que sabe, que sabe fazer. Nisto, o mestre está esteado na sua posição de agente – que parte de um significante dominante – sobre a verdade ocultada da sua partição subjetiva. Então, o que Lacan fez foi escrever o discurso do mestre – que é tradução matemática de algo descrito e definido por Hegel – com lugares fundamentais de uma máquina produtiva qualquer, e escrevendo-se sobre esta máquina, nestes lugares, os quatro elementos fundamentais da estrutura psíquica, que ele tivera articulado anteriormente.

Aí começa um gira-gira que, com uma pequena guinada vai nos dar o *discurso da histeria*, que modifica toda a situação. Porém, será que o discurso

da histeria é exatamente compatível com a noção de neurose histérica? Ou é um dos discursos disponíveis para quem, acreditando que os elementos da fala e da produção discursiva sejam esses, possa utilizar? O agente aí passa a ser o sujeito enquanto tal, \$, e fica equivocado colocar esse sujeito com ou sem cabeça, na medida em que o  $S_1$  pertence ao outro. Talvez a cabeça deste sujeito seja a mestria de um outro nesse momento.

$$\frac{\$}{a} \quad \frac{S_1}{S_2}$$

Se considero este sujeito acéfalo aí, ele não encontra outra possibilidade de escoramento senão a própria mestria do mestre. E lá vem a histeria supondo que a sua verdade seja a sua qualidade de objeto  $a$ , oculta sob a barra, fazendo invectivas ao mestre – ou seja, algum significante-mestre mediante o qual ela se baliza – e produzindo saberes. Ou seja, aumentando a carga do outro. Não se esqueçam, aliás, que a formulação originária para Lacan escrever sobre aqueles lugarezinhos e aquelas letras foi, no discurso do mestre, a que estão aí ao lado. Portanto, no discurso da histeria – porque não se pode produzir o Outro na sua alteridade radical, pois ele cai sempre em marca significativa, se não mesmo sîgnica –, o que se produz é o Outro. A histeria quer produzir o Outro.

$$\frac{\phi}{\$} \quad \frac{A}{a}$$

Uma guinadinha nesse discurso e se passa para o tal que Lacan quer chamar de discurso analítico, mas que vamos tratar por último. Mais uma guinadinha, e cai-se no que ele quer chamar de *discurso universitário*, onde é o próprio outro que é o agente: o outro como saber constituído, mantendo como sua verdade a palavra garantidora de um mestre, ou pelo menos um significante que dá mestria a essa produção do outro ali recalcado, fazendo com que o seu

outro, do agente, seja o próprio objeto *a* na produção de um certo sujeito. Mas tudo isto é muito equivocante, pois o que resultaria desse tipo de discurso, se nos perguntássemos se o  $S_2$  ali como agente, mesmo regido pelo  $S_1$  da verdade, mesmo ocultando essa verdade, fazendo funcionar o objeto *a* na sua equivocidade radical, e não situado, não faria emergir justamente a posição de sujeito que há no falante? Estamos acostumados a chamá-lo de discurso universitário na medida em que se supõe um certo  $S_1$  de mestria, no lugar da verdade, sustentando um saber limitado diante de um objeto *a* mais ou menos pré-configurado pelo saber da ciência, por alguma coisa, e na tentativa de produzir *certos* sujeitos educados segundo esta máquina. Mas na medida em que se toma o mesmo discurso e se pergunta se, dado um  $S_1$  qualquer e a generalidade do saber do Inconsciente fazendo agir o objeto *a* na sua equivocidade radical, quem aparece não é senão o sujeito enquanto tal, não há aí uma *pedagogia* mais verdadeira do que a mera universitária? Sei que a inércia não nos deixa pensar para fora do já visto, mas não há aí uma sondagem de uma pedagogia um pouco mais delicada do que o discurso meramente universitário, em que haja emergência, para quem está na utilização deste discurso, dessa posição subjetiva que não é um certo sujeito, e sim um *incerto* sujeito, desde que  $S_2$  seja tomado como os saberes em disponibilidade na zorra em que aparecem, e não como certo saber determinado, e que aquele significante-mestre não seja o significante de um mestre mas um significante qualquer que organiza aqui e ali essa mestria e a relação com esses saberes? Finalmente, quem vai pintar, se a maquininha for correta, é a *posição de sujeito*, e não de um certo sujeito.

Mas vamos ao famoso *discurso psicanalítico*. A essa altura do campeonato, anos 1969-1970 – ele criou os discursos em contemporaneidade com maio de 68, mas o Seminário foi depois –, Lacan procurava escrever esses matemas dos discursos, mas tenho que pensar que, na medida em que escreve o discurso da psicanálise tal como o escreveu, ele não pode deixar de supor que o fim da análise seja nada mais, nada menos do que o destacamento puro e simples desse  $S_1$ . É o que lá está escrito. As vertentes posteriores de busca do objeto *a*, de travessia da fantasia, etc., são, na verdade, equívocos desse discurso.

$$\frac{a}{S_2} \quad \frac{\$}{S_1}$$

Alguma coisa, para ele, equivocou o rigor desse discurso e pediu mais. Coisa que, aliás, já está equivocada no título e no modo de apresentação do Seminário, pois começa pelo discurso do mestre, o qual, notem, é o avesso do discurso da psicanálise, basta subtrocar os lugares. E quando Lacan percebe, muito lá adiante, que isto não vai bem das pernas, ele diz que o fato de ter chamado *O Averso da Psicanálise* não significa que o discurso do Mestre seja o avesso da psicanálise. Há, no mínimo, equivocação aí porque, evidentemente, posso dizer que o discurso do mestre é o avesso do discurso da psicanálise, mas Lacan diz que não é. É, porque está escrito. Não é, porque este talvez *não* seja o discurso da psicanálise. Estou errado em perguntar? Talvez não.

- Pergunta - *Quando você, em 1981, colocou a possibilidade de oito discursos, o avesso do discurso da psicanálise não era o discurso do mestre...*

Foi o delírio que fiz naquele momento, tentando escapar dessa camisa-de-força, mas o meu avesso, naquele lugar lá, foi também aprisionado por um molde, que era o de caminhar os discursos na posição em que estavam em cima da banda de Moebius. Foi a camisa-de-força que inventei e nem gosto mais dela, tanto é que nunca a publiquei.

Em termos, então, de avessamento de lugares sobre a superfície do grupo quadrado, lacanianamente inscrito, a única coisa que funciona como avesso do discurso da psicanálise é o discurso do mestre, e o discurso da histeria é o avesso do discurso universitário. Foi assim que isto foi fabricado. Portanto, das duas uma, ou o avesso é o discurso do mestre, ou então este não é o discurso da psicanálise. Aí fica faltando um. Qual? O discurso da psicanálise, que é o que estou procurando porque, este, não deve ser. Estou procurando sobretudo porque está mumificado, e está me irritando essa múmia. Todo mundo lança mão dessa porcaria matemática – e não é desdouro dizer isto, pois é uma das porcariinhas que sobrou da fala do mestre: se estivesse vivo, talvez trabalhasse mais – para

ficar brandindo um certo ato psicanalítico, um certo discurso psicanalítico puro, etc., para o qual fico olhando, arregalado, e não entendo – a não ser como sintoma defensivo em cima de matemas pré-fabricados.

Estou questionando estas coisas sobretudo porque, com a dica que nos foi dada por Lacan ao dizer que o discurso psicanalítico aparece numa passagem de um para outro discurso, em primeiro lugar, retiro o discurso da psicanálise do seu lugar indicado e, segundo, não tenho como escrever este discurso entre um e outro. Se alguém tiver, que venha demonstrar matematicamente dentro do grupo quadrado com que ele trabalhou. Se há condição de seguir *ipsis litteris*, é o caso de dizer, os discursos ali escritos, não tenho condições matemáticas, dentro do grupo quadrado, para inscrever o discurso da psicanálise entre um e outro. Isto não acontece. Então, o que fazer com o tal do discurso psicanalítico, que compareceu escrito tendo como resultado, como produção, o destacamento do  $S_1$  pura e simplesmente? Depois, é dito que ele não é bem o avesso da psicanálise, depois, que é preciso destacar o objeto para terminar a análise, depois, que é preciso atravessar a fantasia... E agora, eu também quero dizer uma. Por que não? Não basta destacar o  $S_1$  ou atravessar a fantasia. Para mim, não é analista quem fez isto. É um candidato, um sério candidato... Prefiro, aliás, ficar com a dica de que o discurso psicanalítico está *entre* os discursos...

Destacar-se quanto à sua referência significativa na sua história – significativo lacaniano, não o meu Revirão –, destacar essas marcas que são o esteio da sua pronúncia, é um aparelho fundamental na análise. Mas é *um*, e não me indica nem fim de análise, nem que seja o discurso da psicanálise. É um aparelho fundamental que preferiria chamar de *discurso da separação*, operada pelo analista, ou por quem quer que esteja em condições de propiciar a um sujeito falante um pouco de separação. Não se trata aí de separar o sujeito, ainda mais o sujeito lacaniano, que fica naquele buraco onde se passa mal e nada existe. Aí, no caso, só pode ser distinção entre marcas que pertencem ao campo do  $S_2$ , mas que foram colhidas e comidas por esse tal sujeito, e o resto das marcas com as quais ele transa, sem serem, para ele, seus referentes fundamentais. Não veio ali, então, mais do que a possibilidade de uma prática

discursiva da separação de um significante-mestre. Isto é a psicanálise? Não! E também não é o discurso psicanalítico. Por que motivos não faria parte da transa psicanalítica – e não do discurso psicanalítico –, até mesmo durante o percurso, e, sobretudo, a cada destacamento de algum fragmento de  $S_1$  que seja, a possibilidade de colocá-lo no lugar do *agente*, e saber como um falante, em prática de análise, é capaz de amestrar-lhe e amestrar-se? Por que não colocar, para esse sujeito em análise, esse mesmo elemento distinto no lugar do *outro*, na medida em que sua vocação humana e falante de produção de saber é tão rica quanto qualquer outra? Por que não colocar esse mesmo elemento, capaz de ser separado, no lugar da sua, dele, *verdade*, de maneira que lhe pinte a sua posição subjetiva em carência de significação e de sentido? Isto não faz parte da análise? Então, Lacan está certo: o discurso psicanalítico vige na passagem de um discurso para outro. E não concebo que alguém que se supõe analista, ou que supõe o outro analista, não tenha condição de botar a letrinha no lugar que quiser, e não faça com que, em sua estada no seio de pares e de instituições, venha a lançar mão disto e esclarecer a sua prática, com passagens sucessivas por todos esses caminhos, por todas essas possibilidades discursivas.

Estou aqui, começando apenas a dar as bases de questionamento teórico de certas atitudes que venho tomando, e que aqueles que aprenderam comigo essa baboseira querem jogar na minha cara para dizer que estou errado. Simplesmente, não tenho vocação para múmia, por enquanto. E desafio qualquer um, aqui, a sustentar, com o tal discurso psicanalítico puro, qualquer vigência institucional. Faça-o, e estarei de platéia... Vamos, portanto, repensar antes de mumificar.

- P – *Parece que, retomando a lição, você está ensinando agora que, ao contrário dessa posição um tanto ou quanto clássica do lacanismo em que o discurso analítico acossava os outros discursos, você agora prefere vê-lo acossado de volta pelos outros discursos. Não se trata de ele acossar o discurso do mestre, do universitário e da histérica, e sim de resistir a ser acossado por eles, para que esse destacamento de  $S_1$  possa percorrer todos os outros discursos.*

Exatamente. Prefiro ficar na dica lacaniana de que o analítico vigora na possibilidade, que há .pouco aponte, compatível com a perversão polimorfa de Freud: a possibilidade da *diversão* discursiva. Quer me parecer que o analítico vigora é nessa *competência* do falante de poder sentar-se em qualquer cadeira discursiva: aquela que for necessária aqui e agora, aquela que for necessária no jogo que se está jogando – e isto é uma política, aquela da psicanálise. Uma instituição psicanalítica deveria reger-se pela competência dos seus ditos analistas em compreender situações e jogar recursivamente com esses discursos, o que faz com que essa instituição difira de qualquer outra que eventualmente esteja estacionada num certo discurso, como, por exemplo, o do mestre, o do universitário... Estacionada com significantes ancorados e significamente compostos.

Ou se faz confiança em *ver um sim fiando o vôo*, ou se diz simplesmente que a paranóia pessoal não consegue suportar que algum sim possa fiar algum vôo. A atribuição do lugar de indicação de um sim capaz de fiar um vôo entre esses discursos é estritamente da ordem daqueles que apontam esse sim como válido, e não da afirmação autoritária e autocrática desse sim, embora possa ser perfeitamente autônoma. Minha autonomia de vôo não obriga ninguém a reconhecê-la. Disso, eu sei, *mas mesmo assim* continuarei voando.

\* \* \*

Vou dizer mais algumas coisitas que podem interessar na relação dos quatro discursos de Lacan com meu Pleroma.

Pergunto (e não respondo): que tem a ver o gozo-fálico com o discurso do mestre? Será um discurso onde se privilegia o que se possa chamar de gozo-fálico no sentido estrutural?

Pergunto: que tem a ver o gozo-do-Outro com o discurso da histérica? Será um discurso onde – não estou dizendo que se vá a ele, e nem de modo algum que, no discurso da histérica, esteja escrito o lugar do gozo-do-Outro –, de dentro do Campo do Sentido, se privilegia o gozo-do-Outro? Sempre se soube

que há uma certa correspondência entre a vocação pelo gozo-do-Outro e os ataques histéricos. Tanto é que Santa Tereza, quando não é reconhecida como mística, é chamada por eminentes psiquiatras de histérica.

Pergunto: que relação poderá existir entre o privilégio, no Campo do Sentido, para o gozo-do-Sentido e esse tipo de coisa que Lacan quis chamar de discurso analítico, e que estou apontando como o discurso da separação? Para fazer sentido – fazê-lo, e não tê-lo – não será necessário que se parta da separação desse significante – mestre de cada um?

Pergunto: o que terá a ver o gozo do Não-Haver, o gozo da morte, com o discurso que Lacan quis chamar de universitário, como se fosse possível apresentar-se, em última instância, como lugar vazio de um sujeito por vir? No sentido que coloquei, e não no puro e simples discurso universitário instalado significativamente sobre um  $S_1$  desenhado e composto como verdade.

• P – *Quando, no início, falando de Christopher Lash, você discordou da colocação dele sobre o narcisismo e disse que a predominância em nossa cultura é da ordem do perversismo, um ponto que você não destacou no livro e que me parece ser concomitante com a análise dele dessa indicação, ainda que errada, por via do narcisismo, no que toca a essa perversidade que ele descreve, é a questão da melancolia. Então, quanto a esta indicação última que você fez a respeito do discurso universitário, eu gostaria que você falasse mais alguma coisa, pois me parece evidente que entre perversidade e melancolia há um traço até então insustentável, o qual fica mais ou menos evidenciado no discurso universitário.*

Você faria esse *pendant*, digamos, na sociedade contemporânea, entre a virtude perversista da sociedade e certos desesperos melancólicos no seio dela? Quer dizer, ou se entra na perversidade ou se fica melancólico, não há saída.

• P – *Et pour cause. É mais radical ainda, não há uma escolha: é o caminho. Porque há o esgotamento da perversidade, exatamente pela sua proliferação: há uma espoliação da perversidade.*

O Brasil está levando jeito de melancólico ultimamente, não é? A perversidade fica desgastada porque, na medida em que se bota uma porção



de perversos juntos, não há transa, então há espoliação geral dos objetos. Daqui a pouco, a merda não dá para todos, como se diz na piada. O pior não é que só vai sobrar merda, e sim que não vai dar para todos. Aí vem a melancolia: “Pô, não ganhei nem merda!”

• P – *É o título do outro livro dele, O Mínimo Eu, cuja tese é o desenvolvimento desse A Cultura do Narcisismo, e que tem como subtítulo “Sobrevivência psíquica em tempos difíceis”. É justamente a indicação de que, por exemplo, diante de tanta butique para escolher, chega o momento em que, merda por merda, fico com meu euzinho.*

Não li esse livro, mas parece ser a tal distribuição da merda que eu disse – porque euzinho é tudo merda mesmo. Agora, o que você está me parecendo fazer aí, quem sabe se mesmo de valência clínica, é a correlação entre esse discurso, operado como operei, e a melancolia. A melancolia seria o discurso de um sujeito tão vazio que sua transa desejante, sua aspiração, é diretamente com o Não-Haver. Ou seja, é o suicida. É o discurso do suicida, se dali for retirado o sgnico do  $S_1$ .

Aliás, os jornais andam falando que a cultura está numa de nostalgia, mas não será que a nostalgia talvez seja um remédio contra a melancolia? Já que para frente não se vê nada, vamos ficar com saudade do que já tivéramos.

• P – *Todo o pensamento crítico pós-iluminista, que não se conforma em aderir a esse perversismo, dá como opção uma concepção melancólica da sociedade. Isto pode ser verificado em toda a tradição de renovação do marxismo na primeira metade do século XX, muito em cima da Escola de Frankfurt. É radicalmente melancólica em Benjamin, e moderadamente melancólica em Adorno, que são pessoas que vivem de denunciar isto que está sendo chamado por Lash, equivocadamente, de narcisismo, e que é, corretamente, perversismo, como você está chamando. A única saída oferecida é, portanto, inteiramente impotente diante desse perversismo, quer dizer, quem não quer aderir ao perversismo vai brincar de melancólico, porque vai se render à impossibilidade de modificá-lo: ele vai fingir que exerce o pensamento crítico. Estes são os grandes momentos do discurso*

*universitário avant la lettre, no sentido literal lacaniano. O tal Neo-Iluminismo presente, no sentido de um Habermas, por exemplo, também entra aí. Não há possibilidade de se oferecer uma razão comunicativa, porque a razão negativa fracassou na compreensão da cultura contemporânea. É simplesmente querer modernizar a negatividade. Lacan tem uma citação textual dizendo que toda vez que se fala em negatividade, o não ser remete à realidade da morte. Só que, aí, é uma morte cultuada discursivamente. O discurso universitário quando se radicaliza em qualidade, neste sentido, ele só oferece um sujeito que só se revela inteiramente impossibilitado de modificar esse discurso que foi chamado de narcisismo, e que você chamou de perversismo.*

• P – *Continuo implicando com o termo melancolia. Você mesmo distinguiu, não sei se mantém, que melancolia seria a procrastinação do luto na neurose obsessiva. Por outro lado, fica difícil imaginar, se a vertente é perversista, que o perversista vai ficar melancólico. Isto porque não é uma tendência neurótica ao perversismo, como você falou.*

Chamei atenção para o fato de que apontar como perversista a moda discursiva do social não é dizer que esses sujeitos são perversistas. Muito pelo contrário, a maioria é neurótica, que acha um barato de saída por aí, que fica na ilusão de saída pelo aparelho perversista fornecido pelo maquinismo social de comunicação, de consumo, de hiper-produção, de variedade de informação, de língua, disso, daquilo, etc. Começou outro dia uma série na televisão que é uma gracinha, *Jogo da Morte*, aliás muito precisamente nomeada, que é a exibição, no nível do jovem executivo de cabeça *yuppie* americana, desse jogo perverso, perversista, descambando para um final melancólico. Uma besteira enlatada, mas que mostra isto muito claramente. Não é, pois, que estrutura perversista vá passar para melancólica. Não se trata disto, e sim de que o ambiente, a estrutura perversista do convívio entra em esgotamento. Isto porque a troca de objetos nesse meio é feita por, supostamente, sujeitos que não têm correlação de espécie alguma com seu vizinho. Ambos estão na mesma guerrilha perversista. E isto só pode dar num esgotamento radical, que vai transformar

não, talvez, cada um dos sujeitos, mas esse aparelho perversista num aparelho melancólico, por desgaste. Ou, se não, em marketing do perverso, que é o que mais vigora. Aliás, por exemplo, ninguém entende mais de filosofia, hoje em dia, do que jogador de futebol. Todos eles dizem “a minha filosofia de jogo...” E são as pessoas mais importantes, porque arrotam na sua cara que conseguem não sei quantos milhões por um passe. Já aqui entre nós não se consegue nem mesmo o passe... Vocês estão rindo? Vocês vão ver...

\* \* \*

Mas minha questão é eminentemente prática, embora com a tentativa de escrevê-la teoricamente. Isto porque levo a sério essas coisas. Levar a sério, para mim, significa que é questão de vida ou morte. Não é porque sou um cara sério, e sim porque sou um sobrevivente: é sério sobreviver. E aviso aos senhores – embora já tenha explicado quinhentas mil vezes, para ouvidos moucos – que as tentativas que faço, mesmo de organização institucional, etc., são no sentido de tentar algumas saídas. E tenho garantias reflexivas para as que apresento. Não digo que são as melhores. Quem sabe, alguém aqui pensa melhor e me traz uma saída mais interessante – ao qual agradecerei profundamente, porque gosto de sobreviver, e sem melancolia.

Bom, estou em juízo a respeito das minhas aparentes formações reacionárias, na tentativa de sobreviver...

09/JUN



## 7

### Ludus Angelōrum

Início do Seminário com a  
audição de *Ideologia*, com Cazuza.

... para encerrar os Seminários deste primeiro semestre, pretendo não me delongar muito – para que a gente possa se encontrar logo após, em coquetel...

\* \* \*

... ainda há poucos dias, dez dias atrás, a 13 de junho de 88, transcorria o centésimo aniversário de Fernando Pessoa... centésimo aniversário de uma vida que ele sobreviveu por 47 anos... como será para o divino Salvador Dali, também ele, Pessoa, em pessoa, está “morto, mas não todo”...

... Fernando Persona... máscara... ninguém...

... ele avançou mascarado com seus próprios vários nomes... mascarado não para se esconder, mas para multiplicar sua vergonha, de modo a obscenizá-la melhormente e mais vezes... tanto é verdade que, com seu nome de registro civil, publicou seu único volume de poemas ajuntado em livro, durante sua estada, e deu a esse volume o título de *Mensagem*... um título que serve muito bem para ser também título do conjunto completo de toda a sua obra... *Mensagem*, que ele introduz com uma nota preliminar a respeito do

entendimento dos símbolos e que vou me dar ao luxo de ler por inteiro... e que muito funciona para nós, se traduzirmos “entendimento dos símbolos” por “escuta do simbólico”... então, vou ler assim:

“A escuta do simbólico exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos e ele morto para eles.

A primeira é a simpatia. Não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete de sentir simpatia pelo símbolo que se propõe a interpretar. A atitude cauta, a irônica, a deslocada – todas elas privam o intérprete da primeira condição para poder interpretar.

A segunda é a intuição. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não, criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o estar além do símbolo sem que se veja.

A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói em outro nível o símbolo; tem, porém, que fazê-lo depois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição a tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.

A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim, certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes.

A quinta é menos definível [ele faz um parêntese para dizer que é a que mais preza]. Direi talvez, falando a uns, que é a graça, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros [terceiros mesmo], que

é o Conhecimento e conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma, da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo”.

...Fernando Pessoa... *Mensagem* que ele abre com estas qualidades, partindo, em última instância, para a força de um Anjo... *Mensagem* onde ele diz coisas assaz conhecidas como:

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

...Fernando Pessoa, que trás como mensagem dizer pré-lacaniano, senão lacanamente *avant la lettre*:

Meu ser vive na Noite e no Desejo.  
Minha alma é uma lembrança que há em mim.

...um pequeno poema em duas frases... a primeira, que se escreve \$: “Meu ser vive na Noite e no Desejo”... a segunda, que se escreve  $S_1$ : “Minha alma é uma lembrança que há em mim”...

...Fernando Pessoa mascarado, e arauto da mensagem... quem é esse que nos traz a mensagem senão o mensageiro?... *aggelos*, como se dizia em grego, que passou ao latim como *angelus*, isto é, O Mensageiro, ou melhor, o Mensageiro Divino... os ditos heterônimos não são máscaras, personas, de o Fernando português esconder nenhum mistério de sua cara, de suas caras pessoas... ele veio nos dizer que não há nenhum mistério senão ignorância e impostura... lembrem-se vocês, talvez, de um pequeno trecho de um Seminário de Lacan, onde ele dizia que se a gente apresenta a uma criança

um rosto mascarado, ela se assusta... retirada a máscara, ela ri, mas se apresentarmos o rosto mascarado a essa criança e, retirando a máscara, houver por baixo desta outra máscara, ela não rirá mais...

...“*larvatus prodeo*” é o lema de uma pessoa eminente chamada René Descartes... cartesianamente lacaniado pelo Doctor Lacônicos, “*larvatus prodeo*” que significa: ajo dissimulado, procedo disfarçado, dado que há os mil e um preconceitos ambientais... Lacan se felicitava por sua voz fraca que permitia que ele não fosse muito bem ouvido e, portanto, menos rapidamente decapitado... mas nem por isso escondia demais o seu freudiano rabo... e este, Freud, não fez por menos do que se pôr, ele próprio, como o rabo de fora do escondido Gato Félix do seu tempo... Freud, o rabo de fora do gato escondido... ambos, como diria Guimarães Rosa, se esforçaram para ir até o “rabo da palavra”... “*larvatus prodeo*” é sentido, e há dois alelos desse sentido: ocultação cartesiana fingida por Lacan; desvelamento, se não desavergonhamento freudiano, anunciado por Pessoa...

\* \* \*

...as máscaras de Pessoa desavergonhadamente expostas, como nomes próprios, não representam senão o que quero representar com o título do Seminário de hoje: *Ludus Angelórum*... *ludus* é muita coisa: brinquedo, jogo, a farsa, o faz-de-conta e, sobretudo, o postiço, o artificioso da simbolização... é justo no que cai o rito consagrado pelo seu aparelho de artifício que, o que quer se maneje, cai no Real psicoticamente ou é aproveitado, como objeto dado, na perversidade social...

...“*ludere me putas?*”, frase muito usada no latim clássico: achas que estou brincando?... sim, estou brincando!... o chamado Winnicott chegou a escrever um livro intitulado *O Brincar e a Realidade*, tema a respeito do qual, levado a sério o *Ludus Angelórum*, deveríamos dizer que “o brincar é a realidade”...

...*ludus discendi*, por incrível que pareça com a distância da nossa língua em relação à sua mãe, dela, com o radical desse verbo *ludere*, não era



outra coisa na fala romana senão a escola, a sala de aula... *ludum aperire* é o ato de abrir uma escola... o mestre-escola, aquele que cuida das criancinhas, aqui a gente chama de professor primário, por mais secundário que se demonstre, e, na França, chamam de *instituteur*, o instituidor... eles lá, na língua latina clássica, chamavam nada mais nada menos que *magister ludi*, o mestre do brincar... ou, também, numa palavra só, o *ludimagister*...

...*Ludus Angelórum* é o que se tem esquecido na época decadente em que vivemos... época decadente em geral, e em particular para o campo dito freudiano...

...haverá uma moral freudiana?... Lacan instituiu, no Seminário sobre a *Ética*, o centramento da ética psicanalítica no Real, apresentado como o momento trágico da afirmação de uma diferença na exigência da convivência diferocrática... portanto, quero supor que há uma moral freudiana... há, sim, uma moral freudiana na qual se pode, eventualmente, estear o que seria a *seriedade*: o ato de fazer série do analista...

...acho que já era tempo de guardarmos essa palavra *analista* apenas para a função operativa que está em jogo na chamada prática da cura... mas era preciso que a gente se embandeirasse em torno do *dono*... Lacan assim o fez: nunca deixou de dizer que era freudiano... os cristãos têm sido bem mais convincentes na sua indicação de mestria... aqueles que seguem o Cristo, como se diz pelo menos na outra língua da península, ibéria, são *cristianos*: aqueles que herdaram, de um momento de visada, determinada postura... portanto, prefiro que falemos dos *freudianos*, e não dos analistas...

...há mais freudianos do que analistas supostos: além de uma prática discursiva que tenta operar o procedimento da cura que um outro, chamado analisando, está pondo em jogo – o *ludens* é o paciente –, existe todo um amplo resultado extensamente extensivo do que é freudiano... é claro que não há o espetáculo gigantesco do masoquismo crucificado no campo freudiano... há mais sacação e distanciamento... mas nem por isso deixa de haver testemunho, quer dizer, martírio, de um sujeito que passou toda a sua vida tomado, absolutamente tomado, por sua função psicotizante... pelo menos, é o que Lacan quer

demonstrar... se o psicótico, como diz Lacan, é o mártir do Outro, testemunho do Inconsciente, a aproximação disso sem a forclusão, sem a psicose instalada, é um processo psicotizante e, portanto, um processo de martírio, de testemunho...

...a mansão freudiana, no que opera na farsa e no faz-de-conta, no *angelus ludens* ou *Ludus Angelórum*, talvez só ela tenha condições de acolher algum futuro para a presente decadência mundial, a qual se representa aos olhos de vários observadores como decorrente de uma radical falta de futuro...

\* \* \*

...*ludere*... quantas palavras vêm desse radical?... muitas: *illudere*, iludir; *eludere*, eludir... a própria *alusão* e, também, a *colusão* que permite alguma aproximação no sentido de se produzir algo adiante...

...gostaria de ficar, por enquanto, com três verbos... dois existentes na língua latina como na língua portuguesa: *illudere e eludere*, iludir e eludir... mas me proponho um verbo não usado, com o mesmo radical: *reludere*, reludir... que posição, para uma moral freudiana, poderíamos tomar considerando o *Ludus Angelórum* e as recorrências verbais do *ludir*?... infelizmente não veio em português este verbo *ludir*, veio o verbo brincar...

...há um *jogo*, há sempre um *jogo*... esse *jogo* necessariamente se reporta a um morto suposto, que lhe dá garantia... pensar poder lidar diretamente com o verdadeiro Real, ou com A Verdade a respeito da verdade, vai cair na psicose patológica ou em perversidade... não há senão o estabelecer o melhor *jogo*...

...quer me parecer que houve muito tempo em que, antes ainda de toda a chamada humanidade se dar conta, com certa clareza, de que por trás de tudo havia um *jogo*, o *jogo* do Outro, quando ainda se pensava com certa inocência tirar de dentro de si a enunciação, sem dever nada a estar em *jogo* no campo invasivo da alteridade... vivia-se – e ponho esse passado não na história mas no passado de cada um de nós – no ILLUDERE, na ilusão, metido-e-dentro-do-jogo: jogando o *jogo*, sem se dar conta do *jogo* – é isso que é a ilusão...

...a ilusão, a meu ver, diferentemente de coisas que tenho lido

recentemente, da sustentadora da fé: se estou em jogo até o pescoço, no *illudere* de não me dar conta do jogo, essa ilusão me dá sustentação para pôr fé no jogo, pôr fé no, quem sabe, criador do jogo... parece que cada um de nós passa por isso e a história também, de tal modo que, no *illudere*, à medida em que o jogo vai se apresentando em sua diversidade, à medida em que comparo um jogo – antropológicamente, por exemplo, dentro de um grupo fechado – com outro grupo, que está jogando também debaixo de regras rigorosas mas um jogo completamente diferente, começo a me dar conta de que há diversidade de jogo... isto faz com que caia a i-lusão: “Eu pensava que este era o jogo, mas é apenas um jogo”... isto faz desabar a ilusão e faz derrocar a fé... não é à toa que aqueles exigentes do Auto-da-Fé, na ordem canônica da Igreja dita Católica Apostólica Romana, aqueles tais que inventaram os tribunais de Inquisição em prol de uma ortodoxia rigorosa, não queriam permitir de modo algum nenhuma emergência de diferenças de jogo... isto na medida em que se davam muito bem conta de que verificar diferença no jogo faz cair a ilusão, e junto com ela a fé...

...é quando começa a cair a ilusão, o *illudere*, o estar metido *dentro* do jogo, quando isso começa a ser visto, então, começa um outro prefixo a funcionar para o mesmo verbo... ELUDERE: “Eu sou inteligente, não sou bobo, saquei que há jogos e só jogos e posso, então, me safar de cada um de todos os jogos e-ludindo-os, tirando o corpo fora, tirando o meu da reta a cada momento que o jogo se joga”... para isso não é preciso nenhuma fé, basta acreditar na sua competência de ver que há jogo... até mesmo acreditar que o jogo funciona e tão bem que, sacando a sua estrutura de jogo, de brincadeira, de brinquedo organizado, posso me safar dele... este é o momento, portanto, da safadeza, dos safados: não têm fé no jogo por falta de *illudere*, mas crêem que o jogo funciona porque o vêem funcionar e tratam de eludi-lo... aí já não se brinca mais, aí se joga no sentido de escapar da brincadeira e chamar de tolos aqueles que estão nela, ou de loucos...

...essa crença, se não der mais um passo, é produtora do mais refinado *decadentismo*... quer me parecer que isso que chamam de *crise do mundo contemporâneo*, denunciada aos berros por tantos autores preocupados

apocalipticamente no que vai dar esta baderna contemporânea, não é nada mais, nada menos do que, quando está acontecendo, uma elusão radical de todos os jogos: “Cada um por si, e Deus que se dane!”...

...a *crença* no jogo – ao contrário da *fé*, iludida no jogo, que se entrega mas pretendendo encontrar de fato a resultante ótima desse brinquedo – reconhece que há farsa, reconhece que tudo é faz-de-conta... a crença é esse reconhecimento... mas, no que a elusão comparece, o que se tenta apagar é a única condição de convivência dos falantes: na farsa, no brinquedo, no faz-de-conta, no era-uma-vez...

...os autores estão em pânico... “o que é que está acontecendo?”... um que venho lendo, e que já citei para vocês, chamado Christopher Lasch, analisando a questão do jogo, do esporte, etc. – sobretudo aproveitando-se da reflexão de um outro autor, já famoso, holandês, chamado Johann Huizinga, que escreveu um livro chamado *Homo Ludens*, bastante conhecido –, vem denunciar que o que deteriora as relações intersubjetivas é quando o lúdico é eludido... muito ao contrário do que a gente pensa, a *seriedade* do homem está em reconhecer o lúdico como tal: a necessidade de simbolizar na seriedade extrema do brinquedo infantil... momento em que a criança está se dando conta de que é angélica, de que é responsável pelo *Ludus Angelórum*, o brinquedo dos anjos... e fora do lúdico não há salvação, porque o lúdico é o manejo de um jogo articulado, compactuado com os outros...

... quando se lê livros desse tipo, vemos um sujeito meio desesperado... ele atravessa o livro inteiro simplesmente com uma aparência de nostálgico: “Olha como estão as coisas, olha como elas eram, está-se perdendo isto, isto e isto”... está-se perdendo, em última instância, o reconhecimento de que jogo é jogo, de que brinquedo é brinquedo, e que é muito sério porque não se pode trocar o brinquedo pelo Real... Lash cita Huizinga ao dizer que é justamente quando o que é da ordem do lúdico cai no negócio, vira mero produto de mercado, que o sujeito perde a sua dimensão de estar efetuando um rito inter-pares, de maneira a que algo funcione com algum sentido... mas esses autores apenas comparam o passado e o presente: notam um decadentismo generalizado,

mostram todas essas perdas no campo do jogo simbólico, mas não nos apresentam nenhuma possibilidade de futurível, de futurização – mesmo Lash, que faz a suposição de estar lidando com conceitos psicanalíticos...

\* \* \*

...é aí que venho dizer, aproveitando a *Mensagem* do Pessoa, compatível, a meu ver, com a mensagem freudiana, que a psicanálise, ela sim, ou melhor, *o freudiano*, ele sim, teria condições de mostrar ao mundo uma nova era, uma nova maneira de brincar...

...exatamente mediante isso que quero chamar “a moral freudiana”... não a moral dos analistas, porque estes têm-se demonstrado, com a maior frequência, perfeitamente compatíveis com o *eludere* contemporâneo... estão certamente muito preocupados em ser “senhores-de-respeito” no seio da Sociedade, em ganhar muito bom dinheiro – o que nada tenho contra –, mas às custas de se demissionarem de serem representantes da mensagem freudiana...

... apesar, se não mesmo por causa de todo um lacanismo, isto retorna com muito vigor... não é preciso ser masoquista extremado, querer sofrer, ficar na miséria, não é preciso nada disso... pode-se querer viver muito bem... mas é preciso tornar compatível a sua posição com *a mensagem*, o que se evita com muita frequência... logo-logo que um dito candidato a analista chega a esse lugar e “se dá bem” – quer dizer: tem uma boa clientela, uma boa conta bancária – evita repetir a mensagem... que mensagem?... se a moral freudiana pode ser definida segundo a *Ética* indicada por Lacan, é preciso um mínimo – não peço o máximo, nem o médio, porque é preciso que a máscara também seja um certo reguardo – de obscenidade... se vocês lerem a literatura psicanalítica, o mais obsceno dos analistas foi Freud... leiam, de novo, a obra dele... dele, que não se envergonhava de se expor a ponto de notarmos seus atos falhos, obscenos, seus sonhos indecentes, espúrios, na busca de uma verdade a respeito do que ele procurava...

...a *Ética* da Psicanálise se centra no Real e chega a ser indicada por

Lacan segundo uma frase que abordei com certo delongamento em Seminário deste semestre: “Não abrir mão do *seu* desejo”...o desejo não encontra expressão senão por quem?... por esse ser que “vive na Noite e no Desejo” como uma alma que é “uma lembrança que há em mim”...

...a psicanálise, meus caros, há muito tempo que já foi para o brejo, há muito tempo que virou profissão – quando, na verdade, se o que ela tem de fundamental, se a palavra *peste* foi eventualmente usada por Freud, é no sentido de uma verdadeira Revolução... talvez, a única possível... tiremos o R: talvez uma verdadeira *Evolução*... uma Re-Evolução... ...muito obrigado...

[Inicia-se o coquetel]

\* \* \*

...irrompendo na festa, quero colocar que falei do *illudere* do falante, a ilusão *no* jogo sustentando a fé, da ilusão *do* jogo sustentada pela crença, e deixei em suspenso o verbo novo que pedi: RELUDERE, reludir tornar a pôr em jogo...

...o *reludere* freudiano só tem esteio e só ele esteia o que podemos chamar de *fiança*... não se trata de retornar à ilusão do passado, de estar em jogo sem se dar conta dele... não se trata da perversidade contemporânea de eludir os jogos se aproveitando deles... mas se trata, sim, de *dar fiança a e receber fiança de* algum jogo...

...a moral freudiana seria, em última instância, a *moral do analisado*: aquele que perdeu a ilusão não cai na canalhice da elusão, mas, sim, pactua na fiança do jogo e, como pactua com outros, funciona na com-fiança... sem o que não há futuro..

....então: é substituir a ilusão e a elusão pela relusão...

...era só para fechar o ciclo... continuemos a festa...

23/JUN

## 8

### O Século de Freud

Início com a audição do *End Title*, da trilha sonora do filme *Blade Runner*.

Estamos iniciando mais um semestre de atividades do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Quero dar as boas-vindas aos recém-chegados e, também, dar apenas uma pequena palavra como introdução.

\* \* \*

O século de Freud não é este em que estamos. Quer me parecer que o século de Freud ainda está por vir. A psicanálise parece ter engatinhado durante este século e se aproxima do chamado fim-de-século – neste caso, o vigésimo – cheia de preocupações e tateando em muitos pontos, ainda.

O século de Freud talvez venha a ser, para adiante, aquele em que o lema freudiano comece a vigorar mais amplamente: *wo Es war, soll Ich werden* – onde se estava devo chegar, na medida em que este *se* não é senão a vigência mesma do Inconsciente.

O século de Freud só começará a se manifestar, talvez, por irrupções espontâneas no seio da história, e não apenas por questões psicanalíticas, ou pela questão da presença do analista, ou do discurso analítico, no mundo.

Onde se estava, há que chegar – isto é um lema da intenção freudiana. Poderíamos tomá-lo como lema ético da psicanálise, mas a emergência desse tal Sujeito – que Lacan chega a dizer mesmo que não é senão o Inconsciente *tout court* – parece estar se apressando por vias mesmo das ocorrências no seio da história. O \$ujeito enquanto tal, desse tal Inconsciente, se nos apresenta como puro \$entido. É extremamente difícil lidar com o sentido puro, na medida em que não nos comparece em nenhuma pureza. O sentido só comparece puro na sua perda. No momento da perda de sentido, da equivalência dos *non-senses* em geral nesse ponto de neutralidade onde todo sentido é possível, é que o sentido aparece na sua pureza. Lacan chegou a definir o sentido, no *Seminário 2*, sobre *O Ego*, da maneira a mais precisa e eficaz em toda sua obra: sentido é a emergência de uma ordem, em qualquer nível. Quer dizer, o sentido puro é o lugar de emergência de qualquer ordem possível. Portanto, o \$ujeito enquanto tal é pura possibilidade de \$entido. E os sentidos vão se sucedendo como emergência de ordens.

Ora, estamos vivendo um período aparentemente terminal, em que justamente o que faz mais sentido é um confronto exacerbado de sentidos, uma polêmica eriçada de sentidos os mais diversos. Isto fazendo com que, cada vez mais, a idéia de um senso comum (a respeito, por exemplo, do sentido da vida, da humanidade, sei lá do quê) se desfaleça. O pavor cotidiano com relação a essa queda dos sentidos parece aumentar dia a dia. A crise dita do pensamento contemporâneo, e mesmo dos comportamentos contemporâneos, parece ser bastante evidenciadora dessa proliferação de sentidos em embate. E, como já disse aqui de outras vezes, qualquer opção retrô não leva a nenhuma saída.

Está muito na moda atualmente – e por causa da influência de certos escritores americanos – a culpa por essa verdadeira, ou pelo menos aparente, decadência no campo dos sentidos ser posta numa exacerbação do *narcisismo*. Invectiva-se a vida contemporânea com essa acusação de que há um exagero de narcisismo, e até tenta-se diagnosticar os acontecimentos mais ou menos brutais de nossa época com o conceito freudiano de narcisismo. O que, dadas as suas inserções possíveis nas mais diversas latitudes e altitudes da prática



teórica no campo analítico, me parece ser um erro, pois que o narcisismo é uma faca de dois gumes: é condição *sine qua non* das possibilidades, ao mesmo tempo que, envolvido em determinado estructurema, egóico, por exemplo, torna-se realmente maléfico. O que se lê a respeito dessa crise, da crítica que dela se faz e das saídas e conceituações que se propõem, isto, na verdade, está numa nostalgia de começo-de-século passado. Apresenta-se esse tal narcisismo como sendo uma chaga do presente, que se aponta para uma série de diferenças nos comportamentos contemporâneos, que se refere à baixa suposta de narcisismo num tempo pregresso. Mas, de um modo geral, o tom é de lamentação: “Bons tempos em que não se era narcísico assim, em que os comportamentos funcionavam mais ou menos adequadamente ou mais ou menos dentro de um senso comum, um tanto ou quanto generalizado!”

Mas acho que, justamente, *o que está faltando é começar um século de Freud*. Não no sentido retrô, mas no sentido de que todas as descobertas ou invenções provenientes do campo freudiano precisavam entrar mais vigorosamente no seio da sociedade humana em geral, de modo a propiciar, ao contrário de um refreamento, uma aceleração dos processos para que se possa rapidamente vir a inventar uma nova ordem. Será necessariamente uma nova ordem sintomática, mas no que é emergência de ordem, será emergência de sentido. A falta de sentido, que se tornou acusação da contemporaneidade, é perda de sentido velho. Desespero diante da decadência de uma determinada ordem, de um conjunto de ordens. E não vejo motivo nenhum para se ser mais do que meramente pessimista, conforme Freud. Saber-se que as coisas não dão certo porque não dão mesmo, mas que *é impraticável, se não impossível, a falta de sentido*. Por trás da aparente falta de sentido, algum sentido está em vigor. É preciso caçá-lo, é preciso intervir na sua emergência, eventual, de modo a que ele sofra as modificações desse desejo – angélico, como todo desejo – de fazer sentido, e que se perca, se abandone, essa tolice contemporânea da suposição de que as coisas estão sem sentido, de que nada vale a pena, de que bom mesmo era a década de 50... Anos dourados. Os anos só são dourados no futuro. Eu estava lá e não vi dourado nenhum. Era a mesma bosta...

Esse decadentismo precisa ser sacudido, e nada melhor para sacudi-lo do que o chamado analista, se ele houvesse. Quem sabe se há? De repente, ele fala.

\* \* \*

A psicanálise desde seu nascimento – evidentemente que a psicanálise não nasceu com Freud, ela devia estar por aí escondida em algum lugar, se não, ele não poderia achá-la –, na mão de Freud, virou sentido, emergiu como uma determinada ordem. Ordem esta que é uma construção paradigmática que vingou, vingou-se de Freud. Vingou-se do ato de Freud na medida em que pôde até se re-paradigmatizar por diversas vezes. Paradigmas mais completos, menos completos, mas que estão em curso. Conhecemos pelo menos um grande paradigma pós-freudiano: o paradigma lacaniano.

A psicanálise não nasceu como um fenômeno mítico grego, como a Vênus, completa e formada da castração de Urano. Não é assim tão bela e tão completa, como Botticelli a quis mostrar em seu quadro. Ela é essa emergência de ordem, num determinado momento, certamente que de uma ordem que lá estava, se não, não emergiria, mas não a completude de uma ordem definitiva a respeito do que haja por aí no chamado Outro, no chamado Inconsciente, que é muito bem *material*, é bom lembrar disso

Os paradigmas precisam ser reformados, cada um a seu tempo, em função das eclosões de época. As próprias ciências, para falarmos no feminino com a tentativa de rigor histórico com que se apresentam, não deixam de se paradigmaticar passo a passo, momento a momento, e certamente – algum estudo adequado o dirá – em função de emergências várias no Campo do Sentido.

A presença, portanto do analista, se consegue ser um pouco mais do que os paradigmas disponíveis, ou melhor, se consegue escutar um pouco mais do que lhe permite o orelhão paradigmático pelo qual eles falam, deve ser no sentido de fazer exercer-se a prática freudiana sem ser demissionária do processamento perene que isso exige.

Leio uma vez mais – não é a primeira, talvez não seja a última – um trecho do *Seminário 2*, de Lacan, onde ele lembra que “o passo de Freud não se explica pela simples experiência caduca do fato de se ter que tratar de fulano ou sicrano, ele é verdadeiramente correlativo de uma revolução que se estabelece sobre todo o campo do que o homem pode pensar de si e de sua experiência: sobre o campo da filosofia – é preciso chamá-la pelo nome. Essa revolução faz retornar o homem ao mundo como criador. Mas ele, de sua criação, periga se ver completamente despossuído, por essa simples astúcia, sempre posta de lado na teoria clássica, que consiste em dizer que Deus não é enganador. Isto é tão essencial que, a este respeito, Einstein continuava no mesmo ponto que Descartes. O Senhor, dizia ele, é certamente um tanto astuto, mas não é desonesto. Era essencial para sua organização do mundo que Deus não fosse enganador. Ora, sobre isto, precisamente, nós não sabemos nada”. Maneira simpática de fingir que nada sabe a esse respeito, pelo menos nesse momento, a esse tempo, mas há o Lacan que diz, bem mais tarde, que Deus é inconsciente. E aqui podemos engatar a conjectura sobre o lugar plerômico desse sujeito suposto saber (aliás, inconsciente), pois se Deus não fosse enganador – isto é, também ele assujeitado à sua própria representação de gozo para gozo, de estado para estado – nós outros poderíamos saber muita coisa com espantosa precisão. E, entre essas coisas poderíamos saber, precisamente, estabelecer um modo correto de garantir a honestidade do Senhor.

Mas não temos condição de garantir nenhuma honestidade, pelo menos no sentido pequeno-burguês, para esse Senhor. Porque a *honestas* divina certamente que passa pela verdade da Sua inconsciência. Então, em algum lugar, Deus está enganando, como qualquer analisando faz. Vocês diriam que é muita pretensão de minha parte colocar Deus no lugar de analisando. Mas a pretensão é d’Ele, e não minha, na medida em que posso supor que sou uma simples e tola emergência no seio do Seu desejo. Pois que na medida em que falo, creio eu que com as categorias mesmas com que Ele se organiza, não posso me tomar, e a qualquer um que diga *eu*, por menos do que uma emergência d’Ele. Ou seja, a emergência do falante não pode ser menos do que uma

*teofania*. E de um para outro há escuta. Há alguma escuta em jogo aí. Vocês sabem que os bispos conversam com Deus. Por que não? Quem tem ouvidos para ouvir, ouve: “Ora, direis, ouvir estrelas...” Mas não há nada mais a fazer, por exemplo, para construir uma cosmologia, uma botânica, ou mesmo a psicanálise, se não ouvir estrelas, em todos os sentidos. Estrelas do céu, do chão: ou Freud e Lacan não são estrelas?

Mas insisto ainda na questão da presença do analista retomando o rigor de seu futuro, para lembrar que a psicanálise tem sido freqüentemente demissionária, ou pelo menos os analistas, ou seja, aqueles que dizem ter relação mais íntima com a psicanálise. Uma série de ocorrências no campo do saber, ou melhor dito, no Campo do Sentido em vigor nos últimos decênios, sobretudo quando mal lidas e mal aceitas na plenitude do que dizem, têm feito com que o povo freudiano se esqueça, com muita freqüência, de detalhes importantes da sua prática. Isto quer me parecer um mal-entendido, da ordem da paralisia num certo enunciado de algum lídimo representante de paradigmas grandiosos. A quantidade de coisas empurradas para o futuro na produção do próprio Lacan, por exemplo, me parece muito imediata e freqüentemente transformada em receituário assim entendido a partir de enunciados que simplesmente pararam ali, mas que teriam futuro se trabalhados. Desenvolverei isto neste meu Seminário.

Estamos diante de uma verdadeira convulsão no campo dos saberes. E isto é ótimo. Não há motivo algum para ficarmos apavorados só porque o saber de ontem já não presta mais. Invente-se outro! Foi sempre assim. Lembro-me do tempo ainda recente em que o livro do sovaco científico nacional, sobretudo dentro da universidade, era o que de um Gaston Bachelard se pudesse colher como fundamentação epistemológica. Havia que fazer uma distinção muito precisa entre o que era e o que não era *científico*. A ciência parecia dar mostras de muita força – apesar de Einstein, porque este, se levado muito longe, aquilo começa a borbulhar. Em seguida, começou uma onda Karl Popper, a cultura Popper no campo epistemológico, e que com pouco menos de gume para escansão epistemológica, pelo menos se

tentara colocar como científico o que tivesse um odor de santidade científica, que não passava de ser algo como suficiente de encarar força com testes de falsificabilidade. Mas estamos, hoje, entrando num momento em que as fronteiras estão cada vez menos precisas, em que a deliração invade o campo da ciência com uma violência insuspeitada por muitos analistas. E temos, graças a Deus!, algum vislumbre no conceito de *paradigma* (Thomas Kuhn), o qual desloca um bocado as fortalezas das chamadas ciências: elas mesmas não estão tão preocupadas quanto os epistemólogos a respeito do que estão fazendo, ou do que os outros podem fazer. Chego a gostar desse conceito, pois suspende bastante a camisa-de-força epistemológica que fez com que Lacan, para dar a seu tempo um crédito, talvez necessário no momento, às falações de Popper, viesse a concordar com ele num certo Seminário, que realmente a psicanálise não é uma ciência porque ela não pode ser falsificada, refutada. Será isto suficiente para caracterizar – sobretudo para um Lacan, que ousou matemizar discursos –, para qualificar, ciências? Ou haverá uma estrutura mínima de ordenação discursiva que diz o que é ciência? Sendo que, quem sabe, os mais diversos saberes possam alcançar, num certo aspecto de sua prática, cidadania no campo científico, na medida em que, a tal e qual momento, praticam esse tipo de discurso.

\* \* \*

Afinal de contas: *O que é psicanálise?* Lacan insistia em que a psicanálise era isso: perguntar o que é a psicanálise. Então ao perguntar, estamos fazendo psicanálise. Mas não basta perguntar, é preciso perguntar e tentar dizer alguma coisa. Vocês viram que nesse trecho de Lacan, que citei, ele insiste na revolução da filosofia, da “querência” pelo saber, ou pela sapiência, sei lá o quê, como se traduz filosofia. Ora, a rigor, o que Freud trouxe, para falarmos nos termos de hoje, é um paradigma radicalmente outro, que talvez estivesse em funcionamento na inconsciência da humanidade, da divindade, mas que ele armou com sentido diante de nós, e nos deu essa ordem.

Nessa ordem freudiana, a psicanálise, que não pode viver sem a conjectura divina, não consegue deixar de ser uma *teologia*, portanto. Até segunda ordem, conjecturar a respeito da inarredável posição do divino, é uma teologia. Em outro lugar, em outro tempo, já lhes apontei que a psicanálise não deixa de ser uma religião, mas não com a neurose obsessiva que caracteriza as religiões conhecidas. Por isso a chamei de ARRELIGIÃO, na medida em que ela propaga e propala uma salvação aqui e agora. Coisa que as religiões prometem para... um dia... um além... depois de uma morte, que, aliás, nem há.

*Será a psicanálise uma arte?* Está ela interessada na Grande Obra? Tem manejos de artista na sua confecção? Sim! A psicanálise também é arte. É a arte, por exemplo, de dançar. Dançar para que, nessa dança, alguém dance. *Uma filosofia?* Não preciso repetir, porque Lacan já o disse. Ou seja, seu discurso, queira-se ou não, tenta estabelecer alguma mestria sobre o mundo. *Uma ciência?* Na medida em que o conceito de ciência tem que se abrir como vem se abrindo, quando a física consegue delirar às vezes um pouco mais do que os analistas suspeitam; e na medida em que se propõe como um saber constituído a respeito de um evento – isso que Lacan quer chamar de real: um evento no campo do Haver – e tenta dar conta do seu modo de estruturação, é uma ciência, sim.

Mas a psicanálise é, também, apesar das más línguas, uma PAIDEIA. E talvez ela o seja mais do que tudo. Ou seja, isso que se traduziu no campo do saber universitário com o nome de pedagogia: a tentativa de transmitir um modo de se posturar diante do Haver. Não estou, de modo algum, equacionando o discurso dito universitário com a ação paidológica, pois não me parece verdadeiro. O discurso universitário é o discurso universitário: universal e otário, com suas características de imposição de um certo modo de ser sujeito. *Paideia* é a tentativa de transmissão, através de *qualquer* discurso, dos poderes desse discurso. Tratarei melhor disso em meu *Seminário Clínico* deste semestre.

\* \* \*

Minha pedida no momento é no sentido de refletirmos sobre a retomada dessas instâncias não demissionárias da presença da psicanálise no mundo. E lembrar que, pelo menos a psicanálise, com todo o pessimismo que a caracteriza, nem por isso deixa de fazer sentido. E que não há nenhum motivo para ficarmos na nostalgia de um passado que não foi nenhuma maravilha, com medo de que as ordens já exercidas venham a se desgastar definitivamente, na medida em que sua invenção de ordens é a produção do nosso sentido.

E que todos aqueles que se aproximam e estejam dentro desta Instituição não fiquem pensando que psicanálise é arte de escutar dorminhocos no divã, porque é muito mais: *a psicanálise é a arte de fazer futuro.*

01/SET





## 9

### O de Seu: Entre as Sereias e o Mastro

Início do Seminário com a  
audição de *Assim Falou Zaratustra*, de  
Richard Strauss.

Apesar das impressões apressadas que se possam piedosamente tirar do que direi hoje aqui, quero lembrar-lhes de que a psicanálise não é um humanismo. A psicanálise não é humanista. Ela melhor seria sobre-humanista (como quem diz sobrenatural). É talvez um angelismo. Ou seja, a psicanálise é angelista, isto é, ela é artificialista.

Para apoiar o meu *Pleroma*, tenho aqui uma dica de Schelling, pensador alemão, que a certa altura dizia: “a Natureza é o Espírito visível; o Espírito a Natureza invisível”. Exatamente como tenho colocado a respeito do Haver. Aí está, então, o que chamei de *Fatureza*.

\* \* \*

Primeiro quero falar-lhe sobre o tema do título de hoje: *O De Seu*.

Vocês sabem que Odisseu é Ulisses. Como sabem, também, o problema de qualquer “Ulisses” é o problema da sua Constituinte, isto é, da sua construtura instituinte. E o que há a resolver para a solução do seu problema é justamente o *seu* lugar, do Ulisses, e o que dele mesmo está em jogo nesse problema. O

que aí interessa é todo e qualquer Ulisses no que tem a ver com *O De Seu* na sua Odisséia.

Qual é o lugar de Ulisses nessa *Panacéia*? Quero repetidamente apontar que é do *lugar terceiro*, entre os possíveis do sexo, entre as *sereias e o mastro* onde, flamulento, ele amarra o *de seu* como bandeira tremulante.

Comentando a escrita de Joyce, Philippe Sollers nos diz do “Finnegans Wake: despertar e negação do fim... Negação ativa, *particípio presente* de toda teleologia. A escrita, máximo divisor comum, menor múltiplo comum das línguas e das posições de enunciação dos sujeitos em línguas, produz *uma nova urgência de tempo: o mais-que-presente*”. Eu cometo, então, um atonada-falho e leio em vez de *escrita*, a *escuta* – e me remeto, como à escuta do analista, à escuta do próprio Ulisses, ouvindo *o de seu*, preso ao seu mastro num *particípio-mais-que-presente*: que se diz bem melhor como GERÚNDIO.

Em outro lugar diz Sollers algo que, para mim, ainda denuncia o neutro dessa escuta, ou escrita: “Joyce tira o negativo da linguagem poética, ele se introduz na câmara escura: no começo eram, não heróis ou deuses, nem mesmo homens, mas choques, agregados de sons, de sílabas. No começo, nomes se procuravam nas letras, através da *articulação* das línguas”. É com essa *escuta* (como aquela escrita correspondente à escuta do analista, que Lacan situara como da mesma ordem da *escrita* poética chinesa) que Ulisses tenta soletrar o seu próprio nome – isto é, O DE SEU PAE – entre os nomes de Telêmaco e de Penélope. Ora: Ulisses não é *nem* Telêmaco *nem* Penélope. Porque o seu é o terceiro nome, ou melhor, o nome do terceiro.

Para entendermos o lugar desse nome, e *o de seu lugar*, acho bom surpreendermos Ulisses, no Canto 12 de Homero. Temos aí Ulisses meio que aprisionado por Circe, feiticeira, a qual, indicando-lhe caminhos de continuação de sua viagem, diz: “Tu chegarás primeiro ao país das sereias, cuja voz encantadora encanta todo e qualquer homem que delas se aproximar. No entanto, se alguém delas se aproxima sem estar preparado e as escuta, jamais sua mulher e seus filhos o terão perto e não festejarão seu retorno. O canto harmonioso das sereias o cativa. Elas residem num prado e, por todo o arredor,

está cheio de ossaturas, de esqueletos, de corpos que se decompõem... Passe sem parar! Amasse um pouco de cera macia e tape as orelhas dos teus companheiros, para que nenhum deles possa ouvir. Tu mesmo podes escutar se quiseses, mas que, no teu barco rápido, te amarrem as mãos e os pés, e que te amarrem no mastro com cordas, a fim de que possas ter o prazer de escutar a voz das sereias. E mesmo que tu pedires que te soltem, que te amarrem mais ainda, com nós cada vez mais numerosos. Depois, quando tiverem ultrapassado as sereias, não te direi mais com precisão qual das duas rotas tu deverás seguir. Tu és quem deve deliberar em teu coração. Vou apenas te descrever essas duas direções”.

Uma delas é a travessia de um certo estreito cercado por dois monstros, Cila e Caribde: “Faz passar depressa o teu barco mais perto de Cila, porque é bem melhor lamentar pela perda de seis homens que ela possa tomar, do que de toda a tripulação”. Ela acha, então, que é preferível passar do lado de Cila do que de Caribde porque a perda é menor. De um lado é só castração, do outro, é perecimento total.

Mas estou procurando na definição de Homero, neste canto das Sereias, o lugar de Ulisses.

\* \* \*

Depois, ainda para entendermos o lugar desse nome de Ulisses, *o de seu* lugar, vamos ver o que Joyce leu aí: primeiro, um *não*.

Joyce começa o seu *Ulisses*, dele, pelo episódio de Telêmaco, aqui apelidado de Stephen Dedalus (Dédalo na mitologia grega era o pai de Ícaro, este cuja asa Lacan deixou indicar para título de sua revista num certo momento: *ce qui orne Icare*, aquilo que orna Ícaro). Mas foi Dédalo, quem construiu, a mando do rei Minos, aquele labirinto onde foi aprisionado o Minotauro, para não fazer muitas desgraças. Mas Minos ficou muito chateado porque ele permitiu a transa de Ariadne, aquela do fio, com Teseu – ou com o tesão –, o qual conseguiu achar o caminho de entrada e saída; e então condenou Dédalo a

ficar preso, dentro do labirinto. Mas Dédalo, junto com seu filho Ícaro, inventa a asa feita de cera e penas e consegue escapar. Quem não escapa é Ícaro. O pai lhe dissera para não subir muito perto do sol, pois a cera derreteria e ele cairia. Mas Ícaro não quis escutar que não dá para aproximar muito do Real. Subiu, subiu... e desceu, caiu.

Mas vejamos a bela tradução de Antonio Houaiss, em que Joyce começa: “Sobranceiro, fornido, Buck Mulligan vinha do alto da escada, com um vaso de barbear, sobre o qual se cruzavam um espelho e uma navalha” – a mesma coisa, portanto. “*Introibo ad altare Dei*” – o mimetismo de uma missa. Daí, começa a aparecer Stephen Dedalus. Mas o elemento fundamental do cenário, neste pedaço, é a torre, a grande torre onde se passa, dentro e ao redor, o episódio de Telêmaco. “– Porque isto, ó bem-amados, é a autêntica Christina: corpo e alma, e sangue e chagas” diz o Buck Mulligan. Stephen Dedalus é chamado e Mulligan lhe diz: “Oh, para você reservo o melhor nome: Kinch, a lâmina-gume”. E por aí vai o episódio de Telêmaco, com seu amaldiçoado sangue jesuíta, como diz Joyce, e a pergunta se ele tem a chave da torre. Temos aí, assim como lá no Telêmaco de Homero, o campo da versão fálica da *Torre*, o masculino. Torre essa cuja falicidade figural, aliás, dispensa maiores comentários sobre o fálico da questão. Aí, quem sabe, está a preparação para aquilo que Sollers apontou sobre Joyce aspirar a “uma nova lei, para além, por exemplo, da ‘trindade’ cristã”. Joyce começa o seu Ulisses na torre, e termina, literalmente, na cama com Penélope, apelidada de Molly, uma mulher comum da Irlanda. Penélope/Molly, segundo Sollers, diz: “ ‘Eu sou a carne que sempre diz *sim*’: esta é a senha [*mot de passe*] de Molly, construída sobre a inversão do faustiano ‘eu sou o espírito que sempre diz não’”. Espírito de Telêmaco-Dedalus certamente. Carne de Molly, carne mole de Penélope.

Gostaria de ler para vocês o finalzinho do texto de Molly: “e era ano bissexto como agora sim 16 anos atrás meu Deus depois desse beijo longo eu quase perdi minha respiração sim ele disse que eu era uma flor da montanha sim assim a gente é uma flor todo o corpo de uma mulher sim essa foi uma coisa verdadeira que ele disse na vida dele e o sol brilha para você hoje isso foi por que

eu gostei dele porque eu via que ele entendia ou sentia o que é uma mulher eu sabia que eu podia dar um jeito nele e eu dei a ele todo o prazer que eu podia levando ele até que ele me pediu pra dizer sim e eu não queria responder só olhando primeiro para o mar e o céu eu estava pensando em tantas coisas que ele não sabia de Mulvey e do Sr. Stanhope e Hester e meu pai e do velho capitão Groves e os marinheiros brincando de coelho-sai e pula-carniça e lavar-pratos como eles chamavam no cais e o sentinela na frente da casa do Governador com a coisa em redor do capacete branco dele pobre diabo meio torrado e as garotas espanholas se rindo nos xailes e nas grandes travessas delas e os pregões da manhã os gregos e os judeus e os árabes e o diabo sabe quem mais de todos os confins da Europa e a rua do Duque e o mercado de aves todas cacarejando em frente do Larby Sharon e os pobres dos burricos escorregando meio dormidos e os sujeitos vagos nas mantas dormitando na sombra nos degraus e as rodas grandes das carroças de touros e o velho castelo milhares de anos velho e aqueles mouros bonitos todos de branco e turbantes como reis pedindo à gente pra sentar nas lojinhas pequeninas deles e Ronda com as velhas janelas das posadas olhos vislumbrados em muxarabiê escondidos para o amante dela beijar o ferro e as bodegas de vinho meio abertas à noite e as castanholas e a noite que a gente perdeu o bote em Algeciras o vigia indo por ali sereno com a lanterna dele e oh aquela tremenda torrente profunda oh e o mar o mar carmesim às vezes como fogo e os poentes gloriosos e as figueiras nos jardins da Alameda sim e as ruazinhas esquisitas e casas rosas e azuis e amarelas e os rosais e os jasmins e gerânios e cactos e Gibraltar eu mocinha onde eu era uma Flor da montanha sim quando eu punha a rosa em minha cabeleira como as garotas andaluzas costumavam ou devo usar uma vermelha sim e como ele me beijou contra a muralha mourisca e eu pensei tão bem a ele como a outro e então eu pedi a ele com os meus olhos para pedir de novo sim e então ele me pediu quereria eu sim dizer sim minha flor da montanha e primeiro eu pus os meus braços em torno dele sim e eu puxei ele pra baixo pra mim para ele poder sentir meus peitos todos perfume sim o coração dele batia como louco e sim eu disse sim eu quero Sims”. Termina *assim* o *Ulisses* de Joyce, com a Molly mollyando.

Então, temos Telêmaco, temos Penélope. Nenhum dos dois é Ulisses, embora aquele de quem ela esteja falando, que nem sabia de todos esses sims, que ela tivesse dito sim, fosse nada mais nada menos do que Bloom, ou seja, Ulisses.

\* \* \*

Mas Joyce segue o seu Ulisses, de Telêmaco a Molly, de Stephen Dedalus a Penélope, não sem ter que passar entre Cila e Caribde, e entre o Mastro e as Sereias.

Cila e Caribde, que ele passa depois das sereias, mas que Joyce coloca antes. O cenário que oferece para Ulisses é uma biblioteca, onde Cila e Caribde são as opções da dialética: se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. É melhor passar rapidinho por perto do bicho-pegar e sair de perto do bicho-come, como Circe ensinara: antes Cila, perdendo um pedaço, do que Caribde, perdendo-se todo. Aí Joyce diz coisas como: “Apega-te ao agora, ao aqui, através dos quais todo o futuro mergulha no passado”. “As gentes não sabem quão perigosas podem ser as canções de amor”. “Os movimentos que engendram revoluções no mundo nascem dos sonhos e visões de um coração de camponês na vertente de uma colina. Para eles a terra não é o campo espoliável, mas mãe vivente...” O que interessa neste episódio, que no canto do Homero vem depois das sereias, é que, depois de passar por elas, Circe diz que não vai aconselhar nada. Ulisses que escolha sua posição dialética entre os dois caminhos que verá (um deles sendo a garganta onde estão Cila e Caribde), que se vire e escolha o que achar melhor.

Mas o interessante mesmo é o episódio do canto das sereias. Ulisses teria que passar com seu navio pelo país das sereias e queria escutar o seu canto, mas, como vimos, ninguém podia escutá-lo sem ser capturado e morto. Então, ele segue o conselho de Circe: ficar *entre* o canto das sereias, a distância, com a sua sideração enorme, e o mastro do navio, onde devia se amarrar. Acho essa posição descritiva, tanto em Homero quanto em Joyce, da posição de Ulisses no mundo.

Joyce coloca o episódio das sereias no campo da música. Aí temos coisas como: “A beleza da música deve ser ouvida ao dobro. Mulher ao natural basta meia olhadela. Deus põe, o homem compõe. Mete em picosos. Filosofia. Oh, droga!”. “Ódio. Amor. Isso são nomes”. “Do Gostosuruzinho à sua Bumdemelzinha”. “Cara intacta. Virgem deveria dizer: ou dedilhada apenas”. “Fenecimento, desesperança. Isso as mantém jovens. De tal modo que elas se apreciam a si mesmas” – é a idiotia lacaniana. “Vê. Brinca nelas. Lábio avulta. Corpo de branca mulher, uma flauta viva. Sopra doce. Forte. Três furos toda mulher. Deusa eu não vi. Elas querem isso: nada de rodeios em demasia”. “Com um galo com uma curra. Tape. Tape. Tape...” Em suma, a música passa por aí.

Qual é o lugar de Ulisses nestes dois episódios?

Quer me parecer nítido que o lugar de Ulisses, essa figura que faz toda epopéia de travessia do mundo, é apontado tanto por Homero como por Joyce, como lugar do navegante, aquele do “navegar é preciso, não é preciso viver” da divisa hanseática. É um lugar terceiro entre Telêmaco e Penélope, lugar de Falanjo, onde Ulisses inscreve o seu sentido. Lugar do Despertar do Finn, teleologia do aqui-e-agora *per omnia saecula saeculorum, amen*. Particípio mais-que-presente ou Gerúndio: *que emerge necessariamente no Campo do Sentido*, com sua *língua trífida* como a língua de Joyce por ele assim qualificada. Língua trífida que corre no *riverrun*, que é a palavra-chave do reviramento de Ulisses. O *riverrun* que estrutura o *Finnegans Wake*, ou seja, o Revirão da linguagem.

Entendo, então, descrito aí nesse marco fundamental da literatura clássica e retomado no mais moderno da escrita pela mão de Joyce, esse lugar terceiro do sujeito na sua travessia. Até figuralmente Ulisses – esse de Joyce, esse de Homero – apresenta o lugar do meio entre o canto das sereias e o mastro a que se amarra. Até estilisticamente, entre o mastro ou torre, com a sua verticalidade clássica, entre a sereia ou música, com a sua dispersão barroca, está a figura nitidamente imaginável do maneirismo de Ulisses se estrebuchando (como lá no filme americano, Kirk Douglas) no tesão das sereias e, no entanto,

amarrado no seu mastro. Exatamente como comparece na iconografia de todos os tempos a figuração maneirista: aquela movimentação amarrada que não é nem o deslanchamento barroco, nem o estático clássico da verticalidade. Foi lá que Homero escreveu Ulisses, e que Joyce também escreveu.

Ah! Deixa eu amarrar a minha sereia no teu mastro! Ah! Deixa eu enfiar o meu mastro nas amarras da tua sereia. *Nem* masculino *nem* feminino, o Falanjo não é nem sereia nem mastro. Mas é ele que amarra a sereia no mastro ou enfia o mastro na sereia. E isto nada tem a ver com macho e fêmea – pois que, enquanto Falanjo, não há macho que não se queira sereia de algum mastro, não há fêmea que não se queira mastro de sereias. Tão bem como, conforme com o senso comum, não há macho que não se queira mastro de sereias e não há fêmea que não se queira sereia de mastro.

E aí que comparece – com o Falanjo – e com mais nenhuma outra espécie animal – o verbo foder – *to fuck*, em inglês, que Lacan diz no *Encore* que é o verbo que está em jogo na psicanálise – e que isso não vai bem.

O que não lhe vai bem, para parafrasear Nietzsche, é a sua Vontade de ~~P~~oder, com o *H* do Haver (em sua plenitude) furando o fraco poder do Falanjo perante a infinitiva potência do Há-Deus enquanto sujeito suposto saber.

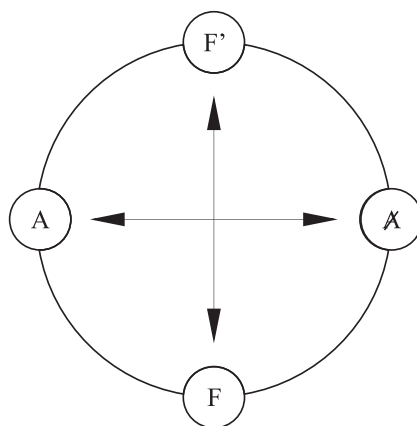
\* \* \*

Mas por que eu disse há pouco, com tamanha radicalidade: emergência necessária do Falanjo no Campo do Sentido? Será isto defensável por alguma via?

Voltemos ao Esquema Delta para detalhá-lo fazendo-o significar um pouco. O que é esse Revirão que lá está, esse Rio Corrente de uma só e terceira margem como Rosa entendeu? Se acompanhamos até aqui a construtura desse Revirão, ali chamado de Pleroma, de Esquema Delta, não podemos esquecer que ele se garante numa Lei fundamental que é a catoptria: a exigência perene de simetria. Então, se nele temos um lugar chamado de  $\mathbb{A}$ , de explosão; necessariamente em oposição lógica a esse outro lugar chamado de *A*, de



implosão de re-conjunção; tudo isso movido pelo Não-Haver, que está fora e se representa como Real dentro do Haver, por aquele furo de reviramento (F) que está embaixo, o qual apenas sugere a morte que não há; não está faltando alguma simetria no desenho desse Esquema?



Será que esse Esquema não exige o retorno desse Furo no Campo do Sentido? Vamos chamá-lo de F'. Ou seja, se considerarmos toda a catoptria, ele deve comparecer simetricamente lá em cima: comparecimento necessário desse Furo no Campo do Sentido como presença do Falanjo. E isto se dá de dois modos, como já mostrei aqui.

Em sua manifestação trans-formática, é o que podemos surpreender, por exemplo, na teoria da evolução das espécies, em Darwin, como *mutação*. Mutação esta que tem as características de gozo. Isto se acompanharmos o que Lacan sugere, num certo Seminário, sobre o gozo de um protozoário existir apenas quando ele faz uma mutação. Esse Furo reaparece, então, entre os *gnomos*, entre as modalidades de Haver que estão aí inscritas como processos de mutação – seja até para o perecimento, pois há reviramentos dentro desse campo. Assim está na teoria de Darwin como também na idéia de gozo de um protozoário na sua mutação, que Lacan sugere, através da sugestão de um certo biólogo.

Em segundo lugar, temos o reaparecimento necessário desse Furo, com toda evidência, no falante, da espécie dita humana, como Falanjo em sua aparição: o surgimento deste ser falante e sua manifestação.

Estou, então, dizendo que este Esquema nos permite pensar como necessário o surgimento do Falanjo como retorno do Revirão dentro do Campo do Sentido. É necessário, se considerarmos que essa simetria é pedida lá em cima. Já tínhamos considerado isto em vários Seminários, que lá em cima esse Furo não aparece com a mesma precisão com que aparece na conjectura de Haver ou de Universo desse tipo, mas se evidencia pelo Furo do falante na sua manifestação linguageira, e pelos movimentos de mutação no esbarro da significação.

A matemática, a ciência, a lingüística, etc., já disseram que o verdadeiro avesso de um morfema zero é zero. O grau zero de alguma coisa só pode ser o seu avesso na sua repetição. Radicalmente em oposição a ele, só pode ser a sua repetição em outro tipo de reviramento. Então, entre A e **A**, há um reviramento que passa de implosão radical à explosão radical, e entre F e F', há um reviramento que passa de algo para algo, entre duas oposições.

Agora, pergunto: será a idéia dessa necessidade um antropotropismo? Sabemos que fototropismo é quando as mariposas ficam doidinhas pela luz. Um antropotropismo do Haver seria, então, que ele se encaminha necessariamente para o surgimento desse ser falante. Mas será que é necessário ao campo do Haver o surgimento do Falanjo? Se ele é um acidente, um acaso, e se tornou necessidade depois de seu aparecimento, isto é uma coisa. Mas se o projeto do Haver nessa produção extensiva e intensiva de simetrizações é assim concebido, certamente que ele vai se repetir como Furo simetricamente dentro de si-mesmo, e, então, como necessidade do surgimento do falante. As teorias antrópicas, que estão em grande movimentação na Cosmologia contemporânea, da macro e da microfísica, propõem que há uma espécie, maior ou menor em radicalidade, de necessidade de surgimento do falante. É umas das vertentes fundamentais do pensamento contemporâneo. Por isso, não pensem que estou maluco sozinho. Estou muito bem acompanhado...

\* \* \*

Em segundo lugar, então, quero lhes falar EM NOME DO PAE, escrito assim com a grafia antiga – quando eu era criancinha, aliás, se escrevia assim – mais próxima da origem latina em *pater*.

Semana passada, saiu em português o livro do Aleijadinho inglês, Stephen Hawking: *Uma Breve História do Tempo*. O homem não é desimportante, pois ocupa a cadeira que foi de Isaac Newton. Isto, para inglês, é coisa como o diabo. Ele, evidentemente, é um dos que, através da sua matemização física, acreditam no que chamam de princípio antrópico, *Anthropic Principle*, AP.

Tentarei, sem ser especialista, dar uma breve noção do que seja o princípio antrópico para esses cientistas. De tanto estudar a constituição do Universo, seus movimentos, sua dilatação, sua composição físico-química, etc., colocaram a pergunta: por que o Universo é da forma que o vemos? Essas pessoas não estão de modo algum subditas às epistemologias correntes que amarram demais o pensamento. Mas, como já lhes falei, a visão paradigmática do conhecimento, exposta no livro de Thomas Kuhn: *A Estrutura das Revoluções Científicas*, publicado aqui pela Editora Perspectiva em 87, embora seja de 62, promove a desamarração de certas pressões que duraram demais, da década de 60 ao final da de 70. As coisas estão mudando. Essa plêiade de cientistas que aceita o princípio antrópico se coloca aquela pergunta e dá uma resposta que parece simplista, que é: porque se o Universo não fosse assim, não estaríamos aqui para o vermos assim. Parece tolice, redundância, sobretudo quando se tem todo aquele jogo da epistemologia quanto à presença do sujeito no laboratório, do sujeito na experiência, como essa presença se dá, etc., onde Lacan, por exemplo, deitou e rolou introduzindo o deslizamento do sujeito dentro da experiência. Mas os físicos foram um pouco mais radicais ao colocar que se vemos o Universo assim, só pode ser porque o Universo construiu-se de maneira que nós nos tornamos necessários para vê-lo assim. E não conhecemos nenhuma espécie com o mesmo gabarito de visão.

Não é à toa que esse princípio foi colocado. É na medida em que a calculação extremamente rigorosa dos construtos, das construturas encontradas dentro desse Universo que eles estudam, parece demonstrar, evidenciar, que a menor variação quantitativa nessa composição – que parece feita adrede para o nosso surgimento, segundo o raciocínio deles – não permitiria, em parte alguma de nenhum universo possível, a menor emergência da vida de base carbono, que é essa que temos no nosso planeta. Então, se o Universo se compôs todo direitinho, com uma receita de bolo extremamente bem medida, para que viesse a surgir a vida de base carbono e, dentro dela, uma vida carbono inteligente, deve ser porque ele está se repetindo no seu intuito de construir isso. Portanto, não se deve, segundo esse tipo de pensamento da física, pensar menos do que a suposição de que a presença dessa vida de base carbono inteligente é preparada pelo Universo de tal maneira que a visão inteligente desse tipo de vida é visão do Universo. Ninguém pode desdizer isto. Que se diga que é impossível provar, é até aceitável, mas dizer que não seja isto, não é aceitável.

• P – *Quando você teve a necessidade de colocar aquele ponto F', isto foi movido por uma questão de situação psicanalítica. É claro que você pode ter essa argumentação por via da física, da cosmologia, mas na necessidade interna da experiência psicanalítica, se se justifica de alguma maneira o Esquema Delta, o surgimento do ponto F', por via de pressão de simetrização, é evidente porque não se pode pensar em psicanálise sem transmissão, sem amarração do Haver.*

É um princípio antrópico dito de outro modo. Se o Haver não emanasse alguma coisa, não se estaria falando da coisa que se emana. Freud falou de Inconsciente, e fez a suposição de que o Inconsciente é a estrutura do Haver. Suposição esta que está perfeitamente em conjunção com essa perspectiva da física de hoje. Você, com certa modéstia – aliás, lacaniana –, disse que a própria internalidade da psicanálise prevê isso independentemente da posição dessa física. Mas eu faço questão, por questões analíticas, da teoria e da prática analítica, desse tipo de visão, de uma correlação mínima entre o que

se passa na ordem da manifestação inconsciente do Falanjo e da manifestação inconsciente do Haver. É preciso, a meu ver, mudar um pouco a perspectiva da correlação, por exemplo, no campo da ciência entre o que se enuncia e aquilo de que se fala. A física está tratando disso muito bem. Não é mais aquele distanciamento que se tinha no tempo do estruturalismo, de o real, real-coisa, coisado, impossível, estar para lá, e a língua para cá, endoidando. No meu Esquema, o Real só tem esse Furo. O resto é Haver em sua manifestação de *verbo*. E o verbo que aqui se fala, lá se depõe. E alguma correlação deve ser estabelecida, com todos os erros. Isso tem influência tanto no caso da aproximação do pensamento científico, da crítica das epistemologias, quanto no caso da prática analítica. Desde a relação verbo-cura do sintoma psíquico até a relação, por exemplo, que um grupo aqui do Colégio Freudiano do RJ já está começando a estudar, da psicossomática. Mas isso são panos para mangas futuras...

Esse tipo de questão, com esse tipo de resposta é, na verdade, uma teleologia, sim. Mas pode ser uma teleologia do *hic et nunc*, do aqui e agora – a qual, no entanto, não deixa de ter embasamento, como mostrei, na ciência contemporânea. Está aí a física de hoje que, entre outras propostas, apresenta esse princípio antrópico que está embutido nessa pergunta e nessa resposta. Assim, o AP afirma que: o fato de nossa existência pode servir como uma explicação válida em física básica; e que: o fato da existência de seres vivos inteligentes pode ser usado para explicar por que o Universo é como é, e por que as leis da física são como são. Ou seja, embutida nesse princípio antrópico – que eu desconhecia quando pari meu Esquema: acho até interessante, porque deve estar aí nas ondas do século, e a gente captou sem saber essa determinação do Haver neste momento histórico –, está uma correspondência entre o surgimento do falante com sua estrutura, com a sua visão, e a havência do Haver com sua estrutura.

Esse princípio antrópico é utilizado pelos físicos de hoje de diversas maneiras. Eles falam de um princípio antrópico fraco para não serem aparentemente muito delirantes de exigir essa necessidade de surgimento do

vivo em correspondência com o Universo. Por exemplo, Stephen Hawking se diz aceitando o princípio antrópico fraco, o *weak anthropic principle*, WAP. Aliás, recomendo-lhes a leitura do livro intitulado *The Anthropic Cosmological Principle*, de John D. Barrow e Frank J. Tipler, publicado pela Clarendon-Oxford, em 1986. É um grosso tratado de onde tirei essas informações básicas.

Mas o princípio antrópico fraco, WAP, é aquele cujos valores observados de todas as quantidades físicas e cosmológicas não são igualmente prováveis, mas tomam índices restritos pelo requisito de que existem lugares onde a vida de base carbono pode evoluir, e pelo requisito de que o Universo tenha idade suficiente para isto, por já tê-lo feito. Ou seja, um vez que o Universo já fez isso, eles têm a prova, só-depois, de que ele tem idade suficiente para este surgimento. O outro requisito é que existem lugares onde a vida de base carbono possa evoluir. Então, a coisa é do que pode ser que sim, mas que os valores observados não têm probabilidade igual. Portanto, podem existir vários tipos de construção, mas se apareceu isso, existe essa possibilidade.

O princípio antrópico forte, *strong anthropic principle*, SAP, é aquele que enuncia que o Universo tem que ter aquelas propriedades que permitem à vida desenvolver-se dentro dele em algum estágio de sua história.

Há outros físicos importantes que, para não ficarem atordoados pelo princípio forte e tampouco pelo fraco, o qual já acham também um pouco atordoante, tomam partido parecido com o da epistemologia ainda em vigor, ou seja, da presença do sujeito na verificação do mundo. Inventam, então, o que chamam de princípio antrópico participatório, *participatory anthropic principle*, PAP, o qual se diz assim: observadores são necessários para trazer o Universo ao Ser. É o que acontecia em todos os laboratórios de física até a primeira metade do século, e a epistemologia brincava com isso. E este princípio está intimamente relacionado a uma outra possibilidade, que é: um conjunto de outros universos diferentes é necessário para a existência de nosso universo. Temos aí a patota da física que prefere acreditar em universos paralelos, ou coincidentes no tempo, de tal maneira que admite que talvez existam vários

tipos de universos, mas são necessários observadores para trazer o Universo ao Ser. Na medida, então, em que ele vem sendo trazido ao Ser por nós, esses observadores são necessários, nem que seja só-depois.

Em última instância, os físicos se colocam um outro princípio, chamado princípio antrópico final, *final anthropic principle*, FAP, que diz assim: um processador inteligente de informações tem que advir à existência no Universo e, uma vez advindo, ele nunca morrerá. Isto me deixa espantado, pois me parece nada mais nada menos do que certo autor que se leu muito, eu mesmo o li muito, no começo da década de 60 se não me engano, e que está aí de volta, seus livros sendo reeditados, que é Teilhard de Chardin. Ele fala desse movimento antrópico ou, pior, crístico do Universo para a constituição de um ponto ômega de eternidade do Cristo dentro da humanidade. O homem era um antropólogo de batina.

\* \* \*

Mostrei-lhes, então, esse ideário de forma geral. Agora vou mostrar que o ponto de visto que tenho trazido aqui – agradeço todo o apoio da física moderna, pretendo estudá-la mais ainda o quanto puder; agradeço aos físicos que acaso estejam por aí e que queiram me ajudar – é dependente do conhecimento da conjectura do velho Freud feita em cima do *Mais-Além*, em cima do conceito de *Pulsão*, que é de morte, porque é de vida, não há outra. Fico, portanto, por causa disso, mais ou menos independente dessa imposição da física.

Proponho, então, o meu princípio. O princípio antrópico reflexo, que vocês podem chamar de *reflex anthropic principle*, RAP – reflexo, no sentido que venho colocando, desde o começo, sobre a questão da catoptria –, que enuncio assim: o Haver (qualquer que seja seu tempo e sua constituição) *deve* ter as propriedades que O levem a SE repetir (em sua própria estrutura plerômica) em seu próprio seio, em alguma fase da sua história. E tiro como implicação do RAP que as constantes e leis do Haver, quaisquer que sejam os

conhecimentos que o abordem, têm que ser tais que o Falanjo possa existir. Vejam que a obrigatoriedade que estou colocando do surgimento do Falanjo, dentro da estrutura, não impõe o surgimento obrigatório da *vida* de base carbono. Sei lá eu se, para além das limitações quantitativas dos físicos, existe vida inteligente com outra base? Não sei!

Mas, na verdade, meus caros, não se trata de um princípio antrópico no meu caso, só usei o termo porque está em moda na física. Trata-se de um Princípio Angélico, no sentido mesmo que está, por exemplo, em toda a tradição dos anjos, e na tradição hebraica com o nome de *malák*, anjo, que é dado tanto ao Senhor Deus, quanto a seus mensageiros: *malák* maior, *malák* menor, é tudo *malák* – agora é até nome de tênis: pé de anjo, se quiserem... Ou seja, esse princípio angélico está sendo posturado a partir da Pulsão freudiana como retorno do verbo em seu próprio seio. Princípio angélico, o qual, acoplado a seu eterno retorno, no sentido nietzscheano, se quiserem, é Princípio Angélico de Eternidade – e aí cheguei ao Nome do Pai –, PAE, que estou propondo a partir da psicanálise. *Angelic Principle of Eternity*, APE: voltamos ao macaco freudiano. Os anjos saíram da morte do macacão, pai da horda primitiva. O pai, é o macacão.

Isto tudo para lhes mostrar que não estou delirando sozinho Eu, também, tenho um pouco de sucesso onde o paranóico costuma fracassar.

\* \* \*

Aí está Ulisses, em nome do PAE, desse princípio angélico de eternidade, que se escreve no Pleroma. Aí está Ulisses (ou seja, Dedalus) como aquilo que, um pouco atrás, chamei de Emergência Necessária do Falanjo no Campo do Sentido. Emergência como retorno simétrico do FURO, re-inaugurando no próprio seio do Haver o Revirão desse Haver. Revirão este que, no Campo do Sentido, re-aparece, enquanto Falanjo, retomando os sentidos por duas vertentes que dão no mesmíssimo lugar. Pulsão é Pulsão: a de Morte não sendo senão *de* vida, e vice-versamente, para o que der e vier corno dever ou como devir.



Tomarei como exemplo dessa dupla vertente, desse surgimento, num campo de linguagem à segunda potência, que foi como Lacan chamou a pintura, dois pintores minimalistas americanos bem inseridos na problemática artística mais recente, Rothko e Reinhardt. Ambos fazem quadros muito grandes quase que monocromáticos. A história pictórica dos dois teve um começo bastante efusivo, mas foi se encaminhando para um minimalismo e para uma aparente abolição da cor. Os dois terminam sua vida pictórica pintando em negro, às vezes uma tela inteira toda em negro – o que é maneira de dizer, pois não há negro. É impossível, para quem está no Campo do Sentido, surpreender o branco ou o preto puros – só os racistas não sabem disso. Mas, à primeira vista, a aparência seria de que os dois estão fazendo a mesma coisa, e terminam na pretidão pictórica em que terminam.

Retomo-os aqui por serem exemplares alélicos de um mesmo halo significante, e também porque surpreendi esses dois nomes um pouco mal considerados por Christopher Lash, no seu famigerado livro *O Mínimo Eu*, no qual cita uma senhora que faz crítica de arte, chamada Eliza Rathbone, que diz que “as pinturas em negro de Rothko mantêm sua preocupação com uma experiência vivida. Mesmo naquelas fases em que Rothko parece mais próximo de negar as cores, os trabalhos mais austeros são ricos em permutações sensitivas”. Quer dizer, ela nota que mesmo quando ele tenta a austeridade absoluta do negro – ele é pintor de quadros, e não de parede: não vai simplesmente passar tinta preta, e *sim produzir* um negro –, é uma série de quadros em negro, ele mantém essa vibração sensitiva. “A opção de Reinhardt pelo negro”, continua ela, “foi o último passo para evitar qualquer uso da cor-contaminada como era, pelas associações ou avivada pelas vibrações de matizes. Reinhardt acreditava que ‘o negro é interessante não enquanto cor, mas como uma não-cor e como uma ausência de cor’ “. Justo o contrário de Rothko, para quem o negro era interessante como cor e como possibilidade de vibração de cor. Os dois, então, se encaminhando, numa história extremamente rica do ponto de vista pictórico, para duas posições radicalmente opostas. Um, para a sustentação do colorismo mesmo na escuridão do negro, e outro, para a

negação do colorismo absoluto, que deveria repercutir mesmo onde as cores apareceram. Mas a moça continua dizendo que “a única idéia de Rothko é uma experiência que possa se expandir na resposta do espectador, ao passo que Reinhardt recusa qualquer intercâmbio desse tipo entre possibilidades interpretativas. Toda a tensão é resolvida, eliminada”.

O que nos interessa é ver como os dois parecem dois alelos de um Revirão no processo de tratamento minimalista do que é a cor para o falante: uma tentativa de insistir no surgimento da cor, onde ela parece abolida, e outra, de abolir o surgimento da cor, onde quer que apareça. No entanto, os dois se encaminham vertiginosamente, segundo me parece, para esse ponto de sua dupla experiência pictórica de Revirão de Rothko e Reinhardt, de Reinhardt e Rothko. A mesma experiência pictórica em vertentes opostas, e conduzindo vertiginosamente para o mesmo lugar de neutralidade: Rothko não conseguindo sustentar tantas cores do seu negro, e Reinhardt não conseguindo abolir do negro as cores.

\* \* \*

Ou seja: o percurso do falante, via Penélope ou via Telêmaco, só pode dar em Ulisses, com-sentido. Assim como o percurso do Haver, via gozo-fálico ou via gozo-do-Outro, só pode dar em *Furo Sentido*, ou realizado.

01/SET

## 10

### Haver e ser um mano

Preciso desenvolver as regiões do Pleroma para podermos começar a manejá-lo com mais clareza. Hoje começarei a tratar com mais detalhes os acontecimentos no seio do que chamo Campo do Sentido, e da sua relação com a totalidade do Haver enquanto Pleroma.

\* \* \*

O Outro do Outro não Há, o que significa que o circuito da alteridade é fechado sobre si-mesmo. Em nosso Esquema, não haver o Outro do Outro é representado pelo ã, Acoisa fundamental. Poderíamos dizer que o Não-Haver é como se fosse uma alucinação do Haver. Ele não há, mas, pelas características estruturais do Haver, o Haver como que alucina a sua Causa – assim como Freud nos demonstrou que a Coisa é alucinada como objeto fundamentalmente perdido.

Da vez anterior, tomei o princípio antrópico da física e reduzi – ou ampliei, sei lá –, em termos da psicanálise, ao Princípio Angélico de Eternidade, PAE. Se isto for sustentável, se quiser colocar esse princípio como funcionando no seio do Haver, poderei fazer uma suposição que é até cara a algumas religiões e filosofias, mas que não vejo motivo para que não a possamos tomar de outro modo. Como resultante desse princípio angélico, no que o Haver não encontra alteridade fora de si- mesmo, uma vez que não

há Outro do Outro, pois o Haver é esse Outro absoluto, ele se refabrica em estados, modos, etc. Sendo que, no seio desses modos, aparece essa modalidade estranha que é o ser falante, que vem repetir a estrutura plerômica do Haver. Então, numa arrogância extrema, poderíamos sugerir que nós outros falantes somos não o Outro do Haver, que não há, mas aquilo que o Haver *se põe* no lugar do seu Outro.

Pôr alguma coisa para si-mesmo no lugar do seu Outro que lhe falta, é constituir-se e constituir algo como Falanjo. Constituir-se como e constituir um determinado havente como Falanjo na medida em que “não há todo o Falanjo”, como está enunciado na formulação do terceiro sexo. Não há, então, o Outro do Outro, nem lá do outro lado como Não-Haver, que não comparece, pois é pura alucinação, nem como esse Outro que é o Haver, A-Delta, que retira da sua própria construção da alucinação a fabricação de uma alteridade que não é universal e é plural. Mas poderíamos supor – não sozinhos, pois que outros já assim o supuseram – que os falantes enquanto Falanjos são a alteridade que o Haver enquanto Outro pode se prometer. Não estou falando de nenhum Inconsciente coletivo, nem do somatório desses Falanjos, e sim da pluralidade dos Falanjos, que se tornam aqui e ali, eventualmente, a consciência de Deus, a consciência do Haver. É como se o Haver tomasse consciência do seu Inconsciente, que ele é, através da nossa fala, quando a tornamos capaz de dizer o que há pelo Haver. A espécie humana seria a vocação de consciência de Deus. Na falta de um Outro melhor, vai esse mesmo: pluralizado, pulverizado como Falanjos.

Mas o que é o Falanjo? É uma categoria. Nós somos seres falantes e, por isso, participamos do falangélico. Algumas pessoas estão querendo substituir pura e simplesmente o ser falante pelo Falanjo. Até podem, não é proibido, mas o que está sendo conceituado como Falanjo tem pelo menos duas versões: a do Falanjão e a do Falanjinho. É Falanjo, *malák*, o próprio sujeito suposto saber embutido dentro do Haver. No que ele fala, no que o verbo se diz, há o que há nas suas modalidades e na multifariedade das diferenças. E dentro do que há, há repetição disso que fala. Essa repetição

falante, na mesma modalidade do Falanjo original, é que estou chamando de Falanjo. Em certas metáforas religiosas, é o que chamam de centelha divina dentro do falante. O Falanjão é sujeito suposto saber à plenitude do Pleroma, mas é inconsciente porque tem um pedaço que lhe falta, e que fala através das suas modalidades. Ele é a sua própria língua. E lá dentro das suas manhas de produção, reaparece, sobre um elemento parciário de natureza binária, biológica, etc., essa função outra vez plerômica – falangélica, portanto. Não escapamos jamais dessa situação de macacão falante, de um biótipo mamífero, binário, etc., que se incluiu essa plenitude por alguma reversão, que algum dia alguém vai mais ou menos poder dizer o que é. O sujeito suposto saber que Lacan chamou de Deus é o Falanjão, é Falanjo. E os falantes, tipo *homo sapiens*, participam dessa estrutura de Falanjo.

As hipóteses a respeito da existência desses Falanjos encarnados assim em modalidades materiais são as mais diversas. Pode-se fazer, junto com os físicos, a suposição de que existem muitos universos habitados, de que isso se repetiu por aí em diversas situações nas galáxias. Pode-se também supor que isso só aconteceu uma vez, que é uma das hipóteses do princípio antrópico forte, de que só se vê falantes aqui porque esse desperdício todo de universo é a condição *sine qua non* de, naquele pontinho, isso se repetir. Podemos pensar que a estrutura do Haver passa por inteiro e concomitantemente por aquele Furo, portanto, tudo desapareceria para reaparecer de novo; como podemos pensar que ela passa perenemente por partes, como se algumas partes tivessem condensação de energia para explosão e outras tivessem estatuto de matéria, o que é outra hipótese também dos físicos. Isso pode não ser concomitante. Segundo alguns físicos malucos de hoje, se não for concomitante, talvez só exista essa repetição dos Falanjos na estrutura total do Universo. E eles tiveram tempo histórico – histórico do Universo, do Haver – para aparecer, e terão certamente tempo para se locomover. Isto é uma ficção como outra qualquer... Locomover-se aí significa que essa materialidade da nossa galáxia pode vir a ser comida pelo buraco negro do furo Real e, no entanto, a essa altura, a espécie já pode ter mudado para uma outra região que não vai ser comida tão

cedo. Eles falam até na possibilidade de uma eternidade da espécie. É uma hipótese deles. Para mim, tanto faz. Não vou estar lá mesmo. Ou estarei? Não faço a menor idéia... Estamos arriscados até a ser uma espécie que veio para sempre habitar, ou que já habita para sempre. Quem sabe? Não existem uns malucos por aí que fazem umas ficções de que o homem não é originário daqui, que ele veio importado de algum lugar para começar o ciclo todo de novo? Para mim, repito, qualquer brincadeira serve, qualquer prazer me diverte, não sou monomaníaco...

Precisamos começar a abordar a existência desse ser falante ali no seio do Campo do Sentido e as correlações que possam eventualmente existir. Isto é outro problema da epistemologia e da física de hoje, ou seja, retomar a questão da relação entre o psíquico e o físico, do saber possível a respeito do que há. A última moda é estritamente lacaniana, quando não popperiana: o real se apresenta como real, então, há uma zona de impossibilidade, etc. Isso tudo tem que ser pensado.

\* \* \*

Ao Falanjo, mergulhando no Campo do Sentido, mas que na verdade pertence à ordem trífida – é um termo de Joyce – do Haver e da linguagem, o que lhe cabe é a polêmica perene entre a pressão imaginária de sua pertinência gnômica, pertinência física ao mundo biológico (corpo), e a pressão simbólica de sua língua opositiva e significante. Quer dizer, esse tal ser falante, falangélico, fica tendo que fazer, nessa polêmica, uma espécie de diplomacia entre duas ordens diferentes: uma, aprisionada numa binariedade local, mas que é ternária no total; e outra, que é sua ternariedade particular. Por outro lado, também, já que chamei *A* de Simbólico e *A* de Imaginário em conotação um pouco diferente da de Lacan, mas que também se reduz a ela, ele fica entre o processo partitivo, explosivo, do Simbólico, e o processo cumulativo do Imaginário. Traduzido em termos lacanianos, o processo explosivo do surgimento das diferenças no seio da materialidade do Haver é uma coisa

muito lenta. No máximo, dependendo de interações, de relações inter-sistêmicas, ecossistêmicas, da corporeidade, acontece eventualmente aqui e ali um processo até evolutivo – assim chamado na teoria de Darwin, coisa que nossa espécie parece que abandonou há muito tempo. Do ponto de vista biológico, parece que paralisou-se, fossilizou-se, e está tratando de evoluir em outra região: na região do artifício.

Mas posso perfeitamente supor a vigência do que quero chamar de Simbólico como essa insistência distintiva, separativa, produtora de diferenças; e a do Imaginário como essa insistência em coagulações. No imaginário de Lacan, por exemplo, quando se tem correspondência ponto a ponto, isto é a coagulação de uma determinada coisa num determinado lugar, que, em termos *macro*, seria o desaparecimento, a morte de certas diferenças, que é a morte do cérebro, a morte da diferença: bateu o imaginário, relação ponto a ponto, diferença não pinta! O Imaginário no campo do falante fica como que arremedando a *estase* das modalidades gnômicas. As modalidades estão aí e, quando tomadas como coágulos de significação ou de existência, arremedar essa coagulação é que é, no nível do psiquismo do falante – não no nível do Haver, porque se processa materialmente –, no nível da linguagem, nada mais do que a coagulação de determinada configuração, de determinado dito, seja ele visual, verbal, qualquer um. O Imaginário não tem que ser necessariamente visual. Aliás, essa coagulação vira signo, vira um determinado sinal, significa isto assim-assim para o sujeito aprisionar direito aquela imagem. Ao passo que o que há de Simbólico na estrutura do falante é a subversão do signo. Subversão no sentido de obrigá-lo a aceitar a sua diferença, de preferência a sua diferença máxima que é o seu oposto radical. Aí, entro na ordem do que, para mim, é o verdadeiro significante, que é esse halo que se completa ternariamente: a oposição de dois alelos possíveis e aquele terceiro ponto, que é o ponto de passagem de um para o outro. Não há nenhuma *coincidentia oppositorum* nesse ponto. Ele não é coincidência dos dois, e sim um terceiro lugar que permite – não se sabe onde –, como num ponto da banda de Moebius, passar para outra marcação.

Por outro lado, o Simbólico, para o Falanjo, acaba afetado pela estase imaginária. Ou seja, assim como o Simbólico subverte o Imaginário, ele fica afetado por essa estase, ficando então em decadência: aceita transformar-se em mero signo. Do mesmo modo que o Imaginário dos corpos é subvertido pela significância do Simbólico. Ou seja, quando se aborda o Imaginário do corpo simbolicamente, ele imediatamente é subvertido por essa significância e perde as qualidades específicas do macacão, no caso do homem. E é mediante *téchne* que se consegue afetar simbolicamente o Imaginário dos corpos, mediante produção sapiente, como quer chamar Heidegger, ou mera produção artística, em todos os níveis, é claro. Quando se aborda por via simbólica o Imaginário dos corpos ou dos gnomos existentes, começa-se a tecnicizar o processo, a artificializar o que supostamente seria natural, mas que não o é porque é artifício de outrem. Só se tem condições de intervir como artífice nas modalidades do Haver porque elas em si são construídas do mesmo modo artificioso. Se não, não teria ponto de passagem. É porque o biológico é artifício verbal do sujeito suposto saber que, mediante meu artifício verbal transcritivo de outra ordem, posso ter entrada aí. A epistemologia que se cuide porque talvez tenha que mudar um bocado de coisas.

\* \* \*

É mediante, também, afetações que costumamos chamar de *psico-somáticas* que se afeta simbolicamente o Imaginário dos corpos. É um campo fértil para se estudar o lugar onde esse roça-roça consegue “transgredir” – aparentemente, entre aspas – o que é dado de “natural” e mostrar-se na sua artificialidade. O que serão os efeitos na máquina psicossomática senão o embate da ordem trífida, ternária, do falante, onde o Simbólico continua perenemente em movimento, numa lógica de transcrição – não na lógica do Haver – funcionando a sua maquininha dentro do próprio aparelho biológico, e, de repente, aquilo engatar na binariedade do corpo e dar um efeito? Este efeito é que quero compreender como da mesma ordem da *técnica*. Mediante a palavra,



pode-se argüir e intervir no Haver, nas suas modalidades. Não se pode intervir na sua totalidade, mas nas modalidades se pode, assim como a ordem do psiquismo encontra artificialidade compatível na ordem do corpo e faz um enxerto de artifício para artifício. Quer dizer, parece que o Inconsciente, na sua artificialidade verbal, de repente consegue conversar com a carne na sua artificialidade verbal, e há uma pequena brecha em que a binariedade da carne aceita a binariedade do verbo, o qual foi instaurado por via ternária, mas que imita o binário e comanda a carne. Alguma coisa por aí deve existir.

Outra maneira evidente – que não parece tão evidente porque tem certa semelhança com a histeria – dessa subversão do Imaginário pelo Simbólico é nosso comportamento cotidiano, que é puro e simples *teatro*. Nossos hábitos cotidianos são puro e simples teatro, uma vez que não existe o papel assinado ao ser falante. É que nós, de repente, começamos a acreditar demais – como aqueles artistas que, como diz Chico Anysio, “introjetam” tanto o seu personagem, que acabam assim donos de um certo papel: Dona Maria das quantas é assim a representante da fulaninha no *Um Trem Chamado Desejo*, fora daí não faz mais nada que preste... –, engolimos determinado personagem, e pensamos que somos fulano de tal, só porque introjetamos determinado papel. A gente tem uma falta de imaginação enorme: fazemos sempre os mesmos gestos, com os mesmos hábitos, o mesmo personagem. E quando alguém tem um pouco mais de imaginação, neuroticamente o chamamos de perverso... Isto fica meio parecido com a histeria na medida em que não há mutação material. Mas há uma mutação figural, que, às vezes, cola ao corpo. Como diz Fernando Pessoa: “quando quis tirar a máscara, ela estava pegada à cara”. Entender a teatralidade da nossa função cotidiana é das coisas mais importantes, que a psicanálise freqüentemente esquece. Fazer teatro, por exemplo, é simplesmente mudar de personagem.

O Psico-Somático, na verdade, não é senão esse fenômeno (uma afecção corporal) emergente de um mal-entendido radical do ternário humano com o binário animal – do terno do Anjo com o macacão do bípede primata. É uma questão de indumentária.

Isto é importante, para retomarmos um termo expulso pela porta de serviço de todos os discursos bem-pensantes, que, no entanto, é fundamental: a *magia*. Não há nada tão importante: os mágicos é que interessam. A vontade que está em jogo em toda magia é a de regulação dos fenômenos psicossomáticos. Ou seja, que, através da ordem da linguagem, o Real mude. É claro que existe toda sorte de babaquice junto com toda sorte de sucesso. Não basta dizer “abracadabra”, pois aí é a magia do tolo. Mas quando se produz a frase abra-ca-da-bra correspondente ao material que se quer mudar, faz-se a magia, sim. Se não, não existiria a penicilina.

Tentar, então, regular e dominar esses tais fenômenos ditos psicossomáticos, dos quais a tecnologia é uma realização pela via de um contorno, isto é que é qualquer *téchne*: transformar o que estava na ordem transcritiva do verbo humano para a ordem do verbo divino. Ou seja, intervir com todo o direito, se é que somos ocupantes em fragmentos do lugar do Outro do Outro, e deixar que Ele nos ame. E até fazer umas gracinhas para Ele: colaborar no seu processo verbal materialmente dado. Aliás, é o que temos feito por aí... muito mal, mas temos.

A magia não é a *Histeria*. Esta, é fingimento da magia em sua produção sintomática. A histérica finge que exerceu realmente uma relação, uma intervenção, do verbo no corpo, mas está só fingindo. Ao passo que a magia é efetiva intervenção do psíquico (3) no somático (2). Ou seja: da ordem transcritiva do verbal humano na ordem verbal do Haver materialmente dado. O verbo está inscrito na carne e é transcritível pela nossa língua. É uma correlação extremamente difícil, mas posso tentar. As histéricas têm toda razão, pois é possível, sim. A impotência me inibe, mas, uma vez que se consiga, estão aí muitas provas da atividade humana demonstrando que, de repente, se faz alguma correlação da transcrição verbal com a inscrição do Haver. E isto tem efeitos concretos. É preciso parar de implicar com a ciência. Só porque ela é histérica? Além do mais, os cientistas têm um pouco mais de pé no chão do que os analistas. Para aqueles, as coisas precisam funcionar mesmo: ninguém inventa penicilina delirando no consultório. Ao

passo que o analista pode empulhar com uma facilidade extrema – e o faz com muita frequência...

Philippe Sollers, num texto chamado *L'Écriture et l'Expérience des Limites*, p. 61, nos diz que a magia é o “conhecimento prático dos ‘segredos da natureza’ (quer dizer, do fato de que não há natureza) atingidos também eles por uma correlação do saber e da sexualidade”. Para um escritor, fazendo literatura ou crítica literária, é dizer com muita precisão. Ele, na verdade, como está dizendo aqui Aluisio Menezes, é um grande transliterador, que tenta, através da escrita, invadir, fazer interseção dos espaços. Aliás, quem começa este tipo de trabalho é Joyce. É para além de ser um escritor, é ser um inscridor: tentar, para além da mera fabulação, usar da sua pena - da sua condenação, se quiserem – para inscrever, assim como o técnico procura inscrever produzindo coisas.

Estamos aí, portanto, na ordem do artifício, na ordem do diálogo de artifícios para artifícios, do artifício do humano para o artifício divino, de Falanjo para Falanjo. O fato de sermos pulverizados, de não fazermos um todo e de sermos extremamente parciais, não nos retira a estrutura angélica, que é da mesmíssima ordem. Para o Falanjo, aqui situado como humano, o Haver é um palco no qual o ator pode ter mais ou menos introjetado tal personagem, mas está em exercício da sua função de ator, de inscridor, etc.

\* \* \*

É preciso começar vagarosamente a montar esse aparelho de correlação, pois as pessoas ficam, às vezes, tentando aplicar o Esquema Delta e, por falta de desenvolvimento meu, se perdem um pouco.

Estamos, então, naquela região central do Esquema Delta, onde, no Campo do Sentido, emerge o Falanjo, que não é só humano, e sim essa ordem a que o humano pertence. Esse Esquemão é a suposição do grande movimento pulsional do que há. Mas é preciso sempre lembrar – e fica difícil porque o Esquema não está todo desenvolvido – que o tal Falanjo habita, existe, nasce, aparece dentro daquele Campo do Sentido. Portanto, ele está mais ou menos

aprisionado às possibilidades do campo, embora sua estrutura seja a mesma. Basta, pois, pleromizar os processos, ou seja, significantizar de fato, para além do mero significante metafórico. Mas é dentro das possibilidades que lhe são dadas historicamente, ali dentro do Campo do Sentido. O que acontece, então, se quiserem imaginar assim, é que, dentro dessa organização plerômica do Haver –, no Campo do Sentido, de uma modalidade muito particular, aparece outra vez a repetição desse Pleroma. E isso apareceria para nós falantes humanos não no nível da sua estrutura corporal, digamos assim, da sua estrutura biológica, do macaco que porta essa possibilidade, e sim numa certa máquina que vem embutida (sei lá onde, alguém há de descobrir isto) nesse macaco, a qual efetua tarefas e se efetiva deste modo plerômico. É isto que se quer chamar de linguagem do falante, de psiquismo. É uma espécie de máquina transcritora. Embora esteja aprisionada numa região binária, ela funciona pleromicamente, por isso consegue, diferentemente de outras máquinas, fazer a leitura em aberto dos processos que estão em jogo dentro da ordem plerômica do Haver. Ela tem a mesma estrutura, mas não tem a mesma compleição, a mesma história.

O que se passava na cabeça de Hegel quando pensava no fim da História, no Saber absoluto que essa maquininha iria ler de uma vez por todas? Já chamei atenção aqui para a questão da *imitatio Dei*, dessa máquina que imita, que tenta acumular o saber de maneira a ter uma historicidade compatível com a historicidade do Haver, só que falta muito: falta mais do que se tem. A questão é pensar em dois níveis, em que há uma máquina poética de transcrição do que há, mas na mesma estrutura. Aceito isto, há que mudar uma série de conceituações, e veremos como isso se parece com coisas antigas, aristotélicas, etc., que passaram, deram a volta e voltaram com muita mutação. Por exemplo, é preciso repensar uma epistemologia que possa voltar a se dar conta de que há uma espécie de especulação sobre o mundo, uma máquina compatível com o Haver, que seja capaz de fazer essa leitura embora fragmentária. Não podemos negar o fato de que, pelo menos em regiões extremamente simples da produção humana, o que se diz na teórica, ou seja, na prática da contemplação do Haver, corresponde ponto a ponto ao Haver naquelas condições. Isto é

inegável. Ficar delirando aí em torno pode ser muito bom, mas não é possível que uma epistemologia não parta desse fenômeno de que há certas configurações dentro da linguagem que correspondem perfeitamente às configurações compatíveis no seio do Haver. Portanto, as históricas têm razão.

É preciso diminuir a impotência, porque não se trata aí do impossível, e sim de disrupção das possibilidades. O impossível está lá, mas é um impossível compatível *e* comigo *e* com a divindade. Ele é a Causa, mas não intervém com tanta frequência, como se supõe, no seio do Haver. Não posso, portanto, estar substituindo minha ignorância pelo descrédito da determinação. Não posso chamar minha ignorância de impossibilidade. E vejo um perigo ético nesse tipo de epistemologia em que se fica curtindo tanto o impossível que qualquer fraqueza na nossa histeria coloca as coisas como impossíveis e dá as costas.

O simbólico de Lacan, na verdade, é metafórico. O modo como ele o maneja, como ele o definiu – e isto declarado por ele em vários momentos –, é o manejo do metafórico. E o manejo do metafórico não é plerômico, é alélico, parciário, hemiplégico, se quiserem. É claro que, indo muito longe na sua parcialidade, é capaz de dar a volta, como Lacan demonstrou. Mas a concepção do significante na sua hemiplegia pode prejudicar certos raciocínios fundamentais, pois esse semi-alelismo do metafórico induz demais a pregnâncias que, talvez, não façam jus à liberdade do falante. De muito acreditar na ordem metafórica, ou seja, na ordem sintomática, encontramos toda sorte de desculpas para ser imbecil condecorado, que é o nome que se deve dar a esse tipo de coisa. Isto é subserviência à ordem sintomática, a qual, no campo do falante, acaba sendo imitação da ordem dos gnomos, das modalidades inatas, dadas, do Haver. Chegar, por exemplo, à conclusão (através de uma análise, mediante o que está escrito no discurso do analista) quanto à minha separação sintomática é muito pouco reconhecimento do meu lugar. E extremamente útil, mas é muito pouco para reconhecimento desse lugar muito mais abrangente que *eu* ocupa. *Wo Es war, soll Ich werden*, a meu ver, ultrapassa essa mera distinção. Assim como ultrapassava para Lacan, tanto é que ele procurou mais: a travessia da fantasia, etc., qualquer troço que pudesse demonstrar um pouco mais de direcionamento nisso.

A referência à hemiplegia sintomática reduz o Simbólico do Pleroma à binariedade da oposição (nem direi lingüística no sentido geral, mas) lingüística no sentido pejorativo como Lacan usa para as teoriuzinhas da linguagem, para a binariedade antitética dos manuais de lingüística. Mas a língua não é o que está nos manuais, que são apenas uma tentativa histórica, malfadada talvez, ou às vezes com certos achados, de subjugar mediante essa binariedade o que Joyce chamava de língua trífida. Ao passo que, para fazermos a conjunção com o que está no Pleroma, o imaginário de Lacan não pode ser pensado como reprodução *ipsis litteris* do signo, visual, sonoro, etc. O imaginário de Lacan ser essa re-produção do sgnico, é tomar a coisa como compactada, como extraída do campo das diferenças.

O que acontece, então, no seio da região do Sentido, do Campo do Sentido, não vem a ser senão a repetição estrutural da ordem plerômica no seio da máquina de referência do falante, e não no seio de sua corporeidade. Mas o que acontece como repetição dessa ordem plerômica, dessa ordem verdadeiramente significante, dentro dessa máquina, que é referência do falante, faz com que, no trato desse falante com a materialidade dada em modalidades, ele tenha como intervir e co-laborar nos processos criativos do verbo divino do Haver. Daí nossa possibilidade, diferentemente de todos os seres conhecidos, de construir a liberdade, a qual, como definiu Lacan, não é senão a possibilidade de escolha: a múltipla escolha possível quanto a possibilidades. Ao contrário do que pensam certas múmias, até analíticas, de que não é a multifariedade dos processos, é a possibilidade de, a partir da sua estrutura falante, escolher como deve ser a região de Haver que ele habita. O que pode ser, dentro dessa concepção, o tal mal-estar na cultura do velho Freud? A cultura é a acumulação das besteiras, do lixo produzido, é a *cloaca maxima* de um determinado grupo humano. Para falar em português claro, é o merdouro da sociedade: o produzido, o dito, vai virar, dentro dessa latrina cultural, esses monturos, esses fecalomas culturais – e o pior é que não vai dar para todo mundo, como diz a piada –, que se estagnaram como certos gnomo da ordem do Haver estão aí estagnados. Cachorro é cachorro, macaco é macaco, neurótico é neurótico, burro é burro,

cavalo é cavalo, vaca é vaca... O mal-estar na cultura é o mal-estar desse ser ternário, capaz de revirar as coisas, diante desse aprisionamento da cultura que imitou o produto já dado, que é exatamente o produto que há no campo binário da materialidade do Haver. O Falanjo, que pode fazer referência a essa ternariedade, que pode passar pelo terceiro e questionar tudo isso, fica nesse mal-estar com a “Natureza”, ou seja, com a artificialidade já dada do Haver, e com a artificialidade já dada da cultura. O mal-estar na cultura é o mal-estar na Natureza. Não há diferença alguma, pois é um mal-estar no artifício produzido, dado, seja um objeto dito natural, seja o lixo cultural. São a mesma coisa: artifícios de ordem diferente. Aliás, cachorro é cachorro até segunda ordem, até que o verbo faça uma mutação nele, ou que *eu* intervenha com o *meu* verbo procurando uma mutação...

Freud não deu permissão, Lacan não deu permissão, eu não dou permissão para a psicanálise ser essa titica em que se quer transformá-la. Na verdade, na medida em que nós outros, sobretudo aqueles que se metem a psicanalistas ou coisa parecida, evitamos o reviramento perene, difícil, raro, nos processos, estamos nada mais nada menos do que fazendo zoologia, e não psicanálise.

\* \* \*

• Pergunta - *Você falou desse duplo nível necessário para começar a pensar o processo: uma dimensão trífida e uma dimensão binária. O que toca, inclusive, a questão da psicossomática. Este seu andamento é muito genérico assim colocado, pois é uma colocação de princípios. Freud tem uma vocação diferente do teu movimento – que é um movimento sintético –, que é muito mais de ficar no detalhe, na minúcia...*

Até gostei do que você acabou de dizer. Às vezes passa pela minha cabeça que Freud teria feito uma psicanálise, e que alguém teria que fazer uma psicossíntese.

• P – *Freud tinha uma experiência muito sintonizada com o vivo, com a lógica do biológico, por longa experiência, na montagem da teoria da*

*pulsão junto com a questão da representação. Então, me parece que teremos que recuperar e reler isso à medida do que está em jogo dentro do Esquema Delta. Quando ele coloca a questão da pulsão, ele divisa vários argumentos de montagem e de descrição do que seja o pulsional. A idéia, por exemplo, de “experiência de satisfação”, que está no Projeto, que comparece na Interpretação dos Sonhos, etc., é algo que vai dar razão de ser à noção do objeto perdido. Ou seja, alguma coisa que vai comparecer dentro da lógica da pulsão para todo o sempre. Pois bem, quando ele coloca a ordem da fome, da necessidade, o que é importante, na experiência de satisfação, é a escrita de uma imagem de satisfação que conduz o processo pulsional a essa busca de satisfação. Ele coloca, então, um mecanismo que, dentro da ordem do vivo, começa a perceber que é por via dessa dimensão de uma coisa que é inscrita como uma suposta satisfação, suposto atingimento de objeto, que, na realidade, não se atinge, tanto que o sujeito fica na mão...*

Isto é extremamente importante. As pessoas se esquecem freqüentemente de colocar o objeto como fundamentalmente perdido. É, na verdade, aluciná-lo para *antes* de qualquer experiência. Isso me parece claro em Freud: uma série de batidas, de experiências de “satisfação” projeta um objeto perdido para sempre num passado que jamais houve. Quer dizer, é o mesmo tipo de alucinação que está inscrito no Esquema Delta. É projetado pelo Haver, na sua requerência de simetria, um objeto que é puramente alucinatório. Não porque terá existido um dia, mas sim porque jamais compareceu.

• P – *É o uso do termo que ele vai fazer, no Suplemento Metapsicológico, de “psicose alucinatória do desejo”, o qual só pode ser para designar isso. Mas o que eu quero colocar é que Freud tem uma descrição muito particularizada do movimento do que é instintivo, ou seja, daquilo que estabelece uma regragem determinada. Ele sempre disse claramente que aquilo poderia ser reduzido a um quimismo, e ele não tinha o menor problema com isso...*



Haver alguma espécie de *instinto* na espécie do macacão não invalida de modo algum Freud. Esses instintos – que até acho que há – não são da ordem do pulsional. A pulsão é a subversão do instinto pelo reviramento possível que ele sofre segundo o mecanismo da falta. Qual é o problema que a gente tenha instintos? Só que é um instinto um pouco perverso – como Freud chamou – porque, na medida em que se agir como macaco, ele subverte e age como Anjo.

- P – *E eu queria colocar isso através de dois exemplos: a anorexia e a bulimia. O que fica evidente na anorexia é justamente acionamento, nascimento da pulsão, num circuito do instintivo, abolição do que seria referido pelo instintivo, e vivência na ordem do puro pulsional.*

E de um pulsional tão puro, que requer nada menos nada mais do que não-haver comida, comida enquanto Não-Haver.

- Pergunta – *Comer nada...*

No meu caso, é comer menos do que nada. Em Freud poderia ser não comer nada, mas aqui seria não comer nem nada, pois nada já é muito. Você traz um exemplo maravilhoso porque tanto anorexia quanto bulimia representam duas modalidades típicas do movimento do Pleroma. Eu poderia dizer que o projeto anoréxico é um projeto feminista no Esquema Delta. É um projeto de gozo-do-Outro absoluto: a busca da paz alimentar pelo encontro com o sossego radical da morte, que não há. O anoréxico quer a morte da fome, quer realmente *matar* a fome. A gente finge que mata mas ele quer matar mesmo, pois ele não concorda com esse negócio de ela voltar. Ele quer matar a fome, mas não consegue. Ao passo que, na bulimia, o sujeito, na impossibilidade de matar a fome, comerá de tudo para ver se se pacifica: comerá tudo. Então, parte para um projeto fálico. É a falicização da comida: “Como esse falo inteirinho e fico completo”. Só que é um pouco grande e não cabe inteirinho na boca... O que é uma infelicidade, dirão alguns... É o mal-estar na anatomia... É o *deep throat*... É pantagruélico o fenômeno. Pode-se adscrever isso a uma pulsão oral, mas na verdade é um processo pantagruélico de enfartamento de um vazio que, talvez, não seja nem o estômago; é um buraco que tem aqui dentro. De qualquer

forma, do ponto de vista do interesse psicossomático, é preciso situar melhor essas coisas. Mas o esquema geral é compatível: ou tentar a paz absoluta pela morte da fome na base da extinção, de sumir-se no Não-Haver da fome; ou tentar pelo enfartamento: comer tudo que houver.

• P – *A questão é, então, entre essa tua colocação de princípios e esses encaminhamentos menores. Como você situaria esses encaminhamentos menores? O que você chamaria de modal?*

Eu o situaria na ordena do metafórico, do sintomático. E é aí onde Lacan tem toda a razão. O que é modal o é tanto *in natura*, se quiser usar assim, que está na verborréia do Haver, como o é no verbo. Quando há aprisionamento metafórico, estou diante de uma modalidade na ordem de transcrição. Ou seja, há uma coalescência de sintomas. É, por exemplo, a coalescência de um sintoma orgânico com um sintoma inscrito na ordem verbal do falante, na qual as duas coisas saem deformadas, certamente. Talvez o sintoma verbal iniba ou sintomatize especificamente determinado sintoma corporal, e vice-versa. Quer dizer, as duas coisas são modalizadas e acopladas.

Quando Lacan insiste, por exemplo, no fenômeno de que vai deslocar um significante – significante este que, do modo como ele apresenta, é uma instalação sintomática, uma metáfora –, trata-se de fazê-lo re-metaforizar-se, ou metaforonimizar-se, mediante o que ele chama, com toda a garantia, de *equi-vocação*, que é processo de tentativa de reviramento. Equivocar é fazer o sujeito seguir a série de maneira que se possa avessar aquilo. O que vai acontecer é que, pelo menos na ordem da significação, da transcrição, o que era metáfora obtida – e, portanto, sintoma reconhecível – passa a ser optativo. Como diz ele muito bem: eu empresto sentido, amplio as condições de sentido daquilo. Aliás, meus caros, não há mais nada para fazer senão isso.

\* \* \*

O fenômeno da *escuta* se dá na tentativa de saber onde se está encroado e tentar revirar aquilo de alguma maneira, do jeito que puder. É simples

como bom-dia, é uma banalidade na verdade. Quer dizer, deslocou-se a metáfora, então, fica-se sem base sintomática na ordem da transcrição, o que vai fazer possibilidade de re-intervenção na ordem do dado. O que é, por exemplo, manejar-se um processo qualquer em laboratório? É, por via das suas articulações languageiras, você intervir na articulação do dado “natural”: você vai equivocando a “natureza”.

22/SET



## 11

### Plerossoma

Hoje se inaugura oficialmente – oficialmente, pois o pessoal já vem trabalhando há algum tempo –, com um coquetel a seguir, o *Oficina do Corpo*, o Depto. de Psicossomática do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, sob a coordenação de Marco Antonio Figueiredo. Aproveito, também, a ocasião para lançar um projeto novo referente aos mais jovens desta instituição. De repente, eles podem se sentir um pouco cercados pela presença dos supostos membros da velha guarda. É um projeto de desenvolvimento das atividades dos mais jovens e de sua inserção mais participante dentro da instituição. Chama-se *Projeto Geração 90s*.

\* \* \*

Meu Seminário de hoje, segundo as intenções da Oficina do Corpo, versaria sobre *Plerossoma* termo inventado por Marco Antonio Figueiredo, certamente a partir de um Seminário mais velho, onde, bem anteriormente à colocação do Falanjo, eu já vinha tentando equacionar alguma coisa que hoje em dia vai servir para entrarmos nessa questão. Naquela ocasião, eu falava de *autosoma*, *etosoma* e *heterossoma*, que, depois, este último, substituí por *halossoma*.

No Seminário sobre *O Ego*, p. 281, Lacan deixa cair: “Não caíamos no misticismo – não vou dizer que os átomos e os elétrons falam. Mas por que

não? Tudo se passa *como se*”. Onde não deve deixar de haver prenúncio da constituição languageira, que quero atribuir ao próprio Haver na sua constituição material – física, enfim.

Plerossoma, quando foi colocado de começo, não com esse nome, não é senão o corpo do Outro. Todo corpo é do Outro, inclusive este que a gente supõe que porta. Plerossoma é o corpo do Haver, também. Eu diria que, segundo a tradição alegórica, esse corpo do Haver, falicamente exibido, se apresentou sempre na figura do dragão (aliás, estamos no ano do dragão). A *halegoria* do dragão bem cabe tanto para ser marcada com o significante falo quanto para representar o corpo do Outro, o corpo do Haver. E o corpo do Haver, assim como o corpo do falante, é Psico-Somático. Quer me espantar que esse dualismo ferrenho, que separa alma de corpo, espírito de matéria, tenha forjado no meio científico, sobremodo no meio médico, depois no meio psiquiátrico, e no meio analítico, esse nome de psicossomático, como se fosse a intervenção, segundo um certo dualismo, de uma área na outra. Ao passo que, se estou certo, não há nada que não seja psicossomático, ou somatopsíquico.

A Natureza é sobrenatural, segundo o conceito que trago com o nome de Pleroma, e tudo é Artifício, porque tudo fala. Estabelecer os níveis dessas linguagens, ou os níveis diversos de aparentes linguagens dessa linguagem única, é outra questão. Quando coloquei a questão de autossoma, etossoma e halossoma, queria me reportar às constituições sintomáticas que estão presentes no Haver e na nossa constituição corpórea. Na verdade, o que se modaliza dentro do campo do Haver, e que se explicita com toda clareza do Campo do Sentido, tanto do lado do Haver quanto do falante, na verdade, é plerossomático porque psicossomático, e se apresenta com características que, talvez, possamos utilizar para distinguir modos de abordagem dessas regiões sintomáticas segundo conceitos diversos.

Daí que coloquei *autossoma* como se fosse, no campo da materialidade dada, uma modalidade constituída segundo um determinado padrão de repetição: das pedras aos corpos humanos, isso fala e isso se instala ali sintomaticamente, segundo determinado corpo constituído como tal e na tendência da sua repetição,

que não é reprodução, e, portanto, repetição constitutiva ou reconstitutiva. O que chamei de *etossoma* pode ser entendido, hoje, como o que, naquele corpo autossomático, se inscreve na relação com os outros corpos – isto que está na moda chamar ecossistêmica – como modo de comportamento, como competências de manifestação de inter-relação. Portanto, outro aparelho oriundo do mesmo estruturama de linguagem. O autossoma, então, na corporeidade mais ou menos estática, é movido pelo etossoma, que são relações comportamentais segundo competência própria dos corpos.

Mas diferentemente dos corpos que chamo de gnômicos, na medida em que não portam diretamente a possibilidade de revirar a significação e, portanto, de produzir sentido puro, nós outros, enquanto incorporados falantes, e quero supor que também o Haver como totalidade, como plerossoma, estes sim portam diretamente, constitutivamente, o terceiro corpo que chamei de *halossoma* ou heterossoma. Está inscrito neles o fenômeno, ou a maquininha, de reviramento do que gosto chamar de função catóptrica. Não que os outros corpos gnômicos não estejam subditos à mesma ordem de reviramento, mas, sejam eles regionalizados, modalizados, estão subditos à ordem de reviramento da plenitude do plerossoma. Então, ao passo que aqueles reviram dentro dessa ordem, nós outros falantes somos proporcionais a esse reviramento e temos condição, pelo menos no nível do registro da inscrição secundária das nossas ações, nisso que se chama de linguagem verbal cotidiana, de revirar. O que nos permite fazer a melhor *magia*, ou seja, tratar a natureza como ela é, não-natural: intervir com nosso aparelho de linguagem no nível mesmo de linguagem que a natureza se fabrica.

\* \* \*

Repito o que trouxe na sessão anterior para inserir melhor no momento da questão, que o psicossomático não é outra coisa senão esse fenômeno emergente do mal-entendido radical do ternário humano, ou plerossomático também, com o binário animal. Mal-entendido do terno do anjo com o macacão

do bípede primata. A vontade de toda magia não é senão a da regulação dos fenômenos psicossomáticos, dos quais a tecnologia é uma realização pela via de um contorno. A magia não é a histeria. Esta é fingimento de magia em sua produção sintomática, ao passo que a magia é a efetiva intervenção do psíquico no somático. Ou seja, emergência do que é estruturalmente psicossomático. E re-cito Philippe Sollers, no seu livro *L'Écriture et l'Épreuve des Limites*, p. 61, onde nos diz que a magia é isto: “conhecimento prático dos ‘segredos da natureza’ (quer dizer, do fato de que não há natureza) atingidos também eles por uma correlação do saber e da sexualidade”. Trata-se de um escritor e não de um cientista ou de um teórico, que entendeu que o segredo, o Mistério – que, aliás, intitula o meu Seminário deste ano –, o Grande Mistério, é absolutamente sem mistérios, porque o segredo da natureza é que ela não é natural. Não há natureza, e o que há é interveniência das sexualidades (no plural), ou seja, da sexualidade no singular, ou da singularidade sexual, no campo do Haver. Temos, pois, que dar conta dessa magia – e chamei atenção para o fato de que o psicossomático não se reduz a esse aparecimento de sintomas nos clientes dos psicanalistas ou dos médicos –, de todo esse surgimento sintomático no seio do Haver, que é consequência imediata, sem fingimento histérico, sem equi-polação obsessiva – ou seja, surgimento direto nos corpos do Haver e, portanto, também nos corpos ditos humanos dos falantes –, de interseção óbvia e direta do somático com o psíquico. Ou seja: emergência do-que-há com o psicossomático.

Não é sem virtude a dica apresentada por Sollers nesta citação que acabo de trazer, da sexualidade em relação com o segredo da natureza. O que temos encontrado na história disso que se quer chamar genericamente de *Epistemologia* é, a meu ver, a repetição alternante – e não alternativa –, alternada, do que chamei num Seminário já antigo de “FM-Histérico”: a sonorização histórica entre o Feminino e o Masculino. As epistemologias que tenho ocasião de conhecer sempre me parecem suspeitas de machismo ou de feminismo, e parece mesmo que se alternam gentilmente através da história, oferecendo-nos momentos masculinos e momentos femininos de tratamento



do saber e do conhecimento científico em especial. E esse bate-boca em alternância nos tem colocado sempre na expectativa de uma teoria do conhecimento que pudesse, quem sabe, extrapolar essa alternância constante.

Estamos entrando, quer me parecer, num momento de epistemologia feminista, o que permite, por exemplo, o sucesso de um Thomas Kuhn, com seu conceito de paradigma e todas as conseqüências que isso traz. O que permite, também, o sucesso de Ilya Prigogine alertando para a dispersividade, através da cultura, das possibilidades de abordagem do conhecimento, do real, da realidade, ou coisa que o valha. O que não ocorre sem ter uma sede bastante nítida na vertente deleuziana do sucesso universitário, assim como empresta força aos holistas contemporâneos que, menos do que holistas, me parecem também bastante feministas. Digo feministas e machistas, retomando – coisa que Lacan já colocara – essa indicação de Sollers da sexualidade no mundo, da sexualidade intervindo *in* natureza, que nada tem de natural, e aí invocando a magia psicossomática das produções. Quero lembrar, então, que não é sem apoio nessas vertentes sexuais que se produzem esses teoremas epistemológicos.

Eu não deixaria de propor para a história da ciência, da epistemologia, da filosofia, um estudo que viesse a ser compatível com o que suscitei aqui a respeito da história da arte, onde encontrei momentos clássicos, momentos barrocos e momentos maneiristas. Quero supor que, na vertente da quantificação da sexualidade, tal como escrita por Lacan (e que ousou acrescentado), a vertente clássica, na aproximação do conhecimento, nos deu a ciência clássica, esta que não consegue sobreviver sem a instalação de universais. E o que estamos vendo, no momento, conseguir passo a passo com grande sucesso já é vertente barroca – porque não dizer feminina? – onde a negação da existência do que quer que diga *não* para que o universal se funde vem colocar uma dispersividade negadora do universal, numa falta de universalidade para a função fálica, para o que é positivamente apresentado. Daí eu gostar de dizer que a vertente feminina é em nada criativa: ela é contestatória. Ela contesta a pretensão de universalidade da vertente masculina. O barroquismo epistemológico contemporâneo – que é da maior importância, porque o feminino

é da maior importância – não consegue, a meu ver, fazer mais do que contestar o classicismo machista da afirmação universalizante da outra produção epistemológica. Mas me causa questão esse FM-Histórico, essa alternância chata por séculos e séculos da aproximação do conhecimento, da abordagem do científico, se quiserem, que hoje se tornou qualquer coisa, apenas por essas duas vias da sexualidade supostamente masculina e da sexualidade supostamente feminina.

Por que não uma vertente *angélica*? Por que não um estilo *maneirista* também dentro da epistemologia? Suspeito que ele sempre existiu, mas não se gosta de trazê-lo à tona. Um estilo de abordagem do Real, se quiserem chamar assim, de tentativa de um saber acerca do Real, que parte da pura e simples afirmação da existência para não universalizar a possibilidade de se negar esta existência. Então, muito ao contrário das epistemologias barrocas poderem supor que afirmam as particularidades, quer me parecer que não conseguem fazer mais do que mostrar contestatoriamente a dispersão nas universalidades. O movimento epistemológico que realmente afirmaria as particularidades seria de natureza angélica, e não seria bem esse tipo de colocação que está sendo feito hoje. Estou pedindo que se reconheça em alguns pontos do passado, no pensamento em geral, na filosofia em particular, na epistemologia em particularíssima razão, nas artes, nos discursos em geral, a presença dessa *terceira sexualidade* para que se possa acabar com o minueto histórico, se não histórico/obsessivo, da bissexualidade alternada do pensamento, pelo menos, ocidental.

Acho que não precisa haver muito esforço, por exemplo, para se colocar um Parmênides na vertente masculina, para se colocar um Heráclito na vertente feminina e para se colocar um Empédocles na vertente angélica dessa visão. É claro que não deixa de comparecer a *quarta vertente sexual*. Por não saber dar nenhum nome para ela, que não quer saber de nada a respeito do saber e do conhecimento, para isto que diz que “não há função fállica”, portanto, universaliza-se a negação da afirmação absolutamente, o nome que me ocorre é o “Foda-se” intelectual.

O que estou pedindo é que essa Psico-Somática se generalize a ponto de poder entender esses fenômenos clínicos, que se costuma chamar de psicossomáticos, inseridos no campo geral do *psicossoma* do Pleroma, psicossoma do Haver. E que, mesmo do ponto de vista da abordagem que se pretende conhecedora, ainda que futuristicamente, do Haver, possamos entender que as três vertentes sexuais da epistemologia são válidas. E que, sem a utilização constante dos três momentos, não se pode chegar a nenhum quadro mais ou menos coerente do conhecimento. E que, ao invés de tratarmos as vertentes supostamente opostas, deveríamos entender que, sem nenhuma conciliação, mas em convergência de habilitações, é preciso uma epistemologia clássica, é preciso uma epistemologia barroca, e é preciso uma epistemologia maneirista convergindo no levantamento e na solução dos problemas, e, sobretudo, na criação da problemática nova.

A cada coisa que se aborda no campo do Haver, a cada questão abordada, há momentos de necessidade de levantamento de um radical *não* capaz de limitar um campo e universalizar os padrões para que se tenha um mínimo de campo observado. Mas crer decisivamente no resultado desse brandimento de *não* é da ordem da imbecilidade epistemológica – se é que isto existe –, da ordem da presença do beócio no campo do saber. Assim como, também, acreditando-se que se vai chegar a uma visão perene do devir constante, através da mera distribuição das particularidades por esse campo de dispersividade do universal, vai-se abrir mão de uma ferramenta importante, que é capaz de fazer recortes no campo do Haver. Sobretudo, é preciso afirmar as particularidades, também, os saberes localizados, a partir da pura e simples afirmação do existente, que também não universaliza mas não universaliza dispersando, e sim negando que se possa negar essa existência. Aí, sim: não dispersando o campo, mas afirmando as particularidades.

Não creio que se vá sair do marasmo – que não parece marasmo porque a questão é de alternatividade de masculino e de feminino – sem

entendermos que as três vertentes são necessárias, não uma após a outra, mas todas ao mesmo tempo no trabalho de criação, de *invenção* do conhecimento. É inventando com a linguagem que se coincide com a linguagem com que o próprio Haver nos inventa.

Estamos, então, aí, diante do *dragão* na sua postura fálica, ou seja, na sua postura desejanste. Esse dragão pode ser o Anjo, o Senhor como anjo, o *Malák*, que não é sem relações com *Moloch*, aquele monstro que devorava tudo: *monstrum horrendum informe, ingens*. Não foi por outra coisa que na distribuição da sexualidade, que publiquei na revista *Revirão*, no lugar do terceiro sexo, escrevi “monstro”. Na verdade, talvez, a resultante mais genérica da sexualidade do Haver seja esse monstruoso dragão. Que não é sem relações com o outro dragãozinho, o Drácula, a meu ver, na literatura e na ficção contemporâneas, do grande dragão, ou seja, representante menor do grande Outro. Ou seja, Drácula somos nós: nossa posição angélica de supostamente relacionarmos com a vertente mortal e, portanto, redivivos. Vivemos de chupar o sangue delas – que não é das mulheres, não se preocupem...

Não é sem menor importância também o aparecimento do dragão em forma de serpente através da literatura. Num Seminário mais antigo, tentei apontar que na representação dita hebraica, e também cristã, da criação de Adão e Eva, aquela serpente lá não está para fazer outra coisa senão afirmar alguma diferença, afirmar uma existência, e mostrar que desde os começos, pelo menos nessa mitologia aí, encontramos os três sexos reunidos. A serpente como representante do dragão e, portanto, como representante do terceiro sexo, do Falanjo. *Ouroburos* como o dragão que come a própria cauda. Ou seja, aquilo que Lacan nos impõe como borromeaneidade da estrutura: o primeiro estando dentro do segundo, que está dentro do terceiro, que está dentro do primeiro.

Nada mais nada menos do que a resposta ativa ao São Jorge, que é um beócio, pois, como sabem, nasceu na Beócia, que supôs que, com sua lancinha de merda, aquele falinho tão miserável, fosse capaz de enfrentar o dragão. Aliás, falo tem tamanho sim. O falo do Outro é bem maior do que o falinho que

a gente porta, e a fala do Outro também é bem maior do que a nossa faltinha. Mas São Jorge é o famigerado Rogers, Ruggiero, que salvou Angélica do dragão: ele não tinha nada que se meter nessa. Está lá no quadro de Ingres. São Jorge com sua lancinha, dá para acreditar num troço desses? Glauber até fez um filme chamado *O Santo Guerreiro contra o Dragão da Maldade* – mas, com aquela lancinha, ele não vai conseguir nada. Até proponho que se invente outra história: *O Dragão Arreiro contra o Santo Beócio*. Para deixar de ser beócio, ele precisava trocar de instrumento. Ao invés de brandir uma mera lança, brandir até mais do que o falo, brandir o halo por inteiro. Não foi sem razão que, fazendo uma brincadeira duchampiana, peguei esta estátua de São Jorge e substituí a lança pelo nó borromeano. Assim, talvez, ele consiga dialogar com o dragão... e a moça vai achar muito mais interessante...

\* \* \*

Como exemplo no campo da criação dessa psicossomática do Haver e do falante, não lhes trago, hoje, nenhuma invenção tecnológica, herdeira do científico, mas sim uma certa tomada de ciência do que acontece entre os corpos pela mão de um artista jovem que considero da mais alta estirpe. Apresento-lhes a seguir o vídeo intitulado *Nervo de Prata*, que mostra uma boa parte da obra de Tunga. Vocês verão como o artista, às vezes, consegue nos dar exemplos de como lidar com esse Outro, de como ser assujeitado à linguagem do Haver.

Término com apresentação do vídeo *Nervo de Prata*, sobre o trabalho de Tunga.

13/OUT



## 12

### Os Anais de Saturno

Início com a audição de *Oração ao Tempo*, com Caetano Veloso.

Eu queria considerar um pouco o tempo. Qual é a relação da psicanálise com o tempo? Qual é a relação do Haver com o tempo? O que é tempo? Qual é a temporalidade do Inconsciente?

\* \* \*

A mitologia grega da temporalidade começa do *Kaos*, sem tempo naturalmente: era uma vez o *Kaos*. Depois dele, emerge do Nada, Gaia – não sei por que a chamavam de Terra em via de formação –, já grávida do seu filho *Urano*, o qual é, portanto, uma formação estranha. Quem será o pai de *Urano*? Será o *Kaos*? Do *Kaos* emerge Gaia, por algum vento, no seio do Nada. Nada começa a ventar e aparece Gaia grávida de *Urano*. Como nesse tempo o incesto ainda não era proibido, Gaia faz com *Urano* o primeiro casal divino, a primeira cópula divina, e tem muitos filhos, que eram aquelas figuras esquisitas: os *Titãs*, *Ciclopes*, etc. *Urano* tinha o hábito de aprisionar os seus filhos nos Infernos, mas eis senão quando o mais jovem dos *Titãs*, dos filhos titanescos, chamado *Kronos*, ou Saturno, se arma de uma foice e castra *Urano*. (Da queda desse falo imenso nas águas do mar, nasce *Vênus*). *Kronos*, com isso,

consegue liberar as forças infernais, onde seus irmãos estavam presos, mas começa a reinar do mesmo jeito que reinara Urano, só que em vez de prender os filhos no Inferno, ele os devora. Ele tinha uma irmã chamada Rhea, que, ainda fora da interdição do incesto, resolve faturar para fazer a sua descendência. E, no meio de tantos deuses nascidos daí, um deles é *Zeus*, ou Júpiter – de quem já lembrei aqui que é uma espécie de abreviatura latina de *Zeus Pater*: a idéia de paternidade começa mesmo é com *Zeus* –, que, também muito chateado de ver seus irmãos devorados por Kronos, conseguiu, por sua vez, e com o auxílio da senhora sua mãe, Rhea, castrar Kronos, tomar o poder e fundar um reino na Terra, um Olimpo.

O que acho interessantíssimo aí são os três tempos do tempo, os três golpes de tempo na mitologia grega: o tempo *urânico*, que é aparentemente sem tempo; o tempo *crônico*, ou saturnal, que já começa a fazer uma escansão e liberar as forças internas do Inferno; e o tempo, digamos, *Estado*, o tempo social da Terra, instaurado por Zeus, e que parece estar durando até hoje. A partir, então, de Kaos, Gaia vindo grávida situa Urano. Por isso que, desde o começo, coloquei Urano num lugar feminino. É preciso que algo aconteça para que venha Kronos e depois Zeus. Não sei, aliás, se Kronos está muito bem situado no Esquema Delta, pois me é um pouco difícil ainda situar isso.

A questão está em estabelecer os regimes da temporalidade para a psicanálise. Aprendemos, como Freud ensinou, que não há temporalidade no Inconsciente: ele é sem tempo, como Urano. No entanto, a temporalidade habita até mesmo as funções oníricas. É claro que os sonhos, segundo Freud, se constituem em independência em relação ao tempo. Mas há uma cronicidade narrativa do sonho: uma coisa vem depois da outra.

Quero assinalar aqui dois livros escritos pelo casal de cientistas – casal científico, é claro – Ilya Prigogine e Isabelle Stengers: *A Nova Aliança*, de 1984, e *Entre le Temps et l'Eternité*, de 1988. Infelizmente, eu não conhecia esses autores até um mês atrás, embora o primeiro livro já tivesse sido publicado no Brasil pela Editora UNB. O segundo livro, que acabo de estudar, saiu em Paris, há dois ou três meses e pela Fayard. Prigogine é mais conhecido do que



a dama que o acompanha na autoria. É um famoso químico russo que vive na Bélgica, e que foi prêmio Nobel de química. (Sei lá por que se dá prêmio Nobel às pessoas, mas ele foi prêmio Nobel.) O que há de interessante é que é um sujeito de idade avançada, em torno dos 70, que vem questionando os aparelhos conceituais, teóricos, da física chamada moderna, física einsteiniana, etc. Isto porque há uma certa pragmática do químico bastante diferente da do físico, pois aquele vê acontecer certas reações, tem um certo sabor de alquimista em sua profissão, e se pergunta sobre coisas que não se consegue ver em laboratório de física. Este cavalheiro começa a se perguntar a respeito da validade, através de todos os fenômenos da física einsteiniana, do regime de reversibilidade radical que existe na teoria da física de até então, se não de até hoje. Fico extremamente espantado ao mesmo tempo que muito aliviado ao perceber que, pelo que entendo do que ele me explica nos seus livros, estou bastante à vontade no meu Pleroma, mesmo em considerando o Haver na sua materialidade. Estive lendo, também, um livro de autor brasileiro altamente recomendável, livro este que saiu em Paris, em francês, mas me parece que já existe em português. Trata-se de *Cosmos e Contexto*, de Mario Novello, físico brasileiro que tem uma forte influência de Prigogine, quer me parecer. Até pedi que alguém conhecido dele o convidasse para um sarau aqui no Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Pois bem, essas pessoas estão contestando esse projeto de absoluta reversibilidade que existe nas teorias da física contemporânea. Aliás, temos lecionando, aqui no Colégio, Álvaro de Sá, a quem já pedi que nos ajudasse dando cursos de termodinâmica, e que poderia nos esclarecer trazendo mais detalhes a respeito desse autor que faz um trabalho de sapa em torno exatamente das questões fundamentais da termodinâmica. Não resenharei esses livros, mas espero que vocês os leiam. Não são difíceis a ponto de não se entender a generalidade do raciocínio. As particularidades científicas, pode-se deixar de lado, pois as resultantes são muito claras. Em suma, o que está em jogo é a questão da reversibilidade e irreversibilidade dos fenômenos físicos e químicos, mormente no que diz respeito à cosmologia (mormente, quer dizer do ponto de vista que me interessa).

Nós, leigos na matéria, podemos talvez encontrar uma porção de acontecimentos teóricos, fascinantes, muito a propósito do que se aproxima da teoria psicanalítica. E coisas estarrecedoras que não se imaginavam possíveis de serem não pensadas, mas teorizadas e experimentadas em laboratório. Por exemplo, a questão do tempo, a questão das vontades de poder, digamos assim, que acontecem no seio da matéria, a historicidade garantida pela eventualidade no seio dos fenômenos que se costuma chamar de naturais, as eventualidades às vezes acontecendo num regime de impossibilidade de determinação e de reversão. Reversibilidade significa que uma determinada operação pode ser invertida dentro dos mesmos cálculos, dentro do mesmo projeto teórico, assim como a temporalidade pode ser ir do passado para o futuro e do futuro para o passado, segundo o pensamento einsteiniano. O que tem a ver com essa independência do Inconsciente com relação ao tempo, pois Freud nos apresenta um Inconsciente absolutamente reversível, como são a energia e a materialidade de Einstein.

Uma coisa extremamente fascinante, a meu ver, é justamente a contestação que Prigogine faz do *Big-Bang*. Ele contesta que seja necessário pensar em *Big-Bang*, aquele átimo de explosão na história do nosso Universo, porque não só lhe parece desnecessário pelas experiências de teorias formuladas como, certamente, não deve ter acontecido. Isto não invalida de modo algum o meu Esquema Delta, pois, desde que o coloquei, disse que tanto faz ser explosivo, não-explosivo, inflacionário e deflacionário. O interessante é que se começa a demonstrar que é possível pensar que, quanto à segunda lei da termodinâmica – que diz que a morte virá em estado estacionário de entropia máxima: o Universo vai se entropizando e chega num ponto de entropia máxima, no qual entra num estado estacionário e fica assim eternamente, morto enquanto indiferente, indiferenciado no seu seio –, e isto através de experiências, de teorizações e cálculos, uma entropia máxima, chegada a um estado estacionário, não pára. Ele não explica por que, mas diz que começa a acontecer alguma *flutuação* no estado estacionário de entropia máxima: aquilo começa a flutuar. De outra feita, chamei de *plicas*, que foi a idéia que me ocorreu, pois isso

forma umas plicas, que ele chama de flutuações, fenômenos de auto-organização dentro de um estado estacionário de entropia máxima. Ele cita até um teorema de produção de entropia mínima a partir da entropia máxima. Aquilo flutua e a diferença começa a renascer no interior da indiferença. Ele mostra, então, que é possível pensar em instabilidades estruturais, pois, justamente quando um sistema se encontra no máximo de entropia, no máximo de aparência de morte, entra numa instabilidade e, a partir disso, se torna *sensível* – aliás, gostei muito desta palavra. Sensível a quê? Como é que um sistema fechado num laboratório de química, numa experiência de física, torna-se sensível ao mundo exterior.

Mas no caso do Haver em sua plenitude, a que estaria ele sensível para se tornar tão melindroso e começar a fazer plicas nas abas de sua grande saia entrópica e começar de novo? No regime caótico, em que se encontra essa morte por entropia, algo se move. Há um conceito da física, de *atrator* ou atraente, que fica como uma espécie de pólo dos movimentos que possam, num sistema limitado, acontecer no seio de um estado estacionário. Mas não vi ocorrer a ninguém, nem mesmo a este cientista, que haja *um atrator universal implicado pela própria estrutura do Haver*. Acabo, portanto, de ganhar nome para o meu Não-Haver: um atrator. Atrator físico, atrator estrutural: um atraente que comove a neutralidade radical em que a entropia joga o Não-Haver enquanto está na vertente do gozo-do-Outro. Esse atrator universal, que os cientistas não produzem, eu o encontro, como já mostrei aqui, numa certa vontade do Haver em realizar a plenitude da catoptria, que não é senão aquilo em que Einstein insistia veementemente, contra todas as críticas à sua teoria, de que o Universo era necessariamente reversível, isotrópico, capaz das reversões de tempo e de espaço, numa geometria compatível com a banda de Moebius e com o meu ponto-bívido.

Mas por que Einstein insistia nisso? E os físicos ainda insistem, apesar de pelo menos essa linha de pensamento se recusar a aceitar a reversibilidade na estrutura do Universo? Ou seja, se uma estrutura é reversível, se podemos caminhar do passado para o futuro, do futuro para o passado, à vontade, se

podemos isotropizar todos os eventos, de todas as formas, isto significa que esse Universo é absolutamente *determinado*, no sentido em que usam o termo. O evento inicial, por exemplo, no caso dos que acreditam no *Big-Bang*, já viria grávido de todas as determinações que viriam a ocorrer, de tal maneira que se possa ler essas determinações para o futuro e, a partir do futuro, se possa lê-las no passado. Mas os que se recusam a aceitar a determinação, nesse sentido, como é o caso de Prigogine, têm que incluir historicidade, eventualidade, temporalidade no Haver. Ou seja, há determinação, quem sabe, mas a eventualidade histórica, a partir de certos pontos, se torna não regressível pelo simples fato de que o evento, o eventual, é justamente o momento que dispensa toda e qualquer determinação: é aleatório. E ele não pode dizer mais do que isto.

\* \* \*

Podemos suspeitar de uma coisa estranha no seio da psicanálise como é a vontade de determinação que existe em Freud, e que podemos também ver em Lacan, apesar de sua *Ética* – retomarei isto ano que vem – continuar um pouco ligada a uma ausente noção de *livre arbítrio* no seu texto. Ou bem é tudo determinado, ou bem há livre arbítrio. Já discuti isto um pouco aqui, mas retomarei depois a questão de “abrir mão do seu desejo”. Isto é da ordem do arbitrário: posso ou não abrir mão do meu desejo. Mas como vou encaixar isto com a determinação?

Do ponto de vista desta ciência a que estou me referindo, não se fala em livre arbítrio. Porque se fala em história e eventualidade, não há a menor necessidade de livre arbítrio. Fala-se em estruturas, produção de entropia e se toma a entropia como *criadora* de processos. É um evento com força criadora de processo. Mais do que isso, Prigogine diz que, ao invés de colocarmos a morte térmica, a morte entrópica, no final do processo, precisamos lembrar que é dela que nasce o Universo: o Universo nasce da Morte. Mas nem por ser historicista, ele se torna um crente do livre arbítrio. Ele não fala nisso e nem é possível, nos raciocínios e testes apresentados, pensar em livre arbítrio.

O que ele coloca é que há determinação, sim, só que, à medida que ela se encaminha para o caos, para o estado estacionário de morte entrópica, ali emerge uma eventualidade, alguma coisa incalculável, imperscrutável, absolutamente nova e sem nenhuma determinação. Estamos aí de volta à idéia antiga de Lucrecio de *clinâmen*, esse fenômeno de desvio do Haver, que é tratado como um desvio espontâneo sem causa. Se tivesse causa era determinado. As condições chegaram a tal ponto que não se tem outra maneira de abordar o fenômeno senão por via estatística. Ou seja, por uma certa probabilidade de haver isto ou haver aquilo, mas sem determinação possível.

Isto permite à ciência de hoje entender que há uma temporalidade interna aos fenômenos e ao próprio Haver em sua estação atual, de tal maneira que este Haver tem uma idade, uma temporalidade, uma história, através desses fenômenos irreversíveis, e se apresenta, portanto, como da ordem do narrativo. Prigogine chega a falar uma coisa excepcional para nós, que é a introdução, quem sabe, daquilo que da vez anterior eu pedia como *epistemologia maneirista*, que não seja nem clássica, nem barroca. A suposição de que a física já não é mais aquela, que não serve de modelo para as outras ciências porque ela mesma entrou na ordem do narrativo, e que é preciso pensar, para além dessa narratividade da ciência da física, uma vez que lá os eventos podem até ser acompanhados em laboratório, etc., em dar-se as mãos a todas as ciências, mesmo àquelas que são, como eles chamam, narrativas: sociologia, psicologia, etc. Acho perfeito do ponto de vista da psicanálise, pois que ela é uma ciência narrativa na medida em que a historicidade do Inconsciente vai nos propondo a teorização perene desse Haver inconsciente. Só acho uma pena que no campo das ciências não se faça a sugestão, porque seria um pouco delirante para um físico – mas não o é para um analista –, de que esse *clinâmen*, esse desvio espontâneo sem causa, tenha causa sim; de que nessa flutuação da morte entrópica, que não é senão a chamada quebra espontânea de simetria, não é preciso pensar-se que o *clinâmen* que aí acontece seja sem causa. Isto porque a Causa já nos foi dada por Freud em *Mais Além do Princípio do Prazer: das Ding*, que não há. E não é uma loucura qualquer.

Por que o Universo certamente é narrativo, histórico, ao mesmo tempo que é determinado? Por que ele é irreversível no seu processo de narração, ao mesmo tempo que é estruturalmente reversível, pois só nas eventualidades se apresenta como irreversível? Não se trata, para Prigogine, de fazer o que se fez durante séculos no campo da ciência, da epistemologia, de se opor a reversibilidade à irreversibilidade, como se tivéssemos que pensar que ou bem é reversível ou bem é irreversível, ou bem é estrutural ou bem é temporal e eventual. Ele quer teorizar, maneiramente, que a determinação não exclui o evento, a historicidade, e a historicidade não exclui a determinação; que a reversibilidade estrutural não exclui a irreversibilidade eventual. Ou seja, ele acabou me desenhando – leiam por favor os livros dele para ver se não estou exagerando – nada mais nada menos do que o meu Pleroma, que começa, dá sua voltinha temporalmente, faz sua história e, depois, se apaga, perde a memória, perde tudo, tem um chilique, e começa de novo. É o que ele nos propõe: uma série de universos sucessivos apagando e acendendo com uma determinação estrutural, não isenta de historicidade.

Um dos pensamentos da física é a existência de várias séries com *Big-Bangs* separados, mas acho muito mais brilhante, ou pelo menos mais de acordo com nosso processo, o trabalho de Prigogine, que não fala de universos paralelos, e sim de um certo Universo, ao qual pertencemos. Este Universo se realiza por narrativas sucessivas, que têm começo, meio e fim. É uma série de contos do vigário – do vicário, daquele que representa a divindade –, do vigário Haver, e os Universos se sucedem impressionantemente justamente assim.

Se é verdadeiro que no seio do Haver, do Campo do Sentido, dos animais encarnados de algum modo, reaparece, como quero que seja, a trindade constitutiva do Haver como plenitude, portanto, reaparece uma estrutura que Freud sacou muito bem e chamou de Inconsciente na sua pureza de absoluta reversibilidade, de absoluta isotropia, de absoluta simetria, exigindo essa simetria o tempo todo. Assim como, quero supor, que o Haver sofre do mesmo dodói inconsciente: algo dele é catóptrico e exige simetria. Só que a simetria se temporaliza no que se encarna, se historiciza. Então, temos aqui, graças ao

bom Deus, um cientista que me dá bases físicas para o meu *espírito* psicanalítico. Ou seja, que me permite pensar que a ocorrência de decantação dos processos ditos do Inconsciente puro, na significação – tal como Lacan teorizou perfeitamente como a formação metafórica –, sofre esses processos da decantação, se não da cadência, decadência ou *clinâmen* – embora não seja bem um *clinâmen* –, da pura catoptria do Inconsciente isolado, para a encarnação na fala.

\* \* \*

O espírito puro – isto que Lacan chama o Inconsciente puro, o significante puro – simplesmente se ordena de alguma maneira em simetrias radicais, mas isto não passa senão pela loucura, aliás cartesiana, do processo de *enunciação*. Toda a questão de Lacan com a formação da fala é justamente essa queda da pureza da enunciação do Inconsciente, o jogo do significante puro, no seu processo de encarnação metafórica no significado, ou na possibilidade de significação. No regime da enunciação, a coisa é absolutamente simétrica e determinada, mas no que decai para a fala, para o Verbo, em sua função específica, é necessariamente historicizada. Lacan faz a crítica do sujeito da enunciação e sujeito do enunciado de Jakobson e mostra que essa tal enunciação equivocada e equivocante só se consegue percebê-la em pequenas partículas de equivocação, como o *não* expletivo, que é seu exemplo *princeps*. Ao passo que o sujeito do enunciado – portanto, aquele que realmente pode significar, produzir, fazer sentido com endereçamento – se encarna e se historiciza na fala, na palavra, na *parole*, no Verbo, como ele quer.

O sujeito da certeza, Lacan o situa na enunciação. Não certeza do “eu penso”, mas certeza do sujeito se encontrar representado nessa loucura do Inconsciente absolutamente reversível, simétrico. Há muito tempo, lá pelo ano de 73, publiquei um artigo de que não gosto hoje, mas que é brilhante. Eu supunha, naquele momento, que faltava um troço, faltava uma posição de sujeito entre enunciação e enunciado. Então, inventei, para me satisfazer no momento,

o nome de *Sujeito da Denúncia*, que apelidei de *Dichter* – por causa da leitura de Heidegger –, poeta, em alemão, que é o condensador. Acho que o sujeito da certeza pode morar enlouquecido na enunciação e, portanto, no Inconsciente puro, mas nada se diz sem que haja um sujeito processador da decadência, da decantação. Há uma posição de sujeito que denuncia esse *gap* entre enunciado e enunciação. Não denuncia falando, mas sim decantando esse processo, que é o de tentar entender o mecanismo da metáfora. Mas só agora posso começar a abordar, pois já sugeri que o significante por inteiro é um halo com dois alelos em avesso, ainda que esses avessos sejam um *sim* e um *não*.

O tal sujeito do Inconsciente como halo é puro Revirão, pura simetria, pura reversibilidade radical. Mas há uma posição subjetiva que se torna escansão entre os dois alelos e é aí que se faz a decantação e a decadência na metáfora, pois é preciso que se tome um alelo e o expurgue. Esse sujeito é que fica entre os dois alelos, distingue-os e pode até permitir que, na decantação, um seja jogado fora, mas, depois, vai surgir, na queda de um alelo na minha fala, o regime da metáfora, que é a encarnação do significante na letra. Apesar de o Inconsciente lacaniano se definir como significante puro, e de o Inconsciente freudiano não poder ficar atrás nesse ponto porque é absolutamente reversível, sem temporalidade, sem marcação de diferença, etc., é espantoso que Lacan tenha falado que a razão depois de Freud é a instância, a insistência, da letra. Ou seja, é preciso que a palavra se encarne. No princípio era o Verbo. O verbo se fez carne e habitou entre os nós. Sem essa encarnação nada feito. Mas é preciso distinguir, com o tempo, e apelo para os linguistas presentes que queiram trabalhar isso, os três tempos da metáfora: o tempo de Revirão ou reversão; o tempo de escansão, de apoio, que sofre um *Anlehnung* e se encarna; e o tempo da letra na significação. Lacan não deixa de sugerir na sua fórmula da metáfora que, na verdade, podemos suspeitar três elementos em jogo, com a repetição de um deles como média e extrema razão.

Não é outra coisa o que me propõe o cientista, a respeito do Haver. Uma certa estruturação reversível no campo do Haver e, no que ela se sensibiliza – e aí está o tal Sujeito da Denúncia nessa sensibilidade para a diferença



interna da possibilidade significativa –, ele se decanta nessas modalidades que temos diante de nós. Isto é eventual, histórico e incalculável porque, para eles, só pode ser abordado por via de uma estatística, de um jogo combinatório de probabilidades. Ao passo que eu peço que se entenda o *clinâmen*, de Lucrécio, como convocado, provocado e causado por esse Não-Haver que o comove até no interior da estrutura subatômica. O que é espantoso é que as macroestruturas da física, as estruturas da macrofísica, são caretonas, são extremamente reversíveis também.

*Clinâmen* é a idéia que fazia Lucrécio, e que passou para seus discípulos, de que a historicidade do Haver dependia de um constante desvio. Alguma coisa se desviava e criava um evento, um acontecimento, o qual era começo de história, e essa coisa se historicizava de tal maneira que era da ordem do aleatório: o evento como evento puro, puro acontecimento indeterminado. Então, para sustentar uma historicidade no Haver, Prigogine precisa supor que há um desvio sem causa, um *clinâmen*, e, portanto, incalculável, irreversível. Mas o que estou pedindo é que se conceba que a própria vontade de catoptria que há no Haver, como há no Inconsciente, propõe esse Atraente Universal, que é o Não-Haver. E é esse jogo de proposição dentro da historicidade do fenômeno que vai causar certamente um desvio aparentemente sem causa, porque é feito por uma causa que não há e, no entanto, age internamente por vontade de catoptria.

Do mesmíssimo modo que o Inconsciente freudiano é movido por *das Ding*, aquela Coisa que não há, e que Freud atribuiu, para se garantir um pouco, a uma alucinação na história do sujeito. Não é uma repetição de um certo evento de que se tem nostalgia, mas sim um evento alucinado. Alucinado porque não é senão a vontade de catoptria alucinando constantemente *das Ding*. Não é uma alucinação que nos aconteceu uma vez, ela nos habita: somos alucinados (em todos os sentidos) pel' Acoisa, o tempo todo sem parar. Agora, as estabilidades macro-estruturais, sintomas, ou seja, metáforas, que nos garantem na nossa babaquice cotidiana, nos dão a impressão de não estarmos perenemente acoissados por essa alucinação. Do mesmo modo que quero sonhar

– e não sonho tanto porque os cientistas já realizam isso um pouco – que o Universo é alucinado do mesmo jeito, e que há talvez uma compatibilidade entre a narrativa da ciência e a narrativa de Deus ou do Haver.

Donde posso tirar que a psicanálise não está isenta de se tornar uma das ciências mais importantes do futuro, na medida em que tenta assumir radicalmente o narrativo.

\* \* \*

Prigogine vai tirar da cartola – que certamente lá colocara – o que chama de processo de *bifurcação* no Haver. Ou seja, já não sou mais um louco, tem uma porção de gente que tenta acreditar em mim: tem um outro que me puxa o ponto-bífido de dentro da ciência. Estou até me sentindo medíocre... Mas estou muito contente porque não vou mais andar sozinho. Ele me tira o fenômeno de bifurcação do seio desses processos sensíveis de uma estrutura estacionária. Quando este processo entra em sensibilidade, há processo de bifurcação: a historicidade de um certo campo do Haver se encontra diante de uma situação em que escolhe ou isto ou aquilo, o que não é sem cálculo. E, como quero suspeitar, é justo o que acontece conosco em nossos movimentos de historicização inconsciente. Diante de uma situação, tenho que fazer uma escolha, a qual não é um livre arbítrio. Tenho um prazo, tenho pressa e, dentro da massa de significantes de ocorrências que tenho no momento, faço um cálculo rápido. Cálculo este que me coage – termo deles: *contrainte* –, o processo é co-agido. E ser co-agido é mais ou menos ser co-agitado, é ter uma certa pressa dentro da situação. Não tendo tu, vai tu mesmo: calculo pelas possibilidades do momento e faço uma opção, ou melhor, sou optado pela calculação dentro de um prazo. Calculação na qual não são todas as variáveis possíveis que entram em jogo, mas sim aquelas que são manipuláveis aqui e agora.

O que me interessa, agora, é o *psicótico* com sua loucura. Como se arrebenta um ponto de basta, se não nesse momento de sensibilidade, de caos,

a partir de uma estrutura prévia, bastante macroestabelecida, em que o sujeito perde as tamancas por não conseguir fazer o cálculo a tempo? Ou seja, por não conseguir botar outra metáfora correndo. Sabemos que o Nome do Pai não existe, que é o apelido da possibilidade de fazer metáfora. Insisto em que gosto mais da perspectiva de Lacan, no Seminário das *Psicoses*, em que os pontos de repente se arrebatam, do que aquela, que teve que juramentar por causa do fornecido por Freud, de que não entrou, não houve *Bejahung*. Pode até ser que não tenha entrado, mas quer me parecer que num evento altamente tensionado, de variáveis extremamente difíceis e num certo aprisionamento em fazer o cálculo, o sujeito pire. Ou seja, um sujeito está numa situação extremamente complexa na sua história, ele se põe numa encruzilhada, como se diz, numa bifurcação, e não pode fazer nenhuma escolha porque não calcula a tempo e suas contas desmoronam. Aí pinta a psicose: um desmoronamento das contas, o cara erra os cálculos todos, aquilo vira uma bagunça matemática. O sujeito calcula mal a massa significativa, não faz nenhuma escolha, fica no ponto de bifurcação e, portanto, como Lacan apontou, vai comparecer no regime da encarnação da fala invadido pela reversibilidade do Inconsciente. Ele fica reversível, mas como ninguém pode viver reversível o tempo todo, ele encarna nisso que Lacan quer chamar de imaginário, mas que é figuração de um sintoma de outrem. Ele compra um sintoma de fora, e como ninguém pode comprar sintoma de fora, simplesmente fica delirando, inventa o tal delírio. Mas estas são coisas para retomarmos no futuro.

Pois está aí, então, Prigogine que me traz esse negócio de bifurcação e fala numa certa calculação, que ele não desenvolve muito e de que quero dizer que o cálculo aí nesse momento é compatível com o estado atual da máquina calculante. Mas ele vai chamar isso de *estrutura dissipativa*, que me parece um conceito precioso, pois fica no estrutural, mas num estrutural capaz de fazer história, de se historicizar. Ele quer com este conceito, que ele jura que encontra nos fenômenos físicos e químicos, a associação entre a idéia de ordem e a de desperdício, de perda entrópica, Diz ele que a dissipação de energia e de matéria (geralmente associada às idéias de perda de rendimento

e de evolução para a desordem) toma-se, como se está distante desse ponto entrópico de equilíbrio, uma fonte de ordem. A dissipação de energia e de matéria é fonte da ordem. Ou seja, a massa entrópica, quando se distancia do ponto de equilíbrio estacionário, é a fonte de criatividade nela mesma. Diz ele, ainda, que a dissipação está na origem do que pode chamar de *novos estados da matéria*. Toda vez que a matéria apresenta novos estados, ela vem dessa dissipação. Ou seja, é da morte que nasce a vida. *Ou seja, a Pulsão de Morte, de Freud, eventualmente vai se instalar como um dado científico das ciências ditas naturais.*

Em termos de Pleroma, eu diria rapidamente que quando, ali no gozo-do-Outro, a coisa entra em entropia máxima, a estrutura se torna dissipativa, quando sai da estrutura de equilíbrio, e começa outra vez a produzir diferença. E isto, para mim, é ação do Não-Haver.

Existe um aparelho – no sentido de experiência científica, de laboratório –, feito em Bruxelas, por isso os americanos o apelidaram de *Brusselator*, que é aparelho de pesquisa, de acompanhamento de um evento, e que tem como resultante que “o sistema, no ponto de bifurcação, se comporta como um Todo”. Ou seja, o conceito de *Brusselator* é de dizer que todo o sistema, quando chega num ponto de bifurcação, cuja escolha não depende de determinação, não é calculado, é aleatório, funciona aí como um todo. O que é funcionar como um todo? Seja um sistema do Haver por inteiro, seja um sistema isolado, no que se comporta como um todo, qual é a sua referência extra-todo, qual é seu Outro senão o Não-Haver? Tome-se o Universo por inteiro e seu processo de criação. Se, num momento de bifurcação, para constituir-se a si mesmo, ele se comporta como um Todo – ele está falando do meu Pleroma – o que acontece é que, justamente quando a ordem se perde no máximo de entropia, o cientista descobre lá dentro que, nesse momento, cada elemento tem relação com todos, que o subsistema se perdera. Então, ele se comporta como um todo integral. Neste momento aí é que digo que ele, na sua vontade de catoptria radical, se refere ao seu Outro, Não-Haver, o qual faz a “clinamenização” do sistema e, portanto, faz com que ele escolha segundo os

cálculos das suas próprias possibilidades, digamos, probabilidades. O sistema se calcula probabilisticamente e faz uma escolha. Não que faça escolha como um sujeito que é o árbitro: ele colhe a resultante do cálculo possível como escolha que lhe fora oferecida. Por isso Lacan colocar entre parênteses as nossas “escolhas” de neurose. Dada aquela situação, o sujeito ex-colheu a calculação que o *clinâmen* lhe ofereceu como mais forte.

Isto não é determinação, pois não é possível determinar, talvez por ignorância, penso eu, talvez por impossibilidade, pensa Prigogine. A questão que coloco, minha crítica, é que talvez o cientista pense que isto é da ordem do aleatório por ignorância de todas as variáveis e, sobretudo, por não se referir à variável mais importante, que é a determinação externa do Não-Haver, do *das Ding* sonhado pelo Haver.

\* \* \*

Qual é, então, a temporalidade do Inconsciente? Quer me parecer que Freud sabiamente se deu conta de que o Inconsciente, quando abordado pelas manifestações ditas conscientes, o sonho, por exemplo, ou pelas articulações do Pré-consciente, se demonstra reversível e, portanto, sem temporalidade. No entanto, nada se exprime sem se temporalizar, sem cair numa certa articulação sintática no Pré-consciente. Quando falo em sintaxe, tenho ordenação temporal, uma coisa depois de outra. E quanto mais no regime do enunciado bruto, da escrita bruta.

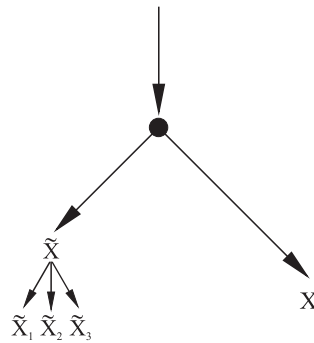
A temporalidade percorre esse percurso. Entretanto, como Lacan mostrou na *Instância da Letra*, não posso não tratar os movimentos inconscientes como se apoderando de metáforas produzidas. Se não, não seria insistência da letra no Inconsciente, e sim insistência do significante. Se há insistência da letra é porque o Inconsciente cria bolsões metafóricos e trata da coisa de maneira encarnada. É aí justamente que Lacan vai apelar para o ponto de bifurcação, que é a única *interpretação* possível: fazer o sujeito entrar no ponto de bifurcação, para que ele venha a se historicizar,

para que ele tenha futuro. Como se faz o sujeito entrar no ponto de bifurcação? Implicando-lhe nada mais nada menos do que *equi-vocação*, que foi a última botada de Lacan, no que diz respeito a interpretar. *Os mil manejos do interpretar têm uma vertente só: equivocar*. Ou seja, repor o halo significante, repor o sujeito diante de halo significante, diante de Revirão. Aí é que ele vai fazer o exercício da calculação. O que nos interessa como analistas, portanto, é repor o sujeito em ponto de calculação para que ele tenha futuro. Ou seja, para que ele possa inventar seu passado. Psicótico não inventa passado nem futuro. Inventar o passado é retormar minha determinação a partir de um evento que a re-historiciza. Um neurótico não é senão aquele que pensa - estai aí o romance familiar que não me deixa mentir - que sua determinação é intransponível. Ou seja, que não é re-narrável.

Mas qual é, afinal, a temporalidade do Inconsciente? Que tempo dar ao Inconsciente? Um tempo lógico? Há pessoas de pouca inteligência, que até já habitaram o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, que confundem a pressa do analista, caso de Lacan com a sessão curta, com tempo lógico. Nada tem a ver uma coisa com a outra. Não se termina uma sessão porque se acabou o tempo lógico. É mentira! Terminasse porque se está de saco cheio, e se deve ir embora depressa. Quanto mais depressa melhor, para o sujeito não ficar grudado em determinações pregressas. A não ser que se esteja interessado em futucar as determinações do Outro. Aí o interesse é do analista, que está lá... O tempo lógico, na verdade, não é coisa nenhuma. Tudo que Lacan construiu para explicar o tempo lógico, foi simplesmente para explicar a pressa. Diante de qualquer processo bifurcante, há pressa, se não a estrutura desmorona, pois não dá para ficar parado no ponto neutro do Revirão. O cálculo pode ir para o brejo. Ou pior, pode ficar parado na calculação anterior, na escolha pregressa. Afinal de contas, o ponto de bifurcação, o ponto-bífido, só tem sentido para a frente, sentido como bífido.

Partiu-se dali e apareceu uma bifurcação: X ou  $\tilde{X}$  se a escolha tende a vir para a esquerda começa a parecer  $\tilde{X}_1$ ,  $\tilde{X}_2$ ,  $\tilde{X}_3$ , etc., e é preciso uma

calculação dentro dessa história, dentro das possibilidades, até para optar se vai para cá ou para lá neste ponto intermediário, que é o ponto de bifurcação.



O sujeito só está bifurcante e bifurcado para a frente. Para trás, ele está historicizado, determinado. Por que, então, tenho que ter pressa? Porque das duas uma: ou piro, porque não calculo para frente, ou insisto na neurose, e fico preso na última das definições. É depressa, não pode ser devagar. É preciso escolher depressa, *entrar numa*. *Não há psicanálise senão fazer o sujeito entrar numa, e aprender a entrar numa a cada momento em que lhe surge sua história - para não ficar neurótico para trás, nem psicótico para a frente.*

É preciso fazer alguma escolha. Ou seja, deixar-se escolher. É a isto que se chama assujeitar-se: deixar-se escolher, deixar que o cálculo se faça e entrar numa. Quem é o obsessivo senão aquele que fica: “vou para lá, para cá ou para acolá”?, mas preso na significação anterior. Ele não se arrisca para a frente sem calculo senão pira. Já na psicose é, suponhamos, o sujeito conseguir se desamarrar, ir no jogo de historicizar e não conseguir calcular. É como se perdesse a *Gestalt*, a forma. Então, fica um embrulho de possibilidades significantes em que ele não pode fazer senão estear numa figuração externa, e aquilo fica por aderência constituindo um delírio. De repente, aquilo fica pulando na frente dele, e ele perdeu o esteio de trás... Chesterton, o grande escritor de estórias inglês, tem uma frase que acho que cabe aí. Ele diz que o

louco é aquele que perdeu tudo, menos a razão. Quer dizer, ele vai calculando, mas perdeu as bases, perdeu tudo, ficou só com a razão, que é o que Freud diz: fica no jogo da razão inconsciente.

Há que pensar numa temporalidade eterna – o que é eterno é a temporalidade – do Haver. Uma temporalidade eterna do Inconsciente, que se encarna por historicização aqui e ali. O Haver, como tem longa vida, se repete, esquece tudo e começa de novo. Quer me parecer, até segunda ordem, que a gente não fica se repetindo depois que se esquece. Ou seja, depois que dizem que a gente morreu. Dizem, não provam. Esta experiência não se conhece. Mas essa eternalidade do Haver, como essa eternalidade sem tempo do Inconsciente, que temporalidade tem? Quero supor que o Inconsciente tem um tempo, sim, que se decanta no Pré-consciente, que se decanta no Consciente. Ou seja, a enunciação é atemporal, começa a se decantar por escansão, pelo que chamo de Denúncia, e chega ao enunciado encarnada metaforicamente. Mas há uma temporalidade da enunciação e há uma temporalidade do Inconsciente, portanto, a qual não é outra coisa senão o tempo do Revirão. *A temporalidade do Inconsciente é a temporalidade do Revirão.* Por isso Freud não encontrava tempo.

Há Inconscientes subjetivos mais rápidos do que outros? Que reviram mais depressa? No que revira, ele se tornou reversível. Portanto, não posso ver nenhuma temporalidade crônica, mas no que revira e se torna reversível, posso encontrar uma temporalidade urânica. Assim como encontro, nos meus fazeres dentro do mundo, uma temporalidade jupiteriana, dos negócios, das possibilidades, etc., há um tempo urânico do Inconsciente, que é o tempo do Revirão, e isto é que é importante. O Inconsciente se historiciza sim, não só pelas transformações que sofre pela aquisição de significantes novos no seu roldão, como também pelos processos de aceleração ou de retardamento no movimento do Revirão, no movimento de buscar a outra face da mesma possibilidade.

Que tipos de processos de aceleração o Revirão pode sofrer? O significante pode borbular na sua bifididade no Inconsciente de um sujeito?



Isto vai dar, transferido, como quero que seja, para dentro do Haver, uma temporalidade ao Universo: essa temporalidade que o cientista pede, uma historicidade desse Universo, uma idade mensurável, a idade do Universo. Os físicos conseguem, às vezes, calcular essa idade, que é constituída por uma coisa interessantíssima do ponto de vista lógico, matemático, etc., que chamam de transformação do padeiro. Em linhas muito gerais – leiam o livro de Prigogine para melhor entenderem – é um processo de distribuição de um determinado espaço por fases, e que mostra com evidência que a distribuição da trajetória dos pontos é absolutamente determinada. Toma-se um espaço e se começa a fazer como o padeiro, a espalhar a massa, a recortar e a mudar as fatias de massa de lugar, determinando os pontos que ali estão. A trajetória que os pontos seguem é calculável e absolutamente determinável, mas a evolução dessas regiões dentro do espaço é absolutamente aleatória. Acompanhando-se os pontos, percebe-se que a trajetória é determinada; acompanhando-se o modo de evoluir das regiões dentro do espaço, é absolutamente aleatório. As duas coisas convivem muito bem.

Consequência: na historicidade aleatória do Universo, como quiçá na historicidade aleatória do Inconsciente, as trajetórias são perfeitamente determinadas, mas as eventualidades criam momentos que são pontos de não retorno, como chama o *I Ching*, mas que não são apenas de não retorno, são pontos não calculáveis onde a escolha foi colhida.

\* \* \*

Isto promete uma psicanálise bastante outra, uma outra lingüística, como prometeu uma outra física. Ou um século novo, quem sabe?

03/NOV



## 13

### Hagente

Início do Seminário com a audição de  
*Al di La*, com Emílio Pericoli.

Hoje é encerramento dos Seminários de 1988. Venho trabalhando numa psicologia com Freud e sem Mistério. Quero lhes falar, um pouco, de *derivas* e de *ipsilones*.

Quem é o Falanjo? O Falanjo é a gente: a gente que age, como o agente: a gente que há, como o havente. Então, o Falanjo é (h)agente: o Hagente.

\* \* \*

Quero colocar algumas, talvez, novidades (é possível que alguns já tenham informação disso) trazidas por um biólogo chileno chamado Humberto Maturana. Não sei se ele é muito conhecido por aqui. Só muito recentemente tive acesso a textos dele, especialmente um livro, mas parece que ele começa a ter certa influência em alguns lugares das Américas, pois que ensina na Universidade do Chile e, também, em Universidade americana do Norte. Ele tem uma visão bastante pessoal da biologia e sobrevém com conceitos novos.

Assim como tenho encontrado em certos aspectos da física de hoje esteio para o que venho colocando, e também em alguns outros biólogos, que já citei aqui, encontrei certas construções adequadas ao que venho construindo,

Maturana me serve conceitos da maior operatividade no caso de pensar a psicanálise como venho colocando. Ele põe um conceito no campo do vivo, que me parece ser originalmente dele, que nomeia como *autopoiesis*, e parte do princípio de que um ser vivo se organiza de maneira fechada e circular. É um sistema que tem por função primordial, e que o define, a produção de si mesmo. Ele diz literalmente que é “a organização do ser vivo como um operar circular fechado de produção de componentes que produzem a mesma rede de relações de componentes que o gera”. Ou seja, cada ser vivo é concebido em sua unidade biológica como um sistema fechado circular, que vive para produzir a rede de componentes que gera o próprio ser vivo. Parece-me muito interessante na medida em que esse conceito vem criticar a própria teoria da comunicação em geral e da comunicação biótica em particular. Ele acha que os seres vivos se caracterizam por se produzirem continuamente a si mesmos. Considera que “os seres vivos são *unidades autônomas*”, onde encontro um começo de definição mais precisa do biólogo para o que venho chamando, um pouco indecisa e indefinidamente, há muito tempo, de Autossoma.

A “organização dos seres vivos é tal que seu único produto são eles mesmos”. Embora esteja dentro de uma cadeia de pensamento evolutivo, compreendendo esse pensamento evolutivo de maneira muito particular, ele sai dessa guerra liberal inglesa de supor que a sobrevivência de um ser vivo, de alguma espécie, depende da maior aptidão, isto que se chama sobrevivência do mais apto, para simplesmente dizer que há sobrevivência do apto. E pensa a evolução biológica como sendo “uma *deriva natural* produzida pela invariância da autopoiesis e da adaptação”. O processo evolutivo como uma deriva natural que se deduz dessa invariância de autopoiesis e adaptação: ad-aptação, consistência e sobrevivência do apto.

Ele coloca também os conceitos de *organização e estrutura* de um modo diferente de como estamos acostumados a ver. A mim me parece que o conceito de organização dele é que é parecido com o de estrutura do estruturalismo. Ele chama de organização “as relações que se devem dar entre

os componentes de algo para que se reconheça como membro de uma classe específica”. E chama de estrutura “os componentes e as relações que concretamente constituem uma unidade particular realizando sua organização”. Então, há uma organização de componentes, organização esta que são as relações que se devem dar do desenvolvimento dos componentes para que algo seja considerado como determinado membro ou classe específica; e os componentes concretamente, que constituem uma certa unidade particular que está realizando a sua organização, ele chama de estrutura. E o que caracteriza o ser vivo é sua *organização* autopoietica, mas seres vivos distintos têm estruturas distintas. Então, com o conceito de organização, enquanto organização autopoietica, ele define o vivo e as modalidades vivas como estruturas distintas dentro da mesma organização. Ou seja, estruturas distintas que estão ali para realizar a organização. O que não são senão as relações que se devem dar para que este ser seja autopoietico.

Uma consequência interessante dessa postura de Maturana é que a reprodução não é constitutiva do ser vivo – coisa de que a gente esquece e que está na cara. Na medida em que ele caracteriza o ser vivo pela autopoiesis, pela auto-produção contínua, fica evidente que a reprodução não é uma característica do ser vivo, e que não é *de fato*. É o caso, por exemplo, de certos seres vivos que não são reprodutores: o burro, as operárias de formigueiro, etc., que são seres auto-produtores. Então, a aptidão para continuar vivo é ser apto para estar na autopoiesis, na produção de si mesmo.

Isto, a meu ver, muda muita coisa na medida em que o conceito mesmo de comunicação, este que estamos acostumados a pensar do ponto de vista da teoria da comunicação, da transmissão de informação, de mensagem, é rigorosamente criticado. Ele coloca a comunicação como alguma coisa que acontece no seio mesmo de um desses elementos autopoieticos de um desses seres vivos, fechado, que está interessado apenas na sua própria produção diante de problemas, de perturbações, que o mundo exterior, sua limitação, coloca e que ele precisa como adaptação. Ou seja, uma vez que ele sobrevive, precisa dar conta dessas perturbações. Então, diz ele, não há

nenhuma comunicação como transmissão de informação, e sim que a estrutura, ou seja, a particularidade desse ser dentro da autopoiesis, sua competência de adaptação, digamos, vai resolver os problemas que as perturbações colocarão. E resolverá dentro das suas competências, dentro da sua estruturalidade, na tentativa de manter sua autopoiesis. Ultrapassado o limite dessa estruturalidade, não há adaptação possível. Então, sustenta ele, não há nenhuma comunicação no sentido de transmissão daqui para ali de nenhuma informação. O que há é que certa perturbação acontece e o sistema fechado autopoietico, contando com sua estruturalidade, se vira para se adaptar a essa perturbação. Mais nada!

De passo em passo, ele chega ao conceito de *acoplamento estrutural*. Dadas as estruturas particulares de cada ser vivo, são possíveis acoplamentos estruturais. Ou seja, um determinado ser vivo e outro determinado ser vivo, ou mesmo determinado ambiente exterior, como estruturas distintas, estruturas vivas ou não vivas, uma pode servir de perturbador para a outra e, na medida em que a estruturalidade de um desses seres vivos encontra a estruturalidade do outro, a perturbação será resolvida, no sentido da observação dos cientistas, tendo que ser no nível de um acoplamento de estruturas que resultará numa determinada solução interna ao sistema do vivo e interna aos sistemas que ali estão colocados. Quer dizer, acontecem mudanças, donde eventualmente uma evolução na espécie, num processo evolutivo qualquer, mas que não é por recolhimento de uma informação. O próprio processo de aprendizagem, para ele, é um processo de *uso* extensivo das competências internas de um determinado sistema. Não é que tenha entrado uma informação para cá, é que o outro funcionou como perturbador e este fez eclodir suas competências adaptativas. Vejam, então, que ele eliminou a transmissão do campo da biologia. Até mesmo a transmissão por reprodução deixa de ser uma condição *sine qua non* dos vivos. Aliás, a reprodução não é a única maneira de se produzir ser vivo, pois existem a meiose, a mitose, etc., que não são processos reprodutivos, e sim processos replicantes.

“Do ponto de vista da dinâmica interna de um organismo, o *outro* representa uma *fonte de perturbações* que são indistinguíveis daquelas que

provêm do meio dito inerte”. Ou seja, uma perturbação comum capaz de criar uma catástrofe de ordem puramente mecânica, é tão outra, tão perturbação quanto a perturbação criada por um outro ser vivo, por um acoplamento dito vivo. Então, ele põe tudo na conta de fontes de perturbações que farão com que essa estrutura autopoietica tente resolver a sua necessidade de manutenção da organização do vivo.

Maturana fala de acoplamentos estruturais de primeira, segunda e terceira ordem. É interessante observar como ele estuda a complexificação de sistemas, de conjuntos de acoplamentos estruturais que, às vezes, têm como resultante espontânea, digamos assim, dada a estruturalidade de um dos elementos e a estruturalidade de outro, um acoplamento estrutural extremamente complicado. Nós pensamos que houve ali uma passagem de informações, criação de uma macrossistema extremamente poderoso e cheio de transmissões internas, quando foi aquele acoplamento mais extensivo, digamos assim, que criou espontaneamente como resultante, esses processos adaptativos que resultam, às vezes, em coisas completamente novas. Onde, até, a possibilidade de evolução.

Ele caminha com o estudo desses acoplamentos de primeira, segunda e terceira ordem e chega aos seres vivos mais complexos, até mesmo ao homem como entidade biológica, para atingir a complexidade linguageira e social dos humanos, etc. Isto, sempre fazendo comparações e acoplamentos estruturais, de aprendizagem, inclusive, no nível de animais um pouco mais inferiores, como se costuma dizer. E ele chega a dizer que “quando num organismo se dá um sistema nervoso” - que é uma máquina muito importante na seqüência criativa da biologia – “tão rico e tão vasto como o do homem, seus domínios de interação permitem a geração de *novos fenômenos* ao permitirem novas dimensões de *acoplamento estrutural*. No homem, isto, em último termo, torna possível a *linguagem e a auto-consciência*”. Não vejo porque, freudianamente, não remetermos a essa máquina de produção que é certamente – enquanto não se viu até hoje nenhum espírito falar sem corpo – condição *sine qua non* do surgimento desse famigerado *Sujeito* que costumamos tratar.

Fico muito satisfeito com essa tese de Maturana, na medida em que, sem saber a que atribuir isso, quando estruturei o Pleroma, coloquei como hipótese que o reaparecimento da função ternária no campo do Haver, o chamado falante, eu supunha estar adstrito a alguma extrema complexidade de algum nível certamente da ordem do sistema nervoso, do sistema cerebral. Certamente um conjunto extremamente vasto de acoplamentos estruturais, dentro da própria estrutura do sistema nervoso, do cérebro, é capaz, quem sabe, de vir a dar conta da emergência da possibilidade dessa linguagem que operamos. Afinal de contas, não é a única que existe.

\* \* \*

Independentemente de Maturana, sem seguir, *pari passu* esses acoplamentos que ele propõe, eu diria, para uso nosso e um pouco atrelado ao que ele diz, que poderíamos pensar num acoplamento estrutural de *primeira ordem* como sendo da ordem do Autossoma com o Autossoma. Vejam que estou dando uma abertura ao que ele colocou. Se tomarmos esse sistema autopoietico em si mesmo como Autossoma, poderíamos dizer que é parecido com o que ele faz com células unitárias acopladas a outras células unitárias.

O acoplamento de *segunda ordem*, para meu gosto, poderíamos pensá-lo na relação de um Autossoma com um Etossoma, que, agora, me fica muito mais fácil de situar, além do chamado Autossoma, na medida em que esse sistema autopoietico está constituído da sua própria estruturalidade física, digamos assim, e da sua estruturalidade de relação. Ou seja, estruturalidade de resposta adaptativa às perturbações que sucederem. Essa resposta adaptativa pode ser de uma ordem extremamente complexa, por exemplo, da ordem do surgimento evidente de *linguagem* no campo dos seres vivos. Quando falo surgimento de linguagem, é isto que nem mesmo Lacan ousou dizer que não existe. Lembrem-se daquele Seminário em que ele fala da fala da cadela dele. Os animais têm uma linguagem. Eles estabelecem relações adaptativas com as perturbações externas mediante aparelhos extremamente complexos. Os



animais que têm um sistema nervoso bastante desenvolvido, de uma complexidade muito próxima da nossa, manipulam – e isto é evidente em qualquer laboratório decente de etologia ou psicologia hoje em dia – sistemas linguageiros extremamente complicados. Estão aí os chimpanzés e os gorilas observados em laboratório que não nos deixam mentir, passando mesmo através dessa linguagem, processo evidente de *simbolização*, a constituir aparelhos adaptativos de acoplamentos estruturais que dão em sociedades animais extremamente complexas, da complexidade mais ou menos geometrizada, aparentemente euclidiana, de uma casa de abelhas à complexidade quase que educativa de uma tribo de gorilas ou de chimpanzés.

Eu chamaria de acoplamento de *terceira ordem*, justamente o que Maturana aponta com a riqueza da estruturalidade de acoplamentos de sistemas, que se dá no caso do sistema nervoso humano. “Temos aí uma coisa um pouco mais complicada que seria da ordem de acoplamento de Etossomas com Etossomas e daria como resultante isso que tenho chamado Heterossoma ou Halossoma. Ou seja, nada mais nada menos do que, a partir de certo nível de complexidade, as linguagens postas em exercício por diversas espécies terem, no caso da estruturalidade do homem, do falante, condição de acoplamento estrutural da linguagem com a própria linguagem. É como se houvesse dois aparelhos linguageiros dentro dessa estrutura e o acoplamento estrutural de linguagem com linguagem constituísse essa abertura *reflexiva* – nome que ele utiliza também – capaz de me dar esse Revirão de que necessito para que haja, daí por diante, não mais um sistema autopoietico, mas um sistema poético *tout court*. Ou seja, uma abertura para o processo de reflexividade da linguagem sobre a linguagem. Não duvido de que um estudo acurado no campo da biologia pode, quem sabe, nos mostrar que toda essa riqueza languageira que temos, a emergência do próprio sujeito, é efeito de uma estruturalidade de base que já desenhei como o Revirão – pura reflexividade de linguagem sobre a linguagem.

Há experiências interessantíssimas com macacos, parentes próximos de uma grande riqueza lingüística. Maturana conta, no seu livro, a historinha

de um certo conjunto, se não me engano, de gorilas, de primatas, onde se vê o surgimento do gênio, no nível da mera utilização da linguagem (não do gênio humano no nível da reflexão da linguagem sobre a linguagem). Um grupo de cientistas estava estudando esses macacos que se situavam numa região à beira-mar e que raramente saíam de dentro da densa floresta que ficava junto à praia, fato este que dificultava a observação dos comportamentos. Eles queriam arranjar um jeito de trazê-los à areia, à beira da praia, para que pudessem ser observados de longe em seus comportamentos ditos sociais. Inventaram, então, o expediente de espalhar umas papas deliciosas na areia para os macacos, os quais passaram a freqüentar a praia catando aquelas papas. Mas a papa se misturava com a areia e eles a comiam um pouco irritados. Até que um dia uma macaca, uma senhora da tribo, que ele considera genial, descobriu uma coisa muito simples ao associar a água com a areia e perceber que podia lavar, tirar a areia que ficava mais por cima e comer a papa limpa. Diz ele que isso foi muito bem observado pelos macacos. Certamente os mais velhos eram reacionários e se recusaram a imitá-la, como é freqüente até na nossa tribo, mas os mais jovens rapidamente aprenderam, começaram a fazer isso e se deram muito bem. Passado um tempo mais longo, os mais velhos, que tinham ficado para trás, resolveram aderir à lavagem das papas. Mas ele achou que ela era bem mais brilhante do que se demonstrara nesta experiência, pois que, depois, ela descobriu um processo de decantação. Ao invés de só lavar a papa, o que deixava ainda uns grãos de areia, ela a botava de molho, de maneira que os grãos de areia decantavam e ela comia a papa na superfície. Ela é uma cientista... O ato experimental é um ato científico, o que faltou foi reflexão sobre esse ato a ponto de se dar conta do ato – e não só passar por mero exemplo pragmático – e se instalar a ciência das papas. A gente fica muito besta, mas no fundo é tudo macaco...

Esta é uma linguagem, afinal de contas, na medida em que vários chimpanzés de hoje conversam muito bem em códigos simplificados com seus laboratoristas. Há uns papos incríveis a respeito dos mais diversos

interesses dos macacos, porque há códigos que eles lêem e começam a manipular muito bem. Às vezes até se recusando a admitir certas palavras do código, na medida em que o gosto ou interesse daquele indivíduo macacal entre em choque. Por exemplo, um determinado macaco se recusou, diferentemente dos outros, a chamar uma peça de “geladeira”. Inventou um código e preferia chamá-la de “guarda-comida”. Geladeira não, o que interessava para ele era a comida...

Mas há uma diferença, pequeníssima porém enorme. Não é discutível mais, hoje, que haja linguagem no campo do Haver: mais sofisticada no caso dos macacos e, talvez, mais sofisticada ainda, ou menos, não sabemos, no caso da estrutura subatômica, pois, afinal de contas, aquele é um grande papo. Acontece que (e esta é minha ficção), num certo momento, o nível de complexidade é um pouco extravagante – penso eu que é no regime da reflexividade mesmo e que um dia talvez se explique isso –, a complexidade de acoplamento estrutural que há no sistema nervoso humano, sobretudo na sua sede nobre cerebral, permitiu que haja o que Freud com muita sabedoria já tinha chamado de *dupla inscrição*. Ou seja, que possamos ter uma determinada memória espalhada pela estrutura cerebral – seja da maneira que for, holograficamente, como propõe Karl Pribram, por exemplo, ou dispersivamente, de maneira borromeana, como podemos propor. O que se sabe, hoje, é que não há traço localizado de *memória* no cérebro, é como se ela fosse uma marcação difusa em toda a estrutura cerebral. Parece é que há certas regiões capazes de deslanchar o processo e que essas regiões afetadas podem dar impressão de que as coisas estavam inscritas ali, mas a experiência demonstra que a memorialidade cerebral é uma coisa difusa.

Creio que o puro e simples aparecimento do Falante é o caso de uma dupla inscrição. Ou seja, o que quer que ali se escreve, se escreve duplamente e com uma certa independência das inscrições, de tal maneira que uma inscrição lê a outra e a outra lê a uma. Então, há um *diálogo* interno ao próprio sistema. (Esta é a minha ficção, a ser, quem sabe um dia, produzida com mais delicadeza, mais finura, por algum cientista.) Este diálogo

interno é que vem a produzir a própria reflexividade que chamamos de Sujeito, com muita arrogância, essa noção que temos da nossa autoconsciência, consciência de si. Quero supor, então, que se tenho a mesma inscrição duas vezes e, se há complexidade estrutural de maneira a poder uma ler a outra, imediatamente está situada aí uma reflexividade catóptrica, e mesmo a possibilidade de eu me dar conta de mim. Ou seja, de uma parte ver a outra como conjunto estruturado do mesmo modo que ela o é, visto pela outra. Talvez a emergência do Sujeito seja tão boba quanto a emergência de Deus, ou seja, a ternariedade que é resultante dessa dupla inscrição.

Existem as experiências, que certamente vocês conhecem, feitas em ocasiões de cirurgia cerebral, em que, seccionado o corpo caloso, fica-se com a impressão de que um lado é analógico e o outro digital, ou de que um trata da linguagem e outro da imagem, etc. Não concordo de modo algum com essas experiências, pois não fazem sentido para mim. O chamado corpo caloso não é nada mais nada menos do que uma maçaroca de fiação, interligando os dois hemisférios cerebrais, mas é uma maçaroca de uma potência muito grande, potência no sentido de potenciação numérica, de maneira que isso é um pouco mais complicado que uma certa galáxia ou conjunto de galáxias. Ora, o fato de um cientista fazer a experiência de seccionar o corpo caloso e dizer que o lado esquerdo não pensa, o lado direito não vê, ou coisas parecidas, está na dependência dessa secção, do corte feito no corpo caloso. Acho que seria preciso fazer experiências um pouco mais sutis, com menos dano – sei que fica um pouco delicado fazer experiências em pessoas que estão sendo operadas... A estrutura desse corpo caloso sendo essa estrutura de fiação, até segunda ordem ninguém vai desdizer a possibilidade de eu pensar que aquilo funcionando tem um sistema reflexivo: o que se inscreve aqui é remetido para lá e o que se inscreve ali é remetido para cá. Tanto é que os especialistas em sistema cerebral conhecem pessoas que, mesmo com essa secção do corpo caloso, funcionam ambidestramente. É esquisito, não é? Mas, em suma, exijo que algo parecido com reflexividade e Revirão estejam estruturados ali, nessa complexidade.

Voltando ao caso de Maturana, ele demonstra que não há transmissão de informação no sentido da velha teoria da comunicação. Ele chama de *gatilho*: há uma perturbação que engatilha determinada proposta de adaptação, determinado movimento adaptativo. Talvez tivéssemos que fazer, não se sabe com que prazo, uma História da Reflexão, uma história biológica da constituição desses aparelhos complexos de reflexão,

Já coloquei no meu Seminário Clínico, mais ou menos longamente, o que considero ser necessário fazer como história de sujeito. Desenvolvi lá que o *sujeito da certeza*, que Descartes havia colocado no nível *enunciado*, o *cogito*, foi ascendido por Lacan ao nível da *enunciação* e que eu o gostaria de elevar, mais ainda, ao nível do que chamo de *denúncia*. Ou seja, não o simples sujeito da enunciação entre significantes das cadeias que se operam rigorosamente ao nível pré-consciente, e sim um verdadeiro sujeito do Inconsciente que está entre a postura integral de um halo significativo, por isso neutralizado e indiferente, e aquilo que o causa como Não-Haver. Sujeito este que verdadeiramente seria o sujeito do Inconsciente como denúncia do Desejo enquanto tal, denúncia do movimento libidinal do Haver e do sujeito falante. Aquela estrutura em Y (*ipsilone*) que coloquei, na qual, para além da enunciação que se pode colher entre significantes, teríamos um sujeito do Inconsciente muito mais grave, muito mais geral, a partir da indiferença significativa mas situado na diferença externa entre a massa significativa e o Não-Haver. A história da reflexão, quem sabe, viria posturar a linguagem como esse processo recursivo que, para além de enunciado e enunciação, situa, em caso de Revirão, o sujeito como interstício, digamos assim, na diferença externa e não na diferença interna, da qual o Pré-consciente dá conta como decantação de Inconsciente para Pré-consciente.

Essa posição de sujeito, efeito desse acoplamento estrutural extremamente complexo, certamente tem a ver com o valor transindividual

dos projetos religiosos, no sentido do *religare* que, às vezes, se usa para o valor etimológico de religião. Ou seja, de situar o Sujeito enquanto tal como denominador comum de todos os sujeitos, de todos os sujeitos capitonados, encabeçados e cabeçudos, pelas marcações de significante mestre que acolhem para sua historinha pessoal. Infelizmente esses projetos religiosos recaem freqüentemente na neurose obsessiva como Freud demonstrou, justamente por não bem-dizerem o que quer que haja, não bem-dizerem o Haver em sua completude, paro além de mal e bem, e sim estatuírem o bem e o mal em sua canônica religiosa fundamental.

\* \* \*

Comecei o Seminário deste ano falando do *grande Mistério* e correndo atrás dele a partir da escrita de Bohemio. A conclusão que se parece tirar daí é que não há nenhum Mistério: há o Haver e, dentro dele, Há-a-gente.

O que será que nos parece Mistério? É que a gente só deseja o caríssimo impossível, mas se contenta com baratos possíveis. A aparência de Mistério é insistir nesse desejo de impossível, que é o chamado desejo insatisfeito para sempre. Mas a gente se contenta com freqüência com baratos possíveis, na demanda do que possa ser satisfatório.

Talvez não haja Mistério nenhum. Talvez o que chamamos Mistério ou é *ignorância* da determinação ou é *perplexidade* diante da hiperdeterminação, aquela que tentei lhes mostrar que vem empurrar a massa determinante e determinada para um lugar de aleatório, de escolha, claro que premida por certa coação. Mas lugar de escolha mesmo assim porque é incalculável a partir daí. É o que Prigogine chamou de ponto de bifurcação e que eu havia explicitado com o nome de ponto-bívido.

Daí que, como indiquei no prefácio deste Seminário, o Grande Mistério, ou Desmistério, é simplesmente, não haver a Causa. A Causa não há. E nem por isso deixa de causar assim mesmo.

*Hagente*

O Caríssimo impossível resta *al di là delle stelle, delle cose più belle, del principio del mondo, al di là del bene più precioso, al di là del bene i del male...*

Não encontro outro Mistério...

Término do Seminário com a audição  
de *Anos Dourados* de Antonio Carlos  
Jobim.

24/NOV





## ANEXO

### LUGAR DO ANALISTA & FANTASIA

Trechos de intervenção no 22º Mutirão  
de Psicanálise do Colégio Freudiano do  
Rio de Janeiro, sobre a *Transferência*,  
23 abril 1988

Em toda a região que chamei de Campo do Sentido se inscreve para o falante uma formação de sexualidade:  $\exists x. \Phi x - \forall x. \tilde{\Phi} x$ , fórmula que rege a modalização sexual nesta região. Aliás, não é modalização, e sim *gradiente*, como chamo. Qual é o gradiente sexual dessa região? É de afirmação da função-fálica mas não a mesma afirmação universal do campo do  $J\Phi$ . É a afirmação de que ela se mantém presente e mesmo que possa ser negada não se apaga. Este é o gradiente sexual da região, é o gradiente sexual do falante. Do ponto de vista, então, do gradiente sexual, são o Masculino e o Feminino que são impossíveis de estacionar. Ou seja, do ponto de vista de estrutura de sexualidade, quem quer que esteja na posição de falante, qualquer suposto falante – porque tem gente que fala mas não garanto que seja falante –, estaciona no terceiro sexo. É justamente no primeiro e no segundo que ele não consegue estacionar: tanto no gozo-fálico quanto no gozo-do-Outro se passa de raspão. A estada do falante é no terceiro sexo. Minha tese, ao contrário, por exemplo, do que está na história da arte em que os autores ficam reduzindo os estilos a duas posturas e uma intermediária, é que esse que chamam de intermediário é

que é o mais constante e deixa restos em todos os lugares. Os outros é que são difíceis de estabelecer.

Não vamos confundir a estada do falante enquanto tal – só o é quando fala, abrir a boca para dizer abobrinha não é falar, bate-boca não é fala... Somos muito pretensiosos. Pelo simples fato de saber bater-boca, pensa-se estar numa posição de falante, quando, na verdade, é – se um troglodita, que acredita, por vias de pregnância sintomática, estar preso no Masculino ou no Feminino. Mas a estada, o estacionamento, do falante é naquela formulação. O diabo é que não nos comportamos como falantes o tempo todo, pois as inércias são muito poderosas. Quer dizer, um sujeito falante só o é, efetivamente, dentro dessa posição, o resto do tempo nós somos uns animais, animais de espécie gerada por moda, por hábitos, etc. Mas a gente se conforma de se comportar significamente o dia inteiro, se não cinicamente...

Se um certo indivíduo se exercita na chamada desse lugar com o máximo de frequência, posso dizer que ele é um Falanjo contumaz. Ou seja, espero que uma das serventias – se não a maior – da psicanálise seja a de fazer com que os “divíduos” fiquem habitando o mais tempo nessa região. Porque justamente é o que não acontece e, na verdade, não habitam nem esta nem as outras duas. Eles são Falanjos, mas fingem que não o são e fazem papel de bicho. Por isso, certa vez disse que o neurótico é como um animal, e as pessoas começaram a me agredir porque eu estaria xingando os pobrezinhos. E justamente se evita essa vigência no fato de o sujeito se constituir como espécie, não espécie humana, mas uma *certa* espécie, aquilo que Lacan chama de um “racismo”. Porque até mesmo a capacidade de manejar intelectualmente a psique, isto um computador chique é capaz de fazer, é como nós funcionando como um computador muito sofisticado. Mas a ida à sua particularidade de falante, essa requisição é pouco frequente. Mas o que interessa no Ato Analítico é que ele conduza a esse lugar. Não há mais nada para fazer numa análise senão alguns empurrões para o sujeito ir lá, para ele frequentar esse lugar, para que isso se torne uma repetição na vida dele. Só aí é que ele pode efetivamente passar pelo resto. Porque o fato de o boneco, o macacão, ter

chiliques orgásticos, isto nada tem a ver, isto está lá. Orgasmo não é gozo-fálico. Orgasmo é um troço, um barato que dá nos órgãos. Há uma grande diferença entre manipular órgãos que são capazes de cuspir, babar, e... fazê-los falar. Bicho manipula órgãos porque quer funcionar. Mas acontece que isso pode falar, ou seja, posso fazer uma libação orgástica para determinar o sentido da minha vontade, e é isso que interessa. Quero gozar para afirmar, por exemplo, um desejo inalienável o qual não abro mão. Se não, vai-se cair num biologismo da mais tola estirpe, que é de fazer o corpo funcionar, tipo Reich, etc. Mas, ao contrário, trata-se de fazer utilização de qualquer coisa no sentido do Sentido: a utilização de qualquer coisa para fazer Sentido. Um Anjo não goza de araque, e sim com-Sentido.

O Sentido só aponta para si mesmo. O Sentido não tem sentido. O Sentido é Sentido. Sentido não é direção e nem significado, não é nada disso. É reenquadramento do que está inscrito naquele ponto chamado F, no Esquema Delta. Aquilo que é o puro Sentido, é disponibilidade de Sentido.

Quando mostrei o Esquema Delta, tentei explicar que o que acontece no Campo do Sentido é o ressurgimento de todo esse processo no seio do falante. Então, o analista habita o Campo do Sentido como qualquer falante\*. Este é o lugar dele, não há outro. Porém, ali dentro, ele exercita a postura de terceiro, a postura dessa Real. Qualquer falante, dentro do Campo do Sentido, supostamente tem condições para posturar, ou pôr, esse Real, esse lugar de reviramento, só que raramente o põe. Pode-se dizer, então, que no F quem está é o Ato Analítico.

O Sentido no Campo do Sentido não é opositivo. Desde os estóicos que se coloca a questão do Sentido para fora da binariedade. Do ponto de vista de orientação, ele é uma potencialidade de orientação e de significação. Qual é o sentido do desejo? E aquele interesse aqui e agora, ponto!, não interessa de quê. Quando se fala no Sentido, todas as filosofias que tentaram sobre isso,

---

\* Comentários a propósito de questões surgidas em torno do trabalho apresentado por Olandina Monteiro Cruz de Assis Pacheco: *Da Transferência à Posição do Analista*. Cf. Revista *Clínica Psicanalítica*, nº 3. Aoutra Editora. RJ, 1988, p. 93-101.

querendo ou não, ensinaram exatamente esse terceiro lugar que estou tentando construir. Então, estar no Campo do Sentido é estar no campo de fazer Sentido. É claro que o Sentido decai naturalmente quando se parte em vertentes opostas, toma significação, vira signo, se orienta. O analista está no Campo do Sentido, sim, Lacan repete isso quinhentas vezes: ele trabalha no nível do Sentido, do fazer Sentido. Aliás, não há essa burrice de que o analista desfaz o sentido, muito cara a alguns ditos lacanianos. Não se pode desfazer Sentido, pode-se, sim, equivocar de tal maneira que ele se faça de outro modo. Só há uma coisa que faz Sentido: o falo. Aplicar-se o pensamento, aplicar-se orientação, é outra história. Não é possível fazer sentido sem entrar no Sentido, o que é, pelo menos, passar por esse ponto neutro de puro Sentido, que pode ser vetorizado para cá ou para lá e cair em significação.

Se escolhermos, na obra de Lacan, do começo ao fim (creio eu, pois não a vi toda, só vi um pedaço) se conseguíssemos ver o próprio Lacan funcionando nos diversos momentos de sua vida, verificaremos que há várias definições do que é Análise na sua obra. E uma depois da outra. São progressos dele, teóricos e analíticos, teóricos porque analíticos. De tanto praticar, foi vendo, com o tempo, quanta abobrinha podia jogar fora. Quer dizer, o analista vai se dando conta de que faz parte do seu exercício analítico, e portanto da sua análise – atenção! que é sério, é a questão da análise terminável e interminável de novo ir se desvencilhando dos conceitos que ele faz da sua intervenção. Quero supor que o último Lacan, o máximo onde chegou, foi simplesmente nisso: romper e fazer Sentido. Ou seja, neutralização radical, não importa mais nada. Só importa criar – ele chamou de equivocação –, produzir equivocação para acostumar o sujeito a passar lá. E a indiferença é achada no ponto neutro, no ponto de equívoco total. Não se trata de abstinência de produção de Sentido. Estar indiferente ao Sentido é estar para além do mal e do bem. Quando Nietzsche quer definir algo para além de mal e bem, ele está pensando nisso, a meu ver. Quer dizer, não interessa, nesse lugar de indiferença, nem mal nem bem, é para além disso. E isso vai se proliferar em mal e bem. Não tem saída... Não há como você não habitar o Campo do

Sentido. É lá que você habita, é lá dentro que você é capaz de até produzir momento de indiferença. É de dentro, é mergulhado nesse campo, que você vai à indiferença.

A referência do Analista, no ato, referência *do* Ato, é esse lugar aí, mas isto habita o Campo do Sentido também. Se não, vai-se encontrar na prática o analista mágico que tem a chave do Real. Não! Ele tem de pegar de dentro do Sentido, equivocar para jogar lá e multiplicar por (-1), por exemplo. O analista ir diretamente ao furo do Real e operar essa indiferença, isto não existe. O mestre Zen – que já tratei em outro lugar – pensa que pega e põe isso em função, joga esse Real, de araque. O analista, não. Ele opera a própria série que o sujeito traz e a leva ao ponto de indiferença. O Ato dele é estar no encaminhamento para esse ponto de indiferença. Quer dizer, a definição estrutural dele é de que o ato está em quando é atingido esse ponto de indiferença. Isto é o ato em si. E isto é feito mergulhado no Campo do Sentido, operando e empurrando o Campo do Sentido para a neutralidade.

Mesmo no momento em que o analista está no R, ele está no vértice do Sentido. Ele ainda está no Sentido, só que no seu vértice. Se não for assim, um vértice do Sentido, teremos a forclusão do analista. O analista está ali. Seu Ato é que ultrapassa ele mesmo. Por isso é que estive fazendo a distinção entre o Ato Analítico e o Analista. O Ato Analítico funda um suposto analista. Porque não existe analista, eu não conheço nenhum. A nomeação é *pro forma*, é uma declaração de suposição. Isto é importante, se não vai-se ficar como aqueles analistas da década de 60 com estrela na testa: “Eu sou analista”. Eu não conheço isto. Existem uns caras que a gente supõe que costumam trabalhar com esse troço, e tem uma instituição por trás que diz que o nomeia para esse lugar. A gente *usa* a nomeação, acreditar nela, é babaquice.

O que é um sujeito capaz de sentar no lugar do analista, segundo uma visão mesmo externa? É a suposição de que ele está no exercício possível desse Ato, ou seja, de que ele pode exercer isto para si mesmo, pode exemplificar para outro e intervir com esse empuxo para outrem de condução

a esse lugar do Ato. O Ato não é do analista, é onde ele também chega. Eventualmente, também ele chega ao Ato. Já disse em algum lugar que quando há o Ato Analítico sobra para os dois, para analista e analisando, porque o Ato não respeita ninguém. Se o Ato fosse posse do analista, ele pegava e dava uma machadada no analisando e saía ileso. Ele não sai ileso, quer dizer, o saber-fazer, o famoso *savoir-faire* do analista, como Lacan coloca, é: se ele passou por essa experiência, ele sabe como “dirigir” a cura, que não é senão dirigir o processo de chegar ali. Só isso. E, de alguma maneira, ele aprendeu a dirigir o processo de manipular o Sentido de maneira que este se neutralize, se indiferencie. É só isto a direção da cura, mais nada. É uma bobagem: fácil de entender, mas difícil de fazer. Esse Ato é que qualifica o Analista.

Não existe analista que não saiba dirigir a sua cura. É porque ele passou pela mão de outro e acabou recolhendo esse saber-fazer, nesse discurso, que ele sabe operar para os outros e para si. É por isso que digo que um sujeito que é razoavelmente analisado não precisa mais ter um analista, porque tem todos. Qualquer um serve para ser seu analista. Ele aprendeu, se não a ver sozinho, a ver com o olho do outro. Qualquer coisa faz intervenção, para ele. É esse Ato que qualifica e funda o Analista – que não é uma nomeação institucional, profissional ou qualquer coisa dessa ordem – na suposição de que o sujeito sabe passar por ali ou sabe empurrar a gente a passar ali mais depressa. A suposição é de que seja mais depressa, porque pode acontecer Ato Analítico no mundo aí, à vontade.

Para limpar a questão, então, todos os falantes estão, supostamente, habitando sempre a região do Campo do Sentido, na medida em que têm como especificidade a possibilidade do Sentido, a possibilidade do reviramento. Sua sexualidade específica é aquela terceira. Nas outras, ele passa porque também são dele, mas a sua específica é aquela.

\* \* \*

Tenho uma coisa para falar num Seminário meu futuro. É meio prematuro, mas vou lançar assim mesmo, porque me senti pressionado pela apresentação de trabalho tida aqui neste Mutirão.

Essa questão *da fantasia*, a meu ver, foi apenas iniciada no pensamento de Freud e Lacan. Não que lá não estejam colocados os atributos fundamentais para se pensar, mas acho que temos de trabalhar muito para chegar aí. Tomando tudo que Clare Isabella Paine acabou de apresentar, e que está muito bem colocado\*, mas o conceito sobe e desce, fica meio deslocado o tempo todo em Lacan, em Freud, em todo lugar, fica meio sem posição. Tenho a impressão de que não se vai dar conta da questão da fantasia na vida do sujeito, na análise, que é onde ela aparece, sem se fazer uma teoria plausível de nada mais nada menos que a origem da linguagem, porque ela também escapa. Sem uma *teoria plausível da origem da linguagem* não se vai entender o que faz a fantasia dentro da psicanálise e na vida do falante.

Clare chamou atenção para o fato de que Lacan não colocou nos quatro conceitos fundamentais a fantasia. Por quê? Talvez porque não soubesse o que era uma conceito fundamental. Ainda não soubesse... Ele via, lá para diante, fazer pintar uma *Lógica da Fantasia*, que não diz nada a respeito. O Seminário chamado *A Lógica da Fantasia* nada tem a respeito da lógica da fantasia. Seria preciso, a meu ver, estabelecer-se aí uma teoria a origem da linguagem do falante.

Lacan definiu, de começo, uma relação fundamental de significante a significante, que, na verdade, é redutível, para ele, a uma relação do falo com o Outro. Tomemos a definição de que um significante representa um sujeito para outro significante. Ou seja, pego uma série de significantes e posso atribuir um significante, sem cabeça, metido lá entre os significantes, mas, também, aquilo faz algum sentido para mim. Então, estou marcado entre minha indicação de significante para mim como  $S_1$ , etc. Tudo isso que vocês já sabem... Então, para fundar um certo sujeito, um significante representa o sujeito para outro

---

\*Cf PAINE. C.I. Transferência: Sintomatizar a Fantasia. *Maisum* nº 72/73, Boletim Periódico do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 20 set. 1988. p. 3885-3890.

significante na ordem dos significantes, na ordem da língua, por exemplo. Acontece que, se um sujeito vai ser capitaneado, vai ganhar cabeça, vai se tornar cabeçudo, como eu chamaria, por essa marcação de  $S_1$ , é por uma coisa que Lacan vai dizer que a análise seria o destacamento do significante-mestre do sujeito. Adiante, ele diz que não se trata disso, e sim de que uma análise é o destacamento do objeto. Mais adiante, diz que é a travessia da fantasia... Tive a audácia, naquele. Congresso d'A Causa Freudiana do Brasil, da Banana\*, de dizer que o significante representa a fantasia para outro significante, mas o próprio Lacan diz que nessa estrutura sobra um resto que é o objeto. Escrevi esse objeto embaixo e verifiquei que um significante representa um sujeito que, antes ainda de ser acossado pelo significante, já se marcara por um objeto. Então, ele é um sujeito acéfalo, eventualmente, no nível do significante, mas não no nível da Coisa, onde ele não é sem marcação.

Por isso Lacan escreve a fantasia como  $\$ \diamond a$ . Que quer dizer “punção de”? É uma marca, como se marca o gado. Mas ele lê “sujeito desejo de objeto”. Se a fantasia ainda não tem como se dizer, não foi por via significante que ela se marcou do objeto. Por que via foi? Para Lacan escrever “sujeito marcado por um objeto”, ainda que diga que o sujeito é aquilo que um significante representa para o outro, ele só está dizendo que este sujeito aqui da fantasia só é representado, para o falante, pela relação de significante a significante. Mas não posso garantir de modo algum que esse sujeito não estivesse disponível a ser representado por significantes. Em algum lugar ele se torna disponível para isso. Só capturo a sua representação de significante para significante, mas o que é isso que veio a se representar de significante para significante e que recebeu a marca do objeto? Aí tenho de buscar uma teoria da origem da linguagem.

Como o eventual futuro falante passou de não-falante a falante? Clare chamou atenção para o fato de que Lacan diz que isso teria a ver com o recalque primordial. Por quê? O que foi recalcado originariamente para que no

---

\*Cf. MAGNO, M D Interlúdio Fantástico – Sintomático. *Revirão* nº 3, Revista da Prática Freudiana. RJ, aouta edit. dez.1985, p. 162-167.



seu lugar fosse posta uma palavra? Não foi uma palavra. Os recalques secundários são recalques de significantes. O que teria sido recalcado na entrada do primeiro significante? É disto que se trata. Então, estou fazendo uma proposta de estudo – que, repito, desenvolverei em meu Seminário – de que a fantasia, não o seu enunciado, esse que o analista tenta capturar na sua escuta, ela, a fantasia, bruta, é da ordem da marcação desse tal sujeito que virá a ser representado entre significantes pelo objeto, por um objeto, e que isto é da ordem do fascínio no animal. Os etólogos mais recentes começam a reconhecer uma coisa que Lacan sempre evidenciou, que há esboços de simbólico em muitos animais, esboços mais ou menos feitos, etc. E que podemos, eventualmente, descobrir em nossos animais domésticos, por exemplo, a substituição de um fascínio – o animal ficar, por exemplo, fascinado por um certo ruído, por uma certa cor: diante daquele elemento, ele toma uma atitude obcecada, corre para aquilo – por uma palavra que o dono disse. Ele não sabe falar aquela palavra, mas, reconhecendo aquela palavra, o fascínio cai e ele se acalma, pelo menos medianamente.

Estou, então, querendo dizer que o que é da ordem da fantasia são fascínios que têm a ver com a constituição *inata* – atenção que estou sendo perigoso – do falante, do macaco, que não nasce assim em branco como a gente estava pensando. São construtos inatos que respondem de maneira fascinada diante de elementos sýgnicos que são marcados na sua estrutura para fasciná-lo, e que, só quando isso é transcrito para a ordem que Lacan chama de simbólico, ou seja, a ordem metafórica, para a ordem da fala, etc., é que isso consegue se segurar num nível de abstração – o que seria de fascinação excessiva num nível direto. Estou trazendo, como hipótese de trabalho, como conjectura, que a fantasia é da ordem da inscrição do bicho. Algo o fascina, e no que é passado a limpo para a ordem significante, vem, em qualquer situação significante, depurar. Por que Lacan chega à conclusão de que isto é construído como um axioma? Porque não precisa, na realidade, ter nem conteúdo específico. Aliás, a palavra de Freud não é “bate-se numa criança”, e sim “uma criança é batida”. A voz é passiva. Temos, por exemplo, uma fantasia

grega, em que uma criança é comida: Saturno. Uma criança é espancada é uma fantasia de Júpiter, Zeus. Schreber, porque é psicótico, diz claramente sua fantasia: uma mulher é fodida. “Como seria belo ser fodido como uma mulher!” O fascínio, ligado diretamente a construtos biologicamente dados, necessariamente põe aquele que é fascinado, seja animal ou humano, numa posição passiva – o sujeito é fascinado pelo fascinante. Assim como Lacan diz que quem é ativo é o objeto a e não o sujeito, também diz que os homens se enganam pensando que são ativos: os ativos são as mulheres. Mas por que o verbo tem de ser dito na forma passiva? Porque *toda fantasia é masoquista*. Não há outro tipo de fantasia.

Portanto, a fantasia se apresenta na análise como nomeação, no simbólico, de um fascínio prévio. Ela repete, então, nada mais nada menos – no que ela é re-nomeada dentro da análise, no que é atravessada (não existe outra travessia) – que a instauração da linguagem. Ou seja: o momento em que, do fascínio direto, animal, pelo objeto, o sujeito passou à nomeação – se minha tese da origem da linguagem estiver correta, de que são comportamentos inatos de fascínios que serão transformados em nomes, convenientemente, que serão transcritos em significantes. Se isto é verdadeiro, então, *a travessia da fantasia não é senão reconhecer lá na origem da linguagem a nomeação da fantasia*. E repetir, dar novos nomes, porque nome próprio ela não tem, é transcrição. E é só isto a travessia. Sendo que a fantasia enquanto tal, ela é necessariamente na forma passiva, como é o fascínio, e tem instalação precisa dentro do Esquema Delta.

Já escrevi, alguma vezes, o que chamei de Fantasia Primordial:  $\triangle \diamond \tilde{A}$ , A-Delta punção de Não-Haver. Por quê? Qual é a fantasia do Haver? Ou seja, qual é a sustentação do seu desejo e do seu gozo? A sustentação do seu desejo é o objeto radical que não há e o que sustenta seu movimento gozante é nada mais, nada menos que: A-Delta *desejo* de Não-Haver. Isto é que é reconhecimento desejante e gozante. A causa do desejo é a própria inscrição de Não-Haver, a qual está inscrita no Haver como provocação perene de simetria. É estrutural. É do próprio Haver. E a fantasia do Haver,

a única que posso axiomatizar – é um axioma do Pleroma, se não o axioma do Pleroma –, é: o Haver deseja Não-Haver. Axioma este que fundei sobre a Pulsão de Morte freudiana. Então, toda fantasia de qualquer sujeito não faz mais do que dizer que esse sujeito deseja tal objeto enquanto na imitação do Haver, no desejo de Não-Há, porque ele deseja de dentro. Fazer a fantasia é, na fascinação binômica de um determinado animal, fascinar-se com o objeto que está inscrito aí como fascinante.

A-Delta desejo de Não-Haver. Este é o movimento do próprio A-Delta, é a fantasia que sustenta o seu movimento gozante. E não é de forma masoquista primordial e passiva que o A-Delta se movimenta na sua fantasia? Isto porque esse desejo lhe é negado, lhe é negado estruturalmente que ele venha a efetivar o seu desejo, mas não lhe é negado que ele venha a *realizá-lo*. A realização do desejo não é A-Delta chegar a Não-Haver, e sim passar pelo Real, revirar. Então, todo desejo pode ser realizado, mas não pode ser efetivado. E isto é a possibilidade de transcrição que, ela, em si, sozinha e por si, é a SUBLIMAÇÃO. Sublimar é transcrever. Nada mais do que isto. É continuar gozando, com o mesmo objeto, em regime de transcrição. Que significação tem a fantasia para o sujeito? Poderia dizer que, ao mesmo tempo, não tem significação nenhuma e que é a significação do sujeito. Ela não tem significação nenhuma na medida em que o que apresenta como transcrito é um modo de transcrição que poderia ser outro. Por isso Lacan é tão inteligente e apresenta, quando lê Sade, a fantasia como um esquema. Nada diz a respeito e faz um desenho, um risco. Porque é nada mais, nada menos do que transcrever o “uma mulher é fodida”, o “uma criança é batida”, ou “uma criança é comida”, etc. É esse movimento desejante perenemente, barrado em sua efetivação e realizado em seu retorno. Que tem isto a ver com a estrutura do Revirão? Ou seja, a fantasia, em última instância, não é a estrutura do que, no campo do significante, vai se chamar pulsão?

Jacques-Alain Miller escreveu um texto decepcionante a respeito disso e diz até que o sujeito não chega a dizer a sua fantasia. Clare chega a repetir um pouco esse equívoco de que é difícil chegar a dizer sua fantasia. Isto não é verdade, pois o sujeito não abre a boca para dizer outra coisa. Só

diz isso, o tempo todo. O analista é que é eventualmente surdo. Ele logo diz a fantasia, porque não tem outra coisa para dizer. Miller se embanana todo no artigo perguntando: se a fantasia é da ordem do não-significante, como passa a ser significante? Isto porque ele não promete nenhuma teoria de fundação da linguagem, como estou fazendo. E tampouco uma transcrição do não-significante no campo do metaforonímico, para o campo do Haver. Depois, ele diz que de uma forma ou de outra, acaba-se dizendo a fantasia, mas fica um negócio esquisito. E ficou esse mito, desde esse artigo, de que o sujeito tem dificuldade de dizer a fantasia, etc. Não! O sujeito tem dificuldade de dizer, ou de narrar, a cena privilegiada pela sua masturbaçãozinha, a cena privilegiada na sua imaginação masturbatória. Se isto que estou dizendo for verdadeiro, o sujeito no seu modo de amar, ou seja, no seu modo de falar, que é a mesma coisa, já está dizendo a fantasia. Por isso Lacan dava atenção ao tom de fala, modo como se fala, e não só ao que o sujeito dizia. Isto porque o sujeito já está dizendo ali o que ele tem para dizer: a sua passagem de não-falante para falante. É só isto que ele tem para dizer. E chegar ao fim de análise é reconhecer essa passagem.

Não vamos confundir essa sintomação, que é a generalidade do processo falante do sujeito em toda sua vida –  $S_1$  para  $S_2$  –, com pequenas organizações sintomáticas no meio da sua história, porque o que quer que se diga é associação de associação de associação por processo metaforonímico dessa coisa primordial. E o sujeito pode parar no meio, estacionar. Aí são coisas regionais. Quando o sujeito chega com um sintoma histérico, etc., são momentos discursivos estritamente regionais da vida dele. São sintomas que têm a fantasia embutida sim, em qualquer um, para qualquer um que consiga escutar, e que estão regionalizando porções significantes e transformando. Vai-se limpando isso, limpando a área, o sujeito fica muito feliz e vai embora. É o que mais freqüentemente acontece. Eles ficam tão satisfeitos de o sintoma ter caído que não querem saber do resto. Ele não quer saber do Sintomão que é a Sintomação. Este não lhe interessa, porque ele vai quebrar radicalmente a cara de chegar a um fascínio radical sem palavras – e de que todas as suas palavras não são

senão aquilo. Esta é a função de se levar o sujeito, na equivocação, a uma neutralização, apresentar o significante como halo, no sentido de neutralização, para que ele possa deixar a nu a sua fascinação. É isto que Lacan, numa certa época, pensou como destacamento de objeto. Se a palavra fica neutra, o objeto me agride, me fascina diretamente. Então, preciso dar nome, de novo, a esse fascínio para poder amestrar o objeto. Dizer para o meu fascínio: “senta!”, “fica quieto!”, “calado”... E basta *dizer...* E não esquecer que a fantasia tem de ser masoquista e tem de ser na forma passiva...

Aliás, na entrada no campo da linguagem, nessa transcrição, a coisa está em nível de Discurso de Mestre, como Miller coloca em outro artigo seu. Lacan vai fazer o Estádio do Espelho e, ao invés de falar em gozo aí, fala no júbilo da re-fascinação e a introdução significante. Estou procurando uma coisa mais para trás... Mas, ainda, esse tal gozo do Discurso do Mestre já é gozo que está adscrito à ordem da transcrição. E estar dentro da ordem da transcrição é o que permite que a sexualidade seja deslocada do anatômico e passe para o lógico.

Mas, retornando, quero terminar falando sobre a fantasia ser necessariamente masoquista. Quando Deleuze fez o trabalho chamado *Présentation de Sacher Masoch*, Lacan elogiou a precisão com que ele demonstrou que não havia simetria entre sadismo e masoquismo. A via que estou mostrando deixa claro que, no regime da fantasia, é o masoquismo primordial que regula isto, o A-Delta. Então, o sádico não é o avesso do masoquismo de modo algum, porque não existe fantasia sádica. Só por isso. Não há fantasia sádica. *A fantasia do sádico é masoquista*. Agora, dêem conta disso... Por exemplo, por que as pessoas ditas normais têm uma certa simpatia condescendente com o masoquista e uma certa raiva do sádico? São questões. Isto aqui é uma abertura de caminho...



# SEMINÁRIO CLÍNICO





# 1

## Navegar é impreciso - 1

O que chamo *Seminário Clínico* é no intuito de deixar, neste segundo semestre, temas mais gerais para meu Seminário quinzenal. Aqui, quero tratar de temas que são da mesmíssima natureza, mas com maior enfoque, permitindo que se venha a discutir uma série de temas em função da prática analítica.

Por outro lado, gostaria de deixar bem claro que não considero *Clínica* essa coisa isolada, mais ou menos bolorenta, que se passa dentro do consultório entre analista e analisando. Este é um aparelho clínico de cura extremamente necessário, sobretudo na cura de certas afecções um pouco mais difíceis e mais graves, e na chamada formação do operador, na formação do analista. Mas insisto no fato de que a *clínica freudiana* é alguma coisa muito mais ampla, a ser exercida nos seus mais diversos lugares, nas mais diversas instituições, com os mais diversos fins, e foi por isso que coloquei o termo *Clínica Geral*. A presença do analista deveria ser efetiva nas mais diversas situações no campo da cultura. Tenham, portanto, sempre em mente que estou articulando sobre clínica a partir desta perspectiva, e não de outra. Isto, na medida em que, se a análise individual dentro de um consultório é um laboratório privilegiado para o analista entender fenômenos e dali tirar até suas invenções teóricas sobre o funcionamento do Inconsciente, por outro lado, é num momento de generalização, quer dizer, na grande concepção capaz de permitir a abordagem disso que chamo de clínica geral, que se efetivam os modelos estratégicos, práticos, etc., que vão ser importantes dentro do consultório. E

mais, sem essa visão ampla, o consultório fica num joguinho que merece ter uma terapêutica e não cabe para a psicanálise.

É preciso ter esse laboratório, sim, foi dele que Freud retirou seus teoremas, mas é preciso também ampliar a visão disso em termos de mundo, como Freud o fez – e é preciso lá retornar com essa visada maior, para não se ficar na mera terapia de sintominhas.

\* \* \*

A temática primeira que quero abordar é a do confronto disso que se chama discurso do analista com outros discursos. Sobretudo no interesse de se procurar pôr intervenções outras do analista no campo social, nomeadamente no que diz respeito ao que possa ser uma PAIDEIA, um processo educativo mais ou menos ligado ao conceito de pedagogia – uma vez que educação abrange um conceito muito maior do que o da pedagogia, que é a condução da criança –, à formação do cidadão. Prefiro, então, ficar com o conceito de *educere*. Mas condução do quê?

Freud chegou mesmo a dizer que considerava a prática analítica uma espécie de re-educação dos sujeitos. Terá ele apenas feito uma comparação ou há aí algum sentido estrutural mais profundo? Fiquemos por enquanto com o termo *Paideia*. O que a psicanálise pode fazer, já que num certo momento o próprio Freud chegou a achar que neurose melhora mas não tem cura, e que era preciso, portanto, muito mais se tratar de uma profilaxia, de uma prevenção, do que da cura? É nesse momento aí que ele sugere e apresenta a psicanálise profilaticamente, evitando que a neurose grasse com muita força, e isto está associado, em vários momentos de sua obra, à questão da educação.

O que seria, então, eventualmente uma educação no sentido de uma *Paideia*? Haverá, será possível a formação de crianças para chegar a cidadãos no sentido psicanalítico? A psicanálise poderia intervir curativamente, cuidar da prévia inserção nos seus modos de operação no social de maneira que se diminuísse o campo da neurose, se diminuísse o mal-estar, e se desse chance

para isso? Não olhemos esse tema apenas do ponto de vista da oportunidade de se melhorar o mal-estar a partir de uma função profilática, e sim, também, do que se possa tirar da experiência de reflexão sobre ela no sentido da outra prática, aquela da clínica divanizada no consultório. Assim como de lá se tiram teoremas que se aplicam aqui, a visão dessa coisa mais ampla pode nos conduzir a ter certas sacações capazes de intervir lá, pois estes campos se interpenetram. Que relação teria, portanto, uma *Paidéia* com a psicanálise?

Sejamos socráticos, ou mesmo pós-socráticos, no sentido grego, clássico, arcaico, de que uma *Paideia* seria a constituição, a formação do Homem Superior. O que tem a ver uma *Paideia* com a formação do Homem Superior, e o que tem a ver o Homem Superior com a psicanálise, e, portanto, a psicanálise com a *Paideia*? Interessa o Homem Superior? Há homens superiores e inferiores? Acho que há, sim. Se não, a gente não fazia esforços de superação e até hierarquias de valor em nossa cabeça.

Para definir esse Homem Superior, eu tomaria não um psicólogo ou um filósofo, mas um poeta extremamente reflexivo a esse respeito. Fernando Pessoa, que, no seu *Livro do Desassossego*, diz: “o homem superior difere do homem inferior, e dos animais e irmãos deste, pela simples qualidade da ironia”. Já em meu Seminário quinzenal, tentei demonstrar como essa ironia não é senão a suspensão pelo reviramento significativo, suspensão neutralizante, que faz com que o sujeito se coloque como o analista devia se colocar nesse ponto de neutralidade diante de mal e bem. Ou seja, para além de mal e bem. “A ironia é o primeiro indício” – diz Pessoa – “de que a consciência se tornou consciente”. Esta é a maneira que ele tem para dizer, o que não é algo impossível de se pensar. “E a ironia atravessa dois estádios: o estádio marcado por Sócrates, quando disse ‘sei só que não sei’, e o estádio marcado por Sanches” – que é um filósofo português (isto existe) da época do advento do pensamento moderno – “quando disse” – observem a ironia suprema de Sanches – “ ‘nem sei se nada sei’. O primeiro passo chega àquele ponto em que duvidamos de nós dogmaticamente” – é o passo socrático –, “e todo homem superior o dá e atinge. O segundo passo chega àquele ponto em que duvidamos de nós e da

nossa dúvida, e poucos homens o têm atingido na curta extensão já tão longa do tempo que, humanidade, temos visto o sol e a noite sobre a vária superfície da terra”. Quer me parecer que essa indicação da ironia como supremo artifício do falante vem se equipar e se equivale à suspensão requerida no lugar do analista, na trama significante: a neutralização de todos os avessos, de todos os opostos.

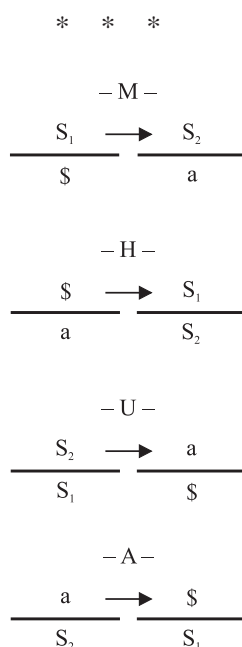
Quando não sei nem se sei, ou se nada sei, não estou em absoluto fazendo petição de ignorância, e sim no sentido de Nicolau de Cusa, que Lacan tanto cita, de uma *docta ignorantia*. Por mais que saiba socraticamente, sei que não sei do essencial, e sanchesianamente sei que nem sei se não sei, vai ver que sei e não estou sabendo. Isto é bem mais radical, no nível de suspensão, de neutralidade, do que o mero “conhece-te a ti mesmo” socrático, e situa o sujeito na suspensão de seu próprio saber na medida em que saca sua particularidade. Afinal de contas, não é mais ou menos isso que está inscrito no discurso do analista?

No que Lacan, num certo momento da sua passeata teórica, vem dizer que o analista não pode fazer mais que o exercício desse discurso, em que a produção dessa particularidade significante salta aos olhos e o sujeito termina no “tu és isto, e o problema é teu”. Eu situaria, então, o “conhece-te a ti mesmo” socrático mais ou menos na região desse discurso que está escrito aí. Mas a psicanálise acaba, termina aí? Num certo momento, ele chegou a sugerir assim, tanto é que escreveu esse discurso: a análise termina no levantamento da distinção desse significante-mestre regedor, na verdade gerente, das relações desse sujeito com o saber. Destacamento este que poria necessariamente um certo destacamento de objeto para o sujeito – e a análise termina com isto. Entretanto, mais tarde, ele começa a introduzir a questão da fantasia e pede um pouco mais, que uma análise termine – se é que termina – não só no destacamento desse significante e do objeto particular do sujeito, mas também na travessia da sua fantasia – da qual não posso ver melhor do que a reconstrução de um romance para esse sujeito. Romance este que destacará um certo axioma, uma certa pequena fórmula, que será uma espécie de matema da relação desse sujeito com seu desejo de objeto.

Mas ainda não estamos, aqui, na pesquisa do final de análise, e sim colocando questões para repensarmos a relação da psicanálise com esses

discursos que Lacan escreveu como quatro e passou o resto da vida insistindo que só eram quatro. Eventualmente até podem ser. Houve uma ocasião em que eu quis fazer a combinatória que resultava em mais outros quatro, mas não garanto muito que seja válida... Mas no entendimento do discurso da douda ignorância, no sentido do “conhecer-se a si mesmo”, e na suspensão desse conhecimento do si-mesmo, desassumindo a ignorância, teríamos que pesquisar o que é possível acontecer nesse processamento.

Intitulei o Seminário de hoje *Navegar é Impreciso* na medida em que pode ser eficaz, chegar a algum lugar, mas o percurso é cheio de imprecisões, pois que é uma constante correção: marés, ventos, etc. E há sempre aquela suposta interferência do acaso que teria, por exemplo, feito o Brasil ser descoberto –, que é absolutamente necessário, determinado, mas que uma certa ignorância permite manter na suspensão. A imprecisão do saber não retira a determinação, mas mantém um certo grau de ignorância. Estou, portanto, falando da imprecisão do saber a respeito da sobredeterminação.



O que acontecerá, então, com esses discursos que aí estão escritos?

Como sabem, Lacan parte do *Discurso do Mestre*, referindo-se aos lugares e às letras escritas nesses lugares: lugar do agente, acima à esquerda; lugar do produtor ou do *outro* a que esse agente se dirige, acima à direita; lugar do *produto*, embaixo à direita; e lugar da *verdade*, embaixo à esquerda. Aí se escrevem as quatro letras fundamentais da operação de um falante, em termos de discurso – e só há, segundo Lacan, mantendo uma estrutura do grupo quadrado da matemática, esses quatro lugares. Então, nesse discurso do chamado mestre, Senhor, dono, é aquele significante particularizante do sujeito ( $S_1$ ) que é o agente, fazendo trabalhar o saber ( $S_2$ ) de modo a produzir um gozo, um mais-gozar ( $a$ ). Isto porque este discurso funciona ocultando a sua verdade, que aí comparece como a partição subjetiva (\$) dessa postura discursiva.

No *Discurso da Histórica* já é essa partição subjetiva que está em jogo fazendo funcionar um significante-mestre como lugar de onde deve partir a produção de saber, mantendo como verdade o objeto  $a$ , que lá está recalcado porque a histórica queria ser este objeto. É, então, o discurso do mestre querendo governar alguma coisa, ou seja, governar a aquisição do mais-gozar, do gozo; e o da histórica querendo ser amada no sentido de um saber que a designasse como objeto de outrem.

O *Discurso Universitário* é esse mesmo saber situado agora como agente para fazer funcionar o objeto, de maneira a produzir uma posição de sujeito cuja verdade é que há um significante-mestre por trás do saber.

O *Discurso do Analista* seria colocar o próprio objeto  $a$  como agente, de maneira a fazer a partição subjetiva funcionar na separação, na produção do que é peculiar desse outro, como analisando. Isto, colocando-se o saber inconsciente do sujeito no lugar da verdade disputando com a falta.

Mas há posições e posições dessa locação discursiva. É preciso considerar essas letrinhas, aí, no nível da referência sintomática. Quando Lacan escreve  $S_1$ ,  $S_2$ , está na verdade sintomatizando os aparelhos discursivos. Está dizendo que não se trata, em qualquer desses discursos, de um sujeito acéfalo,

nem tampouco de um sujeito marcado significativamente, e sim já na partição entre uma prisão significativa e um saber disponível. E isto é sintoma demais. Estamos aí na região dos discursos apresentados dentro da ordem sintomática, ou seja, metafórica, de suas instalações.

Por isso, fica parecendo bastante óbvio que aquele discurso seja o do *mestre*, a partir de uma razão sintomática, metafórica, de sua produção, na busca de um *determinado* mais-gozar – e não de um qualquer – que tem que ser enunciado por esse mestre a partir de uma enunciação, no caso, mas que tem que ser enunciado com clareza. Ele sabe o que quer – o lucro, isso, aquilo, aquiloutro – nesse momento em que está sintomatizado.

No caso da *histérica*, esse saber a ser produzido é um saber que deve ter o modelito do saber que ela supõe sê-lo. Do ponto de vista da neurose histérica, por exemplo, isto tudo é sintomatizado: mediante marcação de significativo, ela investe contra um significativo-mestre, um mestre, que ela *já designa como deve ser*, de modo a exigir dele que produza um saber que é exatamente aquele que ela quer que seja. Histérica não brinca em serviço, ela sabe tudo o que quer.

O *universitário* fica no caso de, a partir de um saber constituído, reconhecido como tal, colocar-se um objeto como autoridade, para pesquisar esse objeto dentro de um saber já tido de maneira a fazer, com essa transa, a produção de um determinado tipo de sujeito sintomatizado tendo como sua verdade uma mestria anterior, também sabida, conhecida, que articulou aquele saber lá de cima, que está como agente. Este discurso, então, do ponto de vista da sintomatização, é mais ou menos fechado.

Resta saber se há alguma coisa mais aberta do que esses três no discurso do *analista*. Isto na medida em que ele se coloca como (no fingimento de ser o) objeto *a* que o analisando, por seu saber verdadeiro, desenha. Coloca-se como esse objeto que ele nem sabe qual é. É no valor da transferência que, a partir de um certo saber do Inconsciente, o analisando vai desenhar sobre o analista tal e qual objeto, e não outro. E o chamado analista faz funcionar a partição subjetiva no sentido de isolar o que lá nesse analisando é o seu

significante específico. Dito assim, este discurso parece ter um pouco mais de eficácia do que os outros justamente porque no lugar da alteridade, daquilo que trabalha para produzir o efeito, está a partição do sujeito. Mas isto não impede que esse próprio discurso – na medida em que alguém se posturando no lugar do analista, ao invés de trabalhar com a pura e simples partição de um sujeito acéfalo, conceitualiza certa idéia de sujeito – venha a querer embutir naquele sujeito um determinado  $S_1$  que não é o dele. Ou seja, com a mesma formação discursiva, dependendo de como opera o \$, o  $S_1$  pode ser uma posição do que ele acredita. É preciso, para que este discurso funcione a rigor, que aquele objeto *a* que o analisando, a partir de seu saber inconsciente, no lugar da verdade, desenha, designa sobre o analista, não seja posto pelo analista no lugar do agente. É preciso que o analista funcione – e Lacan deixou isso claro – como se esse objeto *a* no lugar do agente fosse, para ele, analista, puro buraco, puro objeto fundamentalmente perdido, *das Ding*. Então, é objeto *a* para o analisando, que o marca sobre o analista, mas, para o analista, é a Coisa. Se aquele, então, que eventualmente utilizar esse discurso, puser no lugar do objeto *a* que o analisando lhe ofereceu como desígnio um outro objeto *a* que ele se desenha ser, não há análise alguma – e isto usando o mesmo aparelho discursivo.

Aí é que me vêm questões, pois é preciso que o brilhantismo, a genialidade criativa de Lacan sobre os eventos por ele observados, seja levado mais adiante. Ele ficou o tempo todo inventando coisas, e parava por aí. Acho que se usa muito mal esses aparelhos ditos lacanianos quando se pára no meio do processo, quando não se vai instigando as maquininhas até que falem mais, pois o próprio Lacan nos pediu isto: matemáticas são essas pequenas escritas cuja vocação conteudística não é pré-determinada, e sim que devemos fazer falar.

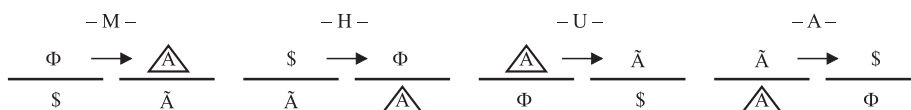
Lacan, quando explicou de onde tirou essas formulinhas dos discursos, mostrou seu grau zero, ou seja, sua abstração máxima, dizendo que isto que se chama de sujeito, no nível mais abstrato, é aquele sujeito acéfalo, o qual se apresenta em qualquer situação de significante para significante. Por exemplo,



Champollion pôde ler a pedra de Roseta porque fizera a mera suposição de que, entre um significante e outro, um sujeito se representava. E isto é da maior acefalia, sobretudo antes de ele a ter traduzido mais ou menos imageticamente. É, então, desta acefalia do sujeito que ele está falando. Já o objeto *a* é alguma coisa que vem no lugar de um objeto fundamentalmente perdido. Então, há o seu grau zero e há puramente essa Coisa impossível, perdida, e que ali se zerifica. Mas o que é esse  $S_2$ ? Um Saber? Lacan escreveu  $S_2$  porque estava tomando este saber como certo cinturão, certo conjunto de significantes do Outro. Quando, por exemplo, se diz “o inconsciente de tal analisando”, e não o Inconsciente em geral, é porque o tal analisando tem um cinturão de saber inconsciente limitado. Portanto, temos que escutar como ele se limita e quais as articulações que oferece. Se fosse ilimitado nas suas articulações, nos seus conteúdos, seria o Inconsciente Divino, digamos assim. Lacan, então, escreve  $S_2$  porque o que é para se escrever ali, e ele mesmo o disse, não é senão A, o Outro na sua radicalidade. E o que se escreveria na radicalidade de  $S_1$ ? Lacan também ensinou que não é senão o falo, o significante do desejo, que está dentro do tal sujeito e que está demarcado por um conjunto signifiante preciso, que é o significante do seu desejo. Trata-se, então, daquele conjuntinho limitado, pequenininho, que foi mostrado, impresso na sua história: um *imprinting* simbólico, não imaginário, do sujeito.

\* \* \*

Se escrevermos, então, como Lacan o disse, teremos para  $S_1$ , o falo; para  $S_2$ , o Outro; para  $\$$ , o sujeito mesmo na sua acefalia; e para *a*, *das Ding*. Peço agora que façam uma pequena referência ao Esquema Delta e dêem os nomes que lá correspondem a essas letrinhas:  $S_1$  continua sendo o falo;  $S_2$  vai ser o próprio A-Delta na sua compleição;  $\$$ , o significante do sujeito, fica sendo o Sujeitão que existe em A-Delta, o sujeito suposto saber em pessoa, Deus; e no lugar de *das Ding*, o Não-Haver. E, então, vamos re-escrever os discursos com essas letrinhas.



Temos, então, no *discurso do mestre*, o desejo como agente fazendo operar o campo do Haver para produzir o Não-Haver. A verdade é a catoptria, a partição, que é o nome de Deus, o sujeito acéfalo. A catoptria é o seu ser. O discurso do mestre fica um pouco ampliado quando lido assim e tem aplicações outras que não a pura e simples mestria do aqui-e-agora do significante-mestre enquanto sintoma, enquanto metáfora. Ele nos conduz, também, a aberturas muito grandes. Não é só o discurso analítico que faz isso. É outro processo, outro meio, outra operação, mas é um discurso da maior importância – também ele conducente à produção de tudo que interessa, d'Acoisa, daquilo que não-há. O discurso psicanalítico não produz Acoisa, e, sim, parte do fato de que ela não há. Quem traz, ensina isto, é o mestre.

Como vêm, estou tentando tirar um bocado de mofo, poeira, das nossas cabeças quanto à operação clínica. Esta é minha intenção.

No *discurso da histérica*, o que é visado como o lugar que age o processo, que é gerente do processo, é a pura catoptria. Dado que há sujeito acéfalo, pura catoptria em funcionamento, esta catoptria faz o movimento desejante produzir o campo do Haver, tudo que há. Em havendo catoptria fazendo funcionar o desejo, é que vem a produção de tudo que há. Isto porque a verdade que está oculta ali é que não-há, que não-haver é Não-Haver. Quer dizer, Deus é histérico, graças a Deus! E preciso parar com esse negócio de achar que este discurso só serve para fazer neurose. Ao contrário, serve para coisas maravilhosas, como, por exemplo, a produção do que há. Agora, quando o sujeito reduz essa ampla abertura da posição histérica a uma ordem sintomática aprisionada significamente por uma metáfora, é uma doença, como é doente o mestre signicizado. Fora isso, é um belíssimo discurso. Por isso, é que há ciência, invenção, produção de coisas: o Haver continua a aparecer. O discurso da histérica é a vontade de Haver, assim como o do mestre é a vontade de Não-Haver, traduzido como vontade na ordem discursiva. O mestre tem vontade de

gozar absolutamente, o que seria atingir o Não-Haver, mas como é sintomatizado, só goza um pouquinho: um pouco de mais-valia, de mais-gozar. Assim como a histérica tem vontade de produzir o Haver, mas como ela não pode produzi-lo, produz caquinhos pequenos de haveres, que são saberes.

Vamos, agora, ao abominado, esculhambado, *discurso universitário* – com toda a razão, pois dentro da universidade ele é a merda que é. Mas será ele só essa merda? O que está em jogo na sua abstração é que o próprio Haver na sua plenitude, todo o Haver que há, é que está funcionando. Se funciona, faz necessariamente pintar o Não-Haver, que vai operar o destacamento da catoptria. Do discurso universitário surge Deus como Um. Todo o funcionamento do Haver na sua compleição não faz senão esbarrar em algum lugar que faz funcionar a presença do Não-Haver, do desejado absoluto, no sentido de produzir a razão da sua existência. E a razão da existência do Haver é a catoptria, a partição do sujeito. É o sujeito suposto saber. O discurso dito universitário por Lacan seria, se o fosse na universidade, ou é, se tomado do ponto de vista da sua abstração, o esboço produtor do sujeito suposto saber. Isto porque sua verdade é o movimento libidinal, o movimento desejante da plerocinese, que sustenta o Haver na sua compleição.

Posso, então, dizer que o discurso do mestre é o discurso do desejo de Não-Haver. O mestre, para ficar livre da necessidade de ser mestre, quer que haja o Outro do Outro: reconhece que há Outro e queria que houvesse Outro do Outro que estancasse a sua relação desejante com o Outro. Repetindo, se o discurso do mestre é o desejo de Não-haver, ele faz isto pela via de desejar que surja o Outro do Outro, para estancar o processo. O Outro do Outro é o Não-haver, que sempre é colocado, mas que simplesmente não há. Quer dizer, o mestre gostaria de atingir esse lugar do Outro do Outro para estancar o processo e estar na mestria absoluta, que é a da morte, que não há, que não é atingida. Também posso dizer que o discurso da histérica é o discurso da produção do corpo do Haver. A histérica tenta produzir, na sua completude, o corpo do Outro. Assim como o universitário deseja produzir uma coisa extremamente importante, que é *o uni*, o um do *Universo*. Por

isso, Lacan o chamou corretamente de universitário. Se formos às discussões de Heráclito e Parmênides, o que interessa no fundo é o Um-Tudo, o Um total. É esta a dicotomia do “Deus é tudo numa só pessoa”. Isto não é brincadeira, é lógico. É esse Um, que não é o  $S_1$ , e sim o \$ como único sujeito suposto saber, que o discurso universitário pretende produzir: uma razão de unidade e unicidade para o Haver. Ele procura construir do Universo o seu Um: o Um do Uni(\$)verso.

Já o *discurso do analista* não pede outra coisa senão produzir como evidente o desejo de Haver. Não é o analista que produz o desejo de Não-Haver, e sim o mestre, que é acossado por essa verdade. É preciso tomar uma posição de mestre para inventar um Esquema Delta, por exemplo. De dentro de uma posição de analista não se o inventa. O mestre é aquele que está interessado no gozo absoluto e deu de cara com sua impossibilidade, porque o Não-Haver não há e não há Outro do Outro – mas é ele quem postura isto para o Mundo. Todos os grandes mestres, Buda, Cristo, etc., disseram de uma maneira ou de outra que a morte não há, que há ressurreição, ou que há esse ponto neutro budista do nirvana absoluto, mas que ninguém atinge... O analista não diz isso, e sim: “Já que não tem tu, vai tu mesmo”. Ou seja: “Já que o Outro do Outro não existe, que é impossível Não-Haver, não vais topar com a morte, nem ser o Senhor Absoluto dentro dela, ou ela dentro de ti, o que te sobra é desejar. Mais nada!” Portanto, o discurso psicanalítico é o discurso da construção da *falicidade* humana. Já que não podemos ser felizes, *sejamos falizes*. Ou seja, mantenhamos o desejo em vigor. E o desejo não é um certo desejo. É sempre um desejo errado. Porque um certo desejo é doentio, é estupidez, é supor que o meu desejo seja isto ou aquilo. Não! É manter o desejo: se não tem isto, vai aquilo. A quilo, a metro, a tonelada...

Se começamos a encarar toda essa abstração, isto faz uma rebordosa imensa no campo da nossa prática.

\* \* \*

Gostaria de fazer aqui uma correção. Num artiguinho de Congresso, publicado na revista *Revirão*, nº 3, intitulado *Interlúdio Fantástico-Sintomático*, trabalhei com a relação entre sintomação e fantasia. Como sabem, Lacan disse que o importante era atravessar a *fantasia*, a qual está escrita de um ou outro modo em todos os discursos, e em lugares diversos... Mas o que escrevi como sendo a fantasia primordial do Haver, portanto, a fantasia primordial de qualquer sujeito, foi:  $\Delta \diamond \tilde{A}$ . Esta foi a maneira didática que achei naquele momento. Não é que esteja errado, pois o Haver, enquanto corpo, enquanto constitutividade, não faz outra coisa senão desejar Não-haver, mas eu não poderia, para ser compatível com a formulação correta de Lacan, escrevê-la assim, e sim como ele mesmo escreveu –  $\$ \diamond \tilde{A}$  –, sujeito suposto saber punção de Não-Haver, para dar unicidade a esse A-Delta. A maneira que coloquei está mal escrita, pois, na verdade, o correto é a fórmula da fantasia que Lacan escreveu, só que no lugar de um objeto *a* vamos colocar Acoisa. Então, é sujeito suposto saber marcado pelo desejo: desejante de Não-Haver. Esta é a fantasia primordial.

Então, vou mais além.

Acho que no trato de qualquer discurso, assim como no trato do discurso chamado do analista – que graças a Deus Lacan não o chamou discurso da psicanálise –, daquele que está operando a separação, o destacamento do desejo, em qualquer discurso, então, o que se visa, em última instância, é seu grau zero, que é igualzinho a seu grau infinito. E só a perspectiva de visarmos, na compleição de determinado discurso, seu grau último, zero ou infinito, muda nossa concepção, afasta-nos da pura e simples demarcação de metáforas constituintes da sintomática de um sujeito e o empurra para além disso. Não é que não vá se destacar um  $S_1$ , no caso de operação distintiva, mas, porque o sujeito está sintomatizado, mesmo este  $S_1$  aí marcado, tratado pelo analista não como signo em que se tornou a metáfora que o sujeito utiliza na sua vida, e sim como o significante pleno, portanto, não-significante, dentro do Revirão que o psicanalista invente, isto empurra esse  $S_1$  para Coisalguma, para uma neutralização.

Freud colocava o esbarro no que chamava rochedo da castração, e dizia que havia um impasse no final da análise. Lacan começou por achar que havia um fim de análise, sim, porque esse sintoma se destacava. E, para ele, o analista chega aí, pára e diz: “Tu és isto, e o que vais fazer com isto é problema teu”. Mais tarde, viu que isso era meio fajuto e que era preciso destacar, também, a fantasia fundamental do sujeito: sua relação de sujeito com seu desejo para com certo objeto. Quanto a mim, quero dizer que não existe esse fim de análise, que ele é recuperável, que não é um impasse e não é um passe, nem uma coisa nem outra. O horizonte último do fim de análise é esse grau de abstração que remete o sujeito àquilo que chamei de *imitatio Dei*, impossível, porém tentável. Ou seja, de uma razão abstrata do seu fechamento sintomático. Não posso, portanto, dizer a um falante “tu és isto”, porque o falante não é isso. Ninguém é o  $S_1$  que o marca: ele o *tem* como marca. Para além disso, há ali uma força falante da mesma compleição que a força havente do Haver. Então, quero mais. Não basta a travessia de uma fantasia para destacar seu objeto, a relação desse sujeito, necessariamente marcado por  $S_1$  e  $S_2$ , com aquele objeto, mas é preciso que esse sujeito seja empurrado até o limite, não se sabe qual, do destroçamento desses conjuntos significantes, e que possa ser um matema vivo do que se passa no Haver.

Estou dizendo, então, que não há nem impasse, uma vez que isso pode se abstrair cada vez mais, e não há passe, porque a abstração plena disso está no infinito, como Freud chegou a pensar quando tratava de análise terminável e interminável. Ou o sujeito bem tem que ficar no impasse de esbarrar no rochedo da castração, que não é da castração e sim do  $S_1$  que não quer sair do lugar da sua semantização de metáfora; ou bem se infinitiza, que é uma meta, como é a meta do Haver: desejar incessantemente o impossível, sem jamais consegui-lo. Psicanalisar, só é *impossível*, neste sentido. Portanto, não há fim de análise em termos cronológicos. Há fim de análise: *aim*, objetivo, da análise. É claro que em algum lugar o sujeito vai parar a análise: na sua *autonomia*, responsabilizar-se sozinho por ela, e deixar o analista em paz. Não porque terminou nada. O que terminou foi o contrato de sujeição. E o problema é dele.

Ele é analista a partir daí? Não! Ele é um bunda, como qualquer outro. Só que melhor. Bunda melhor é sempre melhor...

Portanto, é preciso manter os ditos analistas cada vez mais na enunciação, na exposição de sua posição, para ele ficar demonstrando o tempo todo não para uma Comissão de Passe, mas para quem quiser ver que ele está em processo de santificação, de sancionamento significativo, de sanção. Há que fazer, pelo menos, para nosso uso institucional, um programa qualquer, o mais purificado possível, de dizer a alforria que se dá aí. Alforria não é: “Você terminou a análise e eu reconheci”. E sim: “Você não terminou coisa nenhuma, não vou reconhecer nunca, agora se vira!” Ou seja: “Faça de qualquer um, analista seu !”

É preciso, no momento, ficarmos mais ou menos ao Deus dará, mas parar de acreditar nas bobagens que ouvimos até hoje... para ver se inventamos outra bobagem melhor. Essas bobagens tipo que há o passe, isto está muito confuso na minha cabeça, e acho que na de todo mundo. A transferência não é nada senão a pura e simples existência de sujeito suposto saber. Portanto, ela não pode terminar. Faz parte do desejo. Até que ponto uma análise é levada suficientemente longe para um sujeito não designar para mais nenhum outro esse lugar? Impossível não é, mas é impraticável, pois não há tempo. Agora, é possível, quem sabe, uma dispersão, no sentido químico, de sujeito suposto saber. Ou seja, qualquer outro é suposto saber. Eu só sei que nada sei e nem sei se não sei. Portanto, quando me falam, estão me interpretando.

Não há *sublimação* senão do grotesco. Não há ápice senão do grotesco. Não há ápice senão do que é inferior. O que há para sublimar é o que há do regime pulsional, do desejo, encostado em alguma coisa. A maneira de sublimar só pode ser por via discursiva. Então, trata-se da abstração na via discursiva desses elementos, dessas letrinhas que aí estão, porque os lugares não se abstraem, são os mesmos sempre. E não se vai fazer outra coisa senão manter a perversão, pois não se pode sublimar sem manter a perversão elevando-a à dignidade de algo. Lacan disse que sublimar é elevar o objeto à dignidade da Coisa. Por que, então, não elevar o significante-mestre à dignidade do falo?

Por que não elevar o saber à dignidade do Haver? Por que não elevar o sujeito cabeçudo à dignidade da acefalia? São as várias definições para a sublimação.

A *transmissão* pura e simples, que tanto nos preocupa, é essa tentativa inconcebida, mas que tem que ser posta como horizonte em qualquer discurso. Aí é que entro com as funções de recuperação pelos analistas, pelos falantes que se inscrevem no discurso em torno da psicanálise. Ou melhor, pelos freudianos. Analista é aquele lugarzinho da separação entre os discursos, mas os freudianos são aqueles que se mergulharam desta ou daquela maneira no discurso destacado a partir historicamente de Freud, o qual, afinal de contas, compôs esse grande saber da psicanálise, que em algum lugar deve ser furado. O freudiano está comprometido com a radicalidade dos discursos. Um freudiano que se preze, que queira sentar no lugar do analista, que ocupe esse lugar nessa abstração matemática, deve exigir de si a sua *presença nos discursos do mundo*, presença de quem sabe que, por trás de tudo isso, há esse grau zero ou esse grau infinito de matemas fundamentais. Portanto, a psicanálise não é o discurso do analista, o qual é o discurso da distinção do desejo de um sujeito. E isto tem dupla forma: ou o desejo em que o sujeito se “encareta”, ou seja, em que acredita na sua metáfora; ou o desejo puro e simples ao qual o sujeito se assujeita na *imitatio Dei*, que é muito maior do que o desejo anterior. Mas isto é mera operação dita do analista ali naquele trabalho analítico. Mas se ele por isso passou, pelo menos, deve levar o seu lugar a qualquer discurso. E ele é freudiano na medida em que opera em qualquer discurso desde a mesma posição *compatível com a divindade do sujeito suposto saber*.

Quando falo em *Clínica Geral*, não se trata de modo algum de sustentar a clínica do discurso dito do analista no mundo. Trata-se, sim, de inventar em cada um dos discursos a presença daquele que passou pela experiência dessa neutralização. E isto é curativo. Ou seja, tomar cuidado, cuidar das coisas. E isto é profilático. É muito pequena, mesquinha, a posição do analista sentadinho em seu consultório com alguém deitado no divã fazendo cócegas na sua subjetividade para ele cuspir sua diferença. Por isso a psicanálise, até hoje, virou folclore na boca do mundo, mas não veio a intervir decisivamente no mundo.



\* \* \*

Vejamos então o caso do que acontece com o que se chama de *Paideia*, discurso educativo, pedagogia, etc. Que diabo é isto? Lacan diz que tristeza é covardia, e mais, que é sanção ordinária desse pecado contra o espírito que consiste na rejeição do Inconsciente. Ou seja, com essas duas frases, ele está dizendo que a rejeição do Inconsciente é covardia. Quero, então, supor que a verdadeira educação – não esta que está confundida com o discurso universitário e com a pedagogia – tem como lema a divisa hanseática, com a qual estou brincando no título da sessão de hoje, que foi retomada por Freud, em “Considerações Atuais sobre a Guerra e sobre a Morte”, e por Fernando Pessoa: *Navigare necesse est, vivere non necesse*. Navegar é preciso, viver não é preciso.

O que interessa não é tal ou qual forma de vida, pois isto não faz parte do *bios*, e sim trata-se de que o importante para o falante é a forma de Haver na ordem discursiva. Não são as conformações bióticas do viver, e sim as conformações significantes, significativas do manejo desse Haver. A falta de educação é, portanto, no mínimo uma tristeza, uma covardia, pois não há outra educação senão a educação *do, no e pelo* Inconsciente. Educação *do* Inconsciente em duplo genitivo: ele me educa e eu o educo. Educação *no* Inconsciente: o que quer que se faça, é dentro dessa massa inconsciente, do Outro. Educação *pelo* inconsciente: pelos seus próprios meios, etc., nesse *educere*, nesse conduzir para fora de todas as possibilidades – ou seja: botar para Haver. Está babacamente escrito nos livros dos pedagogos que a educação é o pleno desenvolvimento dos potenciais do educando, o que é mentira na pedagogia delas, mas não o é por uma educação onde o analista esteja presente.

Ao contrário, então, de Mme. Cathérine Millot, cujo livro *Freud Anti-Pédagogue* é muito bem intencionado, mas é uma baboseira, precisamos rever isso. Freud sempre nos disse, e concordo plenamente, que há uma presença do analista, ou seja, daquele que eventualmente passou pela experiência de uma análise, em qualquer campo discursivo. E que, portanto, uma educação visada

pela psicanálise não é a educação doente da pedagogia que visa o escopo de um social. Mas vocês sabem que essa moça escreveu o livro como tese, na qual quer demonstrar nada ter a ver a psicanálise com a pedagogia e que a única coisa que se pode fazer é analisar os educadores. Isto não é verdade. Primeiro, porque ela toma o discurso da pedagogia como sendo o discurso universitário na sua razão sintomática, que não o é. (Se é para tomá-lo por alguma razão, prefiro Roland Chemama, que o aproxima da neurose obsessiva). Ela está lendo a pedagogia como neurose obsessiva, substitutiva da religião, num campo sintomatizado. Mas Freud não é anti-pedagogo, a não ser que isto seja ser contra os pedagogos que estão por aí. *Freud é o pedagogo por excelência*. Ele veio re-educar o mundo.

A verdadeira educação, meus caros, a verdadeira pedagogia, não é senão a transmissão! Não há discurso pedagógico. Não existe isso. O que existe é a vontade pedagógica de transmissão de qualquer discurso. Portanto, podemos pensar a pura pedagogia do mestre, a pura pedagogia da histérica, a pura pedagogia do universitário e pura pedagogia do Analista – com e sem razão sintomática. Sem razão sintomática, depois do processamento analítico trazido por Freud, qualquer um deles é maravilhoso. Ou melhor: todos devem ser postos em exercício pelo freudiano, pelo dito analista. O que há de protótipo no fato educativo não depende de uma formação discursiva, e sim do fato bruto e simples da *Wiederholungszwang*, da pulsão repetitiva. Trata-se, na vontade educativa, de fazer repetir o processo, e não de reproduzir, pois é no nível reprodutivo que a pedagogia se apresenta como essa macaquice do saber dado.

Mas a pedagogia freudiana não tem vez no campo social porque é extremamente subversiva. E qualquer um que dela se aproximar terá a mãozinha cortada... pela esquerda e pela direita. Por isso é que se fez esse acordo, tipo Cathérine Millot, entre o pedagógico e o psicanalítico: “Vocês tomam conta da sua patota, do seu mercado, que nós tomamos da nossa”. Não! Não foi isto que Freud trouxe. Farei uma crítica do livro dela da próxima vez.

\* \* \*

Em última instância, já estou adiantando que a educação não é senão a educação do Falanjo, em qualquer discurso: a transmissão de sua potência (possibilidades) discursiva. Quer dizer, esse jogo dentro do Haver entre as possibilidades de suspensão e de afirmação do *não*. E assumir este lugar é um movimento de cura. Mas em que discurso? Vejo, por exemplo, movimentos de cura, de produção de Falanjo, no discurso do mestre, dos grandes artistas, dos grandes pensadores, etc. Em que nível colocar isso? Quer me parecer que, no nível da prática analítica, um sujeito pode exercer essa função, nomeado por uma instituição, na medida, por exemplo, de sua explosão significativa, que o permita ser o menos defendido possível. Isto não quer dizer ser frouxo, pois há momentos em que é preciso dizer: “Chega! Acabou-se!” Mas é um: “Não continuo porque não quero, e não porque não posso”.

O que é um sujeito bem analisado? Ele *pode* passear pelos discursos. Ele pode muita coisa: pode não querer, mas pode. O que é diferente daquele que não faz porque não consegue. Uma boa dose de poder é que instituiu o analista. Poder nas mais diversas áreas. Por exemplo, estou dentro de uma instituição, aí vem um babaca e me diz: “Você não escuta a gente!” Escutei muito bem, sim, mas não quero! Não me chamem de surdo, senão desço desse lugar e vou embora... Esse tipo de babaca acha que não o escutei porque não estou concordando. Escutei e não quero! Não vou dizer se gostei ou não. Às vezes até gostei, mas não quero porque estou lendo muita coisa à volta e aquilo vai atrapalhar. Isto é uma posição de limitação. Mas posso escutar. Não é que eu não consiga. Se achar que não estou conseguindo escutar, é sinal de que as coisas vão mal. É esta a distinção entre poder e não-poder.

Aliás, o lugar do analista já foi declarado por muitos, e por Lacan, como o lugar do poder. O que é o poder senão a possibilidade de empolgar o falo produzido? Poder não é do mestre, do senhor, e sim do analista. O senhor é o lugar do gozar do objeto, da mais-valia, e isto não é o poder. Se o for, é do escravo. O lugar que designa o poder é a empolgação do falo. Isto está em toda a história da humanidade e esse lugar foi destacado pela psicanálise.

*Seminário Clínico*

Tratarei disso quando fizer a leitura de certos trechos da Cathérine Millot, da relação entre o recalque e o juízo de forclusão, o *Urteilsverwerfung*.

19/AGO

## 2

### Navegar é impreciso - 2

Antes de continuarmos aquelas questões sobre a chamada pedagogia, quero recomendar-lhes a leitura dos seguintes textos: *A Estrutura das Revoluções Científicas*, de Thomas Kuhn (1962), Perspectiva, 1987; *Anatomie Comparée des Anges*, de G.F. Fechner, Patto nº 8, p. 77-114; e *Breve História do Tempo*, de Stephen Hawking, Rocco, 1988. São subsídios ao redor de coisas que tenho trazido em geral. O primeiro livro é importantíssimo na medida em que é a posição atual no que diz respeito à constituição do saber científico. Não sei nem se se deve chamar isso de epistemologia. Nos últimos vinte anos tivemos a fase *corte epistemológico* de Gaston Bachelard, a fase da *falsificação* de Karl Popper, e, do que se pensa hoje, parece que o que está mais com a bola é esse tipo de abordagem chamada *paradigmática*. O segundo texto é uma curiosidade daquele que influenciou demais o próprio Freud, o grande Fechner, num texto estranhíssimo sobre a anatomia, comparada aos anjos. O terceiro saiu esta semana em português. É de Stephen Hawking, aquele aleijadinho da Inglaterra. (O nosso Aleijadinho é maneirista de Minas Gerais. O deles é um físico). É uma das vertentes mais importantes do pensamento da física hoje. Vocês verão o tratamento que ele dá a coisas que tenho falado: Esquema Delta, função Deus, etc.

\* \* \*

Mas vamos ao Freud, pedagogo.

O livro de Cathérine Millot, *Freud Anti-Pédagogue*, me parece um mal-entendido a respeito da posição da psicanálise na educação, na *Paideia* em geral. Quero aqui chamar atenção para alguns fatos que não são propriamente erros, mas coisas que nos deixam um pouco desconfiados quanto ao uso e abuso do que se faz da proposta freudiana. O que faz lembrar o meu caro Wittgenstein, que chegava a se dizer às vezes um verdadeiro discípulo de Freud, mas que achava a psicanálise uma coisa extremamente perigosa, dado o uso que se possa fazer dela contra as pessoas. Assim como, por exemplo, armas nucleares, etc. – ao invés de ser a favor da humanidade pode ser contra.

Cathérine Millot, então, diz, p. 20 da edição francesa, que “Freud executa aqui uma reversão total do problema” – no caso, o problema da repressão, da fabricação de recalques, etc. “Não é a moralidade que estaria na origem do recalque da sexualidade, mas é da natureza da pulsão sexual que proviria a moralidade. Não é a moral que, perturbando a vida sexual, seria a causa das neuroses, mas é porque a sexualidade é por essência perturbadora que a moralidade possui a força de que a neurose dá testemunho. A moralidade não é senão uma, entre outras, das armas de que os homens se servem para se defender de sua sexualidade”. Acho isto extremamente perigoso. Não há a menor dúvida e nem se está discutindo o fato de que é da natureza, como diz ela, da construção, da estrutura da pulsão que esta se depare com um impossível colher o objeto. Impossível este que corresponde, segundo meu Esquema, a um impossível de o Haver colher o Não-Haver. Isto dá, sim, fundamento a qualquer conceito de recalque e serve de base para que o exercício de determinado discurso de censura produza um reforçamento do que é da ordem da neurose. Mas assim colocado me dá uma impressão de certa demissão.

Mesmo que Freud tenha descoberto que há um fundamento estrutural para o recalque – que quis chamar de recalque originário –, que existe algum centro de chamamento, de gravidade, que acolhe as produções de recalque, isto não impede que tenhamos a noção clara de que não há recalque, ou seja,

recalcado, sem recalcante. Isto é simplesmente impossível. Se há um ponto de gravidade que possibilita os recalques que faço, é simplesmente um ponto de ignorância, pois é preciso traçar limites para se começar a fazer alguma coisa. Este é o dilema fundamental da espécie. Dilema que é da mesma ordem da formação que é, por exemplo, a chamada transferência. Ou seja, sem determinada formação de base, em determinada organização de sentido numa certa significação, é impossível que um sujeito venha a dizer da sua estrutura alterada, sua estrutura de Outro, sua estrutura inconsciente. Mas essa mesma condição que possibilita que o sujeito venha a dizer, destrói, dificulta, pelo menos, que o sujeito venha a dizer. Assim como a transferência é condição *sine qua non* da análise, é ela própria que estraga a análise. Não podemos, então, deixar de lembrar que o apego de um sujeito, na sua história, a determinadas construções como, por exemplo, uma língua, uma cultura, essas coisas todas dentro das quais poderá dizer do seu funcionamento como falante, como deslizante de algum sentido, esse mesmo apego é que o aprisiona. Se há recalque, há recalcante, e a relação do recalcante com o recalcado é aquilo que Freud chama de censura. Há analistas que dizem: “Isto tem um recalque, está recalcado”. Onde? Como? O que recalca isso? É preciso lembrar que se alguma coisa não comparece a não ser por via de retorno disfarçado, etc., é porque há uma outra que barra, e não porque foi jogada para lá. Há outra coisa que se repete aí. Toda vez que aquela tenta entrar, esta diz *não*. Esta formação recalcante é a formação censora do recalque.

O simples fato de a sexualidade humana ser, para Freud e para nós, o núcleo das formações defensivas porque a sexualidade não encontra condições de se recuperar numa *pax* absoluta da morte, dada a estrutura mesma da pulsão de morte que é de vida, que é devida, isto não impede de modo algum que se faça a crítica dos processos recalcantes instalados na cultura, na educação, na língua, etc., que são absolutamente condição *sine qua non* e, por isso mesmo, abomináveis. Acho, então, que apresentar a coisa desse modo como Cathérine Millot faz é demissionário, é evitar confronto com a cultura, como Freud não evitava. É evitar tratar do mal-estar dentro dessa coisa

abominável que é: *sem* isso não é possível dizer; *com* isso sempre se diz mal, pois isso atrapalha que se diga. A psicanálise *tem* que ficar no embate com esse lugarzinho intermediário que é: “Sei que sem uma língua não posso dizer, mas sei que uma língua é uma pobreza sintomática”. Ao passo, então, que uns, tipo Reich, Marcuse, etc., tomam a chamada de Freud para o malefício do excesso de repressão como uma grande revolução, como se fosse nos entregar a liberdade sexual; outros (não Lacan, pois não me parece que ele tenha feito isso, mas discípulos seus) se apegam a determinadas coisinhas para dizer que não adianta fazer nada. Adianta sim! Não é possível a absoluta liberdade sexual, porque o sexo é alguma coisa difícil, árdua, que aponta para o impossível, mas isso não impede que se queira *instituir* a liberdade sexual. Lacan definiu muito bem o que é liberdade: um aumento de possibilidades. Um sujeito falante é tanto mais livre quanto mais línguas tenha à disposição para a fala. E esta definição a psicanálise pode dar, sim. Ou seja: quanto mais sentido, maior liberdade. A liberdade é a ampliação do Campo do Sentido do falante. Dizer, então, as coisas desse modo - embora jamais possa acusar a moça de ter dito isso, mas me parece embutido na medida em que o outro lado não é reforçado – é simplesmente ficar um pouco do lado do “as coisas são assim, a sociedade é assim, a cultura é assim, a família é assim. Mas o Inconsciente não tem tempo, não tem unidade, não tem sexo, não tem pátria, não tem família...”

\* \* \*

Vejamos outra frase, p. 24. “O homem seria doente do infantilismo de sua sexualidade. Infantilismo, quer dizer, predominância das tendências perversas da sexualidade e, portanto, das zonas erógenas não genitais. São essencialmente essas tendências perversas que são atingidas pelo recalque na neurose e que estão na origem dos sintomas: ‘A neurose é o negativo da perversão’.”. Por que chamar essa recaída de infantilismo quando é estruturismo? Quando Freud mostra que a neurose é o avesso da perversão, é no sentido de que os movimentos pulsionais – que, como sabemos, estão



embutidos na ordem simbólica, pois não há pulsões sem ligar no simbólico – são exatamente os que, nos padrões significativos de uma determinada cultura, língua, jargão, são recalcados no confronto com a alteridade de sujeitos outros que têm esta ou aquela vertente pulsional mais acrescida. Então, infantilismo por quê? Porque Freud designou que, na criança, o movimento pulsional é solto, ainda não sofreu as aparas do processo recalcante da pedagogia universitária e sintomatizante? Isso é pura besteira, e a frase fica numa ambigüidade extrema. Predominância da tendência perversa e, portanto, das zonas erógenas não genitais. Como, se a zona erógena nunca foi genital? Ninguém trepa para fazer neném, em nenhuma cultura. Portanto, não é genital, é gozal. É um gáudio que está sendo expresso. Repito que não se poderia pegar um texto desse e afirmar que não tem defesa, mas o fato de dizer assim, a meu ver, é concessão de um ponto de vista da psicanálise ao ponto de vista do comportamento cultural. Não se deve dizer assim, pois já é deseducar, é falta de educação psicanalítica. É aquilo que chamei, da vez anterior, de covardia e que Lacan disse que é da estrutura da tristeza. Não é assim que a psicanálise deve falar, pois não há aí infantilismo nenhum.

É da estrutura do pensamento burguês ocidental supor, pelo menos a partir de Jean-Jacques Rousseau, já que estamos no campo da educação, que a criança é um ser diferente, imaturo, não sei o que mais, e que deve ser tratado na sua especificidade. Não era assim antes e espero que deixe de ser. Não vejo nenhuma especificidade na criança a não ser certa fragilidade, certa ignorância, certa coisa dessa ordem que encontramos perfeitamente no mundo dos adultos. Essa paranóia tipo Rousseau não me convence nem na clínica nem na pedagogia. Fez-se uma cisão: a criança é diferente. Então, hoje tem-se o pedagogo infantil, o psicólogo infantil, o médico infantil, não sei o quê infantil, tudo infantil, porque é um mundo à parte. Esse mundo foi criado pela ideologia burguesa em cima do pensamento paranóico de Rousseau para fazer esse melê todo. E quando se fala em infantilismo, na cabeça desses educadores históricos, universitários, etc., isto vai ser levado ao seguinte termo: um sujeito adulto que eventualmente despreza as pressões neuróticas da sua cultura, ele

sofre de infantilismo, é regressão. O conceito de regressão não é e nada tem a ver com isso. Vira a doença infantil da perversão, mas isto simplesmente não existe. O que existe é que a estrutura é pulsional, não pode não ser regrada, mas esse regramento, condição *sine qua non* de ela ser expressa, ser dita, deve ser o tempo todo invectivado por um discurso que seja capaz de o supor estritamente sintomático, ou seja, metafórico. E uma metáfora como estrutura não é uma metáfora como significado. A possibilidade de fazer metáfora, não garante do valor supremo de nenhuma metáfora em particular.

O que tenho contra um texto dessa natureza, sua maneira de expor, é que ele não é clínico. Ou seja, não intervém no leitor com função curativa. E o *texto de um analista deve ser clínico quando falar sobre qualquer coisa. Deve ser direção de cura, dentro ou fora do consultório.*

Aliás, retornando um pouco, embora os reichianos queiram nos dizer que não, o aparelho de necessidade de Reich finge embutir necessidades humanas no movimento pulsional. Isto não existe! Quando comecei hoje escrevendo “navegar é preciso, viver não é preciso”, é no sentido em que a psicanálise dá de que não há necessidades humanas do falante. A psicanálise quer dizer que navegar, estruturar os movimentos de sentido, é necessário, é preciso – e sofre de uma certa imprecisão, mas viver, no sentido das necessidades escritas bioticamente no animal, não é necessidade nossa. Nem mesmo comer é necessidade nossa. Tanto é que o sujeito pode ter a “necessidade”, entre aspas, de comer nada, e fazer uma anorexia. O caso reichiano é de supor que se tenha a necessidade de uma função orgástica universal, que funciona em qualquer termo, até mesmo em termos sublimatórios. É supor que o real seja aquele real instituído no próprio Haver. E mais do que um real humano, é sobre-humano, sobrenatural. O real do animal é estritamente sintomático: ele está limitado àquilo e acabou-se.

Então, criticar esse lado tolo não é a mesma coisa que abrir a guarda para o sistema do bom comportamento da sociedade burguesa instituída. A psicanálise não tem nada a ver com isso. Mas, de qualquer modo, p. 46, ela não deixa dizer que “a censura exercida sobre a fala – quer dizer, a ocultação da

verdade, a mentira por omissão – constitui assim o erro educativo mais pesado de conseqüências”. Assim, está limpa a barra da moça nesta frase, na medida em que, se a psicanálise pode intervir clinicamente na educação, e na medida em que não por mestres terem feito análise, mas pela presença do analista, em qualquer situação, é denunciada, pelo menos, a mentira por omissão, coisa que os analistas evitam a todo custo, fechando-se nos seus consultórios, nas suas regiões privativas.

\* \* \*

Mais adiante, p. 53, temos que “a perversão não poderia ser absolutamente assimilada a uma doença. Em si mesma, ela não é perigosa para o indivíduo, do ponto de vista de sua conservação, pois a questão da reprodução não concerne senão à espécie; e ela não se acompanha de sofrimento a não ser que suscite um conflito psíquico, quer dizer, em definitivo, se associar a traços neuróticos”. O que não é bem o caso, pois é quando um modelo de funcionamento privado de um determinado sujeito começa a ser tratado de maneira repressiva por alguma censura e, portanto, passa ao regime do recalcado: não são “traços” do neurótico, é neurose mesmo. “Ela é, além disso, perfeitamente compatível com as capacidades de ação e de gozo que caracterizam, para Freud, a saúde. Se a perversão deve ser evitada pela educação, é de fato na medida em que é incompatível com as exigências da sociedade” – ou seja, incompatível com as exigências ideológicas de um grupo humano num momento dado, pois “a sociedade” é muito vago –, “que a considera como nociva. Ela resiste, aliás, a todos os esforços terapêuticos, inclusive à psicanálise no caso em que o indivíduo não entre em conflito com ela”. Isto é uma tônica. Enquanto não se faz a distinção, como já tentei, entre perversão – cujo melhor nome seria *diversão* – e perversidade, a perversão propriamente dita, fica-se neste conflito (de neuróticos, diga-se) com o bobajal a respeito da perversidade. Isto é fundamental tanto na intervenção do analista no campo de sua clínica particular quanto da clínica psicanalítica geral dentro do mundo.

Não há nenhum motivo, nenhum mesmo, para, a não ser no caso de perversidade estrita, se deixar de fazer a cura da neurose em que um sujeito cai por ação censurante de perversidade social negando a possibilidade da perversão particular. Porque esse aparelho censor descamba necessariamente não para um mero aparelho de censura no sentido de neurose, mas, no nível social, de um produtor de recalques para um negador de existências, que, aí sim, é perversidade. Sei que a dificuldade é enorme. Como lidar com aparelhos de significação dentro de uma sociedade e de manifestações particulares? Mas quem escolheu a psicanálise para pensar sabe que tem que andar nesta corda bamba. Que se vire! É seu drama particular.

Chegamos aí a uma questão importante: a diferença entre *Verdrängung*, o recalque, e o que se possa criar no manejo do discurso, aquilo que Freud quis chamar de *Urteilsverwerfung*, cuja tradução verdadeira é *juízo foraclusivo*, que se costuma chamar de julgamento ou juízo de condenação. Mas, como continua ela, p. 65, “uma das tarefas do pensamento é reconhecer os desejos para examinar sua contabilidade com exigências da realidade exterior. A condenação pelo juízo, *die Urteilsverwerfung*, quer dizer, um processo de pensamento consciente, deve substituir o recalque, no caso em que se revelassem incompatíveis. É isto que visa obter o tratamento analítico”. Perfeito! Agora, como vamos fazer a distinção, para um sujeito em estado de cura, de cuidado analítico – que não é um estado de direito, é um estar *bien guéri* – entre o que é uma ação sua dependente de um recalque (e, portanto, neurótica) e o que é uma ação sua dependente do jogo de cintura, dado que há feras ao redor, que podem ser mais ou menos bravas. Como fará ele a foraclusão de determinado elemento, porá fora do processo, de maneira a poder sobreviver a esse embate? São duas coisas completamente diferentes. No sentido da clínica, seja ela de divã ou geral, no seio da excitação de qualquer coisa, o importante a ser atingido – e que tentei mostrar pelo circuito através dos discursos, na sua abstração, da vez anterior – é justamente a competência, a capacidade, em suma, o *poder* que tem um sujeito de operar, se necessário foraclusivamente, com todo o juízo que possa fazer de uma situação, e não no

aprisionamento de um recalque que fará com que tome decisões com bases neuróticas e, portanto, não com base repressiva, que é base de sujeito capaz de percorrer os discursos.

Será que por essa via dá para pensar os modos de aplicação da Clínica no geral? Qual deve ser a presença do analista, por exemplo, no processo educativo, de maneira que fique explicitado para um outro – até por vias de razão, de entendimento – que há alteridade, ou que há, por exemplo, neurose no processo, e que, embora ele possa – no sentido de poder – agir deste ou daquele modo, talvez não deva? Ou seja, opera-se a forclusão de determinado ato, ou de determinada perversão, como quer a Cathérine, na medida em que isto possa causar um efeito danoso maior ainda sobre ele. E isto é princípio de realidade: juízo de forclusão é lembrança de princípio de realidade, o qual não foi feito a não ser para defender o princípio do prazer, o prazer do princípio. Girando, então, dentro desse circuito, ao invés de estar com juízos carimbados sobre os sujeitos, está-se na dialogação desses discursos, na possibilidade de, como tentei mostrar da vez anterior, em todo e qualquer discurso, chegar a um ato abstrante, na medida em que cada um dos discursos – suspensa a sua razão sintomática, ou seja, metáfora dada, e mantida a sua razão sintomatizante, ou seja, metáfora sempre por se fazer – tem uma força extrema da mesma natureza que a do discurso psicanalítico.

A psicanálise não está toda no discurso psicanalítico. O que Lacan quis chamar assim não é, se chegarmos bem a fundo, senão o discurso que escreve o que acontece na interpretação: destacamento de  $S_1$ . É o *discurso da separação*, que é o discurso da interpretação no sentido analítico. São *modus agendi* do analista na distinção, na separação da metáfora que está contida num determinado dizer, ou seja, no modo como um sujeito diz o seu desejo. Mas em sua abstração, o discurso analítico não é senão a interpretação, aquela que Freud destacou. Ou seja, que em qualquer coisa que se diga, que se sonhe, de que se tenha um enunciado dado, o que corre por trás como interpretado é ali o desejo que está em jogo. Não um desejo, mas o desejo, que se diz através de *um* desejo. O discurso analítico, como disse da vez anterior,

não é senão o discurso do desejo, do desejar. Assim como o discurso do mestre é o discurso do gozar. O discurso da histérica, na sua abstração, é o discurso do saber (verbo). E o do universitário é o discurso do ser (verbo). Tudo isto é no sentido de indicar que, para além das nossas idiossincrasias e cacoetes de consultório, há a intervenção *clínica* do mundo.

\* \* \*

Vamos às teses que a senhora autora do livro apresenta, p. 127: “Queríamos mostrar: (1) sob que desconhecimento repousam as teses daqueles que, ao contrário da teoria freudiana da natureza essencialmente repressiva da educação, tanto quanto da civilização, acreditaram na possibilidade de uma sociedade e de uma educação não repressivas; e de uma liberação sexual do indivíduo, graças a uma reforma da educação e da sociedade”. Ela quer demonstrar que é ao contrário da visão psicanalítica de que educação e civilização são essencialmente repressivas, a vontade dessas pessoas que querem a possibilidade de uma educação não-repressiva e de uma liberação sexual do indivíduo, graças a uma reforma da educação e da sociedade. Acho isto uma besteira, pois essa vontade traz exatamente o que Freud nos prometeu, que se a psicanálise não pode extirpar o mal-estar, deve trabalhar para diminuí-lo. Se não, ela não tem o que fazer aqui. Se ela só veio para explicar, ninguém precisa de explicação para continuar na merda. Ainda que fosse uma explicação, deveria servir para alguma engenharia de como desatolar-se um pouco da merda para, pelo menos, ficar abaixo do queixo e não a ficarmos engolindo a toda hora. Acho um pouco repulsivo esse tipo de proposta porque o fato de eu entender que o fenômeno do recalque tem base construtural, não me impede, como não impedia Freud, de dizer que justo por isso posso trabalhar no processo da desestruturação de certos recalques secundários. Quer dizer, vai aí nessa tese, em função de um recalque originário, a colher de chá para todo tipo de recalque secundário, quando exatamente é função da psicanálise prometer a possibilidade de uma sociedade e de uma educação, ao menos, menos

repressivas, se não, não-repressivas, e de uma liberação sexual do indivíduo. Por que não? A liberdade não é a porralouquice, e sim a amplitude de possibilidades, pura e simplesmente.

Quer dizer, se a veemência reichiana ou marcusiana pecam de um lado aliás, nem sei se Marcuse pensa bem assim, ou se é o tipo de leitura que se fez dele: pelo que li, há erros graves, sim, mas há também o reconhecimento da impossibilidade de se fazer uma abertura de cancela, pois que seria, no mínimo, uma esquizofrenia generalizada. Os recalques secundários necessários para uma formação de sentido aqui e agora não são válidos senão *ad hoc*. É por uma inércia dos discursos que essa invenção *ad hoc* se transforma em invenção de *status quo*. A psicanálise está sabendo que essa produção *ad hoc* é condição *sine qua non* para o dizer, mas que não é mais do que metáfora produzida no sentido de se poder dizer. A psicanálise vive nesse interregno: não pode dar o braço nem à porralouquice daqueles que acham que se pode abolir a invenção *ad hoc*, nem àqueles que acham que podem fazer consistir a prática social na perenidade das invenções que foram dantes meramente *ad hoc* também. E aí está o vigor clínico do analista no mundo.

• Pergunta - *Quando Lacan faz a distinção, em Télévision, entre recalque e repressão, é importante notar que ele diz que sempre se considerou que o recalque era efeito da repressão. Na verdade, pelo menos nos momentos em que Freud mostrou, a repressão era efeito do recalque. Ou seja, a psicanálise atingindo a questão do recalque, também atinge a repressão. E é isto que Cathérine Millot está denegando.*

E isto fica denegado na medida em que uma certa covardia, uma certa tristeza, a falta de alegria, de *Freude*, no campo da psicanálise, não faz outra coisa senão dizer: “Então, o que vai se fazer? É assim mesmo...” Não é assim mesmo, não! Você acabou de apontar o que está embutido na frase de Lacan e que se evita, que a repressão é possível porque há recalque originário. Mas o recalque secundário é instado no retorno da repressão. Então, na medida em que mexo na estrutura do recalque, é a repressão que segura. O nome verdadeiro

da repressão é a censura armada. A repressão é a censura com poderes. A censura é a estrutura do recalcante. Se você quiser acreditar no meu Esquema Delta, há uma censura impossível de ser transgredida, a qual pode ser tomada no campo da terminologia freudiana do conceito de recalque, como recalque originário. Mas o que não pode ser ultrapassado, é que está censurado passar pelo Não-Haver. O “proibido” é o nome que eventualmente se deu ao impossível. E como esse nome tem que estar numa língua, tem que ser metáfora, sintoma. Mas por que o sintoma deve ser perene? Por que não posso trocar de sintoma uma vez por semana, como se troca de roupa de cama, ou de qualquer coisa assim? *Roupa suja se lava na casa do Outro.*

Estou lutando contra esse modo de colocar as coisas. Repito que fica difícil fazer acusações a esse autor, porque há maneiras de se sair disso, mas o modo de operar essa dica indicia uma certa rendição. O analista não deve falar deste modo porque, com isto, está evitando ser interpretativo do campo do Outro, fora do consultório.

Continua ela querendo mostrar também “(2) qual é a natureza da oposição radical entre o processo educativo e o processo analítico, e a da impossibilidade de estrutura da utilização do saber obtido na experiência analítica nos quadros da relação pedagógica”. Ela está dizendo que há uma oposição radical entre o discurso analítico e o discurso pedagógico, e que é impossível pegar o que se aprende daqui e levar para cá. Isto, penso eu, já deixei claro que é nada mais nada menos do que uma besteira. O discurso, a prática, a existência da psicanálise, na sua parciaridade, na sua parcialidade de discurso analítico, ou seja, discurso de interpretação, de separação de uma metáfora, etc., não é toda a psicanálise. E muito menos o discurso pedagógico é o discurso universitário, e menos ainda o discurso universitário assentado numa sintomática dada. O chamado discurso universitário elevado à condição de abstração, para além de mal e bem de qualquer sintoma, tem também seu grande valor de distinção da função catóptrica, e da função Um no Todo, que está na cabeça de Parmênides e Heráclito.



A verdade de todo e qualquer discurso educativo é a verdade da transmissão e da repetição, e não a verdade de *tal* discurso. Não há discurso da pedagogia. Não há discurso da educação. Não há discurso da psicanálise. Há o discurso chamado analítico, que é o da intervenção. É o processo da transmissão que está em jogo. Transmissão do *corpus* da psicanálise, transmissão de qualquer coisa, isto é que é pedagogia. Posso, então, ter uma pedagogia histórica, uma pedagogia analítica, uma pedagogia magistral, uma pedagogia universitária...

Mas ela quer mostrar também “(3) as conseqüências dessa oposição no que concerne às relações entre a educação e a psicanálise de crianças”. Não interessa se é psicanálise de crianças ou de adulto: a distribuição profissional, profissionalizante, de analistas é uma besteira profissionalizante: nada tem a ver com a psicanálise. A criança é um hominho, com determinadas deficiências, às vezes menores do que a de certos homens que conhecemos.

Enfim, diz ela: “(4) retomar, à luz do que precede, a questão da possibilidade de uma pedagogia analítica a partir do exame das tentativas pedagógicas que se referenciaram à psicanálise”. Lá adiante, ela quer mostrar que tudo quanto é pedagogia que faz referência à psicanálise é besteira. A única coisa que a psicanálise pode fazer pela educação é analisar os educadores. E isto é incompatível com o momento clínico que estou colocando. Isto, aliás, já está no pedagogismo moderno, dentro de certas salas anquilosadas do sistema escolar, cheio de psicólogas, fazendo “orientação educacional” dos coitadinhos dos professores. O resto é tudo neurótico. Elas não, mas só por definição. Quando, na verdade, são a neurose da psicologia instalada como regrante e antepenúltima instância do processo educativo: depois delas ainda vem o psiquiatra e a polícia. O que não conseguem resolver, vai para o psiquiatra; o que este não consegue “grampear”, vai para a polícia. Então, é apenas um minueto institucional. Não estou dizendo que a gente vá chegar lá e resolver os problemas. Mas não resolvê-los e sabendo da sua impotência não é a mesma coisa que dizer que ela não existe e se demitir de continuar enfrentando.

\* \* \*

Tomemos o que está na página 137, em que ela está tratando de certas especificidades da psicanálise: “ ‘em qualquer outro tratamento sugestivo, a transferência é cuidadosamente disposta e deixada intacta; o tratamento analítico, ao contrário, tem por objetivo a própria transferência que ele procura desmascarar e compor qual seja a forma de que ela se reveste. No fim do tratamento analítico, a própria transferência deve ser destruída, e se se obtém um sucesso durável, esse sucesso repousa não sobre a sugestão puro e simples, mas sobre os resultados obtidos graças à sugestão: supressão das resistências interiores, modificações internas do doente’ (Freud). A psicanálise procede, para retomar uma expressão de Leonardo da Vinci” – e é aqui que quero mexer –, “por *via di levare*: suspensão dos recalques, destruição da raiz da transferência, e não utiliza a sugestão senão com este fim. Ao passo que os tratamentos fundados sobre a sugestão, estes, procedem por *via di porre*, por acrescentamento”. É muito bonitinho tomar essa distinção de Leonardo no que diz respeito principalmente à escultura, que, feita com massa, vai-se adicionando e construindo a forma; e, feita com cinzel num bloco de pedra, vai-se retirando e dali vai nascendo a forma – os dois processos acabando numa forma bastante explicitada pelo escultor. Ora, é absolutamente falacioso que a ação clínica do analista só funcione por *via di levare*, na medida em que ela coloca a sugestão que é feita no sentido de acabar com a transferência, de levantar o recalque, como sendo tirar. Ela colocou porque quis, pois, freqüentemente, o analista, como Leonardo, trabalha ora por *via di levare*, ora por *via di porre*. Isto porque, na medida em que se tenha eventualmente que lutar contra um determinado aparelho de censura que lá esteja em vigor, pode-se, nessa região inconsciente do sujeito, fazer entrar por via de Revirão o oposto do que se está censurando. Ou seja, criar a suspensão neutralizante por colocar lá uma oposição que não tinha entrada, justamente porque um dos alelos coibia a entrada do outro. Cai-se, então, nesses engodos, na euforia de começar a tirar. Mas com que máquina, com que bomba de fazer vácuo? Não

há possibilidade de se ficar chupando, analisando o tempo todo até ele esvaziar, pois o vazio freqüentemente se constitui por acrescentamento. Quero eu supor que, dada a natureza, a construção dos processos psíquicos, muito ao contrário, é mais por *via di porre*: dá-se logo um porre de significantes no analisando de maneira que permita entrar justo o que a censura não permitia entrar na sua computação de dados. São *inputs* proibidos de aparecer na sua fala, ainda que às vezes estejam imputados à sua região inconsciente, só retornando por via de sintoma explícito.

A crítica que estou fazendo pode parecer tola, mas tem conseqüências importantes. Se por *via di porre* posso intervir analiticamente, pela mesma via posso também intervir analiticamente fora do consultório: no jornal, na escola, etc. Isto na medida em que alguém atravessado pela prática analítica pode dizer em dada situação: “Por que não aquilo, se isto?” É exatamente onde está a questão que ela colocou lá atrás, do pecado por omissão de verdade. De repente, o analista está diante de um neurótico, cuja função neurótica não é senão a omissão, por recalque, de determinado lado da questão, o qual só vai comparecer sintomaticamente. Vemos isto todo dia na prática familiar, escolar, jornalística, etc. Onde o analista tem que se precaver, sim, é que entrar com essa via de colocação do que não se explicita no discurso, pode lhe custar caro. Mas não vamos confundir prudência com covardia. Por que, então, não colocar que perversão pode ser expressa, sim, mas é preciso cuidado, pois os “animais” costumam morder quando se faz isso? Isto é dizer que o sujeito tem suas impotências, mas não é esconder a possibilidade de dizer a verdade que está em jogo.

Mais adiante, p. 160, ela começa a combater toda e qualquer pretensão de intervenção na via educativa pela psicanálise. “Não pode haver aplicação da psicanálise na pedagogia”, diz ela, em cima daqueles conceitos anteriores. Mas, em cima dos conceitos e do manejo que estou fazendo, pode e deve haver intervenção da psicanálise na educação, na pedagogia. Uma das coisas que ela diz, para sustentar isso, é que “não há mestria senão do ego, ora, isto é uma mestria ilusória”. Isto é uma babaquice evidente. Como não há mestria

senão do ego? Que história é essa? Não está dito em lugar algum que o discurso do mestre seja fundamentado em nenhum ego. Não há ego escrito no matema. O fato de qualquer mestria ser ilusória é na medida em que está esteada não no valor fálico do desejo puro e simples, mas no valor sintomático de um  $S_1$  do mestre. É isto que põe o ilusório. O fundamento do desejo que ali está em jogo não põe o ilusório, e sim o impossível. Há um certo limite de possibilidade e há o ilusório da função sintomática de determinado mestre, mas de ego? E esta tese foi aprovada no Departamento de Jacques-Alain Miller em Vincennes. Quando há interesse, tudo bem. Não foi por menos que tive a minha primeira briga lá. Naquele tempo, Madame Solange Faladé era intocável. E disse besteira num artigo seu. Eu fui gozar e me ferrei. Hoje, lá, Madame Faladé é só uma crioula que não vale nada...

Estou tomando este livro, não porque o ache importante, e sim porque *se tornou* importante. Virou o livro que tem a escola francesa de psicanálise, enquanto descendente da Escola Freudiana de Paris, no que diz respeito à educação, e como ninguém disse, escreveu, mais nada, fica todo mundo repetindo que a psicanálise nada tem a ver com a educação. Tem tudo a ver! Não fujam da raia!

\* \* \*

No parágrafo final do livro, p. 168, temos que “o único ‘progresso’ que a experiência psicanalítica autoriza esperar é, segundo o termo de Freud nos *Estudos sobre a Histeria*, a transformação de nossa miséria neurótica em uma infelicidade banal, e a de nossa impotência em reconhecimento do impossível”. Está errado. Freud insistiu, e não só nos *Estudos da Histeria*, mas também depois no *Mais Além do Princípio do Prazer*, etc., que teríamos que lutar pela diminuição de um mal-estar impossível de ser eliminado, sim: mal-estar no artifício, no simbólico. Além disso, ainda há mal-estar na natureza, tudo isso que, através desse próprio simbólico, é transformado em simbólico e vira o mal-estar na cultura e no artifício: qualquer mordida de mosquito, qualquer

hemorróida ou dor de dente é mal-estar na cultura. E a psicanálise aí está para tentar diminuir isso.

E tenta diminuir também através do discurso da histérica, quando ele funciona bem. Uma ciência bem analisada talvez resolva mais depressa problemas nossos, sérios, como, por exemplo, a relação da benesse da eutanásia no momento correto. Coisa que o cristianismo não permite que se toque, porque é uma neurose obsessiva. Falta análise no campo da ciência, e no campo da prática médica... Contrariamente à “transformação de nossa miséria neurótica em uma infelicidade banal” acho que se tem que transformar miséria neurótica no máximo de felicidade possível. Ou seja: no máximo de falicidade humana, como mostrei que é o que está escrito no  $S_1$  do discurso analítico. “E a de nossa impotência no reconhecimento do impossível”. É fundamental que se chegue ao reconhecimento do impossível, mas é preciso lembrar que muitas das nossas práticas são meramente dependentes de alguma impotência, e que é preciso aumentar a potência. Se não há progresso *sub specie aeternitatis*, se a energia do universo, como demonstra a física contemporânea, é igual a zero – por isso não há progresso dentro do universo –, nas suas regiões, que não podem ter a pretensão de abarcar a sua totalidade, existem pequenos, mas eficazes, pelo menos momentaneamente, progressos a serem efetivados. Não vou, então, bancar o analista para ter uma bela impostação social, muito chique, mas na hora de enfrentar o cotidiano das pressões, abandonar os interessezinhos cotidianos que me dão essa pose, e passar para o *sub specie inconscientis*, e dizer no ato que não é possível fazer nada. É possível, sim, pois que o impossível fica um pouco mais longe do que aquilo a que me reduz a minha impotência momentânea.

• P – *Há uma certa ironia muito importante nesse dito de Freud sobre fazer com que um sujeito possa passar da miséria neurótica à miséria banal. Antes disso, ele dissera que a psicanálise pode fazer com que o sujeito adquira realmente a sua capacidade de amar e de trabalhar. Há uma ironia em jogo aí, nessa miséria banal, e é preciso notar a potência que ele atribui à psicanálise.*

São essas prisões de que sofremos no discurso obsessivo de certas religiões. Fico, por exemplo, extremamente simpático a um Philippe Sollers, que escreveu um livro chamado *Paraíso*, que é a demonstração de que nunca saímos ou fomos expulsos do paraíso, o qual sempre foi circular: não adianta expulsar pela porta que se cai do mesmo lado – aliás já falei disso aqui. Estamos no paraíso. Existe outro? É isso que é a miséria, se é que miséria é, que acho paradisíaca, de poder trabalhar, fazer, dizer, etc. Só se é expulso deste paraíso quando se é neurotizado. O paraíso é a faticidade geral, para além de bem e mal.

\* \* \*

A psicanálise teve a felicidade, ou infelicidade, de ser produzida por um tal de *Freud*, por um tal de *Gay*, em inglês – aliás, o último biógrafo de Freud se chama Peter Gay. Mas quero chamar atenção para o fato de que a produção, por Lacan, da distinção do impossível no campo dos discursos, facilita coisas no sentido de se substituir facilmente a noção de impossível pela de impotência. Então, ao invés de se dizer que, afinal de contas, impossível não há, pois impossível só o Não-Haver, e o resto é tudo impotência, fica-se brandindo o tal do impossível, dá-se felicidade a todos os obsessivos – as histéricas geralmente não se conformam com isso, por isso sou do partido delas, da ciência, etc. –, à obsessão estatal, religiosa, as quais ficam extremamente felizes por dizerem que não é porque somos impotentes, e sim porque é impossível mesmo. Isto é sub-lacanismo, pois Lacan jamais disse isto. Impossível é muito longe: ninguém chegou nem às beiras de sua impotência. Desafio qualquer um aqui dentro a dizer que já chegou às beiras da sua impotência. O impossível mora muito mais longe.

26/AGO

### 3

## Impasse, Passe, Alforria - 1

Quer me parecer que não é possível resolver as questões mais específicas da *Clínica* sem que se trate fundamentalmente da questão da *Formação do Analista*. Uma coisa está implicada na outra, sobretudo no que diz respeito a analistas alistados por uma Instituição. Portanto, durante algum tempo vamos ficar em torno desta questão fundamental.

Estou lhes trazendo uma re-colocação a ser discutida e gostaria que estudassem algumas coisas na medida em que não irei despendar tempo com informações que já estão à disposição de todos. O livro de Moustapha Safouan, *Jacques Lacan et la Question de la Formation des Analystes*, que já tem edição brasileira, está cheio de importantes informações e reflexões. Gostaria, também, que lessem o 2º volume da *Histoire de la Psychanalyse en France*, de Elisabeth Roudinesco, p. 450 e seguintes, o capítulo intitulado “O Passe: uma cisão ao contrário”. Para aqueles que não tiveram oportunidade de acompanhar de perto ou de longe as historinhas do evento Escola Freudiana de Paris, do evento Jacques Lacan e a invenção do Passe, etc., há muita coisa a saber e que deixarão muitos de vocês estarrecidos, pois não é bem o que se pensa... Portanto, para se ter um mínimo de informação dessas ocorrências na tumultuada história da psicanálise aqui e ali, onde quer que tenha existido, é preciso ler um pouco sobre isso. Aliás, até acredito que existam outras fontes de informações mais ou menos importantes a respeito desses fenômenos... É sobre esse fundo aí que tenho coisas a colocar.

Em algum lugar de seu texto, Safouan chega a mostrar que é impossível o Analista fora da instituição. Ele não diz bem assim, quem está dizendo sou eu. Coisa essa que, a meu ver, tem uma dupla vertente. Não é que não exista Ato Analítico para quem esteja fora da instituição, nem que não exista ninguém capaz de exercer o lugar do analista fora da instituição. Mas acontece que reconhecimento de Analista, reconhecimento de Formação, garantia, sustentação, etc., só situam o analista, em termos do social, de dentro de uma instituição – qualquer instituição, qualquer tipo de institucionalidade que lhe dê um certo aparato de sustentação.

Seja como for, pensar o *Ato Analítico*, pensar a existência de, no caso, “existe pelo menos um”, suponhamos Freud, é diferente de pensar a respeito da inserção do analista no seio dos outros e do seu reconhecimento aí. Isto, a meu ver, é algo que não pode ser dispensado de modo algum. Ainda que se possa fazer reconhecimento na história, como Lacan o faz, de Sócrates, n’ *O Banquete*, atuando como analista etc., isto é, a disponibilidade do discurso do analista, tal como Lacan o escreveu, aí no mundo. O que é completamente diferente de se estabelecer, diante do corpo social, uma funcionalidade do analista – exercendo inclusive uma profissão, etc. –, o que me parece impossível de ser estatuído fora de qualquer tipo de instituição, nem que seja a presença dessa função numa lei em vigor, alguma coisa...

Quero partir de rodas as questões conflituosas na história da psicanálise a respeito do que seja Análise, Formação do Analista, etc... Quero lembrar, como vocês devem verificar nesses textos, que não há nenhuma imposição teórica fundamental no modo proposto para a Formação do analista desta ou daquela instituição. As pessoas fazem proposições e tentam defendê-las de um ponto de vista qualquer, pragmático, teórico, etc. Mesmo a *Proposição* de Lacan, quando se estuda mais a fundo os eventos que a promoveram e seus efeitos, vemos que é precisamente situável num momento histórico, que é situável como funcionalidade política num determinado momento. Não que Lacan estivesse fazendo apenas um jogo de articulações



para sua instituição. Ele estava teorizando sim, mas em função dos aparelhos históricos disponíveis, e num momento dado. Isto é óbvio.

Elisabeth Roudinesco chega a nos lembrar que, de modo algum, Lacan não era maoísta, nem nada desse tipo, mas que a influência dos garotinhos da Escola Normal, entre os quais Jacques-Alain Miller *et caterva*, todos maoístas naquela ocasião, apaixonados pela “revolução cultural” de Mao Tsé Tung na China, teriam oferecido a Lacan uma base de acontecimento, bem como uma base político-teórica de funcionamento, que ele não deixou de aproveitar, instituindo um sistema de nomeação de analistas com base na supremacia radical de um determinado sujeito, chamado Jacques Lacan, e uma movimentação como que hiper-democratizante das bases, tal como se via acontecer na China: a figura isolada e única de Mao Tsé Tung e uma movimentação por baixo dissolvendo os aparelhos hierárquicos de baixo para cima. Entretanto, a coisa não é tão simples assim...

\* \* \*

Vocês sabem que, do ponto de vista do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, já tenho feito diversas proposições através da nossa pequena história. Todas elas aceitas, aparentemente, por unanimidade nas Assembléias, e todas elas muito mal cumpridas, porque tal unanimidade certamente é falsa. De começo, na história do Colégio, simplesmente comecei a colocar em exercício, por imitação do Mestre, o que acontecia nas estruturações da Escola Freudiana de Paris, na *Proposição* de Lacan, aquela democracia exagerada onde vale tudo, basta o sujeito comunicar para ser considerado Analista Praticante, etc. Esta era a base dissolvente de Lacan naquele período. Até que, com o progresso dos acontecimentos, apresentei o último Estatuto – ainda em vigor, embora atualmente sob crítica, esperando proposições de outras pessoas – onde apresentei, e o disse claramente, um império radical – eu disse que estava fazendo um “Estatuto Imperial”. Imperial na medida em que coloquei todos os aparelhos com

certa funcionalidade, passando, em última instância, necessariamente, pela minha mão. Isto tem uma razão.

Os incautos resolveram se assustar com esse tipo de coisa sem fazerem a suposição de que talvez existisse uma razão por trás, sem ao menos se darem conta de que poderiam esperar um pouco, de que poderiam perguntar. Quero suspeitar que as gritas que aconteceram em baixo tom, freqüentemente, aqui e ali, se devem a uma vertente normalmente paranóide das instituições. É claro que, num momento ou noutro, alguns talvez tenham se aproveitado disso para deixar transparecer as suas “ótimas intenções” de “salvar” a psicanálise – que levam diretamente para o inferno da não-existência da psicanálise... Não fiz esse Estatuto, essa estrutura, com nenhuma boa intenção. Fiz apenas com um raciocínio, com uma lógica das organizações. Mas aquilo, acrescentado de imbecilidade, torna-se drástico. Imbecilidade é um problema muito sério. E quando ela é militante, aí é a escuridão absoluta.

A proposta que fiz, e foi aceita, era, na realidade, o primeiro lance de um jogo que pretendia trazer à tona e tentar instituir em três etapas, e de maneira absconsa. Eu pretendia não dizer a ninguém quais eram os lances que estavam escondidos por trás do primeiro. Coloquei o primeiro lance: foi aceito. Se tivesse funcionado, ou viesse a funcionar, rigorosamente, numa espécie qualquer de confiabilidade em relação à minha direção na condução dos acontecimentos, ou, pelo menos, à minha direção da cura do Colégio, houvesse aquilo funcionado minimamente, eu chamaria a Assembléia para o segundo passo, o qual, funcionando minimamente, me daria oportunidade de chamá-la outra vez para o terceiro passo que, a meu ver, seria o passo final, instituindo, para o Colégio, sobretudo, a questão da Formação do Analista e sua situação dentro da instituição de uma maneira que me parece verdadeira, razoável, difícil, mas a única que, talvez, venha a ser acertada algum dia em alguma instituição, se a “neura” e a burrice permitirem. Isto não foi possível, porque – não estou dizendo todos, mas alguns, mais ou menos recalcitrantes, menos reflexivos talvez – criaram um processo de “impossibilidade”.

Eu não queria dizer o passo seguinte, porque, a meu ver, isto prejudicaria o processo. Não prejudica necessariamente, mas se o processo fosse no desconhecimento de seu final, daria uma coerência interna à instituição de votar num determinado caminho e encontrar o seu apogeu, lá adiante, sem ter tido a promessa anterior de certas prebendas que podem parecer interessantes no percurso. Então, ao invés de mostrar que daria os tais passos, que no final ficaria tudo equilibrado e as pessoas ganhariam isto ou aquilo, para não aparecer esse ganho, eu não quis mostrar os passos. A coisa não é impraticável mesmo mostrando-se os passos, mas já se torna oferecida nessa medida em que acaba ocultando para as pessoas um nível de disponibilidade que elas deveriam ter espontaneamente no percurso. Além do mais, não deixou de ser sem eficácia na medida em que tendo escondido esses passos eu tenha provocado certas explosões e certas separações no seio da instituição que, embora me pesem, ao contrário de me serem ingratas, até me são gratas. Significa isto que aqueles que não estão disponíveis a votar num determinado percurso fazem mais e melhor em estarem longe mesmo, porque inimigo íntimo é pior do que inimigo distante.

\* \* \*

É preciso entender que Lacan não é Deus e nem, tampouco, o cara que acertou de uma vez por todas o que é a psicanálise. É um sujeito de capacidade que costumamos chamar de genial, articulando as suas possibilidades diante de um tumulto, de uma pressão extrema. Ele articulou, por exemplo, algo que me parece da maior importância na história geral passada, presente e futura da psicanálise, ao dizer que a psicanálise é a pergunta: “O que é a psicanálise?”. Que ela só se sustentaria fora dos saberes adquiridos, no movimento de suspensão do conhecimento, da *produção* da ignorância. Ele esclarece muito bem que não está pedindo que se seja ignorante, e sim que se *produza* a ignorância para além do saber já adquirido. Pois se a psicanálise vive em função dos movimentos inconscientes, este Inconsciente que absorve

os conhecimentos e se transforma nesse percurso, portanto, torna-se competente a ludibriar outra vez os conhecimentos já adquiridos. Ele chama atenção, então, para o fato de que a psicanálise só se sustentaria como tal no seu vigor, na medida em que se tornasse *sendo*, ela própria, a pergunta: “O que é a psicanálise?”.

Isto, meus caros, é da maior importância, da maior gravidade. Se a psicanálise é essa pergunta, ela não pode ficar o tempo todo apenas se perguntando, ou aqueles que lidam com ela não podem só viver se perguntando isso, se não ela vira um teatro do absurdo que não vale nada. Na verdade, quando a gente se pergunta o que é a psicanálise, a gente dá uma resposta. O que acontece é que essa resposta se torna sempre precária, e provisória, na medida em que a definição da psicanálise é “o que é a psicanálise?”. Mas a resposta *vem*, e é preciso ser posta em exercício para que a psicanálise seja aquilo, no momento da resposta, e deixe de sê-lo no momento da pergunta, que se repete depois da resposta. Se isto é verdadeiro, temos que lembrar que os ditames do próprio Lacan, que enunciou que a psicanálise é a pergunta “o que é a psicanálise?”, são para ser repensados e comparados com essa definição da psicanálise. Jamais ocorreu a Lacan que a psicanálise fosse a baboseira que ele conseguiu responder a respeito dela. Apenas lhe ocorreu que, no momento preciso da sua enunciação, lhe parecia, como a muitos pareceu, que a psicanálise não poderia ser outra coisa senão o que dissera Jacques Lacan naquele momento, e que ninguém o dissera melhor.

Alguém responde a essa pergunta e essa pergunta resulta numa espécie de definição do que é a psicanálise e, portanto, do que é o analista. Essa resposta dada aqui e agora, e que dura o tempo que durar, certamente é autorizante e do conhecimento a respeito da psicanálise, ou seja, da teoria psicanalítica, e daqueles que se julgam capazes de ocupar o lugar de um operador analítico. “O analista só se autoriza por si mesmo” é uma frase lacaniana que tem a maior importância na medida em que é o Ato Analítico, aqui e agora, que funda o analista. Na medida, também, em que, no processo, segundo Lacan, de passagem de analisando a analista, esse movimento se dá numa solidão radical, apenas a

ser, eventualmente, segundo ele, reconhecido por aqueles que possam contar dessa experiência para quem a possa ouvir. O que não significa de modo algum que o analista, dito profissional e assim nomeado, se autorize por si mesmo. Isto não é válido. Se existe analista carimbado, indicado por uma instituição, por alguma coisa, disponível profissionalmente, etc., ainda que ele esteja na sua solidão no Ato Psicanalítico, não é por si que ele se autoriza, de modo algum.

Estou fazendo esta crítica na medida em que disse o que disse anteriormente. Se a psicanálise é a pergunta “o que é a psicanálise?”, e se alguma resposta sobrevém, é esta resposta, aqui e agora, que autoriza o analista. Estou querendo dizer com isto que não acredito em analista solto, livre. Nada mais preso do que um analista, porque sua liberdade é de caminhar livre e à vontade dentro da sua prisão – *e o psicanalista só se autoriza por sua Escola*. Ou seja, é autorizado por ela. Há duas posições para defender este ponto. A Escola que autoriza o analista é a Escola da qual ele tem sua formação, à qual ele deve ter demonstrado saber e poder fazer funcionar seu *paradigma* na teoria e na prática. Isto diz respeito tanto à Escola Freudiana de Paris, aquilo que chamavam de AME – Analista Membro da Escola – quanto ao que aqui chamamos de AMC, Analista Membro do Colégio. Desse tipo de gente, espera-se que saiba e possa, que tenha o poder e o saber de fazer funcionar o paradigma da sua Escola na teoria e na prática. Ele não saiu do nada. Há um aprendizado em jogo, e uma experiência, que é diferente do aprendizado, dados por uma Escola. Uma Escola não é a instituição Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, ou a instituição Escola Freudiana de Paris, necessariamente. Uma Escola é esse dizer a respeito do que seja a psicanálise aqui e agora, o que vai fazer com que certas pessoas, em cima desse dito, fundem uma instituição que esteja ali para, de um lado, garantir a Escola e, de outro, garantir aqueles que querem garantia da Escola. A instituição, a meu ver, serve para dar existência, presença, a essa Escola, e para formar o grupo que garante que determinado fulano está dentro dessa Escola. Isto não significa e nada tem a ver com nenhum ato de fundação. A outra via de se garantir por sua Escola, é a Escola aí que

ele venha fundar: mudança de paradigma mediante sua resolução, ou revolução, particular na teoria e na prática.

Vejo, então, duas maneiras de dar autorização. Ou o sujeito está na dependência de uma Escola, por exemplo: estar na dependência da Escola de Freud, da Escola de Lacan, no sentido do dito a respeito do que seja psicanálise. Ou o sujeito re-fundar Escola – que, aliás, não é, de modo algum, fundar instituição. Isto qualquer bundão faz: é só ir lá e registrar, e ter mais meia dúzia de bundões para ficar em volta. É, sim, estar na dependência, se não mesmo na escravização, a determinado pensamento e poder, não superá-lo, pois se é uma Escola é insuperável, mas re-fundi-lo, re-dizê-lo. E quando um sujeito re-funda uma Escola – caso, por exemplo, de Jacques Lacan, que, dentro da Escola supostamente freudiana, re-leu Freud e re-fundou Freud, portanto fez Escola –, então, ele se autoriza aí pela re-fundação e pode autorizar outros – não ele, a Escola que ele fundou, pode vir a autorizar outros nesse processo.

Entre essas duas posições, está o analista da sua Escola de origem encaminhando-se para sua própria Escola. Isto também existe. Ele pode estar dentro de uma Escola e estar em processo. Mas, enquanto ele não demonstra a fundação de nova Escola, ele pertence à Escola anterior, ainda que com modificações no tempo. *Ser autorizado por sua Escola é ser reconhecido no seio de sua Escola como alguém que sabe e pode fazer funcionar o paradigma de sua Escola.* Ele pode até tentar desviar, mas não pode não saber fazer funcionar aquele que lhe foi servido. Antes de mais nada mostra que sabe fazer funcionar: quem se meteu a lacaniano que saiba fazer funcionar o paradigma lacaniano. Depois, ele pode entrar em digressão. Simplesmente passar por cima não é possível.

Um analista autorizado por sua Escola, no primeiro sentido – aquele que se autoriza pela Escola –, é o que eu chamaria de um AMC. Um analista que está no terceiro sentido, fundador de Escola, é um verdadeiro AA, Analista Autônomo. (A Instituição ou a Escola pode situar algum AA no segundo sentido, ou seja: já deu conta e está em processo. Mas estas são questões institucionais, e há questões sérias aí, mas para tratarmos mais adiante.) Qualquer Escola no

primeiro sentido serve para Formação de um Analista se, e somente se, há no seu horizonte a Escola no segundo sentido. Ou seja, a Escola sabe que pode até se dizer ser a psicanálise aqui e agora, mas não sempre. Assim, aquele tal AA, que ela produzirá, é aquele que sonha saber e poder defender a tese da sua Escola publicamente. Tese esta que deve ser aceitável por duas coisas: pela via teórica, como paradigma bem-sucedido; e pela via prática, como cura eficaz.

Um Analista Autônomo é apostólico. Ele não pode não ser. Primeiro, ele faz o papel de enviado do seu Mestre-Escola. Depois, ele se torna, eventualmente, ele próprio, um Mestre-Escola. Está em jogo aí a transmissão *e* da teoria *e* da prática, sem a qual estaremos no regime da porralouquice.

Tudo isso aí, quero referendar com apresentações e discussões teóricas.

\* \* \*

Infelizmente, vou ter de contar para vocês o como e o porquê do meu propósito de institucionalização no processo da Formação do Analista – coisa que preferia não ter historicamente que fazer, que preferia que não acontecesse... Porém melou, é preciso contar...

O primeiro passo que dei na institucionalização, com esse último Estatuto, foi no sentido de estabelecer uma sólida e rígida HIERARQUIA no nosso campo analítico. Hierarquia esta que terminava na minha insignificante pessoa, na medida em que *aqui* ela é preponderante – só por isso. Por que a institucionalização rígida de uma hierarquia? Porque quer me parecer – mediante todas as críticas que peço que estudem e tragam da próxima vez para discutirmos - que a distinção entre hierarquia e *gradus*, estabelecida por Lacan, foi para o brejo. Jamais teve conseqüências benéficas, ao ver de muitos e a meu ver, e não conseguiu estabelecer-se. Ou seja, a distinção nítida entre *gradus* e hierarquia não ficou de modo algum estabelecida. De tal maneira que a coisa funcionava na Escola de Lacan em regime de hierarquia subjacente, acabando com nitidez na mão hiper-autoritária do Doutor Jacques Lacan. Graças a Deus, senão ia ser pior. As críticas a esse processo, vocês estudem para discutirmos.

Não vou apresentá-las: já indiquei os textos. Houve uma cisão no momento da *Proposição* de Lacan e apareceu o famigerado Quarto Grupo. E daí para cá existem as mais diversas instituições se prometendo modos mais democráticos e menos democráticos. E esta palavra invadiu os ouvidos das pessoas. Todo mundo acha que democracia é a benesse universal – não sei se é... E se procura juntar os aparelhos sociais das instituições com o conceito da Formação do Analista. Isso tem sido um melê que não tem mais tamanho.

Quero apresentar-lhes, então, certas razões que me fariam dar os outros dois passos. Recebi reclamações imediatas – o que, aliás, considero bastante mais honesto do que não reclamar e urdir fofocas e indiscrições por trás – a respeito de estar tudo centrado na minha mão e acabando na minha pessoa. Isto na medida em que situei que os AP, Analistas Praticantes, aceitos pela instituição, deveriam estar em SUPERVISÃO, ou *controle*, com os AMC, os quais – ainda fui simpático –, desde que aceitassem AP em supervisão – por mim, eles teriam de fazer isso obrigatoriamente, com ou sem supervisão de AP –, deveriam fazer sua supervisão comigo. Isto criou um processo grave, pois algumas pessoas se acharam desautorizadas como analistas, o que me parece – repito – da ordem da imbecilidade. Vou explicar por quê.

Vários teóricos, refletindo a respeito da questão da Formação, insistem, e eu concordo, que o verdadeiro processo de explicitação da sua própria análise estaria subsumido à supervisão. É a supervisão que eu gostaria de reformular por inteiro, na medida em que o modo como a vejo com frequência nas instituições e como comecei a vê-la quando, aqui, num tempo antigo, embarguei que continuasse acontecendo, não é uma supervisão, e sim uma cagação de regras na cabeça dos outros. Mas a supervisão, se concebida na sua especificidade, creio eu que é o lugar adequado onde um analista em prática, seja ele neo-praticante, AMC ou o que for, fala da *sua* análise. É na medida em que ele põe em prática sua escuta de outrem que ele exprime o que acontece ou aconteceu na sua análise. Se houvesse condição de saber quem é analisando e quem é analista, seria através daí que se veria que o sujeito “passou”. Se houvesse, porque não acredito em passe...



O segundo lance, então, depois que funcionasse bem aquele processo, seria o de substituir, no Estatuto, o meu nome pelo de todos os AA. Os AP fariam obrigatoriamente supervisão com os AMC, os quais fariam obrigatoriamente supervisão com os AA que existissem, e não só comigo. Este seria o segundo passo *hierarquicamente* colocado.

Só no terceiro passo eu reestatuiria uma subtroca, que me parece lógica, eficaz, embora perigosa e assustadora para o ego das pessoinhas que “lidam” com a psicanálise. Parece-me ser este o passo verdadeiro, não fundamentado meramente num ato político, e sim em certas serventias teóricas, lógicas, estruturantes, que nos foram trazidas pelo próprio Lacan e nas quais talvez não se tenha prestado muita atenção. Nesse terceiro passo, seria instituído, hierarquicamente - no sentido de *hierós*, de sagração do processo –, um modo de *Formação do Analista* que se dissolveria em sua hierarquia por si mesmo. É a sustentação da hierarquia para que ela se dissolva por si mesma. Ao invés de fingir que não há hierarquia, e que há um *gradus* – essa palhaçada de instituição neurótica, de fingir que se tirou a hierarquia –, ao contrário, na medida em que estamos todos, ainda que só imaginariamente, e não só, pois é simbolicamente também, adscritos a posições cada vez mais englobantes, portanto hierárquicas, devemos insistir, a meu ver, na hierarquia e arranjar um modo pelo qual ela se dissolva por si mesma – que ela funcione rigorosamente e se dissolva internamente.

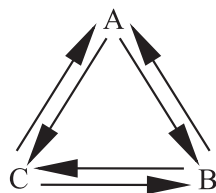
\* \* \*

Tentarei mostrar-lhes agora como e por que esse terceiro passo.

Uma das coisas mais importantes que Lacan nos trouxe foi a aplicação do famigerado Nó Borromeano como estrutura mínima, como tópica do falante. Podemos dizer que o que mais há de essencial por trás da tópica lacaniana – não são as tópicas freudianas de Consciente, Pré-consciente e Inconsciente, ou Id, Ego e Superego –, chamemos de Real, Simbólico e Imaginário ou de qualquer outra coisa, é a necessidade básica de uma *ternariedade* de fundação

engrazada *borrromeanamente*. O nó borromeano me parece ser o matema da tópica estrutural do falante: uma trindade arrumada borrromeanamente. Que Lacan chegou a dizer que é a única *normalidade* que a psicanálise aponta. Um sujeito é normal se está borrromeanamente amarrado nos seus três elementos, sejam eles quais forem. Se quiserem, botem Kant. As categorias kantianas também servem para se amarrar borrromeanamente, apesar de Kant.

Num Seminário um pouco antigo, *Ordem e Progresso*, eu chamava atenção num capítulo intitulado “O Globo da Morte”, para essa estrutura borrromeana e como ela se reverte sobre si mesma. Comecei a fazer a crítica de certo Seminário em que Lacan não deixa de apresentar a reversão pelo avesso, mas fica, a meu ver, um pouco tímido no desenvolvimento disso. Mostrei como o nozinho, estabelecido como esfera armilar, pode ser encarado de dentro ou de fora, ou simplesmente pode se movimentar avessando-se no espaço. Esse avessamento contínuo, essa passagem contínua de dentro para fora, instaura dentro do nó borromeano um percurso moebiusiano. Quer dizer, se aquilo está virando constantemente, não estou nem dentro nem fora, ou estou de qualquer lado. Então, nessas duas vertentes, como existem os dois alelos que tentei mostrar dentro do oito interior, duas posições avessas, aí, também, no nó borromeano, tenho duas posições em avesso. O nó borromeano é constante, sempre estruturado do mesmo modo, mas, dependendo da minha posição diante dele, posso ver uma sequência. E isto se avessa constantemente: A por cima de B, por cima de C, por cima de A. Ou ao contrário: A por cima de C, por cima de B, por cima de A. Naquela questão do globo da morte, trouxe esse reviramento constante achando que, em termos de Revirão, essa estrutura também deve ser pensada no seu avessamento constante.



Abordarei, então, um pouco, essa estruturação borromeana em seu Revirão constante para ver se dela não se tira a experiência da própria fundação histórica das verdadeiras, corretas, eficazes hierarquias, e que servirá para toda e qualquer instituição humana por ser normalidade da sua construção de base, pelo menos enquanto isto vigorar e ninguém trazer nada melhor. Insisto em que essa estruturação borromeana como asfera, como asfera armilar em perene Revirão, designa, na história do falante, a possibilidade de verdadeira instituição hierárquica, de *hierós* mesmo. E quando isto falha, ou seja, quando o nó perde a sua normalidade por via neurótica, perversa ou psicótica, temos, no social, a merda que temos.

Tomemos, por exemplo, os filósofos se virando para estatuir a organicidade, ou coisa parecida, dos registros ou das categorias antes que Lacan tivesse trazido para o regime freudiano essa arrumação borromeana, e veremos como eles fazem mil malabarismos para poder entender um processo cuja hierofania, cuja exposição desse sagrado aí que está em jogo – aliás, não devia ser chamado de sagrado, pois sagrado é o *sacer*, *hierós* é o elevado; o sagrado é intocável, e o *hierós* não... Mas se tomarmos, por exemplo – estou sendo rasteiro, por baixo, pois não estou desenvolvendo isto agora –, as faculdades kantianas, vemos que Kant começou a estabelecer todo o processo da sua estrutura de filosofia terminal – é o caso de dizer, porque a filosofia quase que terminou com ele – em cima dessas faculdades: a *intuição*, que seria para ele imaginação, por via sensível; o *entendimento*, processo de conceituação; e a *razão*, que ele chamava de idéias, que seriam as formas puras *a priori*. Vemos Kant, então, fazer um malabarismo incrível para dar conta da implicação de uma coisa na outra. Mas se colocarmos a intuição envolvida pelo entendimento, o qual é envolvido pela razão, a qual é envolvida pela intuição, as coisas ficam um pouco diferentes. Ou seja, no campo do sensível não tenho a menor condição, por via de nenhuma psicologia de laboratório, de estabelecer qual é a regagem intuitiva de um determinado sujeito – eu a estou salvando porque me interessa essa palavra intuição – na medida em que não é por meios perceptivos ou medidas sensíveis, etc., que vou estabelecer isso num sujeito. Isto está estatuído

nele, ainda que por condições fisiológicas ou coisa parecida, mas o processo dá a volta e, na hierarquia, que estou chamando aqui e agora de HIERARQUIA BORROMEANA, a intuição está envolvida ou subdita ao entendimento, que está subdito à idéia, que está subdita de volta à intuição - ou ao contrário. Portanto, não tenho a menor condição – e vejo Kant todo embananado nesse momento – de estabelecer qual seja o valor intuitivo de um determinado sujeito. Há sujeitos que estão sensivelmente se dando conta de coisas de que eu não me dou conta, e não apenas porque têm a sua sensibilidade maior, e sim porque, além de terem uma sensibilidade igual, maior ou menor do que a minha, tanto faz, ainda têm esse envolvimento com o seu processo de conceituação e com seu processo de razão. Então, a coisa se torna pleromicamente envolvida por si mesma. Isto é só para dar um exemplozinho.

\* \* \*

Eu diria que estamos, no momento presente, em torno de grandes *paradigmas holistas* de plenitude, totalidade, dos quais o mais votado tem sido o paradigma holográfico, sobre o qual lhes tenho falado um pouco. Está na cabeça de Karl Pribram, de David Bohm, está na física, mas do qual não gosto porque me parece que não funciona bem. Não posso acreditar que em todo e qualquer lugar da chamada *physis*, natureza, exista uma função holográfica. Como já lhes disse, essa função holográfica, se existir, é no Universo como todo, no Haver como todo, e no Falante como particularidade. No resto, acho que não existe. Eu gostaria, então, de substituir essa vertente de paradigma holográfico pelo que gostaria de chamar de PARADIGMA BORROMEANO, que me parece muito mais bem assentado, e que tentei trazer desde aquele Seminário sobre o Globo da Morte.

Quando se está statuindo ou simplesmente exercendo funções inter-falantes que não estejam prejudicadas por nenhuma amarração mal feita, ou seja, por neurose, morfose ou psicose, a veracidade, a normalidade dessa interação, desses processamentos entre sujeitos falantes, é no sentido de um

re-conhecimento de uma hierarquia que come o próprio rabo. A hierarquia é nojenta quando se apresenta na sua estrutura mais freqüente de neurose obsessiva, como no caso dos exércitos, das Igrejas, etc., onde dá impressão nítida de ser linear: o general caga na cabeça do coronel, que caga na cabeça... que caga no soldado – e o soldado não caga em ninguém. Vocês sabem que nos exércitos eles falam desta série, dos penicos sem fundo, onde só o de baixo tem fundo – e não há penico que dê para tanta merda. Será esta a estrutura a verdadeira hierarquia? Esta me parece ser a do obsessivo e, portanto, não é hierarquia. É apenas *arquia*, porque perdeu a sua grandeza...

Aliás, repito que não estou interessado no *gradus*, porque acho que é uma grande palhaçada, que jamais foi estabelecido ou definido. Acho bom jogar no lixo, por enquanto. Que outro, no futuro, descubra se valeu alguma coisa. Acho-o completamente inoperante. Se a distinção entre hierarquia e *gradus* não compareceu, é porque não foi estabelecida em lugar nenhum. Portanto quero a hierarquia, que seja mais *hierós* do que *arque* ou que os dois o sejam no mesmo valor. O que é horrível na chamada hierarquia é ser apenas uma arquê sem nenhuma grandeza: uma burocracia.

Se tomarmos o que Lacan chama de Mestre Antigo (antes que este se aburguesasse na formulação de Hegel), aquele que tinha a grandeza da mestria, vamos encontrá-lo, por exemplo, até nos exércitos da história. Um grande general não é um babaca que recebeu um título para ficar de pijama em casa ou cagando regra na população, e sim alguém capaz de estatuir a sua guerra junto com seu povo. Então, vamos tornar ternária a posição, supondo que há: (a) o general (b) a sua capitania de batalha e (c) o soldado, ou povo militar. Se o general é o ponto máximo da hierarquia, e se ela o é, ele comanda tudo, manda e desmanda nas suas capitâncias, capitâncias estas que o respeitam absolutamente e sabem por quê: porque ele tem saber e tem poder. Emanados de onde? Emanados de que essa capitania tem absoluto lugar hierárquico acima da soldadesca, a qual ela comanda e designa. Mas quem manda no general? Se é uma verdadeira hierarquia, o general não fará nada senão em nome desses soldados, das competências que ele descobre em seus soldados. Se não for

assim, ele perde a guerra. Quer dizer, a concepção da hierarquia no sentido do mestre antigo é absolutamente borromeana.

Encontramos isto claro nos textos de um Napoleão, por exemplo, o qual perdeu a guerra quando foi babaca. Se tenho, então, o general que manda nos capitães que mandam nos soldados, está implícito que o general comanda de olho na escuta de seus soldados. Se não fizer isso, não há hierarquia. Isto não destrói a hierarquia de modo algum, porque cada lugar é intocável. Existe aí uma espécie de cisão, na medida em que o general faz isso na escuta: na obediência ao que de lá emana, e não na obediência de comandos que supostamente viessem de lá. Por isso é hierárquico.

\* \* \*

A funcionalidade, portanto, depende da confiabilidade de um sistema funcionar normalmente, borromeamente. Fazer a análise de uma instituição, como Lacan queria ao criar os analistas da sua Escola (AE), seria manter a instituição nesse processamento, que tenha comando, e hierárquico, mas que a garantia do retorno esteja lá.

Se pensarmos a fundo, veremos que Lacan deixou de apontar isto no nó borromeano nessa ocasião – acho que ele ainda não estava muito “borromeu” como ficou mais tarde –, deixou de tirar grandes partidos aí do nó borromeano porque estava envolvido demais com outras implicações. Mas quando observamos não o que está escrito na *Proposição* e sim os golpes políticos dados por Lacan para tentar fazer valer aquela Proposição, vemos que ele está de olho é nesse tipo de coisa, na excelsa mestria. A própria Roudinesco chega a apontar que – e, a meu ver, cometeu aí um deslize de entendimento –, na dificuldade de fazer passar a sua Proposição, porque houve grita, etc., Lacan deu um golpe político, um golpe de mestre. E quando descreve esse golpe, ela o faz minimizando seu valor. Quando, na verdade, se não funcionou não importa porque não foi explicitado, mas mostra que, na cabeça de Lacan, a coisa estava muito bem posta. O golpe foi de arrumar, no

final de todas as confusões, que fosse posta em votação uma tríade de propostas – a dele, a do outro garotão lá e uma outra – de tal maneira que ela denuncia, chamando de “efeito Condorcet”, um efeito político, que, para ela, se define da seguinte maneira, p. 465: “Sabe-se que esse efeito designa o resultado inconsistente” (atenção, quem sabe se não é paraconsistente ou paracompleto ou outra lógica, um paradigma borromeano?) – o resultado inconsistente na cabeça dos eleitores franceses, os pensadores dessas coisas – “no qual uma escolha dominando outra e esta dominando uma terceira, a terceira dominando, entretanto, a primeira, exclui concluir-se qualquer coisa”. Ou seja, ela mostrou esse efeito borromeano que estou mostrando aqui, dizendo que isso funciona, lá, como efeito Condorcet, que é inconsistente e não deixa concluir por nada. Aqui há uma falha dela, onde surpreende que – e, aí, mais como analista do que como crítica –, no jogo de mestria que Lacan fez com as três proposições, em que a dele estava na cabeça, incluía a segunda que incluía a terceira, mas a terceira era abrangente de tal modo a incluir a dele, então, ele fez passar a dele. Por quê? Porque utilizou o lugar hierárquico de mestria que ele tinha lá dentro, estabelecendo esse processo de cisão entre o terceiro e o primeiro, mas escutando no percurso. Ela denuncia isto como sendo algo da ordem do nada concluir, o que, a meu ver, mostra que ela não entendeu muito bem o golpe de mestre borromeano que Lacan deu na eleição, sem deixar que isto viesse à tona, ou sem se dar conta – quem sabe inconscientemente? –, e, pior, sem fazer disso o esclarecimento de um processo hierárquico. Porque não é indecisório esse processo, na medida em que a hierarquia esteja garantida. Na medida em que todo processo, por ser normal e normalizante, acabe por confiar no aparelho decisório de escuta do que está na cabeça (A). E o processo acaba por obrigar que esse aí escute, se não, ele não é reconhecido. Não se trata de meramente entregar a confiança, e sim que, na medida em que o processo funciona nessa aparente circularidade, aquele que está na cabeça terá escutado, ou simplesmente mostra a sua imbecilidade na evidência. Portanto, a partir disso, as coisas não durariam.

Isto não é senão o próprio esquema da ESCUTA e da INTERPRETAÇÃO na análise, se prestarem atenção. Temos aí o chamado analista, (An), o analisando, (an), e o Outro, (A), como terceiro. A escuta analítica não é a dois. O analisando fala para o analista. Para quem fala o analista o que escuta do analisando? Supostamente, mesmo não estando lá presente, para o Outro. Quem interpreta o analisando? O Outro, com um interregno aí entre A e an. Como o Outro não é pessoa presente, do mesmo modo que o analista tem pelo menos que fingir que não é, o fato de essa resposta vir por aí não impede que, num processo hierárquico, verdadeiramente analítico, a resposta que o Outro der ao analisando seja aquela que o analisando ofereceu ao analista. O analisando fala para o analista; o analista fala para o Outro; o Outro fala para o analisando, evidentemente por intermédio do analista, já que não se pode mandar baixar o papai-do-céu. Assim, quando o analisando fala para o analista e o analista fala para o Outro, temos nada mais nada menos que o percurso da *escuta*. E quando o Outro fala para o analisando, mesmo através do analista, temos o percurso da *interpretação*. O percurso é um só, de mão única. Aqui, o apresento propositalmente truncado, segundo a suposição geral. Mostrarei seu verdadeiro modo da próxima vez.

O problema da Formação do Analista é fazer com que ele fale por A → an. Quando ele fala por An → an, ele não é analista, e sim psicótico. Ele precisa falar por A → an para escutar de volta, como interpretação dele, o que passa no analisando: *ele* é que é interpretado. Por isso, o CONTROLE é o único lugar em que falo da minha análise. Se a interpretação valeu, quem é interpretado é o analista. Se a interpretação não bateu nele, não houve análise. Ou seja, que ele, como aquele subdito ao Outro, poderia estar no mesmo lugar sintomático do analisando. Nada melhor para se garantir da eficácia de uma interpretação senão perceber se ela *me* interpretou quando eu estou no lugar do analista. Interpretou a mim, não ao analista. Eis aí, então, mais um lugar onde isso comparece.

Aliás, o chamado Quarto Grupo, que se separou de Lacan, inventou um negócio chamado “análise quarta”... não é nem terceira. Piera Aulagnier,



François Perrier, etc., com sua revista *Topique* – que vocês devem estudar... O inventor mesmo foi Jean- Paul Valabrega. Trata-se de um processo em que se vê que, no mínimo, eles sentem que é por aí que a coisa pode se estatuir.

\* \* \*

A verdadeira hierarquia, na sua força, na sua divindade, na sua sacralidade, é borromeana. Não é à toa que o Jesuscristinho dizia que “os últimos serão os primeiros no reino dos céus”. Correção: o último é o primeiro, e vice-versa, no reino do Haver.

Tomemos aqui do livro de Moustapha Safouan um trecho em que, p. 53, tratando da questão da Formação, sobretudo da questão do Cartel, e mostrando a lógica do Mais Um, instituída por Lacan, ele diz: “Num grupo que satisfaz a condições numéricas muito precisas, quero dizer, que se compõe de quatro pessoas no mínimo e seis no máximo, há sempre uma pessoa que se isola como eco do grupo, mas, desta vez, no sentido de que ela assume a função da fala enquanto é no auditor que esta fala encontra a resposta que ela inclui”. Está aí a tentativa de borromeaneidade de Lacan através do Mais Um. Continuando: “Contrariamente ao chefe cuja presença salta aos olhos, o Mais Um se isola, assim, de uma maneira que passa na maioria das vezes despercebida”. Não concordo com isto, pois esse negócio de Mais Um, na verdade, nunca funcionou. Aqui e ali, Safouan mostra que Lacan de vez em quando funcionava como esse Mais Um, mas essa coisa me parece ser obscura demais para lançarmos mão dela como regra geral. Na verdade, o tal Mais Um não é senão o primeiro na escansão do terceiro, mas subdito a ele. É simplesmente isto. E desde que a hierarquia seja mantida, preservada, mas não seja borromeaneamente errada, funciona, porque está evidente.

Só citei isso para mostrar que Safouan me dá um exemplo lindo, brilhante, da hierarquia borromeana. Depois de dizer que Lacan funcionou, às vezes, como Mais Um “sem que ninguém prestasse atenção no próprio momento em que ele funcionava. O que ele dizia, ele punha em ato no momento mesmo em

que dizia. Lacan era bem o tipo de homem capaz desse gênero de “artifício”. Ele está querendo circundar o troço sem conseguir. Mas Safouan vai dar um exemplo melhor do que o de Lacan, na nota de rodapé à citação acima: “De meu conhecimento, ninguém melhor que Catarina, a Grande, soube explicar as razões de sua autoridade. Testemunho disso é esta passagem de uma carta endereçada, alguns anos após sua morte, por um dos seus próximos, ao jovem Imperador Alexandre...” O que vai interessar é a declaração dela. Catarina era uma grande Imperatriz, extremamente autoritária, mas com uma autoridade funcionando quase sem contestação. E a resposta que deu quando o missivista lhe perguntou como se sustentava sua autoridade foi: “A coisa não é assim tão fácil como o Sr. pensa”. Isso de acharem que tinha tanta autoridade, que era autoritária. “Antes de mais nada, minhas ordens não poderiam ser executadas se não fossem esse gênero de ordem que se pode executar. O Sr. sabe com que prudência e com que circunspeção eu ajo ao promulgar minhas leis. Examino as circunstâncias, tomo conselho, consulto a parte esclarecida do povo” – atenção!, é a *parte esclarecida* – “e, desta maneira, descubro que espécie de efeito minha lei é suscetível de produzir. E é quando estou previamente persuadida do assentimento geral, que emito minhas ordens e tenho o prazer de observar o que o Sr. chama de obediência cega. *Este é o fundamento do poder ilimitado*. Mas, acredite-me, eles não obedecerão cegamente às ordens, se as ordens não forem adaptadas aos costumes, à opinião do povo, e se eu só fizesse seguir meus próprios desejos sem pensar nas consequências”. Quer dizer, do ponto de vista político, eis aí um grande Mestre: ela sacou que pode ser absolutamente obedecida na medida em que dê a ordem e escute o rabo da ordem que deu, antes ainda de dá-la. Isto, no caso da política. No caso do analista, está no esquema que lhes apresentei, isto funcionaria.

Surpreendi, então, Lacan em delito de borromeaneidade... jogando muito...

\* \* \*

Para terminar, hoje – a discussão sobre isto fica para a próxima vez –, vou contar para vocês qual seria o último passo – e sei que isso vai causar celeuma, de medo, porque aqueles que estão bem assentados nas suas posições sociais, financeiras, etc., sentem um certo horror à grandeza: a mesquinha é muito melhor para se ganhar a vida e para se manter as posiçõeszinhas que se conseguiu.

Disse eu que, de começo, os AP faziam supervisão com os AMC que faziam supervisão comigo. Segundo golpe: os AP faziam supervisão com os AMC que faziam supervisão com os AA disponíveis. Terceiro golpe (que só viria mais tarde): *os AP faziam supervisão com os AMC que faziam supervisão com os AA que faziam supervisão com os AP*. Quando chamei os AP aqui, em reunião, para testar a possibilidade disso, quase levei tiro...

A psicanálise tem vivido e se desenvolvido pouco pela sua subserviência ao modelo médico do sigilo. Modelo este que dá poder à classe médica há tantos séculos. A desculpa do sigilo analítico, dentro de uma instituição, é para esconder as mazelas do que acontece dentro dos consultórios, e que locupletam o rabo dos analistas. Agora, eu já disse. Que se virem com isso.

09/SET



## 4

### Impasse, Passe, Alforria - 2 (Video-Clube Borromeu)

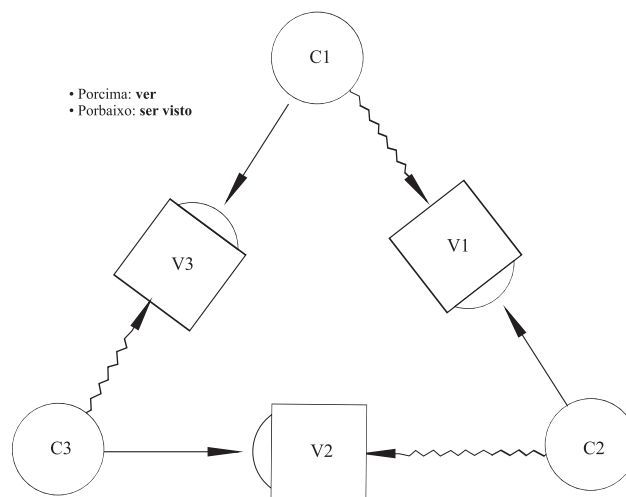
Já coloquei, então, diversos pontos. Mostrei a estrutura oculta que eu pretendia para a hierarquia analítica na Instituição. Coloquei, também, que a hierarquia deve ser borromeana diferentemente da pura *arquia* linear, que é burocrática e, portanto, perversa, perversista. Ou seja, coloquei a questão de Impasse-Passe-Alforria e tomei, para isto, a construção mesma da cadeia borromeana, querendo me parecer – baseado naqueles atos de Lacan, de Catarina, a Grande, da Rússia, tal como Safouan apresenta a estrutura da obediência no seu reino – que o que é hierárquico (uma *arquia* que tem algo de *hierós*) certamente que funciona – mesmo que não apareça no sistema burocrático – borromeamente. E que a linearidade funcional da *arqué* é uma estrutura puramente burocrática e, portanto, perversista.

Gostaria de continuar com algumas considerações em torno desse modo de estruturar uma hierarquia funcional que fosse um projeto depurativo em si mesmo por sua estrutura borromeana. Isto para entrar, também, nas considerações e questões de Impasse, Passe e, sobretudo, Alforria.

\* \* \*

Esta brincadeira, Vídeo-Clube Borromeu, é um esqueminha visual que montei para entendermos o que se passa, segundo este princípio da hierarquia borromeana, dentro de uma análise.

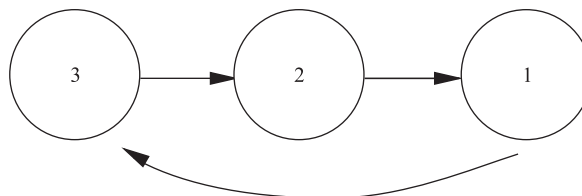
Imaginem o esquema que vou reconstruir utilizando um processo de sucessivas câmeras e vídeos de televisão: um nó borromeano com vídeo. A câmera 1 está focalizando e capta o que está no vídeo 3, e vai transmitir para o vídeo 1, que, por sua vez, está sendo olhado pela câmera 2, a qual transmitirá para o vídeo 2, que está sendo olhado pela câmera 3, que transmite a imagem do vídeo 2 para o vídeo 3... Esta é uma estrutura borromeana, pois se tirar qualquer um, os outros dois desaparecem. A câmera 1 transmite para o seu vídeo, que é visto pela câmera 2, que transmite para o seu vídeo, que é visto pela câmera 3, que transmite para o seu vídeo, que é visto pela câmera 1: uma circularidade total de transmissão. Se retirarmos qualquer umas das câmeras, as outras duas nada têm a apresentar. Basta, então, que se chame o “por cima” do nó borromeano de *ver*, e o “por baixo” de *ser visto*.



Substituirei aí o *sujet supposé savoir* por *Sujet supposé Ça-voir*: o sujeito suposto saber é o sujeito suposto saber nodular, saber encadear. Quero tentar

mostrar que a suposição que se faz de saber ao analista pode ser muito bem situada. De saber o quê? Isso que o analisando supõe que o analista sabe, o analista *tem* que saber. A suposição que Lacan diz que o analisando faz de que o analista sabe – o que o analista, na verdade, não sabe é o que se passa com o analisando, que é quem vai dizer o que seu Inconsciente é – isto o analista não sabe. Mas ele precisa, além de ser o suposto saber, *saber mesmo*, porque, do ponto de vista *do analista*, é-se suposto saber. O analisando faz a suposição de que o analista sabe uma coisa que não é bem aquilo que ele sabe, mas o analista sabe que essa suposição de saber deve ser remetida a Outro saber, que ele *tem* que saber. Se não, é a possibilidade aberta para a impostura. Que o analisando se engane supondo um saber que o analista não pode saber, tudo bem, mas que essa suposição não seja remetida pelo analista ao que ele *deve* saber, se isto não for feito, há impostura.

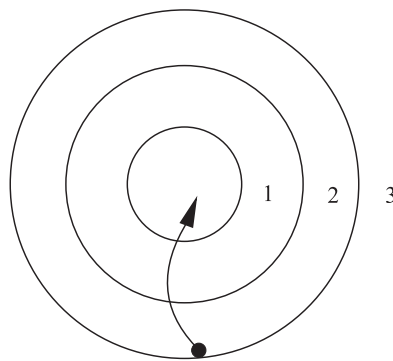
O que o analista *deve* saber? Vejam que uma hierarquia borromeana coloca uma seqüência do menor para o maior e do maior para o menor, mas cruza o processo.



Se tenho aqui o 3 como superior hierárquico, o 2 como superior intermediário e o 1 como subalterno geral, é preciso que o 3 se *assujeite*, pelo menos, ao 1 para que a hierarquia funcione borromeamente. Na burocracia, as ordens hierárquicas só se apresentam nessa idealidade porque o que está dito aí é o processo de comando e de submissão, ou, pelo menos, de subsunção. Ao passo que o cruzamento borromeano é feito por aquele que deve transformar a submissão em sujeição. Quero dizer, então, que em toda hierarquia verdadeira, embora o processo seja de submissão ou de ordenação, de cima para baixo, é de se supor que exista uma instância que certamente é delegada ao superior

máximo da hierarquia, mas, para que esta seja borromeana, ele pode, na relação, entender o processo como assujeitamento, como sujeição, quer dizer, não como submissão, e ele próprio assujeitar-se – e não, submeter-se – ao índice mais baixo da escala. Isto é que fecha o processo hierárquico e é o que está mostrado por Safouan em sua citação de Catarina, a Grande. Não que ela, no lugar *princeps* do rei, vá submeter-se ao povo, embora, mesmo num tipo de estrutura de Estado como o Reino, se não for um senhor absoluto, o rei esteja sob a soberania do povo: o povo é o soberano, e o rei representa a soberania do povo. Então, o ápice da cadeia hierárquica é responsável, no seu lugar, pela transformação do que é escrito burocraticamente como submissão, em sujeição. E nesta transformação é que o rei se assujeita ao soberano que é a totalidade da base da pirâmide.

Retomando, então, o que coloquei no *Globo da Morte*, é como se tivéssemos círculos concêntricos de subsunção, mas de tal maneira que o terceiro consegue se embutir dentro do primeiro e se cria então, a borromeaneidade. Não é uma sucessão de bonecas russas, mas sim uma sucessão borromeana de bonecas russas, onde se pretende meter a de fora dentro da mais interior – e logicamente isto é possível mediante os artifícios da linguagem.

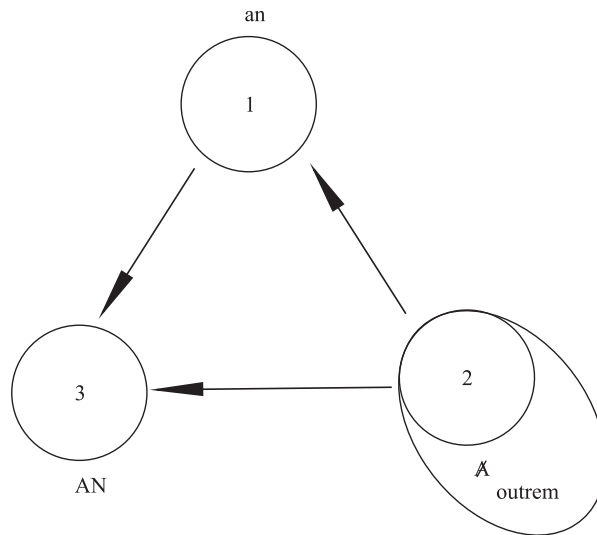




O esquema visual que estou apresentando é mais ou menos um processo borromeano desse tipo. Vejam que não há redundância dentro desse campo, a não ser que imaginemos todas as câmeras, todos os estilos de câmeras, ou seja, todos os lugares, idênticos. Se não são idênticos, se há uma superioridade hierárquica, é porque há diferença entre os *camera-men*. De tal maneira que o modo de filmar da câmera 1, que filma o vídeo 3, é diferente do da câmera 2, embora esta esteja vendo o que a câmera 1 transmite, e é diferente do modo de filmar da câmera 3. Os lugares põem a diferença de abordagem visual. Não há, então, redundância porque tudo que passa de 1 chega a 2 de um modo, chega a 3 de outro, e retorna, chegando de outro modo: o processo, ao invés de ser circular, vai se espiralando em hélice – o processo tem progressão.

O que acontece de verdade numa análise, no que diz respeito a essa hierarquia? Há hierarquia dentro da análise e, embora existam duas pessoas dentro de um *setting* analítico, do tal de consultório, por exemplo, na verdade, os lugares ali em jogo são três. Freud deixou bastante claro e Lacan esclareceu mais ainda ao dizer que numa análise “há dois, e não apenas dois, *il y a deux et pas que deux*. Ele não diz “e não mais que dois”, e sim “e não só dois”, justamente porque colocou o lugar do terceiro como sendo o Inconsciente enquanto tal, o lugar do Outro, como discurso do Outro. Então, embora haja o chamado Inconsciente do analisando, o do analista, que são limitados por ordens sintomáticas de  $S_1$ , etc., Lacan não cede no lugar do Outro enquanto tal, na sua alteridade radical, que englobaria, talvez, até, o que há de Inconsciente no primeiro e no segundo. Ele coloca três lugares entre duas pessoas, porque tudo se dá no regime da fala.

O importante é podermos entender como funciona de fato a hierarquia que está aí em jogo. Por que motivo Lacan fala coisas, por exemplo, como “poder do analista”, “direção da cura”, que está na mão do analista...? Vou esquematizar mais barato. Temos três lugares: 1 se remete a 2; 2 se remete a 3; 3 se remete a 1 – é o mesmo esquema anterior. É só para mostrar que na relação de fala ou de transmissão a três, o borromeano é construtível: um aparelho de vídeo nos dá isto com clareza.



Então, o *analisando* está em 1; em 2 está o lugar do *Outro* radical; e em 3 está o lugar do *Analista*. O analisando vai ao analista e fala para o analista. Ele pensa que está falando com o analista, porque ele não está conversando, na verdade, com ninguém – se há analista. Se converso com alguém fora da suposição do *setting* analítico, posso estabelecer uma relação intersubjetiva, posso facilmente colocar a questão da relação puramente imagem-imagem, especular. Mas se há funcionamento da estrutura analítica – e quem cuida disto é o analista –, o analisando tem o direito de pensar que procurou o analista para falar com ele, mas ele não fala – não há seta de lá para cá – dentro do ponto de vista do *setting* analítico, *com* o analista, sejam quais forem os manejos (“hipócritas”, se vocês quiserem). O analista é pago para fazer isso parecer verdadeiro, para sustentar esse lugar, a transferência.

O analista é que deve criar condições – e deve saber-fazer – para que o analisando fale *para o Outro*. Freud chama isto de atenção flutuante, a qual não soube muito bem qualificar no momento. Não é atenção no que o sujeito fala, e sim do eco do que o sujeito fala no ouvido de Outro: o Outro ouvido.

Tudo que um sujeito fala de dentro da sua localização pessoal, referida a um  $S_1$ , etc., não interessa ao analista a não ser como refletido, rebatido, por um campo de alteridade radical. Eu poderia até fingir que isso fosse verdadeiro e dizer que 2 é um grande campo, que posso chamar campo de *outrem*. O campo do Outro é muito maior que o de outrem, mas é, para entender Outra coisa. É como se o analisando estivesse falando para todas as pessoas alhures e para todas as pessoas que comparecem no seu processo transferencial que jogou em cima do analista: para seu pai, sua mãe, para outrem – que o analista ainda faz mais, não toma nem como outrem, ainda insere no campo da linguagem para ficar radicalmente Outro. O que ele está dizendo para o analista supostamente, está dizendo para o Outro, o qual, situado em outrem, ele gostaria de dizer na cara e nunca teve chance para isso. O bom da análise seria se se pudesse procurar todos aqueles da sua história e lhes dizer na cara tudo que se pensou. Isto seria uma boa análise. (Assim, viraria psicodrama, cuja suposição talvez seja esta, só que botam questões erradas no palco. Tinham de colocar todas as figuras com as quais esse cara transou, para ele lhes dizer na cara tudo que pudesse devolver das suas falas sobre ele, das suas sedução, das suas inscrições). O artifício da análise é colocar um sujeito capaz de receber a transferência e a suposição de saber, e que remete o que escuta a esse lugar Outro. Seria uma maravilha se pudéssemos fazer análise trancando numa sala todos aqueles que representaram o Outro e lhes dizer tudo na cara... Aos vivos, mortos e que estão por nascer... Todos eles são representantes do Outro a que o analista remete a fala do analisando, o qual é maior ainda do que a soma dos outrem. Saber-fazer isto é fundamental.

Na verdade, o que sustenta esse saber-jogar para o Outro do analista é a regra fundamental da análise: a escuta flutuante é não escutar o cara que está falando, e sim o eco do que ele está falando no campo do Outro – e isto é que é difícil. Para a hierarquia funcionar desta maneira, o analisando pode supor falar para o analista – isto é problema dele: um dia entenderá que não era verdadeiro –, mas ele fala para o Outro. O analista não escuta o que ele diz, por isso a atenção flutua: a escuta analítica é que o analisando fala para o

Outro e o analista ouve, do verbo ouvir, o que o Outro houve, do verbo haver, da fala do analisando. O analista, na escuta, ouve o que o Outro houve da fala do analisando. Estou fazendo diferença entre o ouve e o houve porque o Outro quando ouve o que fala o analisando, saca, pela sua estrutura, a consistência, as articulações, as repetições e os tropeços disso: na comparatividade entre o sujeito que fala e de como o Outro escuta, o Outro vai se haver, vai haver daí, com o que interessa à sua estrutura, nos ritmos da repetição, do tropeço, do encadeamento, etc. A escuta do analista não é saber ouvir o analisando, e sim saber ouvir o que o Outro houve do analisando. Aprender isto é que é o difícil. Ou seja, escutar – fazendo eco por repetição, por tropeço, etc. – a determinação que o Outro saca do que o analisando faz. Escutar como esta fala se apresenta determinada para Outro, o Outro da linguagem. E no que o Outro, na sua característica de linguagem em aberto, transforma o dito em havido, ele acaba transformando, possibilitando a transformação do havido em por haver. E isto depende de Outro na cabeça do analista. Só a própria linguagem tem competência para apontar essa transformação. O analista sabendo escutar isto, já escuta pronto: o jogo do Inconsciente, ele já escuta pronto. Ele comanda o processo porque ficou tão afiado em escutar o Outro que o Outro já lhe entrega o havido furado.

A presença do analista, então, se dá no fato de que ele deve saber, não conformemente com a suposição do analisando, mas com a suposição da análise, escutar o que o Outro houve do que ouviu. Mas no que o analista – que não é Outro, apenas é aquele que atravessa: é atravessador do Outro para o analisando – interpreta (que não é mais do que o que ele escuta, o que ele ouve do que o Outro houve), devolve ao analisando (que não é mais do que o que o analisando escuta do que ele próprio diz), ele necessariamente, por definição por não ser o Outro, resiste. Ou seja, por não ser o Outro, há que se conceber um processo de que *é possível* que esteja resistindo. Por isso Lacan dizer que a resistência é do lado do analista. Isto porque, por mais que acredite que esteja escutando o Outro, não sou o Outro, tenho limitações. Então, tenho que pensar constantemente na minha resistência. Por isso Lacan também dizer que o analista

sempre participa de certa impostura, de que, na verdade, a psicanálise é uma escrotidão, uma *escroquerie*. Porque o analista sabe muito bem que seu lugar não é o do Outro, ele precisa estar o tempo todo se lembrando de que o que quer que diga é suspeito de resistência. Não posso garantir se o que estou devolvendo faz parte de resistência, mas posso, o tempo todo, suspeitar disso. O que me obriga a me *manter em formação*, ou seja, me manter em afiação das formações do Inconsciente: afiar a faca do Inconsciente perenemente para, cada vez mais, ser capaz de escutar bem o Outro. Todo analista é, pois, suspeito de resistência.

O que tem de cair, numa análise, é a suposição de saber, e não a transferência. Lacan define a transferência pelo suposto saber, mas ele próprio disse estar errado, no futuro, porque, embora mantenha esse tipo de definição, vai, no percurso, como Moustapha Safouan percebeu, afastando a suposição de saber da transferência. A transferência fica no nível de repositório, do Outro, do analista, do amor e do ódio, etc., mas *a suposição de saber é a espera de que o Outro saiba*. Safouan diz, então, que a transferência não se elimina nunca, e sim que o que é possível fazer cair é a suposição de saber. Se faço, então, uma distinção um pouco mais radical entre transferência – como Freud dizia jogar sobre o analista o outrem vivido - e a suposição de saber que, para o analisando, é de que o analista sabe lidar com isso e sabe disso, mas que, para a análise, é de que o analista sabe montar o esquema, então, aí, passo para uma dicotomia radical. A transferência, talvez, não acabe nunca, entre amor e ódio. Porém, a suposição de saber vai para o brejo, se não, Lacan não poderia falar em des-ser, em dejeção do analista, etc. Estou pedindo que isso seja mais separado ainda: como se pode distinguir com mais clareza de maneira a separar radicalmente os processos transferenciais que o analista aproveita, mas que não são do campo da análise, do processo de suposição de saber, que é do campo da análise?

Estou fazendo esta distinção porque não quero o analista ficcionando-se o Outro, que ele não é. Não quero o analista tomando o lugar do Outro. Isto, para mim, é um erro. A metáfora que Lacan arranhou para explicar isto é dizer

que o analista fica ali de representante do Outro, ocupando o lugar do Outro. Estou discordando, não estou sendo lacaniano ao pé da figura, e sim só ao pé da letra. Na verdade, o analista não toma o lugar do Outro: ele é aquele suposto, por ele e por seus pares, na sua formação, saber escutar o que diz o analisando no haver e no ouvir do Outro. Estou separando esses dois lugares. Ele é suposto pelo analisando nesse lugar, mas isto é suposição do analisando que ele vai ter de curar, ele, analisando. Se mantivermos a ambigüidade que Lacan não desenvolveu muito longe, do analista tomando o lugar do Outro, etc., a coisa fica muito obscura. Digo que o analista parece ser o Outro na transferência porque representa outrem para o analisando, mas, na suposição de saber, quando o analista enquadra a suposição de saber fora do esquema do analisando, mas colocando esse esquema do analisando dentro do esquema da análise, essas coisas se separam nitidamente. Isto porque o analista não se supõe no lugar do Outro, não aceita isso no nível da suposição de saber. Aceita no nível da transferência para jogar, mas, no nível da suposição de saber, não está aceitando, pois sabe que o analisando está falando para Outro e ele está escutando é de seu lugar. Isto é que é a flutuação de Freud: estou escutando daqui e não sou o Outro, sou aquele suposto, por mim e por meus pares (e não pelo analisando), saber escutar segundo o ouvir do Outro – e a suposição que faço, e que meus pares fazem, só é válida na medida em que, por definição, eu ponha a suspeição da minha resistência aí.

Tenho, portanto, que me manter em boas relações com a minha formação no Inconsciente para que isso, como Lacan diz, se psicotize (na verdade, acho que não se trata disso e sim de que), se *outrifique* cada vez mais, para que o rombo do meu ouvido seja cada vez mais compatível com o rombo do Outro, para ir diminuindo a resistência cada vez mais. Estou tentando um esquema que clarifique mais ainda a explicação de Lacan. Do modo como se explica lacanianamente, essas duas coisas ficam mais ou menos coladas, mas o *lugar* do analista – e não sua presença – é um lugar de resistência: o analista ocupa o lugar da resistência na análise. Na medida em que se faça esta distinção, ele estará sob a crítica do Outro, o tempo todo. Então, o que é a interpretação? É

simplesmente o que ele, de dentro do seu lugar de resistência, conseguir ler do que o Outro houve do que ouviu do analisando, e devolver para o analisando. Certamente que sujo, sujo de resistência.

\* \* \*

Entretanto, por incrível que pareça, embora analisando e analista sejam menores do que o Outro, a hierarquia não mantém o Outro no lugar supremo. Quem está no lugar supremo é o analista, e isto é que é o terrível. O lugar superior na hierarquia é do analista porque ele está no lugar de sujeito suposto saber para o analisando – lugar falso, que só vira verdadeiro se é sujeito suposto saber montar o aparelho, sujeito suposto saber ler o que o Outro escuta –, no lugar de diretor da cura, e está com o *poder* do processo na mão. Então, o analisando funciona como se fosse o povo soberano; o Outro passa, no *setting*, para o lugar de intermediário; e o analista passa para o lugar de governante supremo do processo. Aí é que é falso, pois o analista não tem competência para isto. Quem teria seria o Outro, mas não há maneira de pegar o Outro e botar no lugar, efetivamente, pois ele flutua, dança. Ou seja, como o processo é entre sujeitos falantes, tenho de pegar um sujeito falante e dar a ele o lugar supremo, desde que ele *saiba* se assujeitar ao que o Outro escuta do soberano.

O soberano, dentro de uma análise, é o analisando: ele é o representante do povo. Deus, aí, está, mora no lugar do Outro, e não há como chamá-lo, pois Ele não comparece, justamente porque é Outro: a cada comparecimento Ele se altera. Então, Freud inventou um esquema “do caralho”: toma-se uma pessoa, procede-se a uma formação de assujeitamento ao Outro, de maneira que ele fique no lugar do governo supremo, sabendo escutar de onde vem o modo de seu governo, que vem do Outro, porém do que o Outro escuta do soberano. E devolve de volta para o analisando a sua própria fala como *dizer*, se o dizer comparece. *Antígona*, porexemplo, chama Creonte de perversista e, portanto, burocrata na forma de dizer. É aquela bobagem que José Sarney disse uma vez na televisão, felizmente antes de ser Presidente, quando era Senador:

“Precisamos acabar com esse jeitinho brasileiro”. É Creonte, o qual não dava jeitinho, não escutava o Outro...

O conceito de analista é uma formação do Inconsciente, diz Lacan. Por isso digo que o cara, candidato a ser analista, tem de cuidar da sua formação no Inconsciente, para que analista exista. O que é um sujeito cuidar da sua formação no Inconsciente? É ele viver em eterno preparo de escutar o que o Outro haja – verbo haver – do que diz o analisando. É como se eu virasse do avesso e falasse: “O que ele está dizendo, o que você acha que ele diz?”. E devolvesse ao analisando: “Ele acha isto...” E, assim, posso comandar, dar ordens de tudo, no risco da minha resistência, porque acredito que estou razoavelmente preparado para escutar o que o Outro diz que acha que o analisando falou. E isto é um risco e uma certa escrotidão, porque *desconfio* que eu esteja nesse time. Mas a única maneira é continuar o processo e esse tal dito analista, o cara que senta naquele lugar, cada vez mais afiar a sua formação no Inconsciente. Portanto, a análise é, como Lacan disse, a pergunta: “O que é a psicanálise?”, a qual é a minha questão no afinamento da minha formação no Inconsciente, o que vai por via teórica, via prática: por tudo, vivo afiando isto.

A análise é infinita, mas a análise de um sujeito tem fim, quando se pode concordar que o analisando se dá conta de que ele também pode perguntar ao Outro sobre si mesmo e dispensa esse governo. Ele fala direto com Deus. Ou seja, *qualquer um* serve para seu analista. O que, no esquema, falo em 1, falo em 2: outrem serve para meu analista e, com isso, lido diretamente com o Outro. Tomo o que outrem escuta de mim na conta do que o Outro houve de mim. Então, se aprendo a escutar como o analista escuta, escuto até de mim mesmo: falo e, ao invés de escutar o que falo, escuto o que o Outro houve de mim. A formação é que é infinita, a análise tem fim. À medida em que seu dizer vai sendo retornado pelo analista, o analisando vai se dando conta de que o analista está lá para nada, está lá para resistir, e que o Outro pode ser escutado por ele, e ele pode, talvez, na falta deste seu analista, botar qualquer um aí. Ele vai dentro da vida e vai *se* escutando. Isto é que faz acabar uma análise.



Então, há que haver aí a queda do sujeito suposto saber daquele analista. Quem vira sujeito suposto saber é o Outro e há um certo consenso – também com resistência, etc. – de que o sujeito está realmente preparado para escutar o que ele próprio diz, fala, como se fosse um Outro qualquer. Pode não escutar tudo, mas escuta razoavelmente. Portanto, já pode escutar os outros. É por aí.

Quero, de novo, tirar esse negócio de que o analista se autoriza por si mesmo, para dizer que o *analista se autoriza por sua Escola*, como disse da vez anterior. Tem de haver esse consenso com o analista e os outros, os outros pares, os quais começam a reconhecer que ele escuta bem, que sabe escutar o que o Outro diz. Então, é uma coisa mediana e nebulosa, por aí... Não é algo *tranchant* como Lacan disse e fingiu que era, e quebrou a cara, porque aquilo não funciona.

Como já disse, o discurso que Lacan chama do analista, chamo de *discurso da separação*. Ele mesmo desdisse que aquilo seja o discurso do analista, na medida em que vai exigir separação do objeto, travessia da fantasia... Então, aquele não basta, é o discurso da distinção, da separação sintomática do sujeito, mais nada. E a análise não termina aí. (Termina uma vez que o sujeito aprendeu, por ouvir o rebote do Outro do que ele diz, a sacar quais são as suas separações: ele começa a separar sozinho). Ainda falta o percurso de ele lidar diretamente com o Outro, o que exige que saiba dar conta da sua fantasia, de seus objetos, ter liberdade de escolha – porque o Outro é absolutamente livre, não tem o rabo preso. Então, ele poderá dizer: “Eu poderia fazer isto, isto e isto. Agora, escolho, por um ato soberano, isto e isto, e quero que os outros se fodam, porque o Outro não quer que eu me foda”.

Quando o sujeito começa a escutar o Outro, ele já está no lugar do analista, necessariamente. Ele pode escolher não abrir consultório. Agora, quando Lacan, na *Proposição de 9 de Outubro de 1967*, diz que o analisando em formação vai apresentar o desejo de ser analista, desejo este que é para ser contestado, acho isto bobagem, deslize dele. Se é verdadeira a estrutura que a psicanálise apresenta e o modo de elaboração que ela diz ser verdadeiro, é ao contrário: *quem quer que entre em análise é obrigado pelo sistema a*

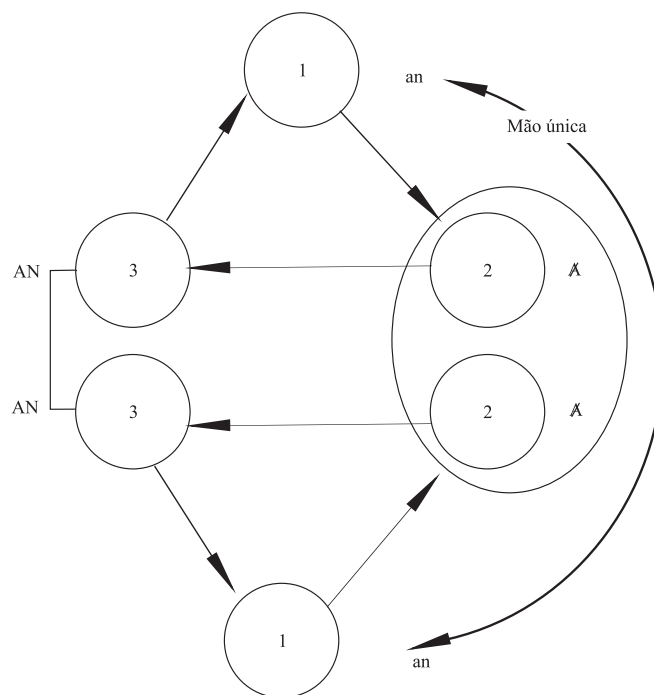
*tornar-se analista*. Ele se encagaça no meio da estrada, mas fracassou: ele abriu mão do seu desejo. Quem quer que entre em análise, exijo que se torne analista. E isto acaba com a profissão e com o *métier*. É isto que possibilitaria a vitória de Freud em fazer um mundo analítico. O que tenho de fazer, então, não é contestar o desejo de ser analista, e sim analisar como o Outro escuta esse desejo dele para lhe contar como está funcionando lá, para ele não fazer disso um sintominha de merda. Se creio no processo que estou pondo em pauta, exijo dele que seja analista. E o acho um merda toda vez que não se torna. Se não, não acredito na minha ética. Quando digo “*delenda psicanálise*”, ou, o que dá no mesmo, “*delendus analista*”, estou dizendo que a função da psicanálise é destruir o aparelho profissional do analista e transformar todos em analistas, ou seja, em falantes capazes de lidar com o Outro.

\* \* \*

Preciso elevar o esquema que estou apresentando à categoria da formação no sentido da construção do CONTROLE, outra coisa que é uma baderna.

O que podemos chamar de controle? Pelo amor de Deus, vamos evitar, embora eu tenha feito um esquema de audiovisual, a palavra “supervisão”, que é episcopal demais. O que se precisa para saber se um sujeito está, através do trabalho da sua análise, passando a analista, se transformando em analista? É preciso controle, que é o lugar privilegiado onde o sujeito fala da sua análise. Não é que ele vá procurar alguém para fazer controle, para falar da sua análise, ou ser tomado pelo outro como analisando, caso este que é canalhice. *É o lugar onde ele, falando da sua escuta, está demonstrando a sua análise: está demonstrando que houve análise para ele, no que ele fala da sua escuta do Outro. Portanto, quem faz o controle? O controlado! Vamos acabar com essa canalhice de que, se sou procurado para fazer controle, estou em posição de comando, de hegemonia. Isto é posição do analista. No controle, quem faz o controle é o controlado, e a posição de quem é procurado para testemunhar o*

controle não é, de modo algum, essa de analista. Vamos esclarecer isto para acabar com a bagunça. Se um sujeito me procura para controlar-se, está me procurando como analista e não como analisando. Se ele é uma merda de analista, não é problema meu. Ele vai provar isto no controle. Ele que se prove isto porque não posso aceitar analisando para fazer controle. Ou seja, quem está no controle, para mim, não é analisando. Ainda que seja um analisando meu que venha fazer controle comigo, não o tratarei como analisando. Virou colega.



É isto aí o que acontece no controle. Faço a suposição de que dois sujeitos estão metidos nesse esquema, que é o esquema da análise, em qualquer lugar. Um sujeito que vem procurar controle comigo, lá na sua análise, ele está no lugar *1*, de analisando, e seu analista no lugar *3*. Aqui, na minha análise, se (eu, controlador) tenho analista, seja com o Outro ou seja com analista

determinado, eu estou em *I*, mas se estou no lugar do analista, estou em *3*. O lugar do Outro (*2*) é o único lugar que é comum. Na vida comum, o soberano, o comandante-geral, é o Outro, mas, no esquema analítico, ele perde esse lugar para o analista, ele delega o governo. A conversa no controle é a conversa de dois colegas situados em *3*.

Este que veio controlar-se, vem perguntar a um outro que, para ele, é suposto saber, mas não no nível do analisando, do *setting* analítico. O que o analisando supõe ao analista saber é uma *blague*, que não tem nada a ver. Mas o que um analista supõe que o outro sabe, é *para saber mesmo*. Então, o *3* de cima, se vem como analista falar com o *3* de baixo, vem falar com um colega a respeito de *controlar-se* pela escuta que este tem do Outro, para ver se não está deixando de escutar alguma coisa, por resistência. Só isso. Então, não pode ser tratado no lugar *I*, e sim em *3*. Agora, os dois têm de ter a humildade de saber que: “Não o procurei, você que me procurou. Portanto, não me encha o saco. O que posso dizer é que o que você fala que escuta do Outro, não é bem o que eu escuto, quem sabe se você ouviu isto, ou aquilo?” Se o outro perguntar “Quem sabe não é resistência?”, a resposta é: “Vire-se na sua análise. Meu problema é comparar minha escuta do que ouço do Outro com a sua!”

Conseqüência: é neste campo entre o *2* de cima e o de baixo, que, embora separados em *3*, têm um encontro possível. Isto mediante referenciarem-se os dois – e entre *I* e *I* é mão única – ao que o *I* de cima disse para o *2*. O *3* de baixo vai tentar entender diretamente pelo que o *3* de cima conta em *2*. O controlar é mão única. Não vou fazer controle com uma pessoa que me designou para se controlar comigo. Não pode ser recíproco. O que as pessoas às vezes pensam que é parecido com a situação do analista – e não o é de modo algum – é que aquele que foi escolhido para, diante dele, eu fazer o meu controle, ele recebeu uma demanda, aceitou e, então, está livre de ter de falar dele ou de se controlar diante de mim. Quem está se controlando sou eu. A mão é que é única: ele que se controle alhures. Isto pode dar a impressão do poder do analista, porque a mão é única, mas nada tem a ver,

porque os lugares são outros: o lugar 3 não é o lugar 1. A aparência é porque a mão é única, mas o sujeito é que me procura para se controlar: ele é quem vai falar, eu vou escutar as coisas dele, e não tenho de falar de mim. A mão é de lá para cá: eu devolvo para ele, e o controle é dele. Não é recíproco. São colegas, mas um tomando o outro como referência para se controlar. Isto dá aparência de ser parecido com análise mas nada tem a ver. Então, interpares, a suposição de saber é outra, é necessária e deve se comprovar não como suposição mas como saber. É aí o lugar do reconhecimento.

O controlador está no lugar de, primeiro, comparar as escutas, sem a menor arrogância, porque, se está escutando um pouco mais ou um pouco diferente do que o outro, o outro também poderia escutar o dele assim. Segundo, porque está em condições de reconhecer o outro como analista. É um par: “Esse cara lida direitinho, talvez um pouco diferente do que eu escutaria, mas lida bem”. É sobretudo aí que o controlando, aquele que está fazendo o seu controle, tem condições de reconhecimento, porque está falando da sua análise. Não do que aconteceu no seu processo analítico, mas está falando *a* sua análise.

• Pergunta – *Você falou até agora no esquema borromeano intersubjetivo – o analisando, o analista e o Outro mediatizando. Poderíamos, então, pensar, no caso do controle, num esquema borromeano intra-subjetivo: se sou referência no controle do outro, se sou escuta de referência, isto é tanto mais verdadeiro quanto mais esse sujeito que ali está fazendo seu controle, esse analista, puder evocar a minha própria análise. Tem-se, então, o esquema borromeano: eu, aparentemente enquanto referência de controle, me encontro enquanto analisando de novo.*

Exatamente! Esta é a experiência fundamental! Por isso, estou sendo aí lacaniano no rigor da borromeaneidade do Inconsciente. Estou pedindo uma Instituição compatível com o esquema da análise. Não tenho o menor pejo de fazer controle com AP, muito pelo contrário... Não é dado, portanto, a esse analista que ocupa o lugar de referência, nenhum poder, nem nenhuma suposição de saber tipo a do analisando. É dada a suposição de saber interpares. É a

faculdade de reconhecimento: seu saber-ouvir serve de comparação para mim, eu comparo a escuta dele com a minha e, é claro, sempre levando em conta que lá também há resistência, como há aqui do meu lado.

\* \* \*

• P – *Seria possível, a respeito dessa questão de controle, pensar ao nível de análise de crianças, quando os pais procuram o analista para falar o que eles estão escutando de seu filho? Também aí há transferência, o pai não está no lugar do analisando, na medida em que a criança é que está fazendo análise...*

Acho que está sim. Se tem alguém imiscuído no processo é que o sujeito da criança está espalhado pelos pais. Eles são como que verdadeiros porta-vozes do analisando. Então, estão imiscuídos no sujeito em análise. Tanto é que eu gostaria de ver a experiência – o que é extremamente difícil do ponto de vista social, mas não do ponto de vista analítico – de uma criança entrar em análise e o analista nunca falar com o pai. A criança é um sujeito imiscuído quando os outros se metem na análise dela. Qualquer adulto que você suporte que se meta na análise dela, está imiscuído com a criança. Mas vivemos num tipo de sociedade em que não se pode dizer aos pais: “Não quero saber de vocês, só quero seu dinheiro, porque a criança não tem”. A confusão que as pessoas fazem é de caráter social, porque os pais são maiores, as crianças são menores. Há o pátrio poder, mas isto é da ordem do jurídico, não interessa.

30/SET

## 5

### Impasse, Passe, Alforria - 3 (Aceitação, Garantia, Alforria)

Estávamos considerando a questão da *formação* no seio da instituição psicanalítica. E colocamos questões em torno dos títulos de AP, AMC e AA. Da vez anterior, tentei mostrar como se podia pensar a questão do *Controle*, quais os lugares que se ocupam aí e como se definem. Continuaremos, hoje, sobre a definição dos três lugares de Analista Praticante (AP), da Garantia (AMC) e da Alforria (AA).

\* \* \*

Se um sujeito diz que deseja estar inscrito na Instituição como Analista Praticante, está fazendo a suposição de que pode arcar com esse lugar. E uma comissão deve concluir a respeito da possibilidade de ele, pelo menos, ficar nesse lugar até demonstrar que pode ser inscrito, definitivamente, pela instituição, isto é, receber a Garantia dos pares como AMC, e até mesmo a garantia jurídica. Afinal de contas, a Garantia não trata de outra coisa senão da garantia de prestígio e a garantia jurídica diante da sociedade.

Desenvolvemos da vez anterior, nos dois níveis de AP e AMC, o que está em jogo no reconhecimento pelos pares, através do processo de *Controle*, que é onde o sujeito fala a sua análise. Trata-se do reconhecimento de que o

sujeito sabe estar ali fazendo a separação entre a suposição de saber que faz o analisando e a que pode fazer o par, o colega. A suposição de saber emprestada pelo analisando não é verificável, muito pelo contrário, é de ser destruída, ao passo que a que os pares fazem é de ser afirmada, não negada. Suposição de saber o quê? Saber escutar o que o analisando diz para o Outro, segundo os modelos do Outro. E saber fechar o círculo da nodulação: saber remeter ao analisando o que ele mesmo dissera segundo a escuta do Outro. Isto é condição *sine qua non*. Há um saber jogar com isso, pôr em cena: o que Lacan chamava de um certo *savoir-faire* do analista. Não se pode abrir mão disso.

Sob o ponto de vista da instituição, portanto, a primeira escuta do requerente para nela se alistar é no sentido de ele ser aceito para fazer suas provas, quer dizer: aceito de modo a vir fazer suas provas. Portanto, já deve ser aceito em prova: demonstrando através da fala de sua análise que pode provisoriamente estar naquele lugar até que haja um novo conceito ou um novo consenso de pares a respeito do seu saber-fazer, da viabilidade da sua análise e da viabilidade de ocupação desse lugar. A coisa me parece muito mais desse nível, do reconhecimento *mesmo* de um saber-ocupar o lugar.

O Inconsciente não é inocente, ele evolui. Ele não se modifica na sua estrutura, mas cresce na entrada que permite a significantes novos para cada sujeito, ao jogo desses novos significantes e à participação na história contemporânea ao sujeito desses significantes disponíveis. Portanto, não é nada inocente no sentido de não estar adequado ao que ele se torna num certo momento histórico.

O caso do AMC já é um pouco mais grave. Estando o candidato ali participando e falando sua análise através do lugar em que escuta outrem durante algum tempo, ele vai requerer que a sua aceitação seja transformada em aceitação definitiva e garantia dada pela instituição. O que demanda, além de ser aceito provisoriamente nesse lugar, que ele, na continuação de seu exercício na prática de escuta e de transmissão da sua própria análise para os pares, seja, de uma vez por todas, reconhecido como alguém que sabe *mesmo* fazer. Ou seja, não se discute mais que o sujeito tenha condições de fazer isso.



O que não significa que ele seja nenhum todo poderoso, que saiba definitivamente, e sim que tem condições, tem garantido e tem demonstrado, com frequência, que pode estar ali definitivamente. Vamos parar, então, com esse negócio de fingir que não há hierarquia na instituição analítica. É hierarquia mesmo. Hierarquia por tempo de exposição, e não por tempo de serviço. É o tempo de cada um que acaba fazendo seus pares compreenderem que ele *pode* estar ali.

Já o que quero chamar de *Alforria* é alguma coisa completamente outra e de uma equivocação extrema. Disse-lhes, algumas sessões atrás, que o analista se autoriza por sua Escola, a Escola na qual ele se insere e prova que sabe manejar o Inconsciente definido por ela. Atenção!, pois o Inconsciente é absolutamente Outro, pura alteridade, mas no que comparece nos enunciados de um sujeito, está regido por uma atribuição qualquer – não vamos fingir que não existe isto. Se não há, pois, nenhuma universalidade, há uma comprovação de que, como Lacan dizia a respeito do que se garante do Analista Membro (AME), sua formação depende da nossa Escola. Isto significa, do ponto de vista do autorizar-se por essa Escola, que o analista maneja bem o que essa Escola diz ser o Inconsciente e suas formações. Não cabe fingir que há um Inconsciente *tout court* e que funciona do mesmo jeito em qualquer Escola. Isto não é verdade. O Inconsciente funciona, ninguém sabe exatamente como, e cada Escola – que não é a instituição ou cada maneira de articular o que se passa no Inconsciente define de um certo modo. Ou seja, se esperar toda uma história, ver-se-á que aquilo tem um desenvolvimento *x* e não *y*. A instituição não pode ficar brincando de ser o *pot-pourri* dos acontecimentos na história da definição do Inconsciente, pois aí seria uma instituição de encontros, uma casa de encontros. O que é diferente de uma instituição que zela por certo desenvolvimento do que se concebe ser a psicanálise. Na medida, portanto, em que essa garantia já foi dada, esse sujeito também está garantido de ter empenhado sua formação ali, segundo aquele modelo ou paradigma escolar.

Quero supor que a Alforria exige duas vertentes. Vimos, também, que a prática do sujeito tem dois sentidos: prática de exercício da escuta e da

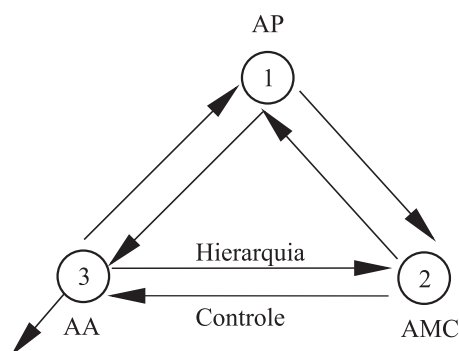
interpretação segundo esse modelo e a prática de se explicar sobre isto, ou seja, falar sua análise no que dá explicações do que ocorre no seu tratamento com o chamado analisando. Ele está explicando sua análise e sua reflexão. O que implica que ele explique seu modo de operação e, portanto, que faça uma teoria disso a cada passo, a qual fará segundo a Escola, certamente, em que se garantiu. Mas – segunda vertente – na medida em que a Escola é apenas uma tentativa de descrição do que se passa no campo do Inconsciente, se ele realmente reflete, acaba extrapolando essa Escola. É perfeitamente normal. Ele vai colocar algo de seu e contribuir para o acrescentamento da Escola da qual provém, ou, até mesmo, começar a digredir no sentido de mutação da Escola.

O alforriado é aquele que tem licença para, além de ser garantido, ficar livre (não *da*, mas) *para* a Escola passada e para a futura. O reconhecimento disto é que, segundo acho, a Alforria num sujeito o deixa mais ou menos na borda – *borderline* – da Escola. No entanto, há alguma coisa que precisa ser mudada a este respeito no Estatuto do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, em vigor, pois o alforriado está praticamente *out*, embora seja *in*, e se ele não faz exercício do sistema de rotação do Controle, se toma o fato de estar na borda como fato de estar excluído (ele realmente não o é institucionalmente, mas), ele se exclui, ou melhor, se foraclui. Ou seja, ele perde oportunidade de estar funcionando ali como possível indicador de Nome do Pai, no que deixa, se fosse ele sozinho, sua instituição e sua Escola em regime de psicose. Então, ele fica numa posição extremamente equívoca: fica na borda, extrapola a situação, mas precisaria estar dentro do circuito. Se se nega a participar do circuito, está psicotizando os outros, porque está se foracluindo.

A instituição não pode cassar a Autonomia. O alforriado é chamado Analista Autônomo. Ele tem de tratar tanto a Escola de onde vem quanto aquela para onde vai com autonomia. Ele pode até não ir para outra Escola, e até ser apenas um sujeito que acrescenta no nível da Escola de onde vem, por isso tem sintoma: algo que ele cria a partir da sua experiência, de seu saber, etc. Mas, ao mesmo tempo que é mais ou menos posto fora, em extrapolação,

se não continua a fazer parte do circuito (não pode ser excluído pela instituição, mas) não faz parte dela. Ele deixa a instituição a perigo, em perigo de psicose, pelo menos a respeito do lugar dele, ainda que outros Analistas Autônomos estejam funcionando. Portanto, a respeito do lugar dele, apresenta para a instituição, para a Escola, uma possibilidade de vocação psicótica e se apresenta como foracluído. É uma posição extremamente equívoca, a qual, me parece, ele só vai resolver mantendo-se na sua linha de produção e de criação, mas sustentando esse lugar terceiro e último da hierarquia.

\* \* \*



É hierarquia mesmo: o AP é inferior ao AMC, que é inferior ao AA, que *tem* de se colocar, para poder criar, como inferior ao AP. Se fosse meramente burocrático, seria 1, 2, 3 em linha reta, e não:  $1 \rightarrow 2 \rightarrow 3$ . A hierarquia deixa de ser hierarquia quando pára na linearidade e vira burocracia.

Quem, então, manda no e vigia o rei? Quem vigia a polícia? No nível da hierarquia, é hierarquia mesmo. Não considero isso *gradus*. Há uma superioridade, pelo menos acreditada pela instituição, em três níveis. Só que, para o nível superior valer, tem, entre outras coisas, de demonstrar que é capaz de se colocar como assujeitado ao nível inferior. Quer me parecer que nunca existiu uma instituição psicanalítica, por causa disto. Até o fracasso da Escola

de Lacan foi em função de um jogo muito bem bolado que ele fez, mas que não escandia o processo de maneira a manter o sujeito, em qualquer lugar hierárquico que estivesse, *tendo* de prestar contas mediante esse assujeitamento em borromeaneidade. Recomendava-se, dizia-se, que ele devia prestar contas, mas não *tinha* que prestar porque o sistema não estava borromeano. Se o sistema assim funcionasse, o sujeito não teria nada a esconder. Um analista que se rebela porque a instituição lhe pediu para prestar contas até ao mais reles dos seus colegas, simplesmente está escondendo algum jogo. Através disso, ele tem todas as condições de não ter de dar satisfações a ninguém do que se passa no seu consultório, de ser um impostor de cara-de-pau. O modo de constituição de todas as instituições analíticas me parece ser no regime da impostura porque, através até de joguinhos puramente políticos, o sujeito chega na crista e, lá de cima, *é* o analista, não tendo de dar satisfações a ninguém de todas as cagadas que esteja fazendo – e sei que está, quando se trata de gente próxima de mim – dentro do seu consultório. Ele não vive em perene questionamento e, se vive, não diz a ninguém, pois não tem dentro da instituição, ou entre seus pares, um lugar de dizer como zela por isso, de questionar isso.

Lacan, ao tratar da questão da *normalidade*, disse que a psicanálise só trata de uma normalidade que é a borromeaneidade do nó. Então, se a normalidade psicanalítica é borromeana, porque não a da instituição? Insisto em dizer que é o modelo médico, importado pela psicanálise em sua história, que fez a “ética da profissão”, a qual é um empecilho grave para a Ética da psicanálise. Enquanto mantivermos a ética profissional no seio da psicanálise, estaremos destruindo a Ética psicanalítica, pois aquela é feita para esconder as mazelas da hierarquia profissional. Estão aí todas as circunscrições médicas, Conselhos médicos, etc., para deixar isto claro: é preciso alguma coisa, às vezes até questionável, que pareça extremamente exorbitante no seio da sociedade, para um Conselho de medicina fazer alguma coisa. Não se cobra a ninguém da sua prática. Não se trata de nenhum *mea culpa*, de nenhum confessional tipo stalinista, e sim de lugar onde o sujeito possa ser perenemente reconhecido e perenemente falar sua análise. O ritmo pode variar grandemente,

mas há que haver isto segurando a estrutura da instituição, assim como segura a da análise.

As setas da hierarquia são exatamente o inverso das do Controle. O movimento da hierarquia é que o AA, como superior hierárquico, está acima do AMC, que está acima do AP, desde que o AA se assujeite hierarquicamente. Não é como comando, porque o comando é dele, AA. Digamos que a hegemonia é do AA, mas ele obedece aos valores que estão embutidos lá no AP. E os valores lá estão embutidos porque são os valores que se quer transmitir, os quais ou bem lá estão, ou bem não estão. Do ponto de vista do Controle, o movimento é inverso: os AP falam para os AMC, que falam para os AA, que falam para os AP. Então, uma circularidade plena que não significa nem redundância nem tautologia porque os níveis e os sujeitos são diferentes. A tendência é não fazer um círculo, e sim um movimento espiral, de vir a haver ascense mesmo das posições subjetivas que ali estão. Computo como da ordem da impostura tudo que se esconde a este respeito: manutenção de poderes à revelia dos saberes, das competências de ocupar os lugares... Aí é que as pessoas costumam a me entender. O pessoal da esquerda diz que sou fascista, e o pessoal fascista diz que sou subversivo. Simplesmente acredito que uma hierarquia deve funcionar *rigorosamente*, desde que seja *sagrada* (hierós) e *arquia*, desde que tenha este funcionamento. É preciso uma ordenação extremamente rígida de seqüências dentro de um processo capaz de fazer o contorno e retornar por si mesmo. Nem é anarquia, nem totalitarismo e nem democracia, que é o mau fingimento disso. “Vamos consultar as bases”, eles dizem. Eu, não ouvi as bases falarem...

Isto depende, portanto, de situarmos o *desejo do analista* que, da vez anterior, eu havia colocado como sendo da ordem da *transmissão*. Fiz a crítica de uma salada que Lacan colocou dentro da sua *Proposição*, ou seja, contestar o desejo de ser analista. Muito pelo contrário, o que, na verdade, acontece, não somente nas instituições analíticas como também simplesmente no fato de haver analista, é aquilo que ele ressaltou como fundamento, que é a *vontade de epidemia*, a qual é compatível com o desejo de que haja analista, que não é

senão a imposição transmissível do analista. Como vou contestar o desejo de alguém ser analista? Muito pelo contrário, devo pôr em análise esse desejo porque certamente é errôneo. O sujeito não faz noção do que seja ser analista. Ele vai ter de vir a saltar fora da sua ignorância de neurótico do que seja ser analista. Mas contestar, não, pois não concebo que alguém se sente no lugar de analista sem querer que todos o sejam. Só que não conseguem... A idéia sintomática que o sujeito faz de ser analista pode ser a mais espúria. Por exemplo, a de ser importante na sociedade, o comandante das mentes dos outros. Não é pouca gente que chega assim, como que querendo ser o dono do saber a respeito do Inconsciente... Mas o que é verdadeiro, por definição, é que *todo falante tem como vertente última seu lugar de analista*, e isto não se discute. Ou bem todo falante deve, *soll*, endereçar-se através da sua análise ao lugar de analista, ou a psicanálise não presta. Portanto, não tenho de contestar esse desejo, e sim incutir no desejo do analista o desejo de fazer analista: o desejo de ampliar a epidemia. É claro que em detrimento da “profissão”. Que o fato de que assim existirá muito concorrente não sirva de defesa contra a verdade da psicanálise. Eu acharia muito bacana se não houvesse mais a *profissão* de analista. Se fizéssemos uma epidemia tal que as pessoas pudessem trocar falações analíticasstituindo esse lugar - o que nunca vai acontecer; é pedir demais, sempre vai precisar haver uns caras disponíveis para isto. Mas o ideal seria analista não ser profissão, e sim um estado de espírito, uma maneira de se posturar diante do mundo e que o pudéssemos transmitir para todo mundo.

O desejo de ser analista, segundo Lacan, deve ser substituído, em caso de efetividade, por desejo do analista. Eu daria um passo mais aí: o desejo de ser analista só consegue se transformar em desejo do analista quando comparece o *desejo analista*. Quem é o analista? O desejo. O que é de uma ambigüidade enorme, pois, para formar analista, desejo analista para mim, que eu possa falar a pessoas capazes de intervir, de me dar respostas – e que eu possa produzir essas pessoas. Então, a questão é o *desejo enquanto analista*. Não existe outro analista. Existe outra interpretação senão apontar que há desejo ali? Quem é o analista? Quem é a função analítica na análise? O

movimento do desejo! *O desejo é analista porque ele próprio é a interpretação.*

O próprio *sonho* é uma interpretação. Trata-se, assim, não de interpretar um sonho, que não é encontrar o desejo que porventura exprime. Isto foi o que Freud teve de fazer na *Traumdeutung* para demonstrar que todo sonho é expressão de desejo. É um trabalho de demonstração, mas não é o trabalho analítico. Não se tem de interpretar sonho, e sim tomar o sonho como desejo já expresso e estender ao máximo as séries de sentido que cobre. Só isto! Intervir com o desejo analista é fazer com que esse sonho alcance o máximo de sentido que possa alcançar para esse sujeito, e que eu estenda o sentido que esse sujeito me ofereça. Não há nenhum desejo a ser interpretado ali: é puro desejo. E se for muito longe, é desejo de coisa alguma. O desejo é intransitivo e, em última instância, é desejo de Não-Haver. Então, não cabe apontar para um sujeito que o desejo do sonho é este assim, assim – o que Freud fez demonstrativamente e mal-feito: basta lermos a *Traumdeutung* para ver que se poderia pegar cada sonho daquele e acrescentar bilhesimamente o sentido... “Mal-feito” significa: malfeito por Freud, não por qualquer um. Muito bem-feito, porém sem tempo de desenvolvimento... Eu proporia, por exemplo, como exercício deste nosso Seminário Clínico, que vocês tomassem o chamado Sonho da Injeção de Irma, que foi tratado por Freud, por Lacan, Alain Didier-Weill tem um belo trabalho a respeito, muita gente meteu o nariz aí. Sugiro-lhes que tomem este sonho e dêem um outro sentido que ninguém viu. Estão todos lá... Há uma leitura, por exemplo, que não está explicitada nem na *Traumdeutung* nem por ninguém que leu: o ciúme de Freud em relação ao Otto. Isto é evidente: quem foi que comeu a moça que ele queria comer? Freud todo enciumado da moça que está com aquelas placas brancas na boca, e que não foi ele quem botou... Pode-se depreender daí que o dito de Freud de que qualquer sonho é, na verdade, realização de desejo, não é senão a equiparação do sonho a qualquer enunciação, qualquer que ela seja. Desejo de fazer passar uma mensagem, com *n* sentidos. E no caso do sonho fica claro que essa tentativa

pode ser melhor sucedida do que em vigília, dado que a censura se acha menos vigilante e, portanto, melhor instalada. Não há outro desejo, em qualquer sonho, senão o de fazer passar uma mensagem de verdade, a qual tem  $n+k$  sentidos.

Mas, em última instância, qual é essa *mensagem de verdade* no sonho? Não pode ser senão o desejo de dormir, segundo Freud. Lacan o considera um “mistério” dentro da conceituação freudiana. Mas esse desejo de dormir, a meu ver, não pode ser senão arremedo de nirvana: desejo de, no seio mesmo da diferença, reatar em paz, compatível com a Pulsão de Morte. É desejo de Não-Haver. As *mille e tre* maneiras que um sujeito tem para dizer o seu desejo de Não-Haver, mas tendo que Haver para dizê-lo. E só podendo dizê-lo dentro do Haver. Desejo de Não-Haver, porém concebido de dentro do quadro da presença do sujeito à sua Pax. Se está presente à paz, não há paz. Só há quando ele está ausente, que se chama Morte. Na verdade, o sono nada tem a ver com a Morte, que não há. Não é senão arremedo de ausência do Falanjo presente, arremedo só perturbado pelo sonho que vem, aliás, para garantir a continuidade do sono apesar de algum iminente despertar. Este horizonte me parece estar em toda e qualquer possibilidade de proliferação de sentido.

Se a gente diz tudo isso que a gente diz, não *há análise senão didática*. E, ao invés de criticar o desejo de ser analista, tenho é que incentivar e acrescentar o processo. Em última instância, o desejo do analista enquanto desejo analista é desejo de repetição desse desejo analista. Ou seja, *o desejo do analista é o desejo de tornar analista para que se perpetue repetitivamente o desejo analista*.

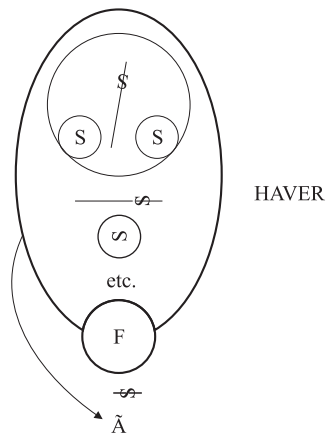
Este desejo só existe, só se apresenta, como Escola. Escola como tentativa de explicitação, de entendimento do movimento do desejo, e no sentido de transmissão dessa concepção do Inconsciente. Se não tenho essa circularidade na concepção da Escola psicanalítica, a psicanálise imediatamente se fecha e é concebida como um saber obtido, o que ela não é. A psicanálise é um saber por se fazer, na medida em que o Inconsciente é maior, é hierarquicamente englobante, em relação a qualquer das suas formações.



\* \* \*

O que acaba estando em jogo aí é o famoso *Sujeito*. Que sujeito é este? Lacan deixa isto numa grande ambigüidade, numa grande equivocação, de tal maneira que não se pode fazer uma crítica do sujeito lacaniano dizendo que ele minimizou o sujeito. Pode-se fazer a crítica do sujeito dos lacanianos, que é ligeiramente estúpido. Mas no texto lacaniano, e tirado evidentemente de Hegel, esse sujeito é imputável ao Haver. Em Hegel – diferentemente de Espinosa – e em Lacan ele é imputável ao Haver. Não sei se vocês se deram conta de uma ligeira passagem no Seminário do *Ego*, onde Lacan diz, cito de cabeça: “Não caíamos na mística. Não estou dizendo que haja uma fala no átomo e no elétron, mas por que não?”. Funciona como se. Afora o local, as localizações teoricamente maiores, os maiores teoremas lacanianos, que são perfeitamente compatíveis, a meu ver, no caso do sujeito, com o sujeito de Hegel, atribuível ao Haver.

Se o sujeito freudiano, o sujeito do Inconsciente de Lacan, não comparece substantivamente e se representa de um significante para outro significante, se levarmos essa série muito longe, e sabendo que o significante é enxame de significantes – no sentido lacaniano de enxame de traços, de constituição de letra – qual é o tamanho de um significante? É de qualquer tamanho, desde que o arrolamento desse significante como tal seja capaz de incluir a massa de traços que esse significante indica. Se eu for acoplando as massas significantes, uma vez que o Outro lacaniano começa sendo apenas o que é adstritamente simbólico e inconsciente e depois parte para real – e que, em seu último Seminário, Lacan chega a dizer, para o pasmo de muitos lacanianos, que *o real é o inconsciente*. O real lá dele, que, por um lado, é o meu Haver, por outro, é justamente o Não-Haver... Mas se for colocando o lugar do sujeito, ainda que como mero lugar lacaniano, entre um significante e outro, acrescentando a montagem desse significante, vai acontecer que, em última instância, terei um significante imenso e ilimitado chamado Haver, que representa um sujeito para quem senão a outro significante? Senão ao que o Haver se propõe e que não há?



Vou, então, arrolando significantes e posturando o sujeito entre um significante e outro. Vai acontecer que, normal, terei um limite para significante, que se chama real, para Lacan, e Haver para mim. Onde está o sujeito? Sumiu? Ele só funciona aí dentro? Se o Haver – segundo meu Esquema Delta, e se aquilo é verdadeiro – se propõe, sem poder encontrar, o Não-Haver, que ele não pode atingir, o último lugar pensável do sujeito é entre Haver e Não-Haver. O Não-Haver, aliás, é significante de direito, e não de fato. Se o Haver é a plenitude desses significantes, se ele se propõe o Não-Haver como obtenível – e ele se propõe, se não, não desejava –, o que designa haver algo para lá? O desejo! Se esse é o movimento do desejo, e o desejo deseja o que não há, deseja esse impossível, esse impossível no seio do Haver funciona como significante a ser produzido. Fora do seio do Haver não existe nada, mas o Não-Haver é significante, se não, eu não o desejava. Por isso, fiz a distinção, no Pleroma, entre desejo de direito e de fato: o Não-Haver não há de fato, não posso passar para lá, mas de direito eu o proponho. É o significante-mor de Lacan, é o significante Outro absoluto, o significante *das Ding*. A Mulher (lá na cabeça de Lacan, pois não existe a mulher nenhuma)...

Se, portanto, do ponto de vista do Esquema Delta, há a perspectiva exorbitante do desejo se propondo o que não há, tenho que conjecturar um lugar do sujeito extrapolado e, pior, um lugar do sujeito que existe de direito e

de fato. O que não existe de fato é o Não-haver, o sujeito existe de direito e de fato e é, segundo aquele *Cours* que lhes apresentei, o articulador-mor de tudo isso. Isso pensa, isso fala. Quem? Ele, sujeito do A-Deus. Deus, se quiserem. E na medida em que isso está subdito, na sua plenitude, ao Revirão, isso equivoca. É o que os físicos não conseguem ainda articular bem na sua guerra intestina entre pura determinação – que não é aquela minha, é a deles, absoluta, etc. – e a indeterminação flutuante do aleatório, do acaso. Do ponto de vista freudiano, é absolutamente determinado: a determinação freudiana é só-depois e conta com os movimentos equivocantes do sujeito. Lá dentro do átomo, os físicos ficam embananados porque aquilo equivoca e, pior, a epistemologia – é preciso demonstrar isto e, talvez, não seja tarefa minha – não tem razão nenhuma – e Lacan de certo modo embarcou nessa – em dizer que o processo científico da observação da natureza está imiscuído do sujeito do cientista. Não está não! Esse processo é que é subjetivo, ele, e é subjetivo na mesma proporção que o cientista. Não confundir a ignorância do cientista com a intervenção que proporciona o sujeito. A epistemologia está errada do ponto de vista da psicanálise. Mas já há alguns epistemólogos, físicos e cientistas que, felizmente, estão dizendo claramente que não há intervenção do sujeito na experiência. O sujeito está lá e é o sujeito *tout court*, do qual sou apenas uma repetição estrutural. Estamos, pois, de volta à intervenção divina no seio da matéria.

Retornando um pouco, se o *Falo* para Lacan é o significante de haver desejo, não podemos esquecer que assim o é para ele, Lacan. Para matematizar, ele nomeou o significante de haver desejo, o significante do desejo, de  $\Phi$ , falo. Já se viu desejo barrado? Desejo é ação, verbo, e não substantivo. Se desejo é verbo, posso resumir o verbo, por exemplo, como gosto de fazer, no *gerúndio*, que é o modo verbal, a meu ver, por excelência, mais do que o infinitivo. Depende de nos situarmos no interior de um limite traçado aqui e agora ou na ultrapassagem desse limite, para termos que ora isso é fálico com conjuntura disto aqui e agora, ora isto se aliena no processo de acrescentamento do  $S_1$ , pois  $S_1$  não é dado. Enquanto designação do desejo instalado aqui e agora, então, o tal  $S(\mathbb{A})$  é  $\Phi$  rebolando, é verbal. E se encaminharmos o processo até

o fim, teremos que neste lugar, entre F e  $\tilde{A}$ ,  $\phi$  é idêntico a  $S(\tilde{A})$ . Mas como o processo se propõe o Não-Haver – e não desiste porque deixou de se propor, só desiste porque é impossível –, aí nesse lugar  $S(\tilde{A})$  some e vira, retoma para dentro. No lugar do Furo, justamente, quem se demonstra desaparecendo é  $S(\tilde{A})$ , o qual morre aí e diz: “Só há falo”. Porque existe falta, falta  $S(\tilde{A})$ , não se pode mais pensar nisso. Não porque o Haver deixou de pensar, mas porque levou uma porrada do Real, do Não-Haver, isso é desistido: desiste-se de  $S(\tilde{A})$  porque não há Outro do Outro. Se há desistência disso significa que existe pelo menos um que diz não a isso e ele retoma para o todo, então, vai instalar  $S(\tilde{A})$  dentro, pois não pode instalá-lo fora.  $S(\tilde{A})$  retorna imediatamente porque o Outro é desejante e o desejo é o desejo do desejante, e não do desejado. O meu desejo, desejo do sujeito, é desejo do desejante que quebrou a cara e tornou a desejar... O fato do Inconsciente é que ele não pode escapar do  $S(\tilde{A})$  a não ser no momento em que ele é obrigado a deixar disso, porque não tem isso. Mas ele existe porque o seu movimento é desejante. Ao longo da cadeia disponível ao Haver ele é  $S(\tilde{A})$  o tempo todo sem parar. O meu A-Delta não é o sujeito, não é o Haver cartesiano. É um Haver em processo, tanto no campo do Haver quanto no campo do falante.

Se o Haver não fosse simbólico, eu poderia pensar no esgotamento da sua série pelo falante. Então, por mais histórica que a ciência fique, o que vai encontrar de impossibilidade é modal, e não o impossível do  $\tilde{A}$ . É que o Haver sai de lugar e ela tem de continuar a correr atrás dele. Ela é impotente mesmo e não trata com o impossível: a ciência trata com a sua impotência. O Haver muda de lugar, continua falando, e nunca vou saber qual será a próxima frase. Dentro, só uma porção de frases com sentido – pelo próprio movimento do Haver e proliferação de diferença – e quando ele der a volta, então, não faço a menor idéia do que vai dizer. É isto que os cientistas atuais dessa linha - que até se pensam próximos de Deleuze, não sei por causa do quê – querem chamar de aleatório puro, do acaso funcionando. Mas não tem acaso nenhum. Então, substituem a determinação, a necessidade do modelo antigo, pelo que eles chamam de “Coação”, só para situar aqui como evento: há uma coação

momentânea. Freud que não era estúpido diria: “Depois que acontece, sei que foi determinado”. É o só-depois, porque posso ler a determinação. Não posso é antes: antes ainda, não posso dizer como vai ser. Essa é a tolice da epistemologia da produção de futuro: para saber se é ciência tenho de conseguir fazer produzir o troço. Como, se não sei como vai ser? É impossível saber isso.

Não conheço nenhum cientista que tenha postulado o Não-Haver como Outro do Outro requerido mas não havendo. Nenhum deles tem isto. O máximo que conseguem é pensar igualzinho a Nicolau de Cusa, esse pessoal, na flutuação da energia neutra. Flutua, etc., mas não dizem pelo que é causada. Embora, evidentemente, atribuam um sujeito ao Haver, não pensam na hipótese de, se há sujeito para o Haver, ou se o Haver é sujeito, é assujeitado, é assujeitado a quê no seu desejo? Há que, aí, postular freudianamente – e acho que um dia vai ser considerado que o golpe de gênio dos últimos tempos, do século XX, do XXI, do XIX, em todos os campos de pensamento, foi Freud colocar o *Mais Além*. Que os analistas não gostam, que os cientistas não querem saber, porque é difícil... É difícil para o falante designar o seu desejo. A gente encontra tanta babaquice no caminho que fica olhando para o dedo ao invés de olhar para a lua que o dedo aponta.

Aliás, é preciso distinguir, pois alguns já acharam que a função hiperdeterminante está inscrita em Lacan como intersubjetividade. Não é a mesma coisa. E, também, quanto ao  $S(\mathcal{A})$ , ele não pode ser a fantasia do Outro. Aliás, eu nem gosto desse tal de  $S(\mathcal{A})$  e pouco falo nele. Eu o acho um troço desnecessário. É um ato didático de Lacan, porque ele está embutido em todo o processo. Quando Lacan, por exemplo, explica o que é o falo, o significante do desejo, o  $S(\mathcal{A})$  está embutido. Pode-se, pois, deixá-lo de lado que ele comparece: não pode não haver isso. Na verdade, Lacan faz uma questão absoluta de escrever o Outro no feminino. Não sei por que tem de ser feminino. Isto é mania de Lacan. Atenção, não há castração do Outro em Lacan. O Outro dele é incastrável. Ele escreveu o Outro no feminino e deixou isso em aberto. Ele não propôs a castração do Outro como modelo da castração do sujeito. Quem propôs isto fui eu. Só posso dizer que o Outro é incastrável

na medida em que  $\tilde{A}$  é um átimo de *Não*, que retorna outra vez para  $S(\tilde{A})$ . Mas tem esse limite. Só que não é o limite da física anterior, limite fechado, e sim um limite que se historiciza. O ciclo é que é infinito, mas há finitude e limitação no desejo verdadeiro do Haver de passar para  $\tilde{A}$ . Se não, *Mais Além* do Freud não serve para nada. Que se escolha: ou se fica com o Mais Além e se vem para cá, ou se passa para o time dos outros “analistas”, que não querem saber dele e ficam só dentro do sentido dado.

Não há presença efetiva do gozo-do-Outro ou de gozo-fálico nem no Haver, nem no sujeito, se não por modelo de passagem pelo Real. O resto é mergulho no sentido. E a dúvida dos físicos, por exemplo, entre a macroestrutura e a microestrutura, e a relação disso com a energia neutra. O tempo todo a física trabalhou a macroestrutura, o sentido congelado em sintoma, daí vai estudar partícula subatômica e aquele troço começa a falar, a discursar, a sofrer muito mais de perto a influência disso. Eles ficam embananados e pensam: “Deus está falando, está jogando dados? Einstein não queria que Ele jogasse dados. Que vamos fazer?” Agora, eles concebem o mergulho disso no seio de uma energia neutra. E encontram até canais preferenciais dentro dela. Quer dizer, a energia neutra tem sintaxe. Ela não sabe o que quer dizer, mas sabe para onde quer engatilhar, para onde se articular. No que Lacan tem toda razão em dizer que a semântica vem depois da sintaxe, que são forças de articulação muito anteriores à metaforização. Quem faz isso? O sujeito articulador.

\* \* \*

Para terminar, respondendo a uma pergunta colocada, *final de análise* para valer só existe de direito, não existe de fato. E porque existe de direito, tenho de conjecturá-la no seio da instituição que dá um limite para ela. E aí existe final de análise segundo certa Escola. E ponto!

07/OUT

## 6

### Ego ideal, ideal de ego, superego

Em continuação, quero tratar um pouco da questão do *Ego na teoria psicanalítica vindo a partir (e em função) da clínica*. Há muita coisa confusional no tratamento dessa questão. Lacan fez um Seminário enorme sobre o assunto, mas, em função do desenvolvimento mesmo de seu pensamento, ele me parece um pouco prejudicado.

\* \* \*

Começo abrindo a questão do Ego, sua situação na estrutura, seu surgimento na clínica, para debatermos um pouco e tentar acertar alguns pontos que me parecem muito confusos.

Não basta, a meu ver, situá-lo, como Lacan o fez – não que ele fique nisso, mas os usuários do lacanismo ficam um pouco apegados –, como objeto, pois o objeto ainda é uma coisa muito relativa... Em contraposição à dominância de Ego na clínica oficiosa, em termos de Lacan, de um reforço de ego, há toda razão para se questionar o estatuto do Ego. Mesmo dentro do que Lacan consegue teorizar, há coisas melhores, o que não deixa de remeter ao manejo do Ego na transação analítica... Ficar no regime da manipulação do significante, do destacamento dos significantes, é uma técnica, não deixa de ser... Mas o próprio Lacan não deixa de considerar a estruturação de Ego nesses manejos, a tal ponto que chega a dizer que uma análise – didática, pelo menos, na medida

em que foi ele mesmo quem aproximou a análise didática de qualquer análise – tende a uma espécie de dissolução do Ego. Coisa impossível, mas praticável...

O que será esse tal de Ego? Como ele se estrutura? Temos o Ego freudiano, sobretudo trabalhado no *Das Ich und das Es, O Ego e o Id*, de 1923, e o Seminário de Lacan, que nos servem de pontos de referência.

Sabemos que, em última instância, Lacan diz que o Ego, para Freud, é o pólo defensivo da chamada personalidade, que ele, Lacan, coloca como objeto, um objeto de referência do sujeito nas suas defesas também. Situar o Ego como objeto, afinal de contas, é situá-lo como objeto em produção. O Ego na sua estrutura global: um objeto em progresso, em produção. Por minha vez, naquele hexaedro que construí ano retrasado, deixava aquele objetinho *a* como resultante de uma heterodimensionalidade e compatível com o objeto fundamental que seria o Haver na sua plenitude. Ficava lá no vértice do triedro cartesiano.

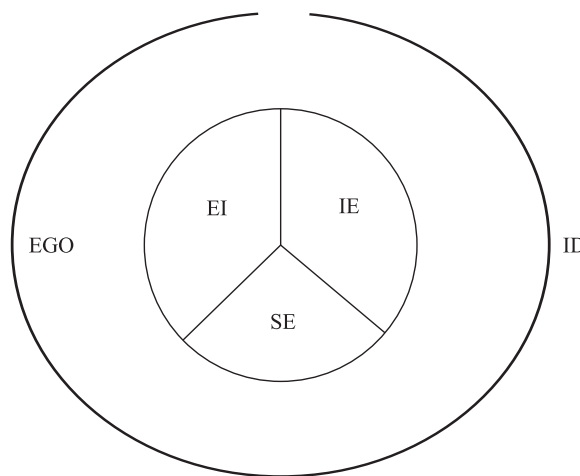
Mas minha pergunta é: como se constitui o Ego na sua dinâmica e como ele deve ser tratado, de maneira a se chegar a essa suposição de Lacan – que me parece um pouco drástica demais - de dissolução do Ego na prática analítica. Como se compõe o Ego? Afinal de contas, o Ego freudiano – que Lacan não joga fora, é verdade – é composto de Ego Ideal, de Ideal de Ego e de Superego – tudo é Ego. Como isso se organiza? Como poderíamos definir essas três coisas e, ainda que o considerando como objeto formalizado, entender do seu manejo e pensar da sua possibilidade de dissolução? Isto me parece radicalmente impossível. Acho que não se pode pensar em termos de apagamento de Ego. Qual é, então, a dinâmica? Qual é a hierarquia aí? Lacan, por exemplo, coloca o Ego como objeto e lhe dá uma força muito imaginária em certos momentos – que não deixa de ter –, mas que é diferente de se pensar, como, às vezes, escuto dizerem, que o Ego é imaginário. Isto não é verdade. Como é diferente de supor que mesmo o Ego Ideal seja imaginário puro. Mesmo porque, se Lacan resulta na compreensão do Ego como objeto, este objeto necessariamente é real, simbólico e imaginário (de Lacan). Como manejar isso? Que tipo de temporalidade há no Ego, de maneira que ele seja



constante ou não na história de um sujeito? O Ego é para ser considerado uma constante? Mesmo o Ego Ideal? Há história no Ego Ideal de um sujeito? Lacan não trata dessas coisas porque não lhe convém – ele é um estruturalista nessa hora. Não lhe convém, por exemplo, como Freud não deixara de fazer, abordar o Ego por uma via historicizada. Quais são os avatares do Ego na sua história, na sua eventualidade?

*O Ego e o Id* pode ser um texto meio confuso de Freud, mas gostaria de retirar dali – quando digo retirar, é deduzir dali: não significa que estou fazendo a leitura precisa do que lá está, mas sim o que quero construir a partir do que entendi dali – o esquema seguinte.

Ninguém discordará de que o Ego é um pedaço do Id. Refiz o desenho do Ego em três partes, pois não me parece que ele seja uma coisa inteira. Como definir, então, essas três partes?



No desenvolvimento da teoria de Lacan, me parece precário dizer, mesmo lacanianamente, que o Ego Ideal é imaginário, que o Ideal de Ego é simbólico, e lá sei o que seria, portanto, o Superego, que Lacan coloca na ordem da censura e da lei. Parece-me, do ponto de vista da prática, do manejo dessa

coisa, que é um pouco exagerado estar subdividindo registros para essas regiões. Por exemplo, não posso considerar o meu Ideal de Ego no imaginário? Não posso considerar que o Superego tem real, simbólico e imaginário? Quero dizer que a formalização, a distribuição que se faz disso, me parece grosseira. Então, como conceber qualquer formação, dentro da estrutura do falante – que não seja eventualmente registro puro que Lacan tenta indicar: o real puro, enquanto impossível de se inscrever; o imaginário puro, enquanto biunivocidade radical; o simbólico puro, enquanto articulação puramente significativa –, como tomar formações que são muito mais densas e lhes dar um registro e não os três? Quero começar a mexer nisto porque não é assim que vemos funcionar, e quer me parecer que do próprio desenvolvimento da teoria em Lacan, ele acaba proibindo de pensar assim.

Estou muito preocupado com uma coisa que está acontecendo vertiginosamente na psicanálise por culpa do Dr. Jacques Lacan. A pura e simples distinção teórica e a vontade de matemização me parecem extremamente importantes, mas, ao invés de virem proliferar a abordagem dos processos de organização nesse sentido, estão fazendo todo mundo calar. Está-se calando a respeito da eventualidade analítica porque se tem, muito mais fácil de decorar do que no tempo de Freud, meia dúzia de formalismozinhos. Fica-se satisfeito, por exemplo, com “forclusão do Nome do Pai”, e danem-se o psicótico e o entendimento da psicose... Isto é minueto intelectual para instituições se representarem bem nas suas revistas e publicações. Mas e a efetividade disso no campo? Se não começarmos a situar uma dinâmica mais sutil, cheia de gradientes, no campo psicanalítico, esse troço vai para o brejo. Vai virar um *código* social de todo mundo se entender muito bem a respeito de nada, porque não estão falando de nada: estão recitando tautologicamente a teoria. Até segunda ordem, teoria é *contemplação de algo que há*. Se ela fica isolada do que há, ela é simplesmente delírio, entra na psicose. Lacan se deu conta disso e começou a se segurar em concretudes topológicas.

\* \* \*

Quero propor uma nova abordagem. Quero *fazê-la* aqui, junto com vocês.

O Ego Ideal não deixa de ser uma figuração, uma composição, onde não deixa de entrar, na *história* do sujeito, o que é da ordem do simbólico e o que é da ordem do real (no sentido de Lacan). Pergunto-lhes, então, se, na experiência de vocês com o seu próprio Ego e com o Ego dos vizinhos, não há uma história do Ego Ideal? O Ego Ideal que têm hoje é o mesmo que vocês entenderam lá no começo? Não! O Ego é historicizado. O Ego não é o mesmo. Em nenhuma das suas instâncias ele é sempre o mesmo. Freud está comigo. Fixar, por exemplo, o Ego Ideal na decantação definitiva da imagem no Estádio do Espelho me parece um pouco forçado. A tendência textual da maioria - e mesmo certas tendências de vez em quando em Lacan - é de referir o Ego Ideal àquela construção imagética que acontecera. Isto tem desenvolvimento? Há evolução do Ego? Vejam que estou trazendo de volta uma série de termos que não se usa em lacanês. Imaginem falar em progresso, evolução do Ego! Isto é da ordem da heresia. Se há no Inconsciente de Lacan - atenção que o Inconsciente de Lacan não é o de Freud - formas puras, chamadas significantes, que até mesmo seu processo metaforonímico não cabe aí, teremos uma absoluta reversibilidade no Inconsciente. A temporalidade do Inconsciente para Freud é praticamente zero, praticamente inexistente. (O que também é discutível. Falarei disso em meu seminário quinzenal, pois há uma temporalidade inconsciente). Lacan não pode - pelas construções que fez, lhe é proibido - assumir processamentos metaforonímicos, metafóricos e metonímicos, no nível do Inconsciente puro. Ele precisa se escorar no Pré-consciente para dar um pouco de corpo a essa loucura reversível do Inconsciente. No que o processo se daria com condições de metáfora, é preciso não só baixar ao Pré-consciente, mas com a articulação, que não necessariamente é consciente, do psiquismo com as modalidades que existem no Haver. Por exemplo, a passagem do tempo físico do lado de fora. Freud muito sabiamente vai situar a psicose no nível desse desnível aí, que Lacan não deixa de utilizar quando coloca o psicótico invadido pelo Outro lá no Inconsciente e desconectado, de certa forma, de

processar simbolicamente, na verdade metaforicamente, letristamente, o que acontece do lado de fora.

Como, então, vou constituir, dado isto que estou dizendo, um Ideal de Ego estritamente no Simbólico? Seria Ideal de Ego do louco, do psicótico, que nem é Ideal de Ego, é desgoverno de Ego. Estou chamando de “estritamente”, aí, quando os outros registros não são considerados. Dizer que o Ideal de Ego é constituído a partir do simbólico, também não me resolve, pois por que cargas d’água a pressão imaginária não é, também ela, compatível com o desnível entre o Ego e o Ideal de Ego? Quero implicar um pouco e continuar perguntando se dois imaginários confrontados a um falante – chamemos de sujeito, se quisermos –, o desnível entre dois imaginários, ainda que seja como valor erótico, por exemplo, não constitui um desnível suficiente – ainda que ele tenha que requisitar o Simbólico para operar isso – para ele poder colocar um como Ego Ideal e outro como Ideal de Ego? Proponho que o Ego Ideal é uma construção aqui e agora, que pode estar baseada no eguinho ideal lá do Estádio do Espelho, dos valores reais, simbólicos e imaginários, o que quiserem, estatuídos sobre a base de uma figuração, de uma formação alteregóica a que o sujeito se aliena lá no Estádio do Espelho, o que corresponde ao estabelecimento e prevalência de *um* sentido dado. Seja como for que se constitua na estrutura o tal de Ego Ideal, ele é um construto do qual não estão ausentes o simbólico e o Real, mas aprisionados numa cadeia de sentido, e mesmo de significação, que tem valor aqui e agora para o sujeito como sua configuração a que ele se aliena para poder existir nos enunciados.

Então, retornando, há comparecimento do Ego *in totum* como objeto, mas estou considerando que o Ego é constituído por três construtos: Ego Ideal, Ideal de Ego e Superego. Como se poderia descrevê-los? O Ego Ideal é, na história de um sujeito, aqui e agora, o construto, configuração, o nome que quiserem, até pela *Gestalt* dá, onde entra Real, Simbólico e Imaginário, que o sujeito toma como seu sentido aqui e agora. Ele se adere a isso como seu sentido. Ou seja, o objeto se torna configurado e aprisionado num determinado objeto a que ele se constitui como sendo, por via sintomática, na

medida em que isso exige um processo de metabolização. Na história de um sujeito, o Ego Ideal não é sempre o mesmo. Tomemos um sujeito em processo no campo social. Ele se configura como Ego Ideal – a partir, naturalmente, da sua etiologia lá no Estádio do Espelho –, ele se constitui como sendo *x*. Este sujeito está às vésperas de um reconhecimento (correto ou incorreto) pela sociedade de um valor egóico a ser pespegado nele. Por exemplo, vai se formar psicólogo. Ele vai, então, à formatura. O Ego fagocita o diploma e passa a fazer parte do Ego Ideal dele, imediatamente. Mesmo que ele não valha isso...

Diante disto, o que seria o Ideal de Ego? Um outro construto da mesmíssima ordem, da mesmíssima estruturação, considerado pelo sujeito em função dos reconhecimentos do Outro como superior a esse construto. O Ideal de Ego seria um outro construto da mesmíssima constituição do Ego Ideal, só que, no seio, no campo do Outro, esse sujeito tem todos os motivos para considerar este outro construto como superior ao dele e, portanto, um atrator de seu movimento, que ele coloca como algo em que deveria se tornar como se fosse um modelo para ele. As razões disto se constituir um modelo estão na própria construção do Ego, no próprio desenvolvimento do sujeito com as cadeias do Outro, etc. E ele encontra razões suficientes para achar que o Ego de *y* é melhor do que o Ego dele mesmo, *x*.

No caso do Ego Ideal, o objeto é sempre aderido ao sujeito. É como ele supõe que é visível. No caso do Ideal de Ego, é como ele gostaria de vir a ser. Há uma hierarquia evidente, tanto em Lacan quanto em Freud, entre o Ideal de Ego e o Ego Ideal. O Ideal de Ego é superior, instância superior, em relação ao Ego Ideal.

\* \* \*

E o Superego, o que está fazendo aí? Tanto Freud quanto Lacan o colocam num regime de legislação, de ordenação, e, por isso, de censura. Censuras feitas a quem? Ao Ego Ideal ou ao Ideal de Ego? Veremos adiante.

Minha intenção, sobretudo, é mostrar que o sujeito *tout court*, num certo momento da sua história, tem o rabo preso nas formações que tem para lidar com ela – aliás, nem o divino, nem Deus tem o rabo solto. Tanto é que nem mesmo psicótico o tem, pois tem o rabo preso nos seus delírios. Ele precisa constituir, na falta de uma relação com as modalidades que se lhe apresentam em relação com suas construções metaforonímicas, como defesa, essa pregnância enorme de Ego, de que Lacan fala, em cima do delírio. Quer dizer, não há sujeito de rabo solto. Em termos do Inconsciente verbal (que a gente finge tratar só dele na relação analítica), o que passa ali no meio é subjetividade, ainda que esteja mais ou menos de rabo preso na ordem Simbólica mesmo - que não é simbólica, e sim metafórica, porque ter traço unário, referência ao  $S_1$ , é da ordem do metafórico e assim sendo não é Inconsciente puro. Temos, na verdade, que o sujeito é um cara meio sujo, que nunca aparece limpo, que está sempre de rabo preso. Até mesmo a chamada *intervenção* na ordem do simbólico, como os lacanianos gostam tanto de reafirmar, a intervenção no regime do puro significante, isto é bobagem, pois não aparece significante puro para ninguém. Isto não existe. Em termos de produção de sentido fica absolutamente impossível não se manejar Real, Simbólico e Imaginário aqui e agora, em qualquer circunstância. O valor heurístico, teórico e mesmo didático da distinção não me permite pegar o objeto em si e começar a distinguir dessa maneira. É preciso ter um pouco de dinâmica aí.

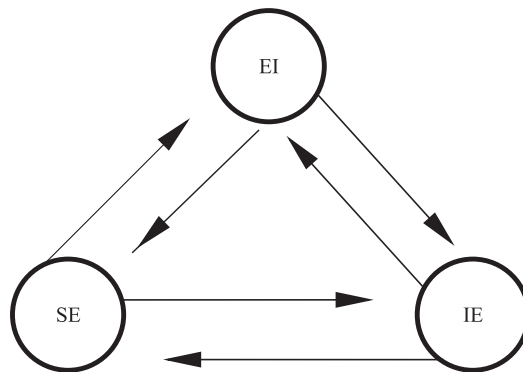
Nesta medida é que estou dizendo que o que quer que haja de Ego metido no campo disso (que não é tão purista assim, é modalizado também) comparece nas três feições dos registros possíveis e com uma certa equivalência no seu modo de produção. Ego é essa maçaroca de Real, Simbólico e Imaginário, considerado, não se sabe porquê – por enquanto, pois é claro que se sabe –, aderido pelo sujeito como sendo a sua configuração aqui e agora. Isto é que é o Ego Ideal. No que ele se propõe reconhecimento de outro Ego pode ser de um outro sujeito ou ser um outro Ego artístico – que lhe parece superar vantajosamente o seu e ao qual ele gostaria de se ver aderido, soltando o rabo de cá e prendendo no de lá, é aí que temos o Ideal de

Ego. Que tem a mesmíssima constituição do Ego Ideal, só que tem um lugar diferente para esse sujeito que está aderido a ele. E hierárquico. Se não, vai-se ficar o tempo todo, na clínica, dizendo coisas do tipo “o Ego Ideal é imaginário”, e o troço não funciona. Na dinâmica mesma do analista com o analisando, isto se dá. O analisando é tolo o suficiente para supor que seu analista merece o lugar de Ideal de Ego porque é melhor do que ele, é suposto saber não ser babaca como ele é...

O Superego vai instanciar-se aí, dentro dessa hierarquia, procurando seu lugar hierárquico. Por que aparece o Superego? Porque mesmo na estrutura do Ego de Freud não há especularidade radical de Ego para Ego. Então, colocar o Ego no regime do especular puro, é um pouco forçado, pois que há diferença de Ego para Ego. E quem vem reger essa diferença, que se torna diferença hierárquica, de valor, é o Superego. Como ele entra aí? Como uma instância subjetiva? Não! Entra como um *outro* Ego que lá está, em função do reconhecimento do Outrão, ou seja, do *omnibus* do Haver, dos falantes, como aquele que impõe ao sujeito aderido ao Ego Ideal que ele solte o rabo dali e prenda no de cá. E o Superego é safado porque não tem condições de exigir isso do Ego Ideal a não ser na sua relação com a hiperdeterminação de que falei, que é aquela que subverte o campo das determinações. (Aliás, tem gente aí que ficou pensando que hiperdeterminação é “determinação *pra* caralho”. Não é isto que eu estava dizendo). A determinação é tão radical que inclui um fator hiperdeterminante que subverte a determinação e pede uma transiência do determinado. Portanto, a hiperdeterminação é responsável pelo ato criativo, pelo deslize, pelo *clinâmen*, se quiserem, no seio do Haver e no seio do falante.

Acontece que isso comparece demarcado pelo sujeito como configuração, como uma forma de Ego. Por isso Freud falou em Ego, Id e Superego, mas não colocou o Superego como instância não-egóica, tanto é que lhe deu esse nome. É uma diferenciação do Ego. É como se tivéssemos aí um jogo de três configurações manejando as *Anlehnungen*, os apoios egóicos do sujeito. Um Ego radicalmente bruto, lidando com apenas o ecossistema que o obrigaria a fazer certos expedientes, seria um Ego animal, o qual não tem,

certamente, Ideal de Ego nem Superego, pois que só se movimenta pelas implicações forçosas das relações ecossistêmicas. Acontece que o tal do falante, porque o Simbólico o invade e o Real também, configura um Ego aqui e agora ao qual se identifica plenamente. E isto não só imaginariamente. Tem uma pregnância imaginária muito grande porque é sintomático, mas ele tem, dentro dessa mesma formação sintomática, um outro Ego que se emprenha de valor para ele, e no qual quer se tornar – portanto, é o Ego da sua historicização para o futuro – e tem uma outra instância que manda que ele obedeça a essa hierarquia na medida em que ela – essa instância superegóica – está, ela sim, em relação com a hiperdeterminação. Mas, ao invés de fazer uma relação em aberto com a hiperdeterminação, faz uma relação configurada.



Temos, então, aí, a figura de um Ego Ideal; ali, a figura de um Ideal de Ego; e, depois, uma coisa de que o sujeito só pode falar figurativamente também, textualmente, letristamente. É como se tivéssemos três textos – que, embora tenham abertura, etc., são textuais, letras, ou seja, da ordem do enunciado, do significado – em jogo e uma diferença mínima entre eles que os faz funcionar: uma, como configuração minha aqui e agora historicizada (o fato de eu ter passado por uma história modificou meu Ego Ideal, eu me suponho tal figura aqui e agora); e outra, aquela outra figura que quero ser porque parece superior a mim. No que há esse desnível, há uma terceira figura, também configurada.

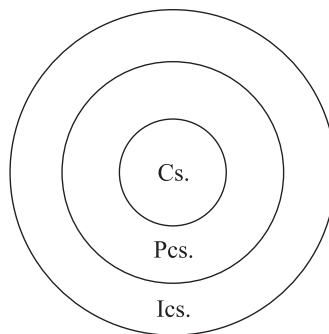


Freud fala em identificação à imagem paterna que é o que lhe foi dado ali naquela historinha como sendo uma certa configuração (que pode, ela em si, até ser inferior, ser menor que o Ideal de Ego, mas) que obriga o sujeito a olhar para o Ideal de Ego na medida em que ela é o empuxo referente à hiperdeterminação. Portanto, o Superego tem duas caras. Tem o caráter, digamos assim, de ser aquele que empuxa para o crescimento das minhas virtualidades egóicas, mas, ao mesmo tempo, por ser configurado, prende, amarra essa virtualidade pois que endossa a dimensionalidade do Ideal de Ego como se fosse maravilhoso – e todo Ideal de Ego é tão babaca quanto o Ego Ideal. Aliás, lá no exemplo de Freud, o Ideal de Ego não é necessariamente igual ao Pai, pode ser igual ao Ideal de Ego do Pai...

O Superego, a meu ver, se configura como o Ego, do mesmo modo, só que sua função é de ser uma construção egóica que garante – obrigando até o Ego Ideal – transformar-se em Ideal de Ego. Ele faz isso porque é o terceiro como vetor de movimentação na história do sujeito. A pressão que sentimos do Superego, o toque de angústia que ele recebe, é da hiperdeterminação. Quando Lacan diz que o Superego é tocado pela angústia diante do real, trata-se aí do *meu* Real, e não do de Lacan. É o meu Real que revira. O Superego é uma exigência de Revirão num certo momento de pressão em que o sujeito está entre sua posição configurada e a posição configurada que ele aspira. Mas, atenção, que o Superego não fica entre; ele é terceiro, pois são três instâncias e com menos de três não se amarra.

A nomeação de Ideal de Ego como da ordem puramente do Simbólico, ou como estatuído estritamente pelo Simbólico, é falsa e prejudica o trato analítico. É preciso estar de olho no sujeito quando ele, paranoicamente o tempo todo, fica nas suas questões de transação do Superego com o Ideal de Ego em função do seu Ego ideal. Isto é descritível, pois o sujeito, frequentemente de maneira paranóica, descreve essa luta interna do Ego. E isto tem que ser lido como se lê texto: ao pé-da-letra. Porque é letra, e não significante. E preciso tomarmos cuidado com isso tudo, pois Lacan não disse que há instância do significante no Inconsciente, e sim instância da letra. Mas como pode haver

instância da letra no Inconsciente se o Inconsciente é puro jogo significativo? Saiam dessa... Vai-se expandir a noção de Inconsciente para o Pré e para o Consciente? Até se pode. Até segunda ordem, o *Ics.* é todo, o *Pcs.* é parte e o *Cs.* é parte.



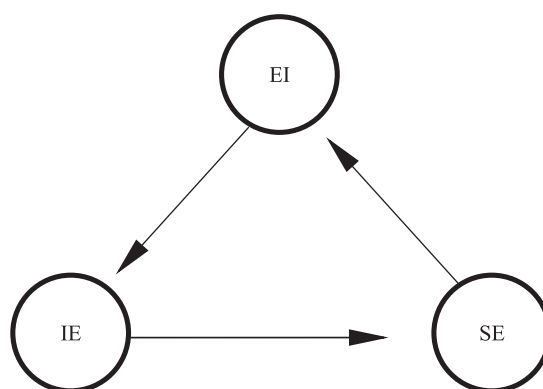
Deve-se, então, traduzir o Inconsciente por esse todo ou pelas formações puramente significantes? Isto está uma bagunça dentro do lacanismo. E vemos o analistazinho de subúrbio fazendo joguinhos de palavra, achando-se muito inteligente por causa disso e achando que está promovendo a cura. Ficou “fácil” a redução do pensamento de Lacan - que não era essa besta, era muito sutil - a essas arrumaçoezinhas formais. O que há de defeito no lacanismo é que todo mundo “entende” das coisas, puxa-se um matema do bolso, um  $S(\mathcal{A})$ , por exemplo, está resolvido... Só que o desgraçado não cura, pois não se faz a direção de cura com essa baboseira. A tendência que me deixa arrepiado é ver a maioria dos psicanalistas, sobretudo lacanianos, se demitindo da convivência com a sujeira verbal de todo dia, para ficar no paraíso dos matemas. Nada tenho contra os matemas, muito pelo contrário, desde que *falem*, e não virem coita de analista...

Aliás, falei em *apoio* no sentido de que se há sujeito *tout court*, tal como concebido por Lacan, no ínterstício de significantes que nada significam senão a mesma coisa – afinal de contas, o significante puro de Lacan não serve para nada se não significar o falo –, então, sujeito puro é esse, que jamais compareceu... É um construto que me dá sentido, que é dedutível das formações

das letras. Pode-se deduzir o Inconsciente como teoria a partir dos movimentos falantes de um sujeito, mas que esse tal sujeito puro comparece, nem papai do céu, jamais... Não posso confundir minhas deduções de construção teórica com os eventos históricos na fala de um sujeito. Se o sujeito de Lacan lida com Censura e com instância da letra, não pode ser o puro representado de significante para significante, pois tem esteios, já tem apoio metafórico, faz sentido, tem rabo preso nas metáforas. A questão é saber como deslocar essas metáforas. Trata-se, então, de apagamento de Ego? Não, pois é preciso que o Ego progrida. Apagar como? O que é apagar-se no seio do Simbólico senão invadir o Simbólico por extenso? É tornar-se competente para o que der e vier – o que ninguém vai se tornar, não sonhem com isso. Mas a tendência é esta.

\* \* \*

Isso pode, portanto, ser de utilidade clínica na medida em que possamos pensar quais são os projetos hierárquicos de um sujeito aderido a determinado Ego. Quais são os projetos de hierarquia? Como é manejada por um sujeito a hierarquia desses três valores? Em que lugar vai-se colocar o Superego? O Superego está forçando os manejos do sujeito por via do Ego Ideal ou por via do Ideal de Ego? Isto fará alguma diferença na história do sujeito?



Ou seja, temos aqui Ego Ideal, Ideal de Ego e Superego. Ideal de Ego, evidentemente, é superior ao Ego Ideal. O Superego é superior ao Ideal de Ego? Não sei. Vamos fazer de conta que é. Se fecharmos a hierarquia borromeana que quero que funcione, o Ego Ideal precisa constituir o Superego. E se for o contrário, se o Superego for inferior ao Ideal de Ego? Qual dos dois deve-se escolher? Se trocarmos as setas, que diferença nosológica isto fará? Tanto o Ego Ideal quanto o Ideal de Ego e quanto o Superego são alteregos, pois não há Ego próprio, e sim lá onde o sujeito se encosta. O que se tem de bacana no caso do Estádio do Espelho, por exemplo, é que o Ego é outro, mas aqui estou falando de três construções de Ego para um sujeito só e que são hierarquizadas e tem uma função.

O Ideal de Ego, então, evidentemente, é superior ao Ego Ideal. O Superego será superior ao Ideal de Ego? Isto vai depender da descritividade desses Egos ou da relação entre eles? São coisas diferentes. Descritivamente, Ideal de Ego pode ser superior ao Superego, mas, na dinâmica do processo, cria-se uma hierarquia. O Ideal de Ego comanda o Ego Ideal e vamos supor que o Superego comande o Ideal de Ego. Se ele comanda o Ideal de Ego, então, para minha hierarquia dar certo, ele é comandado pelo Ego Ideal. Mas se for o contrário? Se o Superego comanda diretamente o Ego Ideal e faz com que este comande o Ideal de Ego para que o Ideal de Ego, este sim, mande, determine o Superego? Sei que estou trazendo um problema extremamente difícil, porque é fechado, circular. Hoje, só tenho questões, e não soluções... a diferença das setas, o percurso NESO ou NOSE, será responsável pela produção de tal ou qual valor nosológico (não vou dizer nem sintomático)? Por exemplo, poderíamos distinguir por aquelas setas o que é histérico e o que é obsessivo? Resta saber ainda qual a instância que faz a nodulação. Se for SE – conforme coloquei quando fiz a hierarquia: há uma que é aquela que dá a volta –, haverá diferença na resultante quanto a essas setas? Repito que estou trazendo problemas para podermos refletir a respeito das possibilidades de clínica em cima de um aspecto dessa ordem. Não estou trazendo soluções... Temos, por exemplo, então, a vertente Superego sobre Ideal de Ego, sobre Ego

Ideal e sobre Superego de volta. Ou Superego sobre Ego Ideal, sobre Ideal de Ego e sobre Superego de volta. Que são esquerda e direita do nó borromeano. A transação e o Revirão disso são freqüentes, são mais freqüentes, são menos freqüentes? O que é a passagem evidente numa análise de um sujeito de uma postura obsessiva para a postura histérica e vice-versa? Qual é a hierarquia, na prática da clínica, desses valores significados, se não pelo menos enunciados, pelo sujeito na sua história, que está em vigor aqui e agora?

Posso fechar a hierarquia porque seria impossível constituir qualquer um desses Egos sem a participação circular dos demais. Não podemos pensar, por exemplo, em Ego Ideal que não interfere na construção do Superego, que não passa por ele. Isto é borromeano: um determina, invade o outro, invade na história. Se, então, acreditamos na historicização do Ego Ideal – como de qualquer Ego, mas tomemos o Ego Ideal como exemplo –, se ele é historicizado, o Ego Ideal de ontem não é o de hoje. Se não é o de hoje, o Superego também teve de mudar de exigência. Vamos lembrar esses momentos em que a gente fica muito contente consigo mesmo (porque é babaca, é claro)... É que a gente serenou o Superego. Ou seja, deu uma mudada no Ego Ideal, uma encostadinha no Ideal de Ego e o Superego, então, diz: “Bom menino!”. Até que pinte lá fora, outra vez - ou lá dentro, sei lá onde é –, outra conformação de Ideal de Ego forçada pelo Ego Ideal que já encostou. Mas o movimento de desejo não parou...

Se não formos por aí, ficaremos jogando nesse futebol abstrato que não tem campo, bola ou gol, e não iremos à prática. Ou seja, não há como, na prática analítica esfumaçar o Ego de um sujeito, mas há como fazê-lo entender essa dinâmica, no sentido NESO e NOSE, para que ele possa jogar cada vez mais à vontade com isso, e que seja um *work in progress* na sua vida. Aliás, não se pode fazer mais do que isto... É o valor estrutural da filosofia lacaniana rebaixada à prática do cotidiano das esculturas de pedra, esquecida da historicização do sujeito, que faz com que se vá colocar como finalidade, fim de análise, etc., um acontecimento definitivo. Isto não existe! O acontecimento que se pode destacar do processo é a repetição desse movimento e sacar como se maneja o processo. É o que se pode fazer...

\* \* \*

O que é um sujeito analisado? Um sujeito que saca como esse processo se dá e tem até condições de dar a força certa ora para o Superego, ora para o Ideal de Ego e ora para o Ego Ideal... Ele não vai chegar a nenhum fim de análise em absoluto, de pagamento de Ego, em nenhum nirvana... Isto não existe! O que significa que *há hierarquia entre os analistas*. Se não, vamos cair na baboseira da Escola Freudiana de Paris de todo mundo chegar a Analista Membro da Escola (AME) e, então, todo mundo ser igual. Isto é democracia da burrice. Ou não tenho exemplos magistrais a meu lado, vivos, perto de mim? Há uma hierarquia, a qual não deve ser burocratizada, e sim reconhecida como uma *hierarquia do saber*. Não vou competir com Pelé em futebol que não sou doido, tiro-lhe o chapéu... O que se está criando com essa vontade de desmantelamento da vertente desejante dentro da psicanálise – o nome é este – é nada mais, nada menos do que a igualização das diferenças para que todos fiquem em paz e se chamem de analistas.

Meu mestre Anísio Teixeira, que era um maníaco da democracia, nem por isso deixava de me dizer que “a democracia americana é você entrar no táxi e o cara te chamar de você.”. Portanto, isto tudo precisa ser visto. Se não, fico sem emulação dentro da minha vida. É preciso poder olhar para qualquer um – e não porque ele está designado dentro de um sistema institucional em tal região burocrática – e ver se ele apresenta valores, em determinadas áreas, que posso situar como Ideal de Ego para mim. E isto é uma hierarquia, que não é imposta burocraticamente, mas reconhecida. Não vou chamar qualquer um de mestre porque não estou aqui para tomar benção a cachorro... Já estou até com vontade de chamar o Nietzsche, para dar um jeito nesta zona.

Tem-se ficado em abstrações do tipo “o sujeito, é tudo igual”, mas o que se encarna dentro da vida, no cotidiano das nossas ações, não é assim não. Não se pode suportar um sujeito que recebe um título de Analista numa instituição e começa a se achar grande coisa a ponto de erigir sua mesquinharia, sua burrice, em sistema, em exemplo para a comunidade. Isto

não é suportável. É como se dissessem que o cara analisado não precisaria mais de Ideal de Ego. Imaginem! É como se o Haver não tivesse história, como se o mundo não me obrigasse a repensar... Tenho um Ego Ideal, aqui e agora, que só pode ser uma besta, porque, certamente, há coisa melhor. Eu quero é mais... Agora, se parto do princípio que terminei minha análise, que sou um cara analisado e reconhecido como analista pelos demais numa identidade subjetiva, eu analisei o quê? O nome disto é paranóia. Com o que se comete a indecência de erigir em sistema burrice, mesquinharia, preguiça, falta de vergonha na cara e outros troços.

28/OUT





## 7

### O \$ujeito da incerteza - 1

O que vou colocar hoje, além de ter base psicanalítica, sobretudo no que diz respeito ao Esquema Delta, também encontra base na física e na biologia de hoje, em certas posições dentro dessas ciências. O que diz respeito à física foi tratado em meu Seminário quinzenal passado, e o que diz respeito à biologia, o que dá base a essas construções, trarei no próximo. Mas, de qualquer modo, funciona também em todo o sentido psicanalítico...

Trata-se de re-situar o Sujeito do Inconsciente e suas modalidades de aparecimento na fala, e pensar quais são os lugares da intervenção do analista.

\* \* \*

Em primeiro lugar, quero colocar o conceito de *Sentido*, pois é uma coisa conturbada na teoria. Quem insiste nesta questão é Lacan: o de que se trata é de fazer sentido, de fazer algo que possibilite ao analisando ampliar o sentido; o que está em jogo na fala do analisando é o sentido; o que está em jogo na intervenção do analista é o sentido. Mas o que é isso, o sentido? É muito mal definido, mal apontado, na teoria. Fica algo meio vago e as pessoas não sabem discerni-lo, por exemplo, da significação, da relação entre enunciação e enunciado. Costuma-se dizer que o sentido passa pela enunciação, mas o que é isso? Onde fica? Que sentido é esse?

A partir do estudo dos estóicos, que foram os pensadores antigos que mais se importaram com a questão do sentido, temos um trabalho da maior importância de Gilles Deleuze chamado *A Lógica do Sentido*. Ele faz aí um esforço descomunal para conseguir estabelecer justamente a lógica do sentido, o que é o sentido. É um livro que estudei bastante na época em que saiu em francês, 1969. Por via discursiva, ele consegue situar bastante o que seja o sentido: através de indicações de obras de arte e vários recursos da fala humana. Entretanto, ainda fica me parecendo meio impegável o sentido que Deleuze, com muita precisão e brilhantismo, consegue colocar nesse texto. Mas quero supor que, com a construção do Pleroma, o sentido fica mais positivado, pois a maior parte do que Deleuze aponta como sendo da ordem do sentido é apontado negativamente. Ele diz que não se trata disso, não se trata daquilo, não se trata de significação, etc., e o máximo de positividade que empresta é que “o sentido é o expresso, o exprimível”. E isso também não diz muita coisa. Na verdade, Deleuze trata o sentido no campo da superfície da linguagem, embora fale do corpo, etc. O tratamento explicitante que ele dá é mais no sentido dos incorporais da linguagem. Ou seja, até hoje, que eu saiba, tem-se tratado o sentido só dentro do campo do Haver, e não apareceu nenhuma conjectura capaz de mostrar o sentido ancorado numa coisa que o defina. Fica-se dizendo que o sentido está por aí, que não é a significação, que é o que se exprime... mas o que se exprime?: o seu sentido para o Não-Haver. O *sentido*, que é o sentido da Deriva de Morte.

O que está postulado no Esquema Delta é que só há um único sentido. Do mesmo modo que Lacan colocou que só há uma única significação em toda e qualquer manifestação: o falo como significante. Uma vez construído o Pleroma, a partir do conceito de Pulsão de Morte, *só há um sentido*, que não é senão *o endereçamento do movimento libidinal, do desejo, para o Não-Haver*. Qualquer significação, qualquer construção fraseológica, qualquer construção de linguagem, cabe aí, mas *todos fazem o mesmo sentido*. É claro que vai haver declinação desse sentido no campo das falas: o sentido vai se apegar ao enunciado e aparecer como possibilidade de proliferação de sentidos,

como diz Lacan, dentro da língua, proliferação de endereçamento desse movimento desejante quando ele se apegue a determinadas construções, ou seja, quando objetos são designados. Só assim o sentido pode fazer proliferação, ampliar-se. Ampliar significa questionar-se em muitas possibilidades de modulação do sentido. Mas o sentido é só um.

Ao contrário do que diziam os existencialistas – de que não há o menor sentido para a vida humana –, há sentido para tudo: para o Universo, para nós... E há um só sentido: o movimento do desejo no sentido do Não-Haver. Os efeitos secundários disso são as modalizações do sentido. Não se diz outra coisa senão com significação, o falo. Com sentido, o Não-Haver. O pólo, o atrator, o atraente universal do que quer que se diga, é esse Não-Haver, fundador, para Freud, do conceito de Pulsão de Morte. (Quero dizer, para o *meu* Freud...)

Esse sentido não tem outro vetor de endereçamento – ele é único, avessa-se em si mesmo no que retorna – senão sua própria *deriva*. Uso a palavra *deriva* porque desejo expulsar do vocabulário da psicanálise a palavra *pulsão*. Deriva é o que traduz corretamente, segundo o próprio Lacan, a *Trieb* de Freud, e encontra hoje nas ciências muito mais pregnância do que a palavra pulsão; a *deriva* é necessária dentro dos processos de formação na física, na biologia, etc.: os processos vão se coalescendo em eventos, em acontecimentos físicos, biológicos, verbais, etc., em deriva. Isto porque, apesar de haver uma determinação radical, mesmo uma sobredeterminação, existe aquele ponto – para o qual chamei atenção da vez anterior, que chamo de ponto-bífido e que Ilya Prigogine chama de ponto de bifurcação – onde a determinação, embora tenha existido até ali, passa a sofrer de uma impossibilidade de cálculo segundo a determinação prévia, e vira apenas uma coação que o sujeito, seja ele um falante humano ou o falante universal, divino, vai resolver, calculantemente, numa saída qualquer, a mais rápida possível, e que situa o que Lacan chama de “função da pressa”. Ou seja, diante de um fenômeno de flutuação – num momento de flutuação por entropia máxima de perda de equilíbrio repentino –, a calculação do sujeito é no sentido de uma pressa: aproveitar o cálculo mais urgente. Não porque ele seja determinado

assim, que esteja determinado que seja isso, mas o cálculo da pressão faz advir como solução o que seja mais rápido, mais urgente. Há uma urgência na deriva e esta urgência, embora apresente um resultado qualquer, faz um deslocamento em relação à determinação. É preciso dar uma solução, pois quando se está em situação absolutamente caótica, e isto é uma espécie de morte entrópica, o sistema tende a flutuar e, nessa flutuação, alguma saída tem que ser dada. O cálculo seria absolutamente aleatório, probabilístico, mas o que coloquei como hiperdeterminação vira a força exigente de uma saída urgente, a qual vai na função da pressa, como o nome está dizendo, talvez calculando o mais rapidamente possível uma das saídas. É por isso que se vai dizer que o jogo fica entre determinação radical e indeterminação radical, pois estamos entrando numa época epistemológica em que não se põe mais em choque a determinação com a indeterminação: as duas fazem parte do processo.

Estar, então, à deriva é estar na possibilidade da criação, ou seja, para o sujeito, qualquer coisa é disponível, mas há certa pressão da determinação que não dá a ele mais do que pressa – pressa de escolha. É por isso que existe o tal cálculo de probabilidade, que os matemáticos não sabem explicar. É simplesmente uma pressa de escolha por um sujeito acossado pelas determinações mas já liberado delas.

A flutuação é, segundo esse tipo de pensamento, quando um sistema entra em entropia máxima. Ou seja, quando a situação se torna caótica no sentido de que há indiferença, ele funciona como um todo, todas as partes são correlacionadas entre si, e há imediatamente uma quebra de simetria: o sistema flutua e cai numa nova produção de diferenças. Isto é constatado, calculado pelos físicos. Há uma quebra de simetria que eles não explicam de modo algum: acontece e, então, inventa-se uma explicação... Se vocês se lembram, no Seminário passado, falei dessa coisa fundamental chamada *Brusselator*: quando o sistema chega nesse ponto de entropia máxima, ele pode se afastar do equilíbrio, sofrer uma flutuação e, no que ele se afasta do equilíbrio dentro desse princípio de inter-relação total, dizem os físicos que o sistema se torna, reage como, um todo, sem partes. Isto é flutuação.

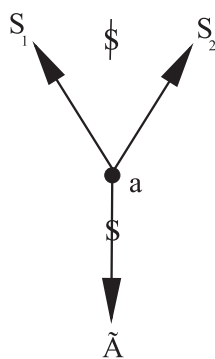
Minha hipótese, então, partindo desse esquema, é de que há uma causação. Eles falam em *clinâmen*, em flutuação sem causa, declinação sem causa. Digo que essa declinação é causada pelo Não-Haver que os físicos não computam. Ou seja, a hiperdeterminação comove o sistema de tal maneira que ele flutua justamente porque reage como um todo. Ele não flutuaria antes se as partes estivessem reagindo umas sobre as outras em sua diferença. No que não há mais diferença interna, ele terá razão para flutuar porque seu sentido é a deriva para o Não-Haver, e é aí que há essa comoção.

\* \* \*

Não há outra *coincidentia oppositorum* – que não chega a ser uma coincidência de opostos porque esta não se apresenta – senão como redução topológica da bilateralidade na unilateralidade. O que não constrói de modo algum um ser novo que seja a conjunção dos dois antigos, e sim um terceiro radicalmente diferente dos dois outros. O erro do pensamento antigo – de Jung, por exemplo, que aproveitou isto – da *coincidentia oppositorum* está em que a neutralização dos opostos não constitui um ser novo que contém os dois opostos. O que aparece é um terceiro, o qual está sempre presente como possibilidade, mesmo quando os dois opostos estão presentes. Isto, como acontece na banda de Moebius, e nisso que quero chamar de *ponto-bífido*. A virtualidade da separação da banda em dois opostos está nesse terceiro que é o ponto-bífido, do qual não posso dizer que é a conjunção dos dois outros, porque isto é indemonstrável: no que a face é uma só, sumiram os outros dois. Então, sobre a contrabanda, como gosto de chamar a banda de Moebius, o que encontramos é a possibilidade de inscrição de dois opostos referidos ao terceiro, que não é conjunção dos dois. Trata-se, aí, então, do ponto-bífido, de que encontro correspondência no *ponto de bifurcação* que Prigogine apresenta: esse momento de escolha quando um sistema está diante da possibilidade do novo. A flutuação da entropia faz com que ele tenha possibilidades de escolha. Não é preciso mais de dois aí. Quando ele fala em bifurcação, pode ser no máximo um *sim* e um *não*, ou um *isto* ou *não-isto*. É uma escolha.

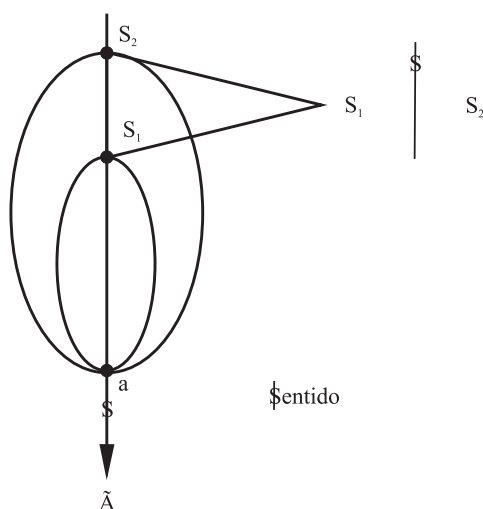
Um ponto-bífido, como um ponto de bifurcação, propõe duas diferenças que se distinguem. Uma diferença interna, que é a cisão em dois sentidos opostos como no caso dos dois alelos de um halo significativo. A diferença interna que há nesse local do ponto-bífido, da bifurcação, é que aquilo pode se resolver em dois opostos internos, em dois alelos num só halo. Mas há, também, a diferença interna nesse ponto-bífido que ainda não se partiu em dois, que é a diferença entre o próprio ponto-bífido e a diferença externa que é o Não-Haver. Numa situação de bifurcação, de indecível, momentâneo que seja, temos, na verdade, três posições a partir de quatro pontos: o terceiro como bífido podendo optar tanto pela diferença interna em dois alelos opostos, como por sua diferença para com o Não-Haver que está fora.

Prigogine diz que, no ponto de bifurcação, o sistema funciona como um todo, o que demonstra que se temos aqui um pontobífido, vamos chamá-lo de *a*, ele tem a possibilidade de se tornar uma oposição interna entre  $S_1$  e  $S_2$ , onde aparece um sujeito. Mas no que estamos antes ainda de fazer qualquer escolha, de tomar qualquer decisão ali, existe outro vetor no qual também aparece uma posição de sujeito. O sujeito de Lacan está entre significantes – lacanianos –,  $S_1$  e  $S_2$ , e, para mim, é uma aparição do sujeito entre os alelos. Mas, no que isso é halo, o sujeito – na situação de halo, em termos de pleromia significativa – comparece na sua verdadeira situação que não é aquela, e sim sua posição com referência a um halo significativo e o Não-Haver, que é o destino da sua deriva: seu *sentido*.



Venho colocando estas coisas há muito tempo. O primeiro delírio teórico que fiz se chama *Senso Contra Censo*, livro que tem um monte de bobagens, não gosto de nenhum dos artigos, mas todos contêm tudo que estou desenvolvendo agora. Na época, não sabia o que fazer com isso, mas tudo já estava destinado...

Mas posso escrever aquilo de outra maneira. Posso colocar essa posição  $S_1$ ,  $S_2$ , com um sujeito no meio para atrapalhar, mas, a partir da concepção inteira do halo, terei a posição radical do sujeito falante, do sujeito *tout court*, entre  $a$  e  $\tilde{A}$ . O destino de que se trata aí é  $\tilde{A}$ : o destino das pulsões, o destino do falante, o destino do Haver...



Aliás, o sentido também é esse. Por isso, desde aquele texto, *Senso Contra Censo*, escrevi, tratando da obra de arte, a procura do sentido assim: \$entido. É o \$entido do \$ujeito. E para considerarmos a sublimação aí, é preciso saber que ela é papo local, papo de paróquia – ela é um pedido de outro. Mas o Haver goza em qualquer lugar: fazer um poema, dar uma trepada, é tudo igual – no Haver, valem a mesma coisa. Agora, em nossos interesses criativos de sujeitos falantes aprisionados num tipo de carne, etc., fazemos essas distinções paroquiais.

Retomando, então, esse sujeito-suposto-saber que é o próprio A-Delta, se qualifica entre o Haver e o Não-Haver. Só estou na base do sujeito divino quando estou neste tipo de relação com o Haver e com a minha história: tudo fica para cá como um grande halo significante e me encontro entre esse halo e meu desejo, meu sentido fundamental. Mas o significante em Lacan é causa de gozo, e não de sujeito. Ele nos expõe o sujeito como *apresentado* pelo significante: sem significante não há sujeito. Estou apresentando do mesmo modo, só que procuro um regime mais alto e mais positivo para esse sujeito. Se o sujeito aqui se apresenta, como em Lacan, entre um significante e outro significante, agora estou dizendo que nessa construção do halo das possibilidades, inclusive significantes, o sujeito se ancora mesmo é entre *a* e *Ã*. Aquelas são as saídas significantes do sujeito, pois Lacan não substancializa de modo algum o sujeito. Para ele, o sujeito é aquilo que comparece porque há significantes. Ele quer ficar aí, isso é problema dele que não quer sair dessa zona. O que estou dizendo é uma coisa um bocado grave: o sujeito é concreto, radical, absoluto, que *há*, se encontra em qualquer lugar e está instituído segundo este modelo. O Haver é simples efeito do Não-Haver. Ou seja, o sujeito é sujeito da linguagem, que Lacan diz que não existe. E a linguagem, para mim, é o processo de Revirão, é o processo plerômico, e numa neutralidade radical. É apenas esse movimento de deriva e de partição em que o sujeito ali se inclui como sendo esse cujo destino, cujo sentido, é *Ã*. Lacan, então, nos apresenta a estruturação do sujeito entre significantes porque escolheu separar tudo e ficar na área da linguagem como língua. Ou seja, o sujeito comparece, mas no que comparece faz-se uma estrutura: há significante na linguagem e a estrutura é o sujeito entre significantes.

Estou trazendo uma outra estrutura que diz que aquele é o sujeito tal como comparece nas possibilidades modulantes da linguagem com o Haver, mas que, na verdade, o sujeito é entre o Haver na sua plenitude – sem nenhuma falta interna, pois não falta nada, mas há uma falta radical externa, que é a que nos dá impressão de haver falta interna, e é essa castração fundamental que nos situa como castrados aqui dentro. Esse sujeito, então, comparece porque *é* assim, a



linguagem é assim. Esta é a conjectura que quero fazer: o sujeito não é um efeito de significante para significante, ele é assim, construído corporalmente. O corpo do Haver faz o sujeito aparecer assim: isso tem carne, não há sujeito descarnado.

Já citei, aqui, num Seminário, o texto de Freud, *Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos*, de 1925, portanto depois da pulsão de morte, onde ele faz várias considerações a respeito de masculino, feminino, etc., tentando defini-los. Tem lá um rabinho de frase que diz que “a masculinidade e a feminilidade puras” – não sei o que ele quer dizer com isto – “não passam de construções teóricas de conteúdo incerto”. O que depreendo desse texto, dessa afirmação, é a coisa mais simples do mundo: não há masculinidade nem feminilidade senão como conjectura lógica a partir da castração. O que vai dar força para o que tenho dito há muito tempo, que o Falanjo, o Terceiro Sexo, é o sexo que a gente habita, com tendências mais ou menos vertiginosas para aqui ou para ali, para ora estar aqui ora ali. Mas que isto só comparece num nível de abstração muito grande. Então, qualificar masculino e feminino é da ordem de uma conjectura teórica e da maior incerteza quando aplicada em algum lugar. “Teoria é muito bom, mas não impede de existir...” Quer dizer, no meu Falanjo, quando é a afirmação fálica que comparece, a única coisa que se pode dizer é que, para qualquer falante, ela pode ser até negada, mas não por inteiro – porque o destino é querer Não-Haver. Ela é negada, ou seja, é atrapalhada, empecilhada, nada mais do que isto. Negar a função fálica para o Falanjo é simplesmente ele se ancorar aqui ou ali, é se deixar cambiar por alguma coisa que lhe parece um descanso da função fálica – de que o neurótico abusa, pois se sente obrigado a descansar da função fálica num aparelho bem construído em que ele não vai precisar mais se mover...

No que o Falanjo *considera* o Masculino, da negação da função fálica, e o Feminino, da negação da negação da função fálica, ele afirma simplesmente a função fálica e se refere como terceiro ao ponto-bífido, da bifurcação, capaz de fazer sentido, onde a diferença sexual propõe três termos com dois aparelhos de oposição:  $S_1$  oposto a  $S_2$  e a oposto a  $\tilde{A}$ . Coloquei o \$ entre  $S_1$  e  $S_2$  só como

intermediário, para mostrar que o Falanjo, no Campo do Sentido e dentro de uma estrutura de sexuação, é lúdimo representante desse processo de flutuação e figuração. Mas é só nessa posição sexual, entre *a* e *Ã*, e só nessa, que você se coloca como *possível* de se questionar sobre sua bifididade diante do sentido, portanto, possível de *fazer sentido* – assim como é possível ser neurótico e acreditar no sentido que está feito, que sua função fálica pôde ser negada. Quando o Falanjo diz “existe função fálica, ela pode até ser negada, mas nunca inteiramente”, sobra sempre um rabinho e, portanto, é possível eu entender, perenemente, que *tenho* sentido. O neurótico abre mão do sentido, tem sentido dado e está preso a uma significação. Coloquei dessa forma apenas para juntar o Falanjo com essa posição de Sujeito, porque o falante, no campo da fala, da manifestação, é nada mais, nada menos do que o lúdimo representante do Sujeito *tout court*. Ele pode até desviar para o Masculino ou para o Feminino, mas não se comporta aí senão instantaneamente.

\* \* \*

Preciso retomar, agora, a questão da *enunciação* e do *enunciado*, que Lacan foi buscar da lingüística, para criticar.

Em janeiro de 1973, escrevi um texto chamado *O Shifter e o Dichter*, que está re-publicado no *Senso Contra Censo*. Faço aí uma balbúrdia, um esforço escandaloso, cheio de sujeiras, para tentar explicar ou mesmo indicar o que estava pensando e não consegui porque não tinha ferramentas, não tinha o Pleroma ainda. Hoje, posso fazer uma faxina e mostrar que o texto é correto. Falava-se em enunciação e enunciado do ponto de vista da lingüística, mas sempre achei que havia alguma coisa faltando. No caso, por exemplo, do texto de Roman Jakobson, Lacan deita e rola discordando que o sujeito da enunciação comparecesse, como queria Jakobson, nos *shifters* das línguas. Então, por minha vez, digo que falta alguma coisa aí, que é o que quero chamar de *Sujeito da Denúncia*, e tento descrevê-lo. As descrições estão razoavelmente aceitáveis mas, nesse texto, não levam a lugar nenhum.

Agora, então, talvez, possa dizer o que é o Sujeito da Denúncia. Engraçado que eu estava relendo a *Logique du Sens*, que certamente já havia lido quando construí o *Shifter e o Dichter*, e vi que, em algum lugar, Deleuze fala a mesma palavra (isso deve ter ficado no inconsciente): *denúncia*: “aquele que fala participa da grande dissolução dos Eus e mesmo a comanda e a provoca” – e ele chama isso de denúncia. Ele está tratando aí de Pierre Klossowski, se não me engano, cuja trilogia *Les Lois de l’Hospitalité*, já lhes pedi que lessem.

O sujeito da enunciação, para Jakobson, como sabemos, está indicado nos *shifters*, naquelas partículas da língua – como o pronome pessoal, a indicação temporal do verbo, etc. – que, se não forem situadas, correm dentro do texto e não sei qual é o *eu* de que se está falando, qual é o tempo. Por exemplo, o passado colocado na frase “fui ao cinema” – eu quem? em que tempo? fui quando? Nesse sentido é que Jakobson coloca o sujeito da enunciação. Já o sujeito do enunciado é esse sujeito gramatical que percorre a própria frase. (Atenção que estou falando muito por alto, é preciso ler o texto.) Lacan critica Jakobson porque ele, Lacan, quer valorizar o processo da enunciação como sendo o processo do Inconsciente. Mais do que isso, Lacan tenta limpar o famoso Sujeito da Certeza de Descartes, retirá-lo da consciência do *cogito* e colocá-lo no Inconsciente como sujeito dessa tal enunciação. Enunciação esta que Lacan diz que os *shifters* de Jakobson não conseguem mostrar, e que só poderia ser surpreendida em lugares de equivocação na língua como, por exemplo, o *não* expletivo, isto é, aquela situação do sujeito que deseja determinada coisa, acha que isso não pode acontecer, mas diz “será que ela *não* vem?” Esse *não* é expressão do seu desejo de que venha, como temor de que não venha. É aí, pois, que ele mostra o sujeito da enunciação.

Antes ainda de fazer certas considerações sobre isto mais diante – li até o livro de Alain Juranville, *Lacan et la Philosophie*, que resume mais ou menos essa questão –, eu diria que o sujeito da enunciação devo encontrá-lo na articulação pré-consciente – atenção, saí do Inconsciente de Lacan – que se opera no nível inter-alélico do significante, isto é, no nível da oposição entre os alelos do significante. Por isso, digo que é pré-consciente. Já o sujeito do

enunciado é suposto ao que se articula no nível do enunciado, de valor consciente, no nível da articulação de alelos situados, por recalque ou juízo de forclusão – o *Urteilsverwerfung* de Freud –, no enunciado. Então, quando estou tratando de um halo significante, o sujeito da enunciação é o que ali oscila entre as duas possibilidades do halo. O sujeito do enunciado é aquele que – numa série de alelos que já recalcam ou fizeram juízo de forclusão de um pedaço, isto é, a série articulada do que você diz dentro do enunciado – aí se representa de significante para significante no enunciado. E o sujeito que se representa entre os alelos de um halo, é o sujeito da enunciação.

Mas me falta o *Sujeito da Denúncia*. Ele está situado, este sim, no nível inconsciente, da oposição entre o halo significante por inteiro, um halo plerômico, e o Não-Haver que o causa. Ou seja, de minha parte, dei uma deslocada no sujeito cartesiano que Lacan havia deslocado para a enunciação. Descartes nitidamente situa o sujeito, que ele constrói muito bem, no nível do enunciado, no *cogito, ergo sum*. Lacan puxa para trás e diz que está no nível de enunciação, mas essa enunciação que Lacan quer situar como inconsciente me parece pré-consciente. Ela se articula de significante para significante numa zona de produção que ainda vai decantar-se no enunciado, isto é, entre significantes situados na cadeia. Mas ainda por trás disso, o verdadeiro sujeito, sofrendo novo deslocamento, é aquele que está entre o halo por inteiro, o cinturão do próprio Haver, e a causa disso, que é o Não-Haver. É aí que está o sujeito purinho da silva, concretinhozinho, que não é mero efeito de coisa nenhuma. A estrutura é: ao Haver, tendência para Não-Haver; e o sujeito é isso que percorre esse interstício. Depois de aí estar não há senão girar para diante, na procura de estar nessa passagem. Sujeito da deriva... sujeito do tesão... sujeito do Haver...

O sujeito acéfalo de Lacan não é isso, ainda é o sujeito da enunciação entre os significantes, mas sem que um falante encarnado pegue esse sujeito e substitua o falo pelo Nome do Pai, por um  $S_1$  – pois que aí é que ele é encarnado, tem a cabeça feita: ele se designa por um significante que o nomeia, o Nome do Pai. Mas eu, estou dizendo mais, que o sujeito *tout court* é o sujeito divino, essa

centelha que está em nós, no qual tudo está para cá, nada está para lá. Ele é uma construção lógica entre Tudo e Nada. Nem é Nada, pois Nada está dentro do Pleroma. É entre Tudo e Não-Haver, entre Haver e Não-Haver. O sujeito da certeza, Descartes colocava no *cogito*, apesar de ter nome subversivo, pois ele precisava enunciá-lo. Lacan o traz para a enunciação, coloca-a como se fosse da ordem do Inconsciente puro (e eu não concordo). Estou dizendo que é decantação do que há no inconsciente para o Pré-consciente e estou tentando trazer que a certeza do sujeito – “por que sou?”, “qual é a minha ontologia?” - não é porque *eu penso*, como Descartes disse, mas tampouco porque *Isso pensa* na ordem da enunciação, e sim porque *Isso é*, *Isso há*, está aí, na ordem do destino do Haver. E se há esta lógica ternária, onde quer que ela compareça, comparece o sujeito. Não comparece no meu cachorro porque ele não é sujeito... Mas comparece no Haver, comparece em mim, e suponho que em vocês também...

\* \* \*

As mal-chamadas INTERPRETAÇÕES em psicanálise só têm operacionalidade no nível do enunciado e da enunciação. O que se chama de interpretação não é senão meter o nariz no enunciado e na enunciação do outro no sentido de balançar a sobredeterminação. Isso não serve para grande coisa, embora seja muito útil para fazer o sujeito colocar a sua disponibilidade histórica de formação de suas determinações. Mas *a efetiva intervenção analítica está no nível da denúncia, a qual está comprometida (eticamente) com a hiperdeterminação que é a Causa. Lugar também de Sujeito, desde onde se pode colocar a indicação freudiana (repetida por Lacan) da chamada comunicação de Inconsciente para Inconsciente*. Não é que a gente não trabalhe a interpretação – que acaba sendo hermenêutica – no nível do enunciado e da enunciação, mas é no nível da denúncia que não há hermenêutica possível. Denúncia de quê? Do seu destino... que é igual para todos. Um analista, quando denuncia isto, ele também *se denuncia* – ele não está denunciando ninguém –, denúncia esta que está comprometida eticamente com a hiperdeterminação.

Mas que diabos é isso que tanto Freud quanto Lacan dizem: comunicação de Inconsciente para Inconsciente? Ou isso é da ordem da mágica, da telepatia, ou faz sentido. Se pensarmos no nível que estou chamando da enunciação, aí é “transmimento de pensação”, que, até segunda ordem, não existe. Mas descubro um lugar que é, certamente, lugar de deslanchamento de certas intervenções que parecem interpretações do caso, mas que têm nascimento, emergência, nessa comunicação de Inconsciente para Inconsciente quando, mediante a sua própria falação com a presença do analista, o analisando é empurrado para a perda dos sentidos porque fica diante do Sentido puro. E nesse momento aí, os dois, analista e analisando, estão mergulhados no mesmo ponto de Inconsciente. E isto age a função da *pressa*. Se o analista consegue se posturar entre *a* e *Ã* e funciona intervindo entre  $S_1$  e  $S_2$ , isso que o analisando disse é uma saída. Não é o caso de se buscar aí uma razão calculante, pois poderia ter *n* saídas, mas só foi achada uma saída válida na medida em que esse ponto foi atingido. Então, há uma comunicação de Inconsciente para Inconsciente e é a partir daí que o analisando sem pressa pode escutar a pressa do analista por uma solução viável – que é da ordem da sugestão, sim: sugestão válida. Quero supor que, nesse momento, o analista ou tenta precipitar no analisando o achado de uma solução, ou deixa precipitar nele essa pressa – porque eles estão do mesmo lado e, portanto, essa sugestão é válida. A sugestão não é válida quando é calculante. Então, estão implicados aí o Inconsciente do analista falando para o Inconsciente do analisando, mas quando os dois estão numa comunicação de Inconsciente para Inconsciente – ou seja, os dois estão impressados na parede – se o analista se deixa acossar pela pressa e acha essa solução, ela pode parecer calculante mas a sua causa é essa presença. Quer dizer, os momentos a serem encontrados na clínica analítica são os momentos dessa indiferença interna: indiferença pelo interno. Quando se chega realmente a “nada disso vale nada, não se trata de nada disso, a merda é essa”, aí se *perdem os sentidos*, e aí se acha o *sentido*.

O projeto de enunciar, portanto, já é um projeto comprometido com a diferença interna. É só no momento em que isto zera e que para mim tanto faz isto ou aquilo, é aí que é possível comparecer uma saída, que vai virar

enunciação, vai virar enunciado. Quer dizer, na denúncia do sentido radical, este vai virar enunciação, vai virar enunciado, mas é preciso que este ponto de comunicação inconsciente se tenha dado.

A sugestão é que, na pressa, volta-se para o Haver. Mas como existia uma comunhão entre os dois, isso que se disse não é nem só para analista ou para analisando – serve para qualquer um. Isto é o desejo do Outro, pois o Outro não deseja nada senão isso. Ele é monótono. Quer dizer, no que entro no desejo do Outro, consigo traduzir em algum desejo viável para aquele caso. A única coisa que estou querendo então dizer é que, neste ponto, analista e analisando não se separam, o Inconsciente é um só. Portanto, se o analista tem como causa da sua intervenção este lugar, o que quer que ele sugira, vale, se o analisando aceita, porque é dele também. Mas se a sugestão é feita de dentro do Haver, no que Lacan chama de enunciação, não vale, porque ainda tem uma razão calculante pela diferença interna das determinações da série. Isto vale para você fazer interpretação, que ainda é hermenêutica mesmo no nível da enunciação. Lacan quis dizer que a hermenêutica trabalha no nível do enunciado e que, na enunciação, está no nível do Inconsciente. Pois não! Pois aí ainda há compromissos internos sérios, o analista fala para um lado e o analisando fala para outro. Por que o silêncio do analista foi colocado mesmo por Lacan? Porque é o único lugar onde pelo menos se finge estar entre *a* e *Ã*. Se ele nada diz, se ele é um morto quanto à internalidade, ele é muito vivo para fora, ou seja, para a *nêga* dele, e a *nêga* dele é o Não-Haver...

É justamente aí que opera a função da pressa, pois ficar no nível da enunciação já é da ordem da decantação, ou redução, do movimento inconsciente (segundo o princípio do prazer) na sintaxe do Pré-consciente (segundo o princípio de realidade). Então, repetindo, o que se passa no nível da enunciação já é decantação do movimento do Inconsciente, segundo o princípio do prazer, causado pelo Não-Haver, decantando-se na enunciação que já é vetor para o Pré-consciente, ou seja, vetor para o princípio de realidade.

Não é por menos que Freud situou o *ato falho* no âmbito do retorno do recalado, sendo que o *recalado* não define o Inconsciente de Lacan. Como

vou surpreender esses tropeços que Lacan diz que definem o Inconsciente, *verbi gratia*, o ato falho? Ora, o ato falho, evidentemente, é porque, no que pus o pé aqui, o alelo recalcado resolveu retornar. Não é sem razão Lacan dizer que ali pinta algo de inconsciente, mas só na medida em que esse retorno faz um halo por inteiro. Mas o que aí acontece é no nível da cadeia do Pré-consciente, porque a funcionalidade disso está entre *a* e *Ã*. No que o dito expulsa o semi-dito, e ele retorna – num ato falho, por exemplo –, tenho aí a chance de juntar isso num bolo só e dizer “que merda, não é nada disso, é aquilo lá”. Não é nem uma coisa nem outra. Não adianta ficar aí dizendo para o cara que fez o ato falho que é aquilo. Não é nem uma coisa nem outra, são as duas. O que o sujeito quer é comer o melhor... e não vai conseguir. Aí aparece o desejo...

O Inconsciente efetivamente só se manifesta plenamente *após* o retorno do recalcado, indicando, para além da equi-vocação entre o manifesto e o recalcado, entre os alelos do halo, a *equivocação* fundamental entre Haver e Não-Haver, isto é, entre o Halo e a Falta (*das Ding*), segundo, agora sim, o princípio do Nirvana. É aí que funciona o que é puramente inconsciente. É aí que está exasperado o *desejo* enquanto tal sem nenhuma pega metafórica. É aí que está posturada e postulada A MORTE (que não há) como regente da sustentação polifônica da *verdade* parcial do sujeito. O regente dessa verdade parcial, que vai se dar por sucessivos recalques, em metáforas, sintomaticamente, etc., fica aí. É aí que o sujeito está no ponto de bifurcação de sua possível escolha, incalculável pela determinação, mas calculável pela coação fundadora da pressa. É aí que o sujeito está *disposto* a um *significante novo* que o historicizará (*vers un signifiant nouveau*). É aí que o Real (o do Pleroma, não o de Lacan) comparece enquanto ponto-bívido.

Ao Haver, pode-se postular, até descobrir, um atrator, ou atraente, que o movimentará. O regente de que estou falando é o Sujeito da Denúncia, o qual é o regente das posturações de verdade parcial, e é o que acontece entre o atrator e o Haver. Quando se está, portanto, nessa posição entre o halo significativo e o Não-Haver, não há nenhuma pega metafórica. Se houvesse, a saída estava determinada. Não podemos esquecer que o sujeito de Lacan, assim como o de



Descartes, são sujeito da loucura, pois o sujeito puro é o da loucura. Então, quando minha referência é entre o ponto-bífido e o Não-Haver, não encontro nenhuma escora, nem mesmo o Nome do Pai serve para nada – a não ser de retorno: no que consigo retornar, faço a pega metafórica. Mas neste ponto de indecisão – se ele é verdadeiro, se não é mera equivocação, e sim a equivocação fundamental –, solto de tudo. Caso contrário, não tenho condições de ir *vers un signifiant nouveau*. Ir para um significante novo é deformar o Nome do Pai (o mesmo já não serve mais), ampliar o sentido, acrescentá-lo. Portanto, tenho de pegar a metátora velha que era o Nome do Pai – que era metáfora e, portanto, sintoma – e modificar: meu sintoma de existência se modifica quando tenho a sorte de chegar a esse ponto de indecidibilidade e retornar criativamente. Ou seja, o Pai é elevado à dignidade de Deus.

Chamo o nome de *hiperdeterminação* quando se trata do seguinte: se a situação se torna caótica, os físicos apenas reconhecem que ela ultrapassa a entropia máxima e cai no que chamam de entropia mínima – ou seja, há uma flutuação e a coisa vai continuar produzindo diferenças –, eles já não dizem nada nesse interregno. Mas estou dizendo, a partir de Freud, que isso que chamam de flutuação é *causado* pelo *desejo* que está em jogo nesse sistema, que é desejo de passar da entropia máxima para o sumiço. A entropia máxima é o meu Nada, que ainda é pouco, pois o desejo, é, repito, de passar ao sumiço. Mas como isto é impossível, essa tendência a passar ao sumiço comove a entropia de tal maneira que desentropiza, e o sistema isolado, que entra em flutuação, deseja: é Deus desejando em algum lugar. Deus deseja, põe um tesão nele e ele sai da entropia. Mas esse tesão tem causa, se não, não teria condição de retornar. Ele retorna na razão paranóica. O delírio da paranóia é retorno, digamos, esculhambado, pois o que ele perdeu ali foi a construção do  $S_1$ .

Aliás, o *psicótico* tem sujeito, sim, tem tudo igualzinho aos outros, mas como o que lhe falta é uma boa pega metafórica, de repente, inventa um delírio, que, no caso, é paranóico. O esquizofrênico talvez seja pior, pois não consegue nem inventar delírio. E o autista – a que não sei se se deve dar o nome de psicose, ou de psicose fundamental – é aquele que finge que chegou ao  $\tilde{A}$ : fica

parado aí, não faz marola e não se consegue fazer marola com ele. Ele vai sumindo devagarzinho. Não é depressa e volta: fica sumindo, sumindo... Era preciso comovê-lo de algum modo. Trata-se sempre de um sentido único, mas no que ele se modaliza dentro do Haver, vira uma porção de ancoramentos de sentido: a gente faz sacanagem, a gente come, etc. Mas o autista dá impressão que fica parado diante do sentido único. Ele fica diante do halo, sem retomo. O autista é o sujeito puro, que não volta para lugar nenhum: ele não volta para dizer. O poeta volta e diz: “Passei lá e trago isto.” O autista não traz nada. O psicótico traz um delírio, uma alucinação...

E o *neurótico* é aquele que não *quer saber* disso: “Não me sacaneie. Não tem sentido coisa nenhuma. Eu não vou lá. É um buraco muito perigoso. Não mexe”. O neurótico não quer chegar ao  $\tilde{A}$ . Ele quer tudo menos passar ali. Ele não perde o sentido, só ganha, pois o que não quer é ceder a significação dada. Eu já disse que neurótico é um animal: tem *pedigree*, nome, família... E mesmo quando se fala em neurose de transferência, ela é de transferência para o analista, que é quem saca que isso está funcionando de alguma maneira. O neurótico evita e toma como se fosse suposição de saber mesmo. Ele pensa que o analista tem que saber isto assim assim e não outra coisa. E ainda xinga quando se lhe diz que não sabe, ele diz que o analista é mau caráter, que não presta, que é um fdp., que se equivocou...

\* \* \*

Para mim, a certeza não está nem no *enunciado* do *cogito* cartesiano, nem nessa mera *enunciação* lacaniana, mas sim quando o sujeito se depara com essa posição radical entre *a* e  $\tilde{A}$ : não há senão o conhecido ser falante e Deus. Esta é a *Denúncia*, num sentido único, inatingível, e funesto...

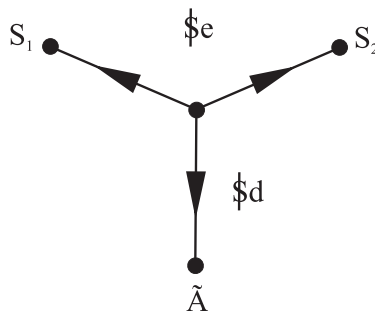
11/NOV

## 8

### O \$ujeito da incerteza - 2

Da vez anterior, coloquei uma série de coisas um pouco abruptamente. Como a massa de colocações foi um pouco pesada para passarmos adiante, vamos hoje retomar as questões, cujas bases já lá estão. Vamos, então, debater em torno desse deslocamento do sujeito.

Retomemos o esquema:



É preciso elaborar isto, pois que não é meramente teórico, é experimental, de laboratório – e é *científico*, sim. A ciência já não é mais aquela. A física – clássica ou mesmo einsteiniana – já não é mais paradigma, o modelo das ciências, nem para os físicos. Quando um físico afirma isto e fala em “ciências narrativas”, estamos de volta às intenções de Freud. Ou melhor, Freud está de volta. A psicanálise é uma ciência sim, também. Ela joga em vários times. Costuma jogar em quatro discursos. É uma senhora versátil...

- Pergunta – *Qual a diferença entre o sujeito acéfalo, de Lacan, e o Sujeito da Denúncia, que você está postulando?*

O que Lacan chamou de *sujeito acéfalo* é esse sujeito que se representa de significante para significante independentemente de sua situação em nenhuma letra, em nenhuma decantação significativa. O exemplo típico que ele nos dá é o de Champollion, que, diante da pedra de Roseta, só consegue decifrá-la porque faz a suposição de um sujeito ali. Suposição que é simplesmente tomar cada um dos grafemas inscritos na pedra como se fosse um significante e, então, supor que há um sujeito representado de um significante para outro. Isto é uma concepção de sujeito acéfalo. Champollion, então, poderia verificar verdadeiramente aquela pedra se, a partir da suposição da acefalia, encontrasse uma cabeça para esse sujeito, se sacasse um  $S_1$  qualquer organizando aquele discurso. Lacan fala em instância da letra – que não é instância do significante – na medida em que um sujeito, historicizando-se, decanta a sua posição acéfala, ou acefálica, de sujeito sobre um determinado significante enquadrador do seu processo. Ele está letrificando, ou seja, está caindo da enunciação para o enunciado, da acefalia para a metáfora, do Inconsciente para o Pré e para o Consciente mesmo. É na decadência de sujeito que ele se torna letrado.

Quanto a mim, estou falando dessa posição do sujeito no que é acossado pela massa significativa – no sentido que quero dar à palavra significativa: a coisa se apresenta como Halo, como uma completude. Nesse momento, o sujeito está passível de se tomar indecível, ainda que por um instante, pois está diante de uma escolha que não é entre mais e menos, preto e branco, positivo ou negativo, entre dois opostos. O significante se torna pleno e perde o sentido instalado, a definição do sentido instalado, a definição do sentido daquele momento, ou seja, perde a significação e se torna sentido puro. Tornar-se sentido puro é encontrar-se, dentro da massa significativa, no halo inteiro, em oposição à única diferença que existe quando não existe diferença interna: em oposição ao Não-Haver. O verdadeiro ponto morto do sujeito é quando ele está entre  $a$  e  $\tilde{A}$ . (Aliás, como sabem, não estou escrevendo a letra a

(minúscula), há muito tempo, apenas com características de objeto, e sim como sendo esse lugar neutro, lugar do Furo.)

Quando Freud coloca essa questão da comunicação de Inconsciente para Inconsciente, que Lacan repete sem jamais explicar, dá impressão de algo da ordem do tele-lógico. Não acredito nisto, pois seria transmissão de pensamento. Mas se o analista está treinado, digamos assim, habilitado a frequentar esse lugar entre *a* e *Ã*, a fazer vácuo no discurso do Outro, no que o Outro é acossado para também chegar aí, então quando os dois sujeitos estão nesse lugar, podemos falar de comunicação de Inconsciente para Inconsciente. Não se trata de uma troca de informações, e sim de estar no mesmo lugar diante da massa de significantes. Nesse momento, então, na função da pressa, quem sabe, o analista pode ser mais rápido, ou seja, pode apressar de maneira que qualquer sugestão que faça – porque é sugestão, sim, e ninguém venha me dizer que o que o analista faz não o é: a qualquer momento que abra a boca, ele está sugerindo –, estando os dois nesse ponto, ela bate e vale como saída eficaz. Ou seja, os dois estão num momento de escolha, a qual, aí, não pertence nem a um nem a outro.

• P – *Você poderia diferenciar o Sujeito da Denúncia do sujeito da enunciação? Qual a relação dos dois com a sobredeterminação?*

Repetindo um pouco o que disse da vez anterior, e que já estava num artigo meu chamado *O Shifter e o Dichter*, republicado no livro *Senso Contra Censo*, sempre desconfiei que as duas posições apresentadas por Lacan a partir de Jakobson não eram muito precisas, pois faltava alguma coisa. A partir, então, do momento em que posso conceber o Revirão, o Pleroma, etc., essa ferramenta teórica parece me situar aquilo que eu queria como Sujeito da Denúncia. Do ponto de vista estritamente lingüístico, Jakobson havia colocado a enunciação e o enunciado em níveis diversos, surpreendíveis no enunciado mesmo. Então ele toma elementos fundamentais da gramaticalidade de uma língua e da sintaxe para mostrar que ali mesmo já está inscrito o sujeito da enunciação, que ele mostra nos *shifters*. O sujeito do enunciado é aquele velho sujeito que o enunciado aponta como sendo o sujeito daquela frase, etc. Lacan

vem discordar de Jakobson dizendo que, do ponto de vista da estrutura do Inconsciente, esses *shifters* não chegam a significar, talvez nem mesmo indicar, esse sujeito da enunciação, que ele coloca no nível do sujeito da certeza talqualmente extraiu da crítica que fez a Descartes.

O sujeito da certeza de Descartes, embora seja o mesmo sujeito do Inconsciente de que Lacan está falando, apresenta-se em Descartes aderido à consciência de si, portanto aderido ao “penso” como enunciado. Lacan leva mais para trás e diz que aquele sujeito da certeza de Descartes, criticado pela via freudiana, vai nos apresentar um sujeito da enunciação antes ainda que ele decaia num enunciado. E que pode ser suspeitado nos tropeços da língua, etc., mas que, sobretudo, se aponta nos momentos de equivocação, de indecisão do sujeito, naturalmente que entre os significantes, entre o seu movimento de desejo e o temor de que esse desejo não se realize, por exemplo. Pelo que tenho conhecimento, ele só apontou o *não* expletivo na língua francesa e que serve para nós também, pois que é afirmação de um desejo e temor de que não tenha condições de se realizar. O *não* expletivo numa frase como “será que ela não vem?”, essa equivocação que Lacan situou no nível da enunciação, seria, portanto, indicadora verdadeira do nível do Inconsciente. Lacan coloca aí o sujeito da certeza, a certeza de que se está em enunciação. Mas quer me parecer que falta alguma coisa, pois nesta frase ainda estou entre dois enunciados, um positivo, outro negativo, mais ou menos neutralizados por esse *não* expletivo: desejo que ela venha, ela pode não vir, e “será que ela não vem?” junta essas duas frases. Tem-se, então, duas frases acopladas nessa fase equivocante, intermediária, que Lacan coloca como sendo da ordem do sujeito da enunciação e, portanto, é nesse ponto, para ele, que o sujeito está na sua certeza.

O que tenho para trazer parece uma oposição a Lacan, mas ao mesmo tempo não é. Se levar adiante essa fase equivocante, pergunto se, num momento pleno desse de equivocação, não numa enunciação entre duas posições construtíveis no nível do enunciado, esse sujeito que aí está equivocado entre duas possibilidades neutralizadas por uma frase que equivoca, quando Lacan o

desenha mais ou menos do *a* para cima (no meu Esquema), no que é assim, ele está desenhando também o sujeito diante de um halo inteiro. “Será que ela não vem?” é o tipo do momento em que o sujeito está em suspensão, está à disposição da sorte, da fortuna, *da tiquê* do mundo, independente até mesmo do desejo dele. Mas há certos momentos em que o sujeito, diante desse halo por inteiro, está na dependência da sua própria fortuna, ou seja, do que vai poder escolher diante do que se lhe apresenta. Então, mesmo Lacan dizendo isso, suspeito que se ele pensar do *a* para cima, no sujeito absolutamente equivocado entre  $S_1$  e  $S_2$ , ele está me dizendo de uma posição do significante que é um halo por inteiro. E, no que isso comparece, segundo a esquemática que venho desenhando, o que comparece é que o sujeito, se é posto mesmo nesse lugar, troca de posição, pára de ficar entre “ela vem” e “ela não vem” e fica entre “virá” ou “não virá” e o Não-Haver. Acho, então, que é este pedaço de *a* para baixo, entre *a* e  $\tilde{A}$ , que nunca foi articulado por ninguém, embora esteja embutido na questão de Lacan.

Então, para conter os termos, eu diria que o sujeito do enunciado está no nível da proposição proferida; o sujeito da enunciação está no nível dessa equivocação entre dois alelos, mas, no que aí está, já está, querendo ou não, na possibilidade de colocar não mais “ela virá ou não”, mas sim: ela ou ele – o Haver como questão – e essa minha postura subjetiva entre as diferenças internas e as diferenças externas, o desejo absoluto. O desejo que está em cima é relativo e se ancora na presença ou ausência de algo que é o projeto: “ela virá ou não?” Mas no que isso se mostra como não-senso radical – porque as duas posições são possíveis –, este não-senso não pára aí. Então, o que Lacan desenhou é que essa posição da enunciação fica como suspensa no não-senso, na interseção “virá/não virá”, aquele ponto de não-senso suspenso, oscilando ali. Mas acho que a coisa merece um outro nível mais para trás, pois que essa oscilação é quando me retiro do *a* para cima, mas quando estou no não-senso dessa questão radical da minha existência, na verdade, estou entre a possibilidade de oposições dentro da minha existência e a oposição disso tudo ao Não-Haver, à Causa de toda essa movimentação lá de cima. Então,

nesse ponto aí, estou como sujeito diante da radicalidade e absolutismo *do* desejo e não de *um* desejo. É portanto: um desejo equivocado na sua possibilidade positiva e sua possibilidade negativa *e* o desejo *tout court*. A meu ver, então, entre *a* e *Ã* é que comparece o sujeito enquanto tal. Se, em cima, o sujeito é acéfalo eventualmente, antes de se ancorar, aqui, é pior do que acéfalo, pois é compatível com o Sujeitão, com o Sujeito Divino. Está-se nessa posição igualzinho a qualquer sujeito na sua existência mais primordial, igualzinho ao sujeito do Haver: no indecível radical entre uma escolha possível e o desejo radical e impossível de ser realizado.

O que estou querendo, então, é situar essa posição do sujeito como emergente na espécie e muito mais radical que a mera acefalia de Lacan, pois mesmo um sujeito cabeçudo, que está ancorado numa letra, neste lugar aí se denuncia porque nem sua letra o garante. Ou seja, suas determinações não garantem da eventualidade da escolha, e sim, talvez, uma coação da massa determinante da sua história, do Haver, etc. – garantem que isso tem chance, mas não *que* escolha *deve* ser feita.

É preciso entender isso, porque vivemos ainda dado o conhecimento que se tem abordado entre estas duas hipóteses: *ou* a determinação é absoluta, *ou* o aleatório é completo. O que pensam esses cientistas que tenho citado – e foi aí que saquei o que eu queria dizer como Sujeito da Denúncia e não conseguia – é que o fato de ser determinado não retira a chance do surgimento de pontos radicalmente aleatórios, que Ilya Prigogine no caso, chama de pontos de bifurcação, nos quais, nesse momento, segundo o aparelho experimental que chamaram de *Brusselator*, calculadamente e experimentalmente, o sistema funciona como um todo, há uma interação total entre as partes, e isto é um evento. O que estou então dizendo é que há um *Brusselator* no significante. Este, quando se apresenta como halo, interfere com tudo; há interferência global no sistema. A referência então passa imediatamente, se há inter-relação total num campo significativo, se ele funciona como pleno, segundo o princípio Pleroma, a ser – e isto os cientistas não colocam pois só colocam a totalidade do sistema funcionando como inter-relação total – referência à sua Causa. Eu



tinha até vontade de dar de presente aos físicos essa idéia. Quem sabe, se pensassem, nesse momento, que o sistema está no desejo absoluto de Não haver e, por isso, embora determinado, ele se torna aleatório nesse ponto...

Pode parecer que estou falando o mesmo que Prigogine, que há a determinação e o sistema se torna aleatório. Mas não, pois há uma função da *pressa* que não existe no campo da física, que é a função de resolver esse desejo impossível de resolver do *a* para baixo (no meu Esquema). É na impossibilidade de resolver o desejo por seu lado verdadeiro, para atingir sua Causa verdadeira, que ele se torna apressado de dar alguma solução. No que dá alguma solução, é que entra a questão da coação: embora esteja num ponto de tendência aleatória, mesmo assim nesse ponto, o sistema é acossado pela sua determinação anterior, pelas várias ocorrências. (No caso da massa significativa, vamos dizer que o sujeito fica num ponto de aleatoriedade, mas há muitas determinações que não adianta calculá-las porque o sistema entrou no aleatório. Não adianta calcular para ter certeza de qual deve ser *a* saída.) Mas na função da *pressa*, em função do tempo, o sujeito pode fazer um cálculo rápido da coação, que vai parar num determinado ponto: “Não tem Aquela, então vai esta aqui!” Isso é que é chamado de “escolha”, que vemos em Lacan e nos lacanianos: escolha da neurose, por exemplo. São pontos de aleatório em que o sujeito vai, na função da *pressa*, e faz um cálculo da situação, mas um cálculo que tem limite de tempo, limite lógico, e não é que *devia* ser aquilo. Por isso é que Lacan coloca “escolha” entre aspas, pois não é a escolha de um sistema determinado para escolher aquilo. É escolha de um sistema *causado* pela hiperdeterminação nesse momento e acossado pela *pressa* do desejo. Então, é um cálculo rápido que estará necessariamente errado: é a errância do sujeito, a deriva. Estará necessariamente errado porque não é um alvo determinado que, se fizéssemos o cálculo todo, encontraríamos a solução correta – isto é impossível. Mas é um cálculo que pega um conjunto num determinado momento e dá uma solução, causado pela hiperdeterminação e pela pressão do que está ali representado, digamos, como determinação aleatorizada naquele momento.

É preciso, portanto, colocar a Causa radical funcionando como hiperdeterminação – a hiperdeterminação como demonstração de que o sistema entrou em ruptura de equilíbrio e está no aleatório. É isto que estou chamando de *hiperdeterminação*. É preciso, então, referir-se à Causa do desejo *tout court* e à função da pressa, ou seja, o desejo querendo solução rápida, a qual, para o desejo, seria ele chegar ao Não-Haver imediatamente. Mas na impossibilidade de isto se dar, ele começa a ser acossado pela massa das interações que passam a ser determinantes de um cálculo brusco que funda uma “escolha”. Só poderíamos chamar de escolha propriamente dita se o cálculo pleno nos desse certeza, mas não dá, é aleatório. Mas dá condições de pressão, numa determinada situação, de o sujeito fazer uma escolha errada mas calculada: “Se não tem Tu, vai tu mesmo, vamos por aqui”. E o Sujeito da Denúncia, então, está nessa posição de causado pela hiperdeterminação: ele está diante de uma história de determinação e se tornou aleatório no ponto de bifurcação.

• P – *Qual seria a função da análise, da cura aí?*

A função da análise é mais do que levar o sujeito aos seus pontos de enunciação, como Lacan quis colocar. O sujeito da enunciação é e não é sobredeterminado. Em Lacan, isto é muito ambíguo. Para mim, ele é mais sobredeterminado, já está mais entre  $S_1$  e  $S_2$ : no que estou olhando só para aí, estou jogando com essas oposições, e não dizendo: “Estou aqui, entre  $a$  e  $\tilde{A}$ , diante do não-senso radical da indiferença interna, doída diante da diferença externa e impossível de ser atingida”. Este é o ponto que permite ao sujeito fazer escolha, portanto fazer mudanças, portanto fazer curas, portanto fazer história... Dizendo freudianamente – atenção que isto é grave –, não seria aquele momento que está escrito no discurso dito do analista – e que já denunciei como achando que é apenas o discurso da separação –, não seria o discurso do analista produzindo o destacamento de um  $S_1$ . Seria algo mais adiante, pois esse destacamento é a separação das suas determinações. Seria algo mais grave, no sentido em que é o sujeito indiferenciado até mesmo diante do surgimento desse  $S_1$  – porque se tem  $S_1$  tem  $S_2$  –, desapegado do Nome do Pai, sabendo que ele há, mas desapegado, é se vendo como sujeito meramente,

diante da indiferença interna. Se todos estamos referidos a Nomes do Pai, qual é o denominador comum de nós todos? É na indiferenciação desse Nome, com sujeitos emergentes da fala, que vão se ancorar aí, sem o que não há enunciado, não há processo de enunciação. Mas trata-se de chegar à radicalidade da indeterminação do próprio Nome do Pai aí, e isto não é psicose ou foralusão. Nesse momento, ele está como que neutralizado, suspenso. O sujeito não vê só a sua historinha, mas que sua historinha é uma mera historinha. E, nesse ponto, ele pode fazer escolha, pode modificar o  $S_1$ . Isto é que é escolha, pode modificar o  $S_1$ . Isto é que é o importante, pois  $S_1$  não é uma pedra que vai ficar o resto da vida desenhada lá.

Aí o sujeito universaliza o particular, de novo, mas universaliza sem poder universalizar, porque se trata de uma função aleatória. Trata-se de posição na ordem do discurso, posição de *Falango*. É aí que o não-universal do Falango é diferente do não-universal do feminino. É aí que ele é pura e simples afirmação de função fálica: “Existe função fálica, ela pode ser negada, mas não por inteiro”. Negada por quem, senão pelo Nome do Pai? Quer dizer, há uma suspensividade do Nome do Pai e a função fálica continua, prometendo transformações no seio mesmo desse Nome. Então, digo: função de cura é aí nesse ponto, função de história, de vir a fazer história. Nesse ponto aí, qualquer sujeito, de vir a fazer história. Nesse ponto aí, qualquer sujeito é histórico – no sentido de *Geschichte*, de Heidegger, não da *Historie*, da historiografia do sujeito. Ele se torna histórico porque, nesse ponto, pode modificar seu passado.

O que é modificar o passado? Se você deforma por denúncia de posição radical do sujeito, você denuncia o próprio Nome do Pai como mera historinha e isto não retira minha posição particular, a qual não está na referência a esse Nome do Pai, e sim na referência da função fálica. Como sabem, a função fálica está na referência ao Nome do Pai para Lacan, mas no meu Esquema Delta ela é desejo de Não-Haver. Ela é prévia e vai se inscrever na estrutura, no discurso do falante como designada por esse Nome do Pai, mas ela é função sozinha. Ou seja, na medida em que o falante se põe como sujeito – atenção que isto é grave – não entre significante e significante, mas entre a indiferença

do halo significante e a diferença externa, esta diferença é radical. Lacan desenhou o sujeito da certeza no nível da linguagem acoplada à língua, e tem toda razão, nesse momento, em relação à questão de Serge Leclair, ao dizer que a linguagem vem antes do Inconsciente. Mas é a linguagem lá dele, Lacan: essa articulação de significante para significante. Num Seminário antigo, eu disse que ambos têm razão, porque Lacan quer surpreender o sujeito apenas dentro dessa estrutura que ele pode pegar na fala do sujeito, na *parole*, entre significante e significante. Ele quer ficar aí por rigor teórico, matemático, etc. Quanto a mim, o que quero designar como Linguagem radicalmente - ou seja, a estrutura do Revirão - é algo que o sujeito porta porque é falante de nascença e não tem que demonstrar. Só sei disso quando ele demonstra, mas ele não *tem* que demonstrar para ser um bebê maluco: ele nasceu assim.

Lacan fica nesse reduto que é importante historicamente. Ele isolou em laboratório, *in vitro*, para poder dar conta disso que acontece do *a* para cima. Ótimo! Deu grandes contas, mas isto me dá direito, pelas contas que deu, de me reportar a *Ã*. Quem é que fala? Lacan diz que é aquele que posso reconhecer representando um significante para outro significante. Mas eu digo que ele só faz isso porque lá já está inscrita a Linguagem como máquina dessa espécie. É isto o que quero, pois que esse sujeito comparece, desde que lhe seja dada oportunidade para falar. (Pode não ser dada, no caso, por exemplo, dos meninos-lobos, etc., mas, mesmo aí, notamos que, apesar da dificuldade de sobrevivência, após o reencontro com o social, como regra extrema, esse sujeito começa a funcionar de novo - precário, porque tem cerebralidade estropiada, etc. - porque a máquina *é* essa). Ou seja, o sujeito da certeza pode ser estropiado, mas ele está *inscrito* no biológico, no Haver, no Universo. Ele está inscrito como máquina que funciona assim.

A função significante, a meu ver, poderá se constituir bem ou mal, poderá eventualmente não se constituir, mas vai se constituindo a partir desse animal que é cheio de signos, que tem instinto, sim, mas que tem essa maquinazinha maluca que, no que revira, produz a ordem significante. Ela pode revirar mal, não revirar, revirar pouco... Isto muda o estatuto e nos auxilia, por

exemplo, com a idéia de um acossamento do sujeito que modifica o que se entende por *Pedagogia*. As influências da psicanálise, entendendo isso no mundo, são no sentido de acossar esse sujeito para que ele revire. Podemos dizer que o neurótico é um sujeito apegado a determinada formação, a determinada significação, ao sentido dado, etc., que quase não revira, que revira pouco. O reviramento está disponível a qualquer um, embora façamos a suposição de que a prática da análise é um lugar onde se propicia isso com mais facilidade. Não sejamos pretensiosos, pois há sujeitos que reviram sem precisar de analista de jeito nenhum. E reviram melhor que os melhores analistas. Qualquer Nietzsche demonstra isso, mesmo que tenha que chegar à loucura. Nossa função é ter entendido isto e propiciar, facilitar esse reviramento: o analista é suposto saber o que ele *deve* saber. E isto reconfigura muita coisa, o modo de abordagem das questões no mundo, de abordagem da clínica...

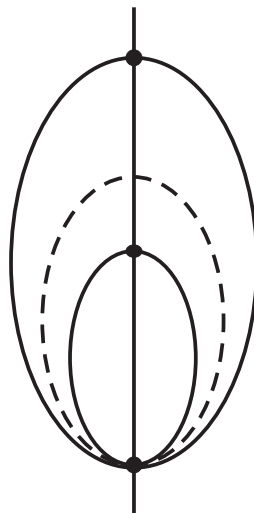
\* \* \*

• P – *Por exemplo, a questão antiga de Freud, cuja importância Lacan retoma, sobre o Inconsciente. Parece que, agora, podemos repensar o Inconsciente enquanto o recalcado e o Inconsciente enquanto mais além do recalcado...*

O Inconsciente de Freud foi definido como lugar do recalcado. É claro que, no processo da obra, ele foi se modificando. Lacan vai colocar o Inconsciente como estruturado como uma linguagem, no lugar do Outro, onde essas coisas se operam. Não é assim que estou colocando. O Inconsciente, para mim, é o que quer que haja, pode ter partes reduzidas à Pré-consciência ou à Consciência. O que quer que (h)aja (com e sem *h*) é da ordem do Inconsciente, premido, produzido por essa máquina constante que é a máquina do Pleroma e que se representa de maneira escritural para nós como halo significante. De maneira escritural, quer dizer, o que na nossa ordem de representações, de marcas, sei lá do que, representa os outros, as outras modalidades de Inconscientes que estão por aí, isso revira aqui também como

revira lá. O reviramento lá é muito devagar, por isso pensamos que não revira. Leva milênios para revirar de vez, mas revira de vez em quando no que a pressa da hiperdeterminação, num acontecimentozinho dentro do átomo, num acontecimentozinho numa espécie biológica, exige um momento de escolha, na pressa do desejo que está lá. O desejo já, do bicho, do átomo, da pedra, não é um desejo subjetivo porque eles não têm essa ternariedade, e sim o desejo total, do Outrão. Eu sou o Outrão como sujeito para os meus “casos” de escolha, não sou? Assim como Deus é o Outrão para os casos da natureza. No desejo d’Ele as coisas têm que fazer escolhas. Posso dizer que Ele escolheu fundar tal espécie e não tal, na pressa... Por isso é que a gente é meio mal feito, meio esboçado. Ele é tão inconsciente quanto eu, pois se tivesse um mínimo de consciência não me dava esse corpo indecente e incompetente que me deu. Foi na pressa que Ele fez o boneco. No aleatório, Ele disse: “Vai esse boneco aí, mete-se um Revirão lá dentro e ele que se vire”.

No nível do mero recalcado freudiano, tenho o halo significante e o recalque agindo aqui nesta linha pontilhada, cortando a banda de Moebius e só deixando um alelo funcionando. Quer dizer, o Inconsciente de Freud é a massa dos alelos que não vieram à tona e não virão senão com retorno do recalcado.



O recalcado retorna porque a máquina do Inconsciente exige a presença do halo por inteiro. Existe uma massa de significantes barrando esse significante – que não é recalcado por coisa alguma, e sim porque há uma massa de significação –, ou seja, um bando de soldadinhos significantes proibindo que esse alelo de baixo fale, mas a máquina exige que ele compareça. Então, vai comparecer como sintoma, como ato falho, como alguma coisa, como retorno do recalcado. O momento do recalcado é o momento excelente para, ao invés de ficar jogando com as interpretações babacas que os analistas fazem entre isto e aquilo, deixar a pressão do retorno diante do que já lá estava e pular para este lugar entre *a* e *Ã*: “Chegamos na ‘hora do lobo’, meu caro, é aqui que temos que conversar”. Não se trata de ficar interpretando o cara, mas, de repente, o sujeito ficar sem eira nem beira, sem pai nem mãe nem parteira. O Nome do Pai fica suspenso: está lá mas é pouco para segurar a barra do sujeito, se ele não o ampliar, se o sujeito não vier para cá, entre *a* e *Ã*, e não tentar ter um pai melhor do que conseguiu.

Isto é que é a destituição subjetiva. Quando você a consegue no *desêtre*, essas bobagens todas, é simplesmente porque você não vai escapar da sua posição de sujeito nem sendo doido, nem sendo psicótico. O psicótico volta correndo e inventa um delírio ou uma alucinação. Ele passa pelo Furo e inventa uma modificação.

Transformar o Nome do Pai em função, digamos, paterna é a função fálica, pura função fálica. Não estou inventando nada. Só estou lembrando Lacan, porque ele não se deu conta do que disse. Ele é analisando como qualquer um, por que não?

- P – *Esse momento que você está situando aí costuma ser idealizado como um momento terminal na análise e, na verdade, é um momento inaugural...*

É o momento em que a análise começa, de cada vez que ela começa... E não termina nada aí, pois só termina quando o sujeito se der isso de presente sem precisar de outro para ficar metendo isto dentro dele. Ele vai se propiciar isto. Não é a toda hora, porque também não dá, que ninguém é de ferro, mas é

o sujeito que sabe escutar e, no que escuta, diz: “Tudo isso aqui é a boca de cena, mas a gente sabe que não é assim, que o buraco fica lá embaixo”.

• P – *Em São Paulo, no Congresso d’A Causa Freudiana do Brasil, estávamos conversando e você falava na diferença entre o chiste e o ato poético. Você dizia que chiste fica na situação do sujeito entre significantes, no que um significante remete ao outro, depende da oposição entre significantes. Já o ato poético seria não o contraste entre significantes, mas se daria neste mesmo lugar do Sujeito da Denúncia, entre a e Ñ?*

A gente ri do quê? Não é da tapeação que está fazendo consigo mesmo e com o outro? O engraçado do chiste é que a gente ri dessa tapeação, pois a gente está só jogando, está só de sacanagem... Mas quando o buraco vai mais embaixo, aí não se ri mais. O chiste se dá aqui, entre  $S_1$  e  $S_2$ . É claro que ele faz recurso a *a*, mas volta correndo e faz uma “graça” entre os significantes. O ato poético é ato de “escolha” a partir da posição entre *a* e Ñ. É colocar-se na indecidibilidade: colocar-se na *Hilflosigkeit*, tentar a *Gelassenheit* e deixar que o Outro te enrabe um significante escolhido. Aí é Alegria, e não graça, porque é trágico olhar para esse buraco aí. É a Alegria depois do trágico.

A pressão vai facilitar uma escolha, e a escolha é sempre meio suja, porque, afinal de contas, no que você retorna para fazer a escolha – e é aí que digo que é um cálculo rápido –, dá uma colher de chá para sua determinação porque você não é bobo. É o que Freud chamava de “predisposições”, e isto vai em cima do corpo, etc. Você escolhe por ali porque você não é de ferro: dá uma passadinha mas agüenta a barra.

Aliás, retomarei a questão da *Ética* no Seminário do ano que vem, porque “não abrir mão do seu desejo” é o que todo sujeito faz. Mas na verdade, não abrir mão do seu desejo é não abrir mão do desejo do Sujeito da Denúncia, o que põe um pouco em perigo a posição cabeça-dura tanto de Creonte quanto de Antígona. Torna periclitante essa caturrice, pois por que aqueles dois débeis mentais não puderam inventar algum Revirão naquela história? Tornou-se trágica porque eles são cabeçudos. Mas a tragédia de Nietzsche não é cabeçuda. Nem a de Freud, que é a tragédia da escolha, da tentativa de criação.



\* \* \*

Mais do que subversão do sujeito e dialética do desejo, é preciso pensar, um pouco mais além, a perversão do sujeito e a tríade do desejo. A perversão do sujeito é algo mais radical do que sua mera subversão. E Lacan não deixou de dizer isso quando coloca a *père version*. É nesse ponto aí que posso fazer a distinção entre a co-naturalidade perversa do falante e de Deus – graças a Deus! – e a *perversidade* do sujeito, que é outra história. A perversidade do sujeito é quando ele é estúpido a ponto de querer elevar um mero objetinho trancafiado como Nome do Pai à dignidade do Não-Haver. Ao invés de ele destroçar o objetinho nesse momento, acrescentar ou modificá-lo, ele quer elevá-lo tal qual à dignidade do Não-Haver. Quer dizer, é uma contra-sublimação. Lacan dizia que sublimação era “elevant o objeto à dignidade da Coisa”, ora, para assim fazer, esse objeto precisa sofrer uma anamorfose, uma metamorfose qualquer. O perversista quer levar, pôr, *aquele* objeto na dignidade da Coisa. E por isso que ele é um fdp, não tem outro nome, pois como pode ele me dar uma pedrada dessas?

• P – O que você poderia dizer sobre a origem da psicose e a estrutura cerebral?

Nada impede que exista essa relação. Não da psicose totalmente. Há pouco, alguém descobriu que pelo menos alguns tipos de psicose têm a ver com certas formações genéticas. Por que não? O fulano fica prejudicado do mesmo jeito. No mais, só pesquisando. Seria preciso uma pesquisa psiquiátrica. E essa coisa pode ter mão-dupla. Por exemplo, pode ser que determinada intoxicação – e vemos isso através das drogas – promova determinado tipo de modificação no jogo simbólico. Assim como é possível que uma série de modificações no jogo simbólico produza, calculável quimicamente, uma intoxicação. Costumo dizer – pode ser pretensão ou doideira da minha parte – que não gosto de droga porque já me acho drogado demais. Acho que droga não funciona comigo, pois o simbólico já me droga muito. Começo a pensar essas coisas e fico completamente drogado. Cada um vai pela mão que dá, não

é? Mas, na verdade, a gente não sabe nada disso, vamos parar de pretensão e estudar.

- P – *Por que esse termo Denúncia?*

Denúncia da verdade do sujeito. Denuncia o que ele mais esconde, o que fica mais escondido. Nesse ponto aí se denuncia a verdade do falante. Denuncia que não se trata de nada disso...

Se o sujeito fica equivocado ali em cima, ele só tem duas saídas: ou tem que saltar para baixo e fazer um jogo poético qualquer de interpretação, de intervenção, que ele mesmo faz ou alguém faz; ou ficar dependente de cálculos interesseiros em função de recalques ou outra coisa, lá em cima. Por isso, acho que é preciso colocar essa posição do sujeito entre *a* e *Ã*. Porque fazemos cálculos interesseiros também, recalamos para cá, para lá, e isso é o cálculo do jogo cotidiano dos interesses simbólicos, da nossa economia simbólica. São os juízos de foraclusão, como Freud chamava.

Vocês deviam ler Heidegger. Não porque ele seja melhor ou pior, e sim que, quanto a essas coisicas aí, ele tentou colocar, pensar, em algo mais denso do que esse nível raciocinante. Ele diz isso poeticamente, mas com medo. Ele fica procurando o que é se pensar e dizendo em frases poéticas, em interpretações de Höderlin, perdido naquela loucura, mas não consegue um esqueminha freudiano assim como esse meu.

- P – *Em seu Seminário A Música, você diz que reversão é quando se passa de um halo para seu alelo e Revirão é quando se faz o retorno completo. Acho que isto tem a ver com o que você está falando na medida que o sujeito da certeza, o do cogito, ficaria só na reversão e o Sujeito da Denúncia já teria passado pelo Revirão.*

O sujeito da certeza e o da enunciação, de Lacan, tentam passar pelo ponto-bívido, ou seja, passam mas não dão bola. Lá não ficam porque acham que não são bobos. Se o sujeito, então, fica na reversão, ele está calculando seus interesses, mas se aceita o Revirão ele perde o sentido e, portanto, continua o interesse, mas que não é o da economia simbólica, e sim o da economia entre a massa simbólica sem sentido, ou com sentido pleno, e o *Ã*. Aí o sujeito se põe

diante do Sentido, pois só há um sentido, que é no sentido do Não-Haver. Aí o sujeito está no sentido e com sentimento e com consentimento... É nesse momento aí que ele transa o sentido. Por exemplo, os aparelhos políticos, os aparelhos internacionais de dominação são transados no nível do discurso e, portanto, no nível da calculação da massa simbólica, mas se alguém recebesse as mensagens que todos os anjos já trouxeram e parasse um pouco, diria que é uma besteira a diferença, que se deve inventar uma terceira. As coisas talvez fossem em processo, com conflitos, é claro, mas sem chegar a vias de fato. É uma bobagem, é a cabeça-dura do Creonte. Será que não dá para transar? Não dá para dar um jeitinho? Por isso é que tenho ódio das pessoas que estão contra o jeitinho brasileiro. Isto porque transa-se dentro da nossa sociedade, por questões que podemos levantar, essa tendência a dar um jeitinho. Ou seja, vou me ferrar para que? Então, dá-se um jeitinho, e isto é de um brilho espantoso. Querem assassinar isso, imitando essas merdas que existem no ocidente. Se pudéssemos incentivar isso e, quando a coisa estivesse pegando, dizer: “vamos dar um jeitinho, vamos reinventar os contratos”, então, teríamos progresso nos processos. Mas por que as pessoas evitam esse jeitinho? Porque não é possível dar-se um jeitinho sem grandes deformações, sem grande anamorfose, ou melhor, metamorfose, pois a mera anamorfose ainda é pouco já que mantém a mesma estruturalidade e muda só de figura. E aí é preciso mais, a metamorfose, a mudança da estruturalidade. Mas como jeitinho é muito deformante, então a evitação, digamos, do neurótico em produzir a metamorfose é no sentido de não perder o pé. Ou seja, prefere-se uma guerra e muito sangue do que fazer uma grande metamorfose no mundo. É a manutenção do *status quo*, que parece dar segurança.

• P – *Qual a relação entre o Sujeito da Denúncia, a escrita e o sentido?*

Trata-se aí nesse lugar do sentido radical, pois que sentido só há um, mas no que retorna, ele se fraciona. O Falanjo liberado da neurose, sem se apegar a um sentido estatuído numa significação, procura gozar por aí, poeticamente. É claro que ele vai reinserir, pois não se pode escrever, enunciar, sem retorno lá para cima. Então, há um gozo. Agora, o sentido de que estou

falando é aquele em que me defronto com o meu sentido. Não há outro. Aí, retorno e tento dizê-lo num sentidinho menor, como o poeta faz. Estou, portanto, dizendo que, para além desse dizer que se possa produzir numa análise – e ele é necessário –, uma vez dito, esse sujeito vai passar a seus atos de inscrição. A psicanálise – a minha – quer, sim, que o sujeito passe aos seus atos de inscrição, que ele escreva no mundo e deixe escrito.

• P – *Mas no lugar do Sujeito da Denúncia não há aquela vocação maior no sentido de dirigir tudo ao Não-Haver e desejar a essência do desejo como é o caso na mística?*

Aí é que essa coisa se exaspera, mas jamais se escreverá. Às vezes nem se fala, às vezes só se dá chilique. O que as mulheres dizem, a gente não escreve. O que os homens dizem já vem por escrito, logo não dizem nada. A exasperação mística é que, no que ela diz alguma coisa, e até pede que outro escreva porque ela está num chilique tão grande, é o Anjo que escreve, o anjo da guarda, sem o qual ela não vai a lugar nenhum... A exasperação é aí. Assim, também, o masculino, sem a funcionalidade do universal, não exaspera o desejo de alcançar o Não-Haver. Ele também tem a experiência de passar aí. Não vamos tratá-lo mal não. Se ele passou pelo *não* do Real e caiu nessa de “todos são função fálica”, no que ele universaliza quem quer que fale – não se pode não ser homossexual do lado masculino e só se pode sê-lo aí: na medida em que todos são função fálica, foi para o brejo a diferença –, aí se exaspera o desejo. Exaspera-se de novo a função fálica, o desejo de ir para lá, mas de uma maneira diferente da mística. Esta se exaspera não no sentido de universalizar o desejo, pois ela vai sozinha para o Não-Haver. O masculino diz: “Juntamos nossas forças e vamos todos para lá”. Isto porque é cagão, sozinho ele não tem peito. Então, homossexualiza o campo, mas exaspera o desejo pelo objeto. Pode até mesmo designar algumas pessoas como sendo objeto, e aí cai na decadência do Inconsciente, já que o “o objeto é fulano”. Aí é babaquice total, é o imbecil.

\* \* \*

Desse pessoal todo – Santa Tereza, São João da Cruz, que é uma “moça”, até mais que Santa Tereza, etc. – , tem um que sabe que o lugar é de Falanjo. Lacan se confundiu – e confundiu é maneira de dizer, porque ele não está errado – e achou que a função escópica nele tinha um certo ar perverso. Trata-se de Angelus Silesius. Este diz do lugar do Anjo. Ele fala como poeta. Ele fala da mística como poeta, e nem recorre a outro para falar. Ele mesmo faz o poema. Aí, Lacan saca que há algo perverso. Tem que ter... Não tem saída... Mas nele, para mim, vê-se o Anjo, e não o místico. Aliás, ele se chamou *Anjo da Silésia*, a qual era vizinha da Boêmia do Jacó... O Anjo da Boêmia, o Anjo da Silésia, esses Anjos... Como o Augusto, dos Anjos também...

18/NOV



## 9

# Clínica, clinâmen, declinação

Com este, encerro os Seminários Clínicos deste ano.

\* \* \*

Quero tomar a clínica psicanalítica como provocação ou também como invocação do *clinâmen* – que já expliquei o que é em meu último Seminário quinzenal –, o qual resulta em declinação do que a gente diz. O *clinâmen* aparece na filosofia antiga, mormente entre os epicuristas, como uma variação, uma deriva sem causa, o que, a partir do ponto-bífido, encaixando com o conceito de ponto de bifurcação de Ilya Prigogine, é aquele momento em que um sistema, em máximo de entropia, entra em desequilíbrio, em flutuação, e tem uma resposta propriamente aleatória – o que coloquei no mesmo registro da relação com o que chamei de Sujeito da Denúncia.

Esse *clinâmen*, então, essa variação que, para mim, tem causa no movimento do Sujeito da Denúncia em função do Não-Haver, resulta em declinação do que se diz. Declinação tem muitos sentidos: temporal e modal do verbo; dos casos na sintaxe da língua, etc. *Dizer* – o lugar onde a declinação é possível é no dizer – é estritamente verbal, o que não deve ser confundido com pronúncia oral, ou seja, com o lingüístico. O que quer que se diga por via gestual, lingüística, visual, musical, etc., é da ordem do verbal, o qual não se reduz ao lingüístico, embora o que quer que se diga *possa* encontrar

transcrição (tradução) em palavras de uma língua. Daí Freud ter entendido que todas as declinações possíveis dentro do verbo são dizeres dentro de uma língua. O *clinâmen*, então, vai se reduzir, em última instância, se a língua não comporta determinada declinação, naquilo que Lacan chamou *vers un signifiant nouveau*. Ou seja, é preciso espremer, forçar a língua de maneira que ela diga o verbo. Nem por ser língua ela tem uma completude verbal, e se entendermos o que se passa no verbo como sendo estritamente lingüístico, estaremos fazendo besteira, porque se trata justamente de dizer na língua o que o verbo contém. O verbal é a emergência do significante no seio do Haver. O que é da ordem do verbo é: *há* significante no Haver. Transcrevê-lo para a ordem do lingüístico é conseguir dizer por via da língua o que é do verbo. Não quero, pois, confundir o lingüístico com o verbal. Aquilo que Freud chamava representação de palavra é a possibilidade de trazer à língua – e não à fala, pois que esta pode ser não-lingüística, embora seja verbal – o que é do verbo.

O dizer não é necessariamente lingüístico. Estão aí a pintura, a dança, etc. É claro que há confluência recíproca. Quando Lacan diz que a pintura é da ordem do hiper-verbal – sendo que verbal, para ele, está incluído na língua – quer dizer que há decantação do verbal no pictórico, quando diz que é o verbal à segunda potência. Ou seja, opera-se com o lingüístico, traduzindo-o em outro verbo. Mas acho, também, que é possível que o significante brote em nível estritamente pictórico, sem passar pelo lingüístico. Não é sem passar no modo de produção, e sim que se pode ter um significante novo no nível puramente pictórico. Tanto é que quando emerge primeiro no pictórico, inventa-se um nome, por exemplo: impressionismo, cubismo... É claro que a articulação ali é com a língua, mas a emergência pode vir por via que não seja lingüística e é verbal, desde que se tome o verbo como a emergência de significante no Haver, em qualquer região. Então, vamos dizer que a pintura de um significante novo seja parecida com o que se vê no sonho.

O trabalho do analista é procurar que o sujeito também expresse lingüisticamente, ou melhor, languageiramente, esse significante não nomeado.



E é bobagem não reconhecer que é significante ainda não nomeado na língua, mas inscrito no verbal. Não sei porque motivo a dança, a pintura, o gesto não poderiam dizer um significante novo. Aliás, é o valor que teria a *performance* no campo das artes, se ela o fosse, quando é a tentativa de expor um significante não lingüisticizado ainda. (Mas *performance* no momento atual não tem essa virulência. Virou festinha de fazer gracinha. Uma verdadeira *performance* que resultasse até num *happening* adequado, seria a eventualidade de surgir significante não necessariamente adstrito ao lingüístico, mas necessariamente verbal). Tomem as engenharias simbólicas Marcel Duchamp e verifiquem como ele vai construindo de maneira a se produzir um significante novo no nível da construção dos objetos simbólicos. Pode até aparecer um nome novo, também. Então, aquilo vai ter de ser assimilado pela língua do mesmo modo que um elemento da chamada natureza pode sê-lo. Ou seja, tem-se que dar conta de uma máquina simbólica inventada por um Duchamp com a mesma postura, com a mesma dificuldade, que a de dar conta de uma bactéria, pois foi construído um objeto novo. Mas não é possível construir um objeto novo para fora do verbal que há no Haver, para fora da construção dos significantes do Haver.

No seio da *clínica psicanalítica*, no trabalho de declinação, não podemos nos esquecer de que os elementos que estão aí neste quadro seguinte podem ser teoricamente codificados.

Temos, então, uma construção, uma *significação* fundamental para os elementos significantes que compõem a estrutura mínima do falante. Porém, antes ainda, temos a emergência do reduzido. E isto, a meu ver, não pode ser esquecido. Por exemplo, em termos de significação, a significação fundamental é o falo,  $\Phi$ , que foi instituído por Lacan num texto famoso chamado *Die Bedeutung des Phallus*, sendo que ele não comparece diretamente em sua significação fundamental, e sim na sua significação reduzida, como  $S_1$ , o qual não é estético a não ser para certos casos de neurose grave. Quer dizer, para além da significação reduzida da história de um sujeito, deve-se empurrá-lo para a significação fundamental que é o falo.

	FUNDAMENTAL	REDUZIDO
SIGNIFICAÇÃO	$\Phi$	$S_1$
SENTIDO	$\tilde{A}$	$a$
SER	$\$d$	$\$S_1$
FANTASIA	$\$d \diamond \tilde{A}$	$\$S_1 \diamond a$
LUGAR	$\triangle A$	$S_2$

Só há um *sentido* que é fundamentalmente o Não-Haver, o qual, por defesa de instalação, vai comparecer como objeto  $a$ . Então, o sentido reduzido do sujeito é o Objeto, ou melhor, é certo objeto construído aqui e agora, é para lá que ele se dirige. Mas o sentido fundamental é o Não-Haver. Não considero, portanto, que uma análise possa terminar no destacamento do  $S_1$ , dessa significação. É preciso operar a sua des-sistência, pois ficaria incompatível com o percurso de Lacan até o *desêtre*, o des-ser, simplesmente sustentar o  $S_1$  como significação. Se é passando pelo *desêtre*, pela *Hilflosigkeit*, que o sujeito atravessa aqui e agora –  $S_1$  tem que ser histórico, não pode ser dado de uma vez por todas – como sua significação, e sim como significação reduzida: uma significação disponível aqui e agora, mas absolutamente tornada irrisória pela significação fundamental. Assim como o sentido, a descrição do objeto usada durante uma certa época do lacanismo ficou sendo uma prova de fim de análise – “ele destacou o objeto” –, mas isto é muito fraco: o objeto, historicamente na vida de cada sujeito, muda muito. Ainda que ele possa se assegurar em algumas bases axiomáticas, na verdade, é o Não-Haver que é o sentido fundamental do Inconsciente, e isto é que é axiomático. E isto é custoso,

porque, como todo usuário, defendemos os objetinhos que conseguimos, para não ficar matando cachorro a grito...

Se algo pudesse ser tomado como *ser*, seria fundamentalmente, para mim, o Sujeito da Denúncia, o que não aparece com facilidade. O que aparece com facilidade é aquele sujeito que é apegado ao  $S_1$ , motivo pelo qual coloquei o índice  $S_1$ , ou seja, aquele sujeito que brinca entre um significante e outro na lógica da enunciação. Mas o que há de construtural por trás disso só pode ser aquele Sujeito da Denúncia votado a Não-Haver.

Aprendemos que a, *fantasia* é  $\$ \diamond a$ . Escrevi isto aí no quadro como fantasia reduzida, incluindo o índice  $S_1$ . Ou seja, esse sujeito entre  $S_1$  e  $S_2$  (o seu  $S_1$  e  $S_2$ ) punção de  $a$ , punção de objeto, que também é reduzido. Quero supor que o que há de fundamentalmente axiomático na fantasia é que ela é Sujeito da Denúncia punção de Não-Haver,  $\$ d \diamond \tilde{A}$ . Estou, então, dizendo que aquilo que se suspeita ser axioma – desde Freud, aliás – de um sujeito na sua d’escritção de fantasia, é, na verdade, a redução da sua inscrição axiomática. Quer dizer, o sujeito pode estar marcado historicamente pela violência – não é pela virulência – de determinada redução na sua história, mas suponho que atravessar a fantasia é desprezá-la, depreciá-la em função da fantasia fundamental. Todo mundo fala na travessia da fantasia, mas não escutei ninguém dizer do que se trata. Nem mesmo no Seminário de Lacan sobre a *Lógica da Fantasia* algo é dito a respeito. Quero supor que se destaca a fantasia como configuração reiterativa na história de um sujeito, e atravessá-la é passá-la para a fantasia fundamental: depreciá-la em função da verdadeira fantasia da falante, quando o sujeito se dá conta de que o grande barato é capturar o objeto que não há, é tesão pela Morte... que não vai conseguir. No entanto, destacar essa travessia lhe dá condições de depreciar sua fantasia. Sem o que, por exemplo, não haveria possibilidade para o que Lacan chama de *santidade*. Pois como é que alguns conseguem depreciar a sua fantasia reduzida a ponto de abrir mão dela? Santidade aí no sentido não do *sanctus*, do sancionado, e sim no sentido que costumamos usar como sendo o do sujeito que vive a maior parte do tempo possível na aproximação do fundamental. Trata-se do conceito

de santidade fundado por aqueles que fundaram o garantidor da santidade. Quem garantiu para a chamada Igreja o valor de santidade não foi ela própria, e sim o pessoal da Tebaida: Santo Antão. Por isso não estou dizendo que santidade é a da Igreja, e sim que é a santidade do sujeito. Isto porque a posição do analista seria a posição de aproximação dessa santidade, pelo menos na sua escuta. (Lacan já disse que a única saída é a santidade). Trata-se de ele escutar desde uma posição de Denúncia, entre o halo significante e o Não-Haver, aí, então, o que quer que se diga terá os mesmos alelos. A neutralidade do analista é isso. Freud propôs uma certa neutralidade, a qual não tem vigência senão nesse lugar. O que quer que se faça, o que quer que se diga, tem o mesmo valor. Para achar a verdade, tem-se que trabalhar ali, pois não se pode valorizar um alelo mais do que outro. Se não, não há possibilidade de achar nem a verdade lá de cima quanto mais trazer o sujeito cá para baixo. Em termos de valor, é tudo igual. Tudo que vem antes do Não-Haver, é tudo bosta. Tudo é a mesma merda, como se dizem bom português.

O testemunho da Tebaida deu fundação ao que a Igreja poderia vir a chamar de santidade. Foi trazido de lá aquele monstro, Santo Antão, com 70 anos de vida no deserto, que não podia nem falar mais, para dar testemunho dentro de um Concílio. Lá ele se experimentara, por vias as mais estapafúrdias, de ressecamento desértico, conviver com a rejeição do mundo. O que é rejeitar o mundo senão ficar só no tesão pelo imundo? O que quer que se apresente como objeto é merda, porque o bom está *lá*. Não é que o sujeito vá viver assim. Duvido muito até que o próprio Santo Antão tivesse conseguido por muito tempo. Mas se lá não for, não sabe regressar; se lá não passar, não pode re-considerar os objetos, quer dizer, tornar a valorizá-los com certo desprezo. Este lugar terceiro é esquisito porque aí se transam objetos, é o maior barato, etc., mas é tudo merda.

Uma coisa é estar apegado aos objetos e às coisas do mundo porque não se tem distância em relação a eles. Outra é achá-los *todos* o maior barato, porque se acha que tudo é a mesma merda. O primeiro caso é estar apegado aos objetos. É o que vemos na postura do neurótico, que não pode escolher isto

porque não consegue, e não porque escolheu. Uma vez que se possa lidar com isto *ou* com aquilo, uma escolha é quase que aleatória. Pode-se achar o maior barato, pode ser extremamente divertido e gozoso, mas sabe-se que aquilo não é nada. Conviver com essas duas posturas é que é difícil, pois pensa-se frequentemente que se o sujeito se desapegar ficará melancólico. Não se trata disse. Santo não é melancólico, é alegríssimo. O neurótico é que pensa que se desapegar ficará melancólico, e acaba ficando mesmo. Se tirar o bombom do neurótico, ele é um neurótico sem bombom. Agora, se tirá-lo do santo, ele achará outro. Ele se vira: “Se não tem Tu, vai tu mesmo, se não gozo por aqui, gozo por ali”.

\* \* \*

Durante certo período do lacanismo, achou-se muito bonito dizer que uma análise estaria completada quando o sujeito destacasse o *seu* objeto – o que é uma acabada babaquice. O sujeito pode até destacar o objeto de maior peso na sua história, porque temos esses objetos, sim. Mas se não for declinado, inteiramente desmembrado nas suas declinações, não se chegará a perceber que foi *um* acontecimento na história. Então, se é um objeto histórico – história de eventos e não de historiografia –, é um objeto eventual. Portanto, pode-se continuar a fazer história. Pode-se, por exemplo, por depreciação em função do objeto fundamental, dar uma voltinha lá, voltar e dizer: “Vamos trocar de objeto, se não tem esse vai aquele...” Não se pode trocar de objeto configurado se não se desprezar qualquer objeto configurado. E, depois do desprezo, voltar. Essa ida e volta é que, a meu ver, é a travessia, não só da fantasia como de tudo que se aproxime do campo do falante. Isto é função mesmo de sobrevivência. Sobreviver ao cataclismo do objeto, ao desapoio, à anti- *Anlehnung*, é saber que o objeto mesmo era essa falta de objeto e, então, poder transar outro. Não é questão de se debruçar sobre o abismo do mortal e se jogar para ele: isto acabará certamente ou em autismo ou em melancolia. É ir pensando que lá é o fundamental, que a gente volta e transa com o que há. Isto é uma questão de sobrevivência, da qual

temos exemplos vigorosos através de toda a história, e fora da psicanálise. Claro, pois a sua história é tão curta que fora dela há muito mais coisas. A verdadeira capacidade de superação do falante, ou seja, de cura do objeto – cuidar do objeto –, é, portanto, justamente poder ir lá, voltar e retransar o que há.

A ascese do sujeito – se é que é ascese, pois em meu Esquema é descese, o buraco é mais embaixo – é no sentido de ele ir lá no cu do mundo, que é o Não-Haver. Ascese seria que a condução do que se tem chamado de análise é no sentido de se aproximar disso, e é preciso a contra-análise para retorno. Não quero acreditar que se faz uma análise e, depois, chega-se na contra-análise – a não ser que se pense que quando o sujeito puder topar com esse des-ser, com *Hilflosigkeit*, e retomar para a *Gelassenheit*, que é retomo, aí poderá se dar a contra-análise. Chega-se aí, quer dizer, saca-se que “essa merda não é nada, não vale nada”, retorna-se e diz: “Então, tudo bem: seja feita a vossa vontade, vamos nessa”. “Seja feita a vossa vontade” que Lacan repetiu dos estóicos, como a Igreja cristã também, não é senão o retorno da análise.

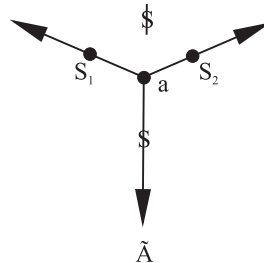
A hiperdeterminação é o que faz as comoções dentro do Haver, dentro da história do sujeito, quando o \$d passa a ser o seu determinante: ele é levado para lá, há o retorno e ele volta re-determinando. Só pode fazer história, no sentido do evento, quem salta fora da história no sentido da historiografia. É o drama fundamental da Joyce – que certos idiotas querem chamar de psicótico: não tem nada de psicose nele, pois psicótico não faz aquilo – que é a questão de como sair do que chamava de “pesadelo da história”, o qual ele tirou das idéias de Vico e que seria a pergunta: “Temos que ser constantemente sobredeterminados pela série de acontecimentos gravados na escrita da historiografia? Não dá para romper isso?”. Dá! E esta é a função da análise: retomar a historiografia para fazer história, e não para cumprir a determinação histórica. Ou seja, muda-se o rumo da determinação histórica quando se faz história. É o *evento*. Se há retomo, se entre *a* e *Ã* ninguém pode ficar, se o sujeito retorna como um significante novo, mudou toda a história. Um ato histórico muda o passado, introduz-se um ato novo, a significação muda. Muda passado e futuro muda tudo. Não é mais a mesma coisa...

Sem fazer a leitura da sobreterminação, não se descobre onde o sujeito está no seu ponto histórico. Mas se procurar-mos direito em Freud, veremos que o Ato Analítico, para ele, quebra a sobre determinação e a refaz mediante a hiperdeterminação. Se não, não haveria significante novo, como Lacan indica. Não é nenhum ato volitivo de algum sujeito do livre arbítrio, e sim ser empurrado para a direção hiperdeterminação, porque quem lá chegou também foi empurrado: está em nossa máquina a *possibilidade* de cair lá. Há, portanto, empurrões, e quem lá passa pode retomar e re-determinar. No momento que volta, vira tudo sobre determinação de novo, mas diferente. E isto não é nenhuma transgressão porque é estrutural: *gente* é assim. Seria transgressão para aquele que lá não vai, o neurótico. Ele é que pensa que seria uma transgressão, mas, para *gente*, não é. É um dever, é o *soll Ich werden*. O *Es* do dever é o *Ã*, é lá ir e retornar para cima numa boa. A tradição, tal como é chamada por aí – as tradições, um “país de tradições”, a família –, é exatamente tudo que impede de se chegar lá. É a historiografia, É mal-chamada, alias, pois a verdadeira tradição devia ser a tradição do falante: passar lá.

É também preciso dizer que não há *escapatória do narcisismo*. Só se tem saída dele tornando-se muito mais narcísico: tanto quanto Deus. O que há de errado no narcisismo é esse narcisismo vagabundo, babaca, de nossa historinha. Esse é uma bosta, porque só serve para aprisionar. Então, não há que tirar o narcisismo, e sim aumentá-lo. Não cabe dizer ao analisando que ele está se tornando narcísico, e sim que ele está pedindo pouco, que é pouco narcísico, que é um narciso de merda. A cura é por aí.

\* \* \*

Considerando, então, meu Esquema *ipsilone*, temos: o sujeito *enunciado* (pela gramaticalidade do verbo), o qual tem sua *enunciação* entre um e outro significante ( $S_1/S_2$ ), é o Sujeito que se *denuncia* entre  $\triangle$  e *Ã*. Este enunciado que acabo de dizer segura toda essa estrutura... O que poderíamos tirar daí para um esboço de projeto clínico?



Colocarei dois níveis de declinação, que são o trabalho da clínica:

*A declinação modal*, que tem três pontos essenciais:

1º) *d'escrição do sintoma* – isso que chamam de destacamento de  $S_1$ , que está no discurso dito do analista, e que, para mim, é o discurso da separação;

2º) *d'escrição da fantasia* – que o sujeito consiga proliferar os sentidos que estão dentro da sua fantasia (significações);

3º) *d'escrição sexual* – que o sujeito consiga descrever sua posição na sexualidade, o que certamente passa por todos os quatro sexos, com a vertente histórica de peso em um, habitual do sujeito.

A primeira coisa que acontece no percurso de uma análise, acho que seja a declinação modal. O sujeito sabe destacar os seus sintomas e descrever sua fantasia. Aí se destaca seu objeto historicamente vicioso e também sua posição sexual historicamente viciosa. Aliás, a *d'escrição sexual* tem a ver com o sexo, e não com o objeto. Não confundir essas coisas nem com transas, nem com costumes, pois isto nada tem a ver: são o erótico e o estético – e isto faz parte da *d'escrição da fantasia* e não da *d'escrição sexual*.

Daí se teria ainda que passar por uma *declinação plerômica*:

1) neutralização do *sintoma* ( $S_1$ ) - aquele que foi *d'escrito*, agora tem que ser neutralizado, ou seja, depreciado em função da significação fundamental: o falo.

2) ortonomia da *fantasia* – a fantasia ortonômica, correta, é  $\$d \diamond \tilde{A}$ . Quer dizer, além de ter *d'escrito* a sua fantasia, é saber que aquilo era um tremendo bobajal.



3) indiferenciação *sexual* – só considero um sujeito analisado se o sexo lhe for indiferente: dentro de cada situação pode tomar a posição sexual mais adequada em se sabendo que sempre passa pela posição de Falanjo, do terceiro sexo. Quem não sabe transar a sexualidade, é neurótico.

No que diz respeito à declinação modal, temos o que mais foi incentivado no campo lacaniano (embora Lacan não tenha dito só isto): o passar de enunciado a enunciação. Chamarei isso de primeiro grau de *cese*, pois ascese ou descese tanto faz, de qualquer lado serve, para cima ou para baixo tem que ceder, tem que passar.

Do enunciado até a enunciação, estamos no âmbito do modal, mas é preciso passar da enunciação à Denúncia. Aí um sujeito estaria mais ou menos habilitado a supor que pode ser analista. Atingir o grau terminal de uma análise é poder vigorar no campo da Denúncia, a qual é, antes de mais nada, denúncia da própria babaquice, de sua besteira, mas nem por isso deixar de achar engraçada a sua besteira...

Pois bem, tive que passar este período do Seminário Clínico ainda teorizando sobre clínica para podermos ter uma base. Agora, quero que isso vá aos fatos, aos fatos clínicos: *e* da clínica de divã *e* da clínica de rua. Esta mais importante que a do divã...

\* \* \*

Dando uma resposta ao que estão me perguntando alguns, quero supor que é muito difícil para as pessoas conceberem, do ponto de vista do neurótico, o que vêm a ser gratuidades. Por exemplo, um sujeito extremamente sujeito – não precisa ser analista profissional, já que este não é grande coisa, tem gente melhor –, um sujeito que viveu aí pela história, os neuróticos quando o vêem extremamente engajado, brigando, discutindo, lutando politicamente, pensam que ele está realmente comprometido naquilo, quando, na verdade, está afiançando, dando fiança àquilo. O neurótico é que pensa que o cara é todo envolvido nessa história. Quanto a mim, posso dizer que faço o possível

para freqüentar um pouco esse lugar. Os neuróticos acham, por exemplo, que não vivo sem o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Estou é cagando para ele. Por isso me dedico tanto. Não me faz a menor falta – e por isso me faz toda falta. Se não operar assim, toda vez que me surpreendo muito encantado com o Colégio Freudiano, me acho uma bosta...

- Pergunta – *A análise lacaniana iria até o sujeito da enunciação, e a declinação plerômica é sua?*

O que tenho escutado da análise de lacanianos é isso, mas eu não diria que a análise de Lacan passasse aí, porque não foi o Lacan que conheci lá, dentro do consultório. O que conheci lá me tratava em \$d. Já o Pleroma fui eu quem disse, e, que eu saiba, ninguém organizou as coisas assim. Agora, se é meu, não tenho a menor certeza. Quem disse fui eu, mas deve ser de Freud, Lacan, deve ter vindo deles, porque, meu, não é. Mas se quiserem pagar direitos autorais, eu aceito.

O Sujeito tem estatuto é no Sujeito da Denúncia, porém, habitar este lugar é que não é possível, o Não-Haver não havendo. Se o Não-Haver houvesse, o sujeito passava direto e ficava feliz. Em não havendo, ele não tem saída: ou fica empacado em F, no Esquema Delta, num autismo total, ou retorna para a brincadeira. Há um atrator que não tem passagem, não tem porta. Se tivesse, seria uma beleza. Quem não quereria morrer continuando? Estão aí todas as religiões que prometem isso, a glória eterna, ficar olhando para a cara de Deus. O sujeito santificado freqüenta esse lugar e volta ao mundo. Volta ao mundo sempre lembrando do imundo. Aqui no ã ninguém vem... Tem a atração, saca e retorna com outra cabeça...

- P – *Há uma frase do Fassbinder: “Como é que alguém pode viver sem querer morrer?”...*

Querer morrer é fajuto. Só se deseja, mas não dá para conseguir. Matar-se, aliás, dar uma apagada no boneco, é babaquice como outra qualquer. Até aceito que pessoas, em situação extremamente difícil, queiram apagar essa situação difícil. Se a única saída para apagá-la for apagar o boneco, tudo bem. Mas apagar por questões ditas metafísicas, acho a maior babaquice.

Aliás, não sei da história do Fassbinder, que ate admiro. Se ele morreu por acidente de o corpo não suportar o barato, não é bem se matar. Eu, por exemplo, “me suicido” todo dia. Só o saco de ficar falando aqui para vocês, isto é suicídio. Eu podia estar na praia... Mas não dá para julgar o Fassbinder. Até o acho tão inteligente que não acredito que estivesse se matando, e sim passando para lá, para o Ã. “Morro de não morrer”, esta frase de Santa Tereza é lapidar e é a definição disso. A gente morre de quê? De não morrer. Morre disso, morre de gozar. Freud, Lacan morreram de psicanálise. Mata muito, isso...

\* \* \*

Precisamos fazer sérias críticas a certa paralisia no campo lacaniano. Ano que vem, pretendo começar o Seminário da *Est'Ética da Psicanálise e*, para isso, preciso retomar a Ética.

Tenho desconfiança de que certa leitura da *Ética da Psicanálise*, de Lacan, é que está fazendo um bando de calhordas. Entender a frase “não abrir mão do seu desejo” em certa vertente como se a entende – e que não foi posta hora assim por Lacan – é uma fábrica de canalhas. É desculpa para a picaretagem generalizada, pois, na verdade, estou sempre disposto a abrir mão do meu desejo, muito pelo contrário... Abrir mão *do* desejo não é possível, mas abrir mão do *seu* desejo é ambíguo e está sendo lido de uma certa maneira. Abrir mão do seu desejo enquanto qualificado e restrito, é uma renúncia, não deixa de ser. É preciso renunciar a certos aspectos do objeto para se conseguir outros. E isto é o fundamento da castração. Se não, estava-se comendo mamãe até hoje. E ninguém vai dizer que não comeu, pois passou todinho lá dentro...

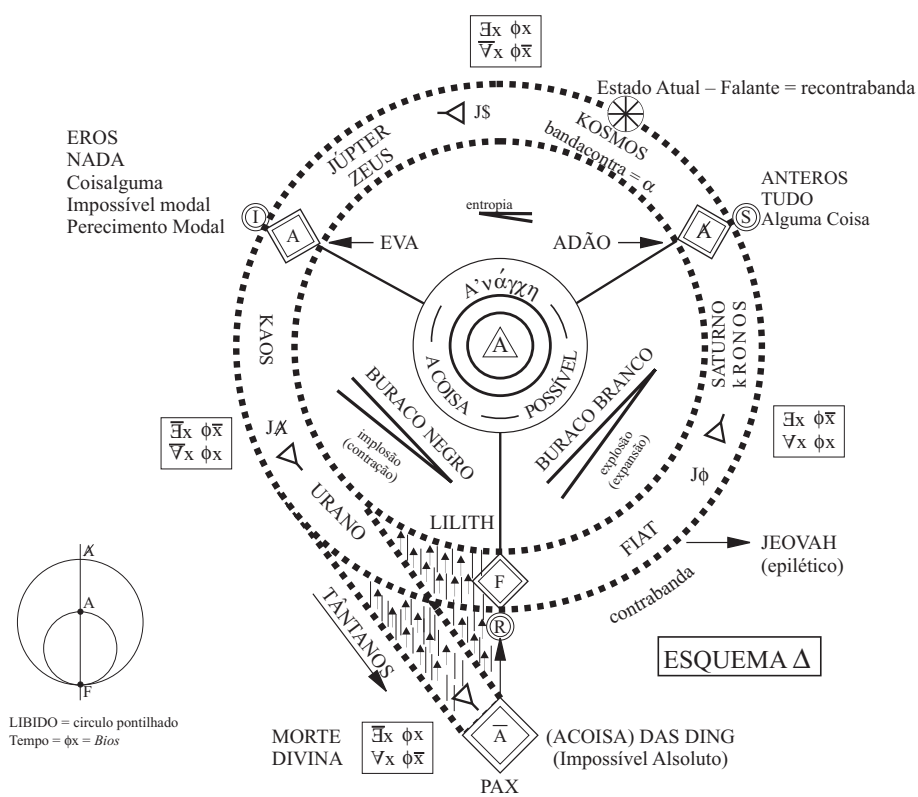
Mas deixemos para o ano que vem, porque tratar disso é muito perigoso. E, antes que me joguem pedra durante as férias, quero tempo. Ando meio machucado ultimamente.

02/DEZ



# PLEROMA

MDMagno (1986)



(Nada Além do Princípio do Prazer)



## SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia. Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica).

Fundador da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de NOVAMENTE, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

Atualmente, além de sua atividade como Psicanalista, continua o desenvolvimento de sua produção teórico-clínica (*work in progress*) em Falatórios e Oficinas Clínicas, realizados na sede da UniverCidadeDeDeus e publicados regularmente.





## ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno vem desenvolvendo ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: Senso Contra Censo: da Obra de Arte  
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p.

2. 1976/77: Marchando ao Céu  
Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: Rosa Rosae: Leitura das Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa  
3ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 220 p.

4. 1978: Ad Sorores Quatuor: Os Quatro Discursos de Lacan  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 276 p.

5. 1979: O Pato Lógico  
2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 252 p.

6. 1980: Acesso à Lida de Fi-Menina  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 316 p.

7. 1981: *Psicanálise & Polética*

Quatro sessões, sobre *Las Meninas*, de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 498 p.

8. 1982: *A Música*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 329 p.

9. 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1987. 264 p.

10. 1984: *Escólios*

Parcialmente publicado em *Revirão: Revista da Prática Freudiana*, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: *Grande Ser Tão Veredas*

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p.

12. 1986: *Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, *Ainda // Juízo Final*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

14. 1988: *De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise*

Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1990. 208 p.

15. 1989: *Est’Ética da Psicanálise: Introdução*

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.
17. 1991: *Est'Ética da Psicanálise (Parte 2)*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.
18. 1992: *Pedagogia Freudiana*  
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.
19. 1993: *A Natureza do Vínculo*  
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.
20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*  
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 310 p.
21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*  
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 264 p.
22. 1996: *"Psychopathia Sexualis"*  
Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.
23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 408 p.
24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.
25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise*  
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 224 p.

26. 2000: “Arte da Fuga”  
Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro:  
NovaMente Editora, 2003. 656 p.
27. 2001: Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito  
Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro:  
NovaMente Editora, 2003. 656 p.
28. 2002: Psicanálise: Arreligião  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.
29. 2003: Ars Gaudendi: A Arte do Gozo  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.
30. 2004: Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão  
Proferido na UniverCidadeDeDeus [a sair].
31. 2005: Clavis Universalis: Da cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica.  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 224 p.
32. 2006: AmaZonas: A Psicanálise de A a Z  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 198 p.
33. 2007: A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousía  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2009. 210 p.
34. 2008: AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do Conhecimento [a sair]
35. 2009: Clownagens [a sair]



Formato

*16 x 23 cm*

Mancha

*12 x 19 cm*

Tipologia

*Times New Roman e Amerigo BT*

Corpo

*11,0 | 16,5*

Número de Páginas

*430*